AS BRUXAS DE HOLLOW COVE



O PODER DA MAGIA

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*

KIM RICHARDSON

O PODER DA MAGIA

AS BRUXAS DE HOLLOW COVE, LIVRO QUATRO

KIM RICHARDSON

Este livro é uma obra de ficção. Todas as referências a eventos históricos, pessoas reais ou locais reais são usadas de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação da autora, e qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é inteiramente coincidência.

O poder da magia, As Bruxas de Hollow Cove, Livro Quatro
Direitos autorais © 2023 por Kim Richardson
Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução
no todo ou em qualquer forma.

www.kimrichardsonbooks.com

CONTENTS

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Feitiços Práticos
Mais Livros De Kim Richardson
Sobre A Autora

CAPÍTULO 1

Quando pensei que o drama em minha vida havia finalmente acabado, fui atingida em cheio por uma sobrecarga de drama. E mais ainda.

Minha mãe, Amelia Davenport, que eu não via há cinco anos, decidiu aparecer ontem de manhã, entre todas as manhãs - aquela em que eu tinha um Marcus nu e glorioso em minha cama. Esse não era o novo começo que eu tinha em mente, pelo menos no que diz respeito a relacionamentos. Nem de longe.

Na noite passada, após sua chegada, dormi mal em uma cama pequena e estreita. As molas do meu colchão ficaram tocando música a noite toda sempre que eu me mexia, o que acontecia constantemente. Fiz uma anotação mental para pedir um colchão novo online assim que recebesse o pagamento pelas três capas de livros de ficção científica que acabei de terminar.

Os canos antigos tinham uma cacofonia própria, já que minha cama ficava ao lado da parede externa com os canos principais de água da Casa Davenport. Meu sono muito curto era acompanhado por gemidos, lamentos e batidas eternas. Você pensaria que um poltergeist estava vivendo dentro das paredes. Talvez estivesse.

Eu estava no sótão, no menor quarto de hóspedes da Casa Davenport. O ar estava pesado, com cheiro de mofo, e o espaço fechado parecia não ter sido ocupado há mais de vinte anos. Talvez mais. A única coisa boa era que eu tinha meu próprio banheiro - se é que você pode chamá-lo assim. O banho dessa manhã foi uma performance acrobática. Eu deveria me juntar ao circo. Tente se lavar com a cabeça inclinada para que você não a bata contra o teto inclinado, enquanto tenta não escorregar no piso de ladrilhos.

Se você está se perguntando o que aconteceu com o glorioso quarto com uma grande cama king-size, tapetes de pelúcia e espaço suficiente para dar cambalhotas se eu sentisse necessidade, minha mãe me expulsou de lá. Porque,

bem, como ela gentilmente disse, "era meu antes".

Sim. Essa seria uma reunião incrível.

Eu tinha levado Marcus sorrateiramente pela porta da frente enquanto minha mãe estava ocupada cumprimentando suas irmãs mais velhas. Eu não queria que os dois tivessem um confronto, não ainda. Marcus ainda nutria alguns sentimentos muito obscuros em relação à minha mãe, e eu não podia culpá-lo. Eu compartilhava muitos desses sentimentos. Só não queria saber disso agora. Eu o tinha visto correr descalço pela rua coberta de neve, usando apenas meu roupão de banho. Ele realmente bancava aquele visual. O homem era gostoso.

Depois de secar o cabelo, desci as escadas estreitas e rangentes até o segundo andar, verifiquei se Iris estava em seu quarto - ela não estava, provavelmente tinha dormido na casa de Ronin, bruxa esperta - antes de ir para a cozinha.

Como em todas as manhãs dos últimos meses, Dolores e Beverly estavam reunidas em volta da mesa da cozinha, tendo uma de suas discussões habituais sobre os preços muito altos da loja de Gilbert ou sobre o encontro da semana de Beverly. Ruth cantarolava uma música e fazia sua mágica no fogão - literalmente. Panquecas normais não poderiam ter um gosto tão bom.

Essa era minha vida agora. Isso me deu conforto e um senso de família que eu nunca havia tido antes. A única diferença era que minha mãe se sentava à mesa.

Sentada ao lado de Beverly, ela não olhou para mim quando entrei na cozinha. Sua atenção estava voltada para o celular em suas mãos.

Tínhamos as mesmas maçãs do rosto altas, lábios carnudos e olhos escuros. Ela tinha uma juba marrom de cabelos grisalhos - muito mais grisalhos do que eu me lembrava - que se aproximava de seus ombros. Embora não fosse tão alta quanto eu, ainda era mais alta do que Beverly e Ruth, mas não chegava nem perto dos 1,80 m de Dolores. Como a mais nova das irmãs Davenport, ela herdou um pouco de todas elas: a beleza de Beverly, a pele mais escura de Dolores e a ingenuidade de Ruth. Amelia Davenport era conhecida como a de espírito mais livre das irmãs. Espírito livre? Ela era uma narcisista que se recusava a viver de acordo com suas responsabilidades - ou seja, eu.

Todos diziam que eu era parecida com minha mãe, e eu nunca havia pensado muito nisso até agora. O que tínhamos em comum na aparência, diferia na personalidade. Ela era egoísta e vaidosa, com uma necessidade excessiva de drama, e eu não era nada parecida com ela.

Como diz aquele ditado? Você não escolhe seus pais? Se eu pudesse, teria escolhido Ned e Catelyn Stark.

— Como você dormiu, Tessa?

Dolores tirou seus óculos de leitura e olhou para mim.

— Eu sei que negligenciamos essa parte da Casa Davenport por muito tempo — disse ela enquanto passava sua longa trança cinza por cima do ombro. Ela tinha feições duras, afiadas pela passagem dos anos, embora seus olhos escuros fossem brilhantes e confiantes.

— Dormi bem — menti, indo até a cafeteira e me servindo de uma xícara.

— Você acha que eu poderia trabalhar aqui no meu próximo contrato? Se vocês não se importarem, é claro. Não quero atrapalhar.

Não havia como colocar uma escrivaninha no meu quarto. Eu teria de trabalhar na cozinha.

— Claro — disse Beverly, olhando para mim com seus olhos verdes. Ela estava vestida com uma calça jeans e uma blusa de seda azul de corte baixo e elegante, com o cabelo loiro um pouco acima dos ombros. Sua maquiagem era impecável, o que me fez pensar que ela havia dominado um feitiço para isso ao longo dos anos. Com um rosto em forma de coração e uma boca cheia, ela parecia a irmã mais velha de Marilyn Monroe.

— Isso me dará a oportunidade de ver como você trabalha com o photostore — respondeu ela.

Eu usava o Photoshop, mas não estava disposta a corrigi-la. Eu sabia que minha tia Beverly se importava e estava genuinamente interessada em meu trabalho.

— Obrigada.

Fui até a mesa. Minha mãe ainda não havia reconhecido minha presença quando puxei a cadeira mais distante dela e me sentei.

— Aqui está, Tessa — disse Ruth sorridente, enquanto colocava duas panquecas de leite coalhado no prato diante de mim. Seu cabelo branco estava preso em um coque bagunçado no alto da cabeça e preso com um lápis. O avental que ela usava hoje dizia: "NÃO ME FAÇA LIGAR MEU MODO BRUXA". Ela se inclinou para frente, com os olhos azuis brilhando, e sussurrou:

— Coloquei uma xícara extra de manteiga só para você.

— Posso sentir minhas artérias entupidas só de olhar para elas —disse eu, sorrindo docemente.

Ruth sorriu enquanto voltava para o fogão. Minha mãe ainda estava concentrada no celular, com os dedos rolando para cima e para baixo o que quer que estivesse vendo. Ela agia como se eu não existisse, mas, por outro lado, eu já estava acostumada com isso.

Vi Dolores olhando para minha mãe, claramente chateada por ela ter ignorado sua única filha.

Peguei o xarope de panqueca e mergulhei minhas panquecas nele até que estivessem praticamente flutuando em meu prato. Comecei a comer as

panquecas e gemi quando as papilas gustativas explodiram em minha boca. Eu havia perdido as famosas panquecas da Ruth ontem, porque minha mãe apareceu. Tinha perdido o apetite. Mas você pode apostar que eu ia compensar isso hoje.

— Todas essas imagens que você monta e manipula... acho fascinante — disse Beverly enquanto eu terminava minha primeira panqueca e devorava a outra.

— Você é tão talentosa. Eu gostaria de ser um artista. Do que estou falando? — Ela riu e acenou com a mão. — É claro que sou uma artista. Meu corpo é minha tela. Eu poso nua pelo menos quatro vezes por semana. — Ela sorriu maliciosamente.

Dolores franziu os lábios.

— Posar nua não faz de você uma artista, Beverly. Faz de você uma vagabunda.

Ruth bufou.

— Vocês duas são muito engraçadas. Estou muito feliz por estarmos todas juntos de novo. E logo antes do Natal, também. Você quer mais panquecas, Tessa?

Ruth se virou com a frigideira ainda em uma das mãos enquanto pegava a panqueca dourada com uma espátula.

Sorri e levantei meu prato, tomando cuidado para não derramar o xarope de panqueca.

— Sim, por favor...

— Ela já comeu duas.

Minha mãe colocou o telefone sobre a mesa.

— Agora posso ver por que ela está ficando tão gorda.0

Minha boca se abriu, o calor subiu ao meu rosto.

— Você está me chamando de gorda?

Coloquei meu prato de volta no chão, minha postura rígida com uma velha chama de raiva que endureceu meu interior.

Minha mãe olhou para mim.

— Bem, seu traseiro e suas coxas estão fazendo isso por você.

— É só uma panqueca, pelo amor de Deus — esbravejou Dolores. — Deixe a garota comer sua maldita panqueca.

— São duzentas calorias a mais que ela não precisa — respondeu minha mãe com um sorriso.

Agarrei meu garfo até que os nós dos dedos ficassem brancos, imaginando que eu estava esfaqueando-a na cabeça com ele. O quê? Ela me obrigou a fazer isso.

— Legal, mamãe. Muito bem.

— Só estou tentando ajudar. — Ela teve a coragem de parecer inocente. — Você vai me agradecer mais tarde, quando não tiver que comprar um guarda-roupa novo para caber nessa sua bunda.

Afastei meu prato e me levantei.

— É sempre um prazer, mamãe. Tenho trabalho a fazer.

Eu preferia ficar trancada no menor dos quartos da história dos quartos minúsculos do que compartilhar o ar com essa bruxa.

Mas eu precisava saber algo.

— O quê? — exclamou minha mãe, olhando para mim como se tivesse crescido um terceiro olho no meio da minha testa.

— Nada.

O sorriso de minha mãe não alcançou seus olhos.

— Você fica me olhando como se quisesse me perguntar alguma coisa. Pergunte.

— Tudo bem.

Cruzei os braços sobre o peito.

—Onde está o meu pai?

As palavras pareciam estranhas em meus lábios, agora que havia um pouco de confusão sobre quem era meu pai biológico. Era algo que eu tinha que perguntar à minha mãe. Eu precisava ouvir isso de seus lábios, mas essa conversa teria que esperar. As únicas vezes que minha mãe saía do lado do meu pai era quando ele estava em turnê e ela não tinha permissão para acompanhá-lo. O que era raro. O que era raro. Se ela estava aqui, significava que algo estava acontecendo. Ou ela queria alguma coisa.

Minha mãe torceu o rosto em um sorriso falso.

— Ele está trabalhando em sua música.

— Então ele não está em turnê?

— Ele está gravando no estúdio — respondeu ela, com um toque de amargura na voz.

— E você não está com ele? — perguntei desconfiada. — Por quê? — Quando ela não respondeu, perguntei: — Quanto tempo você vai ficar?

Sim, definitivamente havia algo errado.

Minha mãe me olhou com seus olhos escuros.

— Ora, quase parece que você não me quer aqui.

Você acertou em cheio.

— Só estou me perguntando quando vou ter meu quarto de volta.

— Você quer dizer *meu* quarto.

Ela tomou um gole de seu café, com um sorriso paternalista no rosto.

— Meu quarto. Minhas coisas. Você não tinha nada que pensar que era seu.

— Muito madura, mãe.

Uau. Ela estava agindo como uma criança de quinze anos que estava brava com a irmã por ter levado seu suéter favorito.

— Que diabos você está fazendo aqui?

Eu cuspi, sabendo muito bem que se ela não estava com meu pai, alguma coisa tinha acontecido. Eles tinham se separado? Isso sim seria interessante.

— Tessa — avisou Dolores, mas meu monstro estava solto e eu havia jogado fora a coleira.

Ruth voltou sua atenção para o fogão, como se quisesse fazer um feitiço de transporte e sair da cozinha.

Beverly tinha um sorriso estranho no rosto enquanto olhava para minha mãe. Se eu não soubesse, pensaria que ela estava gostando disso.

Minha mãe me deu mais um de seus infames sorrisos falsos.

— Foi Marcus Durand que eu vi saindo de roupão ontem? Vocês dois têm um caso?

Não gostei da maneira como ela disse isso, como se namorar Marcus fosse uma má ideia.

— Então, e se estivermos? Você tem algum problema com isso? — gritei, fazendo uma careta. — O que estou dizendo? Eu saio com quem eu quiser. Eu realmente não dou um rabo de macaco para o que você pensa.

Ruth riu.

— Rabo de macaco — ela repetiu, como se estivesse memorizando a frase.

Dolores deu um tapa na testa.

— Preciso de Tylenol. Onde está o Tylenol?

Beverly pegou o frasco grande de Tylenol da cesta de vime no meio da mesa.

— Aqui — disse ela depois de tomar dois.

Minha mãe se inclinou para a frente em seu assento e correspondeu ao meu olhar.

— Só nunca pensei que você fosse gostar de um metamorfo. Todo aquele animal... você não pode confiar neles. Eles são selvagens. Você nunca sabe quando está falando com a fera ou com o humano — disse ela despreocupadamente.

Fiquei gelada quando minha mãe difamou um dos melhores homens que eu conhecia. Marcus não era apenas o homem mais gostoso que eu já havia conhecido. Sua aparência não era nada comparada à sua lealdade, bondade e afeto.

Minha mandíbula se apertou com a leveza de suas palavras.

— Você é uma pessoa desagradável — eu disse.

O rosto de minha mãe escureceu.

— Como você ousa falar comigo desse jeito? Eu sou sua mãe. Você precisa me respeitar, mocinha.

— Como o respeito que você está demonstrando por mim agora? — Senti mais sangue subir ao meu rosto. — Fique longe de mim. E não se meta em minha vida.

Ouvi a respiração aguda de minha mãe quando me virei, peguei mais duas panquecas do estoque de Ruth ao lado do fogão, dei uma piscadela para ela e saí da cozinha.

Como eu disse. Essa seria a melhor reunião de todos os tempos.

CAPÍTULO 2

O Natal também vinha sendo um evento glorioso - não de fato. Pelo que eu me lembrava quando minha mãe me deixava para as festas de fim de ano, o Natal na Casa Davenport era muito importante. Não era tão importante quanto o Samhain, mas vinha logo em seguida.

Ruth passou o dia todo cozinhando e se superou com um peru de tofu. E quando digo peru, quero dizer que ele realmente parecia uma ave.

Todos nós nos arrumamos e tocamos o álbum de Natal de Ella Fitzgerald enquanto bebíamos gemada. É claro que as tias convidaram seu círculo habitual de amigos. Não fiquei surpresa quando Martha apareceu, mas ver Gilbert foi um pouco chocante. Ele ficou olhando para Ronin enquanto pulava e tentava tirar o visco que o meio-vampiro estava pendurando sobre a cabeça do pequeno metamorfo.

— Dê-nos um beijo, Gilly, querida — provocou Ronin enquanto fazia barulhos de beijos com Iris o aplaudindo. — Dê-nos um grande beijo molhado. Vamos lá, agora. Eu sei que você quer.

Essa foi a melhor parte da noite.

A pior parte, bem, era como minha mãe fingia que estava tudo bem entre nós quando tínhamos convidados. Eu havia convidado Marcus, mas ele recusou, dizendo que estava ocupado com o trabalho. Mentira total. Mas eu não culpava o homem macaco. Eu também não queria ficar perto de minha mãe.

É por isso que, no dia seguinte ao Natal, eu me vi perambulando por Hollow Cove, em busca de ofertas e grandes promoções.

Com Marcus de volta ao trabalho e Iris e Ronin indo para a cidade vizinha fazer compras, passei o dia inteiro fazendo compras sozinha na minha cidade. Apesar de não ter dívidas, eu ainda era cuidadosa ao gastar meu dinheiro. No entanto, eu queria comprar algo bonito para minhas tias porque elas mereciam. E

com quase tudo pela metade do preço, eu não poderia errar.

E não. Eu não comprei nada para minha mãe. Tudo o que ela merecia era uma expressão de tristeza, e eu podia dar isso de graça.

Minhas botas escorregavam na neve molhada enquanto eu caminhava pela praça da cidade com grandes sacolas penduradas nas mãos. O dia depois do natal de liquidações de Hollow Cove era um evento em si. Todas as lojas da cidade tinham suas portas e janelas cobertas de faixas e cartazes. Até mesmo os pubs montaram alguns estandes na neve, oferecendo vinhos quentes e degustação de cerveja com 50% a 75% de desconto. E sim, eu tomei uma taça de vinho quente. Uma taça bem grande.

Sentindo-me muito melhor e com os pés mais leves, entrei na Prática Magick , a única livraria da cidade. Uma coleção dos últimos best-sellers *do New York Times* estava exposta na grande vitrine. Peguei o novo romance de Stephen King para mim e um de James Patterson para Dolores. Em seguida, passei pelo Canto da Sereia, nossa única loja de música, que era um pequeno chalé verde ao lado da agência dos correios. Eles estavam com uma promoção de um novo mini alto-falante portátil por vinte dólares. Comprei dois, um para mim e outro para a Iris. O que posso dizer? Adoro promoções.

Depois disso, entrei na Boutique Maddalena. Embora a maior parte do que estava exposto estivesse em promoção, eu não podia comprar muito. Comprei um lindo cachecol de lã de alpaca para a Beverly da Maddalena, a proprietária da loja e, aparentemente, uma trocadora de alpaca. Não pergunte a ela.

Continuando, passei na Hocusses and Pocusses e comprei para a Ruth um novo caldeirão com estêncil de sapos, raposas, corvos e gatos. Ela ia adorar.

Quando meus pés começaram a latejar, decidi fazer uma pausa e parar no Café Feijão Bruxo para tomar uma sopa quente de minestrone e café enquanto verificava meus e-mails.

Quando terminei minha sopa, olhei para cima e vi o Sr. Smith, proprietário da livraria Prática Magick, fechando a porta do outro lado da rua. O mesmo aconteceu com a Boutique Maddalena, quando as luzes se apagaram por dentro.

Olhei para o meu celular e vi que todas as promoções tinham acabado às 17 horas em Hollow Cove. Paguei a sopa e o café e voltei para o lado de fora, no frio. Pensei em ir visitar o Marcus, mas queria muito ver a cara da Ruth quando ela visse o caldeirão que comprei para ela. Além disso, eu veria Marcus ainda esta noite. Isso era uma promessa. De preferência, sem roupa. Sim, eu era uma bruxa muito, muito má.

Caminhei pela praça da cidade, admirando as luzes brancas cintilantes de Natal que decoravam os altos carvalhos e árvores de bordo. Até mesmo o gazebo estava iluminado como uma joia. Havia algo de pacífico e mágico nisso.

Respirei fundo, deixando o ar gelado encher meus pulmões como uma bebida fresca. Sorri. Nem mesmo minha mãe poderia estragar o dia que eu tinha tido.

Com um impulso em meu passo, caminhei pela Avenida dos Encantos no momento em que uma casa vitoriana rosa de dois andares com acabamento branco apareceu. Acima da varanda da frente havia um grande letreiro rosa neon piscando, escrito em letras grandes: SALÃO DE BELEZA BELA BRUXARIA. Eu podia ver a sombra de Martha se movendo atrás das janelas. Que droga. A última coisa que eu precisava era conversar com a rainha das fofocas da cidade, então andei mais rápido.

Cheguei ao cruzamento e virei à esquerda na Stardust Drive. Nem todas as casas tinham luzes de Natal acesas, mas eu diria que mais da metade tinha. Com os poucos flocos de neve que caíam do céu, eu tinha um país das maravilhas de inverno.

Cantarolando exatamente essa melodia, subi a calçada, sentindo um pouco de umidade fria nos dedos dos pés.

— Ótimo — suspirei. — E eu achando que estava tendo uma noite divertida. O que vai acontecer agora?

O poste de luz piscou e se apagou.

Congelei, sentindo como se os poderes constituídos tivessem acabado de me ouvir. Olhei para cima, piscando através dos flocos de neve em meus cílios. Depois de algumas batidas do coração, decidi que estava deixando minha imaginação levar a melhor e comecei a andar novamente.

Ouvi um zumbido baixo seguido de um estalo e, em seguida, todas as luzes de Natal de todas as propriedades em ambos os lados da rua piscaram e se apagaram.

A escuridão caiu, repentina e completa, e meu coração disparou em pânico.

Parei e olhei em volta. Janelas pretas olhavam para mim. As luzes de dentro das casas também estavam apagadas. A cidade inteira ficou na escuridão.

— Deve ser outra queda de energia — murmurei. As quedas de energia eram comuns em Hollow Cove, e sempre havia alguém para culpar - provavelmente por causa do excesso de luzes de Natal dessa vez. Gilbert havia exagerado um pouco com elas, como de costume. Ele havia dobrado o show de luzes este ano, alegando que o orçamento da cidade era suficiente para isso. Você duvida. Mas a cidade tinha um gerador. E a Casa Davenport era mágica. Nunca ficamos sem eletricidade.

Quando meus olhos se ajustaram à nova escuridão, comecei a andar novamente. A neve e as casas ao redor estavam todas em um tom prateado devido à luz da lua. Não era lua cheia, mas estava próxima, criando iluminação suficiente para que eu pudesse ter pelo menos uma ideia da rua e das casas, mas

todo o resto estava escuro e silencioso.

E foi aí que as coisas ficaram um pouco estranhas, o que é dizer muito, considerando que estranho era o nosso normal em Hollow Cove.

Uma luz verde brilhante explodiu ao meu redor, cegando-me por cerca de um segundo. Em seguida, um estrondo sônico explodiu nas ruas, fazendo-me pular. A luz diminuiu e eu pisquei rapidamente, tentando livrar minha visão dos pontos verdes.

— Oh, Gilbert. Você está em apuros agora — eu ri, balançando a cabeça. — Você explodiu o transformador da cidade com todas aquelas luzes. Não foi?

A cidade iluminada daquele jeito era realmente linda, mas claramente não tínhamos energia suficiente para sustentar todas elas.

Ainda rindo para mim mesma, dei um passo à frente novamente.

E caí violentamente no chão, atingido por uma força invisível. Bati na calçada dura e rolei até parar na neve. Esqueça as sacolas que eu estava segurando. Sim, elas saíram voando de minhas mãos.

Você está bem. Definitivamente, isso não foi uma explosão de transformador. Então, o que diabos foi isso?

Amaldiçoando, levantei-me e limpei a neve do meu jeans e casaco enquanto procurava minhas sacolas. Eu queria pegá-las primeiro e depois investigar a explosão. Meus instintos de bruxa estavam gritando que aquilo não era bom.

Encontrei os livros primeiro. Eles estavam fora da sacola e cobertos de neve. Eu os peguei, sacudi a neve e os coloquei de volta. Em seguida, peguei minhas outras sacolas.

Um grito dividiu o ar antes que eu pudesse compreendê-lo. Reconheci a voz.

— Martha?

A adrenalina correu em minhas veias. Jogando tudo na calçada, corri de volta e entrei na Avenida do Encanto, correndo em direção ao salão de beleza da Martha, com o coração preso em algum lugar da garganta. Minhas coxas ardiam com o esforço de não escorregar na neve molhada e cair de cara no chão.

Outro grito.

Só que dessa vez não era da Martha.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram. O grito veio de algum lugar à minha esquerda, mas, sem nenhuma luz, era impossível identificar sua localização. Que droga. O que estava acontecendo aqui?

Em seguida, ouvi um som de luta, juntamente com alguns gritos de susto, antes de outro grito atravessar o ar da noite, mais próximo dessa vez. E então veio o último grito de terror que me fez lembrar de todos os filmes de terror que eu já tinha visto. Era o grito antes de o monstro, assassino, o que quer que fosse, cortar a cabeça das vítimas.

Os gritos continuavam chegando, todos ao mesmo tempo e em todas as direções. Eu não conseguia me dividir em mais de mim, então optei por seguir os gritos que reconheci.

Cheguei ao Bela Bruxaria e procurei ela.

— Martha? —Chamei enquanto corria para a frente da grande casa vitoriana. — Martha! Seu grito veio do lado de fora, mas não vi nenhum sinal dela.

— Tessa!

Braços fortes me agarraram e me apertaram em um abraço apertado, cortando meu ar.

— Martha. Não consigo. Respirar —sussurrei enquanto meu nariz era atacado pelo Chanel nº 5.

O branco dos olhos de Martha brilhava à luz da lua.

— Eles estão por toda parte! Veja! Oh, meu caldeirão. O que está acontecendo? O que está acontecendo?

— Se você me soltasse… — Eu gritei, percebendo que o grande seio da mulher era o obstáculo que estava me sufocando. Aqueles seios eram de matar - trocadilho intencional.

— Talvez eu possa contar a você.

— Oh. Desculpe. — Martha a soltou e deu um passo para trás. Ela estava tremendo muito. Era difícil dar uma boa olhada em seu rosto, mas sua linguagem corporal era de tremores e de encolhimento. Eu nunca a tinha visto tão assustada antes.

Esfreguei meus braços para que o sangue voltasse a circular neles.

— Você lutou quando estava no ensino médio?

— Você não os viu? — gritou ela.

Obviamente, não.

— Não. Quem estamos procurando?

— Eu estava trancando a porta — disse Martha, com a voz excepcionalmente aguda, embora o drama típico estivesse em pleno vigor. — Eu ia me juntar a Margo para tomar uns drinques no bar. Há um novo barman, você sabe. Você já viu os músculos daquele espécime?

— Concentre-se, Martha.

— Sim, sim. Fui até a rua e foi quando os vi.

— Quem são eles? E que cheiro é esse?

Eu já tinha tido minha cota de mau cheiro ultimamente, mas esse... esse era como o sistema de esgoto da cidade que se acumula em um dia quente de verão e é deixado de fora por um mês. O fedor era vil, como carne e ovos podres, tão ruim que era quase um objeto sólido.

— Está tão escuro que não tenho certeza — respondeu Martha.

— Você não tem certeza de que viu algo ou não tem certeza do que era?

— Eu os vi — cuspiu a bruxa, com a irritação em sua voz. — Não sou cega. Eles estavam fazendo barulhos estranhos e se movendo lentamente, como se estivessem nos caçando.

— O que mais?

Martha respirou fundo.

— Havia algo errado com seus rostos. Como se estivessem molhados ou algo assim? Não tenho certeza.

—Talvez você tenha visto seu vizinho. Sem nenhuma luz, é perfeitamente normal que você fique assustada e veja coisas.

Martha colocou as mãos nos quadris, e imaginei a carranca que acompanhava essa postura.

— Tenho um pressentimento.

Minhas sobrancelhas se ergueram até a linha do cabelo.

— Como aquela música?

— Uma sensação de bruxaria — disse ela com raiva. — Sobrenatural? Sou uma bruxa, assim como você, e sei quando sinto algo sobrenatural, senhorita. Talvez eu não seja uma Merlin, mas ainda sou uma bruxa.

— Ninguém está questionando sua bruxa interior — eu disse, imaginando para onde essa conversa estava indo e sabendo que meus presentes estavam todos molhados e cheios de neve, provavelmente arruinados. — Diga-me o que você sentiu?

Martha fungou.

— Uma sensação de que o que eu vi não era vivo. Não era como nós.

— Você acha que são demônios?

— Você acha que são demônios! Martha soltou um guincho.

Eu cerrei a mandíbula.

— Quão perto você chegou? — Demônios. Droga. Isso de novo, não. Eu ainda esperava que ela estivesse errada, e que esse fosse um caso de cidade com medo do escuro. O quê? Isso poderia acontecer. Mas esta era uma cidade paranormal. Geralmente somos nós que assustamos.

Embora eu não estivesse sentindo nenhuma vibração de demônio, o cheiro estava certo. Mesmo assim, isso não significava que não fossem demônios. Eles eram astutos e espertos, então poderiam ter colocado algum tipo de impedimento em suas energias demoníacas. Não ajudava o fato de estar quase escuro como breu.

Examinei o rosto da bruxa.

— A que distância você disse que estava quando os viu?

— Talvez três metros? — respondeu Martha. — Não, espere. Acho que eram

mais de três.. Sim. Definitivamente, mais de três.

— E estava escuro? As luzes tinham se apagado. Certo?

— Não estou mentindo — ela retrucou. — Eu sei o que vi. E sei o que senti.

Abri a boca para dizer que acreditava nela, quando outro grito invadiu o ar, seguido pelo som de pés, muitos pés se movendo.

— Ah!

Martha esbarrou em mim e continuou dobrando os joelhos e levantando os braços em um movimento de balanço. Se não estivesse tão escuro, eu juraria que ela queria que eu a pegasse no colo. Ok, não vai acontecer.

Outro grito. Esse estava bem perto de nós. Talvez algumas casas abaixo. Senti Martha se enrijecer ao meu lado, mas não por causa do grito.

Um som rápido de batidas chegou até nós. Uma forma se deslocou nas sombras, movendo-se abruptamente a uns seis metros de distância.

Meu coração bateu forte no peito e formei uma palavra de poder em meus lábios. Eu não conseguia ver claramente, mas, caramba, eu podia sentir o cheiro desse fedorento. O que quer que fosse, cheirava a carne morta. Eu não quis dizer que tinha o cheiro de um cemitério. Era como um cadáver de um ano de idade que ainda tinha alguns cantos suculentos e ainda não tinha acabado de voltar à terra. O fedor era tóxico o suficiente para me fazer engasgar e meus olhos lacrimejarem.

Uma coisa era certa. Eu não podia ficar aqui na escuridão esperando que o que quer que estivesse lá fora me pegasse. De jeito nenhum.

Eu me ajoelhei, peguei um punhado de neve, fiz uma bola com ela, puxei os elementos ao meu redor e sussurrei: "Hoc mihi lux nix". *Com essa neve, você me dará luz*.

Levantei-me e joguei a bola no ar o mais alto que pude. Minha bola de neve explodiu em uma chuva de flocos de neve brilhantes, iluminando a rua com um poderoso brilho de luz branca.

Era um novo truque que eu havia aprendido. Não iluminava tão bem quanto a luz de bruxa, mas me dava uma imagem clara do que eu estava enfrentando. E era ruim. Muito ruim.

Fiquei olhando de boca aberta para um homem, bem, o que eu achava que era um homem, embora não restasse muito dele. Ele se movia com rigidez, seus braços e pernas se contorciam, como se estivesse lutando contra o início do rigor mortis. Ossos brancos brilhavam através dos buracos em suas roupas, sob a última luz da minha bola de neve. Uma mulher e outro homem seguiram atrás dele. Em seguida, um grupo de cerca de dez pessoas saiu de um vão entre duas casas. Alguns estavam muito decompostos para que você pudesse discernir seus gêneros, e outros eram esqueletos ambulantes.

O ar ao nosso redor era uma súbita cacofonia de ossos triturando e o bater líquido de carne decomposta e gelatinosa. Alguns deles emitiam gemidos ininteligíveis e, pelo que pude ver, pouquíssimos tinham a boca funcionando.

— O que é isso? O que está acontecendo? — gritou Martha. Agora que eu podia ver seu rosto, ele estava cheio de medo e horror.

Voltei minha atenção para as coisas.

— Os mortos. Os mortos estão se levantando.

Ah, droga.

CAPÍTULO 3

E quando eu achava que as coisas em Hollow Cove não poderiam ficar mais estranhas, me provaram que eu estava errado. Essa pequena e unida comunidade estava repleta de zumbis.

Eu nunca havia enfrentado zumbis antes, então peguei meu conhecimento do meu extenso repertório de filmes de zumbis e da minha série de TV favorita, *The Walking Dead*.

Esse conhecimento incluía: um - os zumbis eram lentos. Dois - eles comiam pessoas e três - a única maneira de realmente matá-los era decapitando-os ou com um tiro na cabeça.

Eu não gostava de armas, e a única espada longa e afiada o suficiente para decapitar um zumbi era a katana que ficava sobre a lareira de Gilbert, ou assim Dolores havia me dito. Mesmo que eu conseguisse colocar as mãos naquela katana, não tinha certeza de que seria capaz de cortar a garganta de uma pessoa - porque era isso que eles eram, ou melhor, o que costumavam ser.

Isso foi uma grande bagunça.

Martha me agarrou pelos ombros, com o rosto branco como um fantasma.

— Faça alguma coisa!

— Como o quê? — respondi.

— Você é um Merlin! Esse é o seu trabalho!

Você tem razão. Ela tinha razão. Escorreguei para fora do forte aperto de Martha. A única pessoa que eu conseguia pensar que poderia ter tido alguma experiência com zumbis era Iris. Mas ela ainda estava com Ronin, fazendo compras em outra cidade. Mesmo que eu lhe enviasse uma mensagem de texto, levaria mais trinta minutos até que ela chegasse aqui, e todos nós estaríamos em um bufê de zumbis até lá.

— Ok. Eu consigo fazer isso — disse eu, soltando um suspiro de tensão. Até

onde eu podia ver, apenas cerca de treze zumbis carnívoros estavam circulando por ali. Suponho que a única coisa que me restava fazer era realizar um churrasco de zumbis. Eu não gostava disso, mas tinha que fazer alguma coisa antes que eles começassem a comer os moradores de Hollow Cove.

Atrás de mim veio uma onda de gritos estridentes, berros e berros. Depois, os gritos ficaram mais altos. As portas bateram quando os moradores de Hollow Cove se esconderam em suas casas e se trancaram. Inteligente.

Um homem pequeno e rechonchudo, com cabelos grisalhos, gravata borboleta e grandes olhos castanhos correu pela rua, erguendo o punho para um zumbi atrás dele.

— Para trás! Para trás, seus demônios! — gritou Gilbert. O pequeno mocho se moveu mais rápido do que eu imaginava que suas pernas curtas pudessem levá-lo. Ele me viu e apontou o dedo. Ele me viu e apontou o dedo.

— Você! Faça alguma coisa. Faça alguma coisa agora ou descontarei um mês inteiro de seu salário!

Ah pronto.

— Não perca suas penas, Gilbert — respondi enquanto me movia lentamente em direção ao grupo de zumbis. O fedor de carne podre me atingiu como um jato de vinagre em meus olhos, e puxei o cachecol para cobrir a boca e o nariz.

Os zumbis andavam de um lado para o outro, circulando e se movendo como se estivessem confusos, sem saber para onde ir ou talvez quem comer primeiro. Até agora, eles não estavam atacando ninguém. Eles eram claramente do tipo extra lento. Eu poderia trabalhar com isso.

— Faça seu trabalho, bruxa! — gritou Gilbert. — Ah! Que se dane o submundo! Volte! — ele gritou como uma garotinha enquanto um zumbi se movia em sua direção, com os braços estendidos como se fosse um abraço de morte.

Com um estalo de ar deslocado, Gilbert se transformou em uma grande coruja de celeiro e voou para longe, deixando algumas penas marrons flutuando em seu rastro.

Beleza. Eu era a única Merlin aqui. Claramente, minhas tias ainda não tinham ouvido a comoção. Que melhor maneira de mostrar minhas habilidades e mostrar à cidade que eu realmente merecia o título de Merlin do que cuidar de alguns zumbis?

Agora eu tinha um par de bolas de mulher. Era hora de mostrar a todos os outros.

A luz diminuiu, e olhei para cima para ver minha luz mágica de bola de neve começar a ficar mais fraca. Em breve, ficaríamos no escuro novamente. Não que eu não pudesse conjurar outra, mas toda vez que eu usava magia, ela consumia

uma parte da minha energia como pagamento, tornando-me menos eficaz e deixando meu suprimento de magia baixo.

No momento, eu precisava de toda ela para enfrentar uma dúzia de zumbis. Isso exigiria toda a energia que eu tinha em mim. E mais um pouco.

Tudo bem, então.

Uma sombra que se movia se aproximou, e eu olhei para cima e vi uma zumbi mutilada caminhando em minha direção, com os membros trêmulos e rígidos como um boneco de relógio. Digo "ela" porque pude perceber que era uma mulher pelo comprimento de seu cabelo e por sua constituição física pequena. Além disso, ela estava usando um vestido - bem, o que restou do que um dia foi um vestido. Agora, parecia que alguém tinha pegado um lençol de cama, se enrolado nele, ateado fogo e depois rolado na lama.

Com o coração disparado, respirei fundo e entrei em contato com meu âmago. Senti um puxão em minha aura quando ela respondeu.

Puxando os elementos ao meu redor, gritei:

— Acce n-.

— Martha? — disse o zumbi, com uma voz inconfundivelmente feminina e perturbadoramente humana.

— Que caral… — olhei por cima do ombro.

Martha ficou paralisada e franziu o rosto.

— Harriette? Harriette, é você?

— É claro que sou eu. Quem mais eu poderia ser? — disse a zumbi Harriette, claramente afrontada. Ela se aproximou de mim e da Martha.

Tive que resistir à vontade de vomitar com o cheiro de podridão que saía dela, mas olhar para um rosto em decomposição era outra coisa completamente diferente. Seu rosto estava afundado e o que restava da pele estava esticado até que você pudesse ver o osso. As maçãs do rosto eram muito salientes e o cabelo mutilado, que poderia ser loiro ou castanho, pendia em tufos soltos e sujos sobre os ombros finos. A maior parte da carne em sua mandíbula inferior havia desaparecido, revelando o osso maxilar e os dentes podres.

Sim, os filmes de Hollywood tinham acertado.

Harriette olhou por cima do ombro e depois para trás.

— Martha. Não tenho certeza do que está acontecendo. Devo estar enlouquecendo porque não me lembro como cheguei aqui. O que estou fazendo aqui? O que está acontecendo?

— Você está morta, querida — disse Martha, sem um pouco do tremor na voz. — Você está morta há cinco anos. Você não se lembra?

Harriette piscou os olhos.

— Estou morta. Sim. Sim, eu me lembro disso. — Ela inclinou a cabeça de

um lado para o outro, como um cachorro tentando entender o que estava ouvindo. — Mas por que estou aqui?

Martha deu de ombros.

— Não faço ideia.

Harriette se concentrou em mim.

— Oh, esta é Tessa Davenport. A filha de Amelia — disse Martha.

A pele de Harriette em torno de sua mandíbula se contraiu em um sorriso, que eu tenho certeza que ela pensou ser caloroso, mas parecia assustador como o inferno.

— É um prazer conhecer você, Tessa. Eu conheci sua mãe.

Ela levantou a mão para apertar a minha - e seu braço direito caiu no chão a seus pés.

— Oh, meu Deus — disse Harriette enquanto olhava para o membro ao lado dos pés sujos de terra.

— Ah, droga.

Eu ri, o que foi totalmente inapropriado, mas me senti aliviada. De qualquer forma, eu não queria apertar a mão podre da mulher.

Parecendo um pouco envergonhada, Harriette pegou seu braço e tentou colocá-lo de volta. Foi mais um empurrão em seu encaixe. Ela o empurrou o mais forte que pôde, mas o braço continuou deslizando.

— Talvez eu tenha um pouco de cola para unhas no meu salão — ofereceu Martha com um sorriso simpático.

— Acho que preciso de algo mais forte — disse Harriette, segurando o braço direito com a mão esquerda.

Sim. Essa conversa estava indo de estranha para muito estranha.

Dei meia-volta, deixando Martha e Harriette discutindo a recolocação de partes do corpo, e inspecionei os outros doze zumbis.

Não foi preciso ser um gênio para descobrir que os outros zumbis não eram zumbis carnívoros, mas sim pessoas mortas miseráveis e confusas. A maioria era provavelmente de Hollow Cove, se eu quisesse adivinhar. Todos tinham a mesma carne decomposta, roupas sujas e gastas, cabelos emaranhados - para aqueles que tinham cabelos - e os mesmos olhos arregalados em rostos afundados e mortais. Alguns ainda tinham terra agarrada a eles, enquanto outros estavam limpos, embora esqueléticos. Só que seus olhos não eram os olhos dos mortos. Havia vida neles, embora fosse um tipo de vida fantasmagórica. Ainda assim, ela estava lá.

Mas um sentimento doentio se instalou em mim quando olhei para essa cena estranha e assustadora. Se os mortos haviam ressuscitado, quem os havia ressuscitado e por quê?

Depois de um zumbido repentino e alto, todos os postes de iluminação pública se acenderam, dando-nos um banho de brilho dourado. E não demorou muito para que a luz da minha bola de neve caísse no chão em um tapete de flocos de neve.

— Tessa.

Eu me virei ao ouvir meu nome. Um homem bastante grande e bonito, com uma mecha de cabelos pretos, veio correndo em minha direção. Ele se movia com uma postura confiante e um andar predatório. Suas coxas poderosas eram mais do que evidentes sob aqueles jeans justos.

Que o Caldeirão me ajude, mas ele estava bonito. Os flocos de neve em seu cabelo brilhavam à luz da rua. Ele era lindo, forte e leal. E era meu. Você é meu.

Os olhos cinzentos e penetrantes encontraram os meus.

— Tenho os geradores da cidade funcionando. Eu ouvi os gritos. — Ele abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas quando viu Harriette, o que quer que fosse acrescentar simplesmente desapareceu.

— Harriette Harper? — questionou Marcus, com a confusão apertando suas belas feições.

— Em carne e osso, por assim dizer — respondeu Harriette e, usando a mão esquerda, acenou com o braço direito para o chefe.

Sim. Sempre pode ficar mais estranho.

— Mas você morreu há anos.

Marcus ainda estava em choque.

— Conte-nos algo que não saibamos — disse Martha. — Isso é notícia velha, querido.

Marcus estava balançando a cabeça.

— Mas como? Como é que você está aqui? Eu estava no seu funeral.

Harriette deu de ombros.

— Não sei.

Estudei seu rosto.

— Qual é a última coisa de que você se lembra?

Se ela se lembrasse do que aconteceu, pelo menos eu teria uma ideia do que estava acontecendo. Parecia que quanto mais tempo eu ficava em Hollow Cove, as coisas estranhas sempre ficavam mais estranhas.

Harriette balançou o braço direito decepado e coçou a cabeça com ele em pensamento. Visual assustador.

— Bem, eu estava sentada em casa, na minha cadeira, assistindo à *Roda da Fortuna* e fiquei muito cansada e tonta de uma só vez. Achei que estava ficando gripada de novo. Então, simplesmente fechei os olhos.

Fiquei olhando para ela.

— É só isso?

— É isso — respondeu Harriette. — É tudo o que me lembro.

— Mas como você conseguiu chegar aqui? Você foi enterrada no cemitério de Hollow Cove?

O cemitério de Hollow Cove tinha 20 acres de floresta exuberante, todos misturados com lápides, lápides e caminhos de pedra. A maioria dos residentes de Hollow Cove foi enterrada lá, incluindo seus animais de estimação e familiares. Eu não ia lá desde que enterraram minha avó, dez anos atrás.

— O que fez você decidir sair rastejando? — Perguntei, por falta de uma palavra melhor.

— Ah, sim. Agora eu me lembro.

Harriette piscou para mim.

— Eu ouvi uma voz... e eu simplesmente... acordei.

Uma voz? Interessante.

— O que a voz disse?

Harriette baixou a cabeça enquanto tentava se lembrar.

— "Acorde". Foi o que a voz disse. Abri meu caixão e me arrastei para fora. Não foi nem um pouco difícil. Como se a terra fosse macia e leve. Mas foi uma coisa desagradável. Estragou meu vestido — disse ela, exasperada.

Não quis mencionar que seu vestido era o menor de seus problemas. Olhei para Marcus, mas ele parecia tão sem noção quanto eu. O chefe colocou as mãos nos quadris e olhou para o resto da multidão de recém-acordados.

— Deveríamos falar com eles — eu disse, apontando para o grupo de recém-acordados. Se Harriette ouvia uma voz, eu estava disposta a apostar que eles também ouviam. E talvez um pouco mais.

— Falar com os mortos. Essa é nova para mim — disse Marcus, com o rosto cheio de interesse.

Eu fiz uma careta para ele.

— Digo o mesmo.

Juntos, fomos em direção ao outro grupo.

— E a Harriette? — perguntou Martha.

Olhei para você por cima do ombro.

— Fique com ela. Eu já volto. — O rosto de Martha era uma mistura de horror e incerteza enquanto ela estava ao lado de sua amiga morta, mas eu não podia fazer nada por ela agora.

Ao verem nossa aproximação, os outros doze mortos se viraram. Quando perceberam que não estávamos fugindo deles, todos se apressaram em vir em nossa direção, com movimentos mecânicos e rígidos, como brinquedos de corda.

— Você vai nos ajudar? — perguntou um homem morto em um terno escuro,

com os lábios esticados para mostrar seu rosto seco, como o de uma múmia de mil anos.

— Você pode encontrar minha família? — perguntou outro morto. Embora a voz fosse feminina, a carne havia desaparecido completamente de seu rosto, restando apenas um crânio branco.

— Por que estamos aqui?

— Isso é o inferno?

— Gilbert ainda está vivo? — disse uma voz irritada vinda da esquerda. Um homem pequeno, talvez com pouco mais de um metro e cinquenta, estava de pé com as mãos nos quadris. Embora seu rosto estivesse quase todo coberto de carne suja e podre, ele parecia familiar.

— Sim, Gilbert está aqui — respondi. — Vivo, infelizmente. Você acabou de perdê-lo.

— Ótimo — ele respondeu. — Eu vou matá-lo.

O homem estalou os nós dos dedos como se estivesse falando sério.

— E você é?

— Seu primo, Gunner — disse o homem morto. — Aquele desgraçado me deve dinheiro.

Puxa vida.

— Bem — expirei, olhando para Marcus em busca de ajuda, mas ele estava olhando para um dos mortos que estava pegando a cabeça do chão. — Pessoal — chamei e esperei para chamar a atenção deles. — Olá. Tudo bem. Bem, fiquem tranquilos, pois vamos descobrir o que aconteceu aqui. — Eu não tinha ideia se isso era possível, mas parecia ser a coisa certa a dizer.

— Quem é você? — perguntou uma mulher morta. Ela era tão alta quanto Dolores e vestia o que parecia ser uma túnica de seda preta.

— Sou Tessa Davenport — respondi enquanto a mulher que parecia uma Dolores morta me encarava. — Eu sou uma Merlin — disse isso, pensando que poderia ajudar. — E eu vou ajudar você. — Porque aparentemente é meu trabalho ajudar os mortos também. Um murmúrio percorreu os mortos. — Mas primeiro preciso perguntar algo a todos vocês. — Eu engoli. — Todos vocês ouviram uma voz que dizia: 'Acorde'?

O grupo de mortos olhou um para o outro e, pelas reações, percebi que sim.

—Sim — responderam todos juntos.

Marcus se inclinou sobre você.

— O que isso significa? Você acha que é algum tipo de feitiço?

Se eu soubesse, diabos.

— Não tenho certeza.

Mas eu tinha pensado nisso. Um feitiço poderia ressuscitar os mortos. Um

poderoso feitiço das trevas e, muito provavelmente, realizado por um necromante. No entanto, normalmente, pelo meu conhecimento limitado sobre o assunto, eu sabia que, ao ressuscitar os mortos, você geralmente era recompensado com zumbis sem inteligência, cujas ações eram comandadas pelo necromante que os ressuscitou. Os zumbis não tinham cérebro nem alma. Eles eram basicamente marionetes - marionetes de cadáveres fedorentos e podres.

Não foi o caso.

A multidão que estava diante de mim era de pessoas mortas, sim, mas ainda eram pessoas com cérebros funcionando. Sim, eu não conseguia explicar isso. Mas o fato de eu não conseguir não o tornava falso.

— O que você acha? — Marcus perguntou, com os olhos fixos nos mortos e as feições enrugadas de preocupação.

Passei o olhar sobre os mortos, vendo a incerteza nos que tinham olhos e ainda alguma carne no rosto para fazer expressões. — Vou ter que perguntar às minhas tias. Se alguém sabe alguma coisa sobre isso, são elas. E a Iris.

Falando em Iris, peguei meu telefone e mandei uma mensagem para ela no 911, que significa

— Leve sua bunda de bruxa para casa agora!

— E quanto à sua mãe?

O tom de Marcus era uniforme, embora eu ainda pudesse sentir um ressentimento subjacente nele.

Balancei a cabeça.

— Ela não pode ajudar com isso.

A conhecendo como conheço, ela também não iria querer. Fiquei surpresa por ela ainda estar por perto, embora soubesse que não ficaria por muito tempo.

— Tessa, por favor, diga-me que você tem um plano. Por que isso está acontecendo? Martha apareceu em nosso círculo de mortos animados, seguida por Harriette, que ainda carregava o braço sobre o ombro como um taco de beisebol.

Olhei de relance para Marcus antes de responder a Martha.

— Bem, primeiro precisamos descobrir quem são essas pessoas e ver se elas têm família aqui.

Marcus acenou com a cabeça.

— Devemos tirá-los das ruas.

E enquanto você faz isso, eu posso me preocupar com o motivo pelo qual isso aconteceu.

— Inacreditável! Eles ainda estão todos aqui!

Não precisei me virar e olhar para saber a quem pertencia aquele rosto irritante.

Gilbert se aproximou do grupo, ficou perto o suficiente para ficar fora do alcance do braço e apontou o dedo para mim.

— Você é estúpida? Você não pode simplesmente deixá-los aqui assim? Alguém poderia vê-los. Os humanos poderiam vê-los.

— Você tem certeza disso? —Eu sabia que a maioria dos humanos não tinha a visão - a capacidade de ver o mundo paranormal ao seu redor. Se tinham, geralmente era porque possuíam algum sangue mestiço.

Gilbert estreitou os olhos para mim.

— É claro, tenho certeza. Eles não são fantasmas. Você não sabe distinguir entre fantasmas e seres físicos? E você se diz uma Merlin?

— Posso pensar em algumas coisas para chamar você. Você quer que eu comece? Ou você quer ser o primeiro?

Marcus riu, o que só deixou Gilbert mais irritado.

— Preciso dizer a você o que acontecerá se um humano passar pela nossa cidadezinha pitoresca para apreciar a minha exposição de luzes de Natal e vir isso? Ele apontou o polegar por cima do ombro para os mortos, a maioria dos quais estava fazendo cara feia para ele.

— Toda a polícia do Maine estará aqui em uma hora. Não é desse tipo de atenção que precisamos.

— Você acha que não sabemos disso? — Marcus estava olhando para Gilbert como se ele fosse uma vespa irritante que deveria ser esmagada.

Gilbert soltou uma baforada de ar.

— Bem, do meu ponto de vista, não parece que você saiba.

— Oh, feche o bico, Gilbert. — Gunner abriu caminho em meio à multidão de mortos e se colocou na frente de Gilbert. Os dois tinham o mesmo tamanho e constituição física. Eles poderiam ter passado por irmãos se Gunner não estivesse se decompondo.

— Artilheiro — gritou Gilbert, com o rosto contraído em uma expressão amarga. Ele não parecia surpreso ao ver seu primo morto. — Que diabos você quer?

— Você me deve dinheiro — disse Gunner, seu corpo tremendo de raiva.

— Hah! — Gilbert colocou as mãos nos quadris. — Não se pode dever dinheiro aos mortos. Eu não devo nada a você.

— Não estou morto — respondeu Gunner. — Estou bem aqui, idiota. Como posso estar morto?

Gilbert bateu o pé.

— Você está morto! Você está morto! — gritou ele, parecendo um pouco demente.

— Esta vai ser uma longa noite.

Esfreguei minhas têmporas, sentindo uma enxaqueca a caminho, enquanto olhava para Marcus.

— Você tem algum lugar onde possamos deixar nossos visitantes enquanto eu tento descobrir o que aconteceu? Pode demorar um pouco.

Marcus me deu um sorriso apertado.

— Eu os levarei de volta ao escritório. Será mais fácil localizar suas famílias.

Eu sorri, tentada a beijá-lo.

— A Grace vai adorar isso.

Parte de mim queria estar lá para ver a expressão de seu rosto quando ela os visse e cheirasse.

— Muito bem, pessoal — disse Marcus, e ele esperou para chamar a atenção dos mortos. — Vocês vão me seguir de volta ao meu escritório. Vou tirar as fotos e os nomes de vocês e tentarei entrar em contato com a família de vocês. Se vocês ainda tiverem família em Hollow Cove, podem ficar com eles até descobrirmos o que aconteceu.

— Se eles ainda estiverem vivos — murmurei.

Observei enquanto Marcus conduzia seu exército de mortos-vivos de volta à Avenida do Encanto e depois à esquerda na Shifter Lane , em direção ao seu escritório. Era como se o Halloween tivesse desmascarado o Natal.

Lembrando que havia jogado minhas sacolas com todos os meus presentes em algum lugar na calçada, fui procurá-las. Depois de colocá-las em minhas mãos, fui para casa.

Minha cabeça estava latejando com uma mistura de adrenalina e pavor, e eu não conseguia me livrar daquela sensação gelada que subia pela minha coluna e se instalava na base do meu pescoço. Parecia que alguém havia jogado um balde de gelo em minha jaqueta.

Se tivéssemos um necromante em nosso meio, isso não seria um bom presságio para a cidade. Eles podiam ressuscitar os mortos, mas também podiam tecer centenas de outros feitiços vis e malignos. Sim, sua magia girava em torno de coisas mortas, pois eles extraíam seu poder dos mortos. Eles eram mestres nisso. Eu também sabia que os necromantes podiam ressuscitar outros seres - criaturas que não faziam parte deste mundo vivo.

Eu estava tão perdida em meus pensamentos enquanto subia os degraus da Casa Davenport que nem notei a mulher pequena até me chocar com ela.

— Oopa! — Dei um pulo para trás e me peguei antes de cair de bunda nos degraus da varanda.

— Qual é o problema com você? — gritou a mulher. — Você é cega, garota?

Eu recuei como se ela tivesse me dado um tapa. Então, fiquei paralisada ao olhar para um rosto que reconheci, mas que não via há anos, pois ela havia

morrido há dez anos.

Fiquei olhando para a expressão dela, que passou de chocada e surpresa para furiosa no espaço de meio segundo. Sua carranca era tão profunda que seus pequenos olhos azuis desapareceram sob ela. Somente uma mulher no mundo poderia franzir a testa daquela maneira.

Engoli com força e disse:

— Vovó?

CAPÍTULO 4

A mulher idosa que estava na varanda mal tinha um metro e cinquenta de altura e seu rosto era uma massa de rugas. Os pés descalços apareciam por baixo de seu longo manto verde e uma fina trança branca pendia de sua cintura. Ela parecia um hobbit.

Hobbit ou não, ela era minha avó. Ela tinha a idade de cento e quatro anos quando faleceu. Sem contar que estava morta há dez anos. Eu estava em seu funeral. No entanto, ela parecia... fresca.

Ela parecia muito mais bem preservada do que a maioria dos outros mortos que eu tinha acabado de ver. Sua pele estava tingida de cinza, seca e rachada, e seus olhos encovados faziam com que ela parecesse estar à beira do estágio de decomposição - quase como se ainda não tivesse acontecido. Ela também não tinha um cheiro tão ruim. Ela cheirava mais a terra, como uma pilha de compostagem. Suspeitei que um pouco de preservação mágica estivesse envolvida.

Ela estreitou seus olhos azuis para mim.

— Quem é você?

— Sou eu, vovó. Tessa. Você não se lembra de mim?

— Eu sabia. — Ela se virou e ficou de frente para a porta. — Casa. Você abre essa porta agora mesmo ou eu vou botar fogo em você! gritou ela, com os ombros pequenos rígidos de raiva.

Embora ainda um pouco assustada, eu me aproximei dela.

— A casa não vai deixar você entrar?

— Não me importa se foi o pai que construiu você — gritou ela, erguendo o punho. — Vou transformar você em uma pilha de cinzas se não me deixar entrar, sua pilha de madeira velha! Eu sou Eleanor Davenport e exijo que você abra essa maldita porta imediatamente! Ela tentou a maçaneta novamente, mas ela não se

moveu.

A Casa Davenport sempre deixava entrar uma bruxa Davenport. Era um refúgio. Talvez a Casa não a tenha reconhecido porque, bem, ela estava morta. Poderia ser uma forma de se proteger de, talvez, vovós zumbis.

Minha avó emitiu um som de descontentamento em sua garganta, enquanto estendia sua pequena perna e chutava a porta. Três vezes.

Isso estava indo muito bem.

Soltei um suspiro e fiquei de frente para a porta.

— Casa. Esta é minha avó, Eleanor Davenport. Sim, ela está morta - e não posso explicar isso agora -, mas ela ainda é minha avó. Abra a porta, Casa.

Uma onda de energia passou por mim e me atravessou, e então a porta se abriu.

— Hah! — Eleanor Davenport atravessou a soleira da porta e ficou de pé na entrada - um metro e meio dela. Ela estalou os dedos e gritou: — Bengala!

A porta do armário à esquerda se abriu e uma bengala de madeira, entalhada com uma infinidade de pássaros e trepadeiras, saiu voando. Ela estendeu a mão e a pegou em pleno voo.

Levantei uma sobrancelha. Ela poderia estar morta, mas seus reflexos ainda estavam intactos.

As vozes das minhas tias e da minha mãe saíram da cozinha. Aparentemente, elas ainda não sabiam nada sobre a falta de energia e os regressos que apareceram no meio da cidade. O fato de não terem ouvido minha avó gritando do lado de fora me disse que a Casa também havia feito isso de propósito.

— Vovó — eu disse, enquanto fechava a porta atrás de mim, — você sabe por que está aqui?

— Que coisa estranha você perguntar. Eu moro aqui. Esta é a minha casa.

Apoiando-se na bengala para se equilibrar, minha avó marchou pelo corredor como se estivesse indo para a guerra, com o baque da bengala no piso de madeira ecoando alto.

Agora ela me lembrava uma versão feminina do Yoda.

Larguei minhas malas e corri atrás dela. Não porque eu quisesse amenizar o golpe quando minhas tias e minha mãe vissem sua mãe morta entrando na cozinha, mas porque eu não queria perder a tempestade de merda que estava prestes a acontecer.

Quando chegou à cozinha, Eleanor parou e bateu com força a bengala no piso de madeira.

— Este lugar está fedendo! Quantas vezes eu já disse a você para não misturar repolho de gambá com lírio de vodu?

Minhas tias e minha mãe congelaram como se fossem manequins de uma

loja de departamentos.

E então...

— Ah! — gritaram todas juntas.

Beverly e minha mãe se jogaram contra a parede da cozinha, enquanto Dolores caiu da cadeira com um baque forte. Seus olhos quase saltaram da testa, embora não tenham saído de perto de Eleanor.

Ruth sorriu, com os olhos cheios de admiração.

— Mamãe? O que você está fazendo aqui? — Ela riu. — Você está brincando com um feitiço de ilusão? É muito bom. Ela parece tão real.

Eleanor fez uma careta, se aproximou de Ruth e bateu com força na perna dela com a bengala.

— Isso é real o suficiente para você?

Ruth deu um puxão para trás.

— Mas... você está morta? Nós enterramos você? — disse ela, com o rosto pálido enquanto esfregava o local na perna onde a mãe a atingiu.

— Se eu estivesse morta, não estaria aqui. Você tinha essa mesma cara quando eu disse que os bebês saíam de nossas vaginas e não brotavam do jardim. — Ela levantou o queixo com altivez. — Eu gostaria de um chá. Não aquela coisa barata com fios minúsculos - chá de verdade.

As quatro irmãs observaram, com um misto de horror e choque, a mãe se arrastar até a mesa da cozinha e, com muito esforço, sentar-se em uma das cadeiras vazias.

Seguindo as instruções da mãe, Ruth colocou a chaleira no fogo, embora continuasse lançando olhares dissimulados para a avó, como se ainda não pudesse acreditar que ela estava realmente aqui.

Eu não conhecia bem minha avó antes de ela morrer. Só a visitei algumas vezes quando era bem mais jovem, embora as imagens de uma bruxinha severa e feroz me viessem à mente. Mesmo assim, eu não sabia por que minhas tias e minha mãe estavam agindo como se ela fosse uma peste ambulante. Eu achava que ela era fantástica.

Dolores se levantou lentamente. Seus olhos escuros encontraram os meus.

— Tessa. Você sabe de alguma coisa?

— Vou contar a vocês o que sei — respondi e contei rapidamente sobre os regressos que apareceram na praça da cidade depois que perdemos a energia e eu senti aquela explosão sônica. — A maioria dos outros é como a vó. Todos parecem lúcidos. Normal, se você não levar em conta as partes de carne em decomposição.

— Onde eles estão agora? — perguntou Dolores.

— Marcus os levou para seu escritório. Ele irá os fichar. Tirar suas fotos e

nomes. Ver se ele consegue encontrar algum parente vivo na cidade.

— Quantos?

— Quatorze, se você contar a vovó aqui — respondi. Olhei para cima e vi Beverly sentar-se à mesa da cozinha, a mais distante de sua mãe. Seu belo rosto estava contorcido em uma carranca enquanto ela se sentava na beirada da cadeira, parecendo que estava prestes a fugir.

Minha mãe ainda estava de pé, de costas para a parede. Ela não parecia mais assustada. Na verdade, parecia irritada, pois continuava olhando fixamente para sua mãe morta.

Ruth levou uma xícara de chá quente para a mãe.

— Aqui está, mãe. Exatamente como você gosta, com um toque de limão.

A vovó franziu os lábios e fez um som estranho, que eu entendi que era sua maneira de agradecer. Ela levou a xícara aos lábios e tomou um gole.

— Ugh! — ela cuspiu o chá no chão. — Tem gosto de mijo de cavalo. Que diabos você está tentando fazer? Me matar?

— Ela não pode matar você. Você já está morta — eu disse com uma risada. A vovó balançou a cabeça para mim e fez sua careta característica. Opa. Ela era um pouco assustadora quando me olhava daquele jeito. Como a vovó Yoda zangada, pronta para usar a Força na minha cabeça.

— Não se preocupe, mãe. Vou preparar outra para você.

Ruth pegou a xícara e a esvaziou na pia.

Dolores se aproximou da mãe, com o rosto duro e os olhos escuros calculistas.

— Mamãe. Você sabe onde está? — ela perguntou em voz alta, como se a velha bruxa estivesse com dificuldade de ouvir.

A vovó olhou para ela.

— Estou morta. Não sou surda.

Eu bufei.

— Eu gosto dela.

Dolores me lançou um olhar maligno.

— O quê? — Dei de ombros. — Ela é engraçada. E eu preciso de algo engraçado em minha vida agora.

— Casa — ordenou minha avó. — Pegue meu cachimbo e minha folha. — Ela bateu com a bengala no chão, como se isso finalizasse a ordem.

Um barulho emanou da sala de poções, bem perto da cozinha, como se as panelas estivessem sendo reorganizadas. Em seguida, um cachimbo de madeira entrou na cozinha, seguido por uma pequena caixa de metal plana do tamanho de um baralho de cartas.

A vovó pegou os dois no ar. Ela virou o cachimbo de cabeça para baixo e

começou a bater com ele na mesa para esvaziar o que ainda estava lá dentro. Folhas secas de dez anos de idade de qualquer erva que ela fumasse.

Quando dei por mim, a fumaça do charuto pairava em uma nuvem sobre a cozinha, enquanto a vovó chupava e dava baforadas em seu cachimbo, parecendo satisfeita consigo mesma. Como eu disse, como um hobbit.

Dolores colocou a mão no quadril, com o rosto um pouco manchado.

— Eu não entendo. Como é que você está aqui? E por que você parece tão... tão...

— Fresca — respondeu Beverly. Foi exatamente o que pensei.

A avó soprou um anel de fumaça.

— Como diabos eu poderia saber? Ouvi uma voz que dizia: 'Acorde'. Então, eu acordei. Pare de olhar para mim desse jeito. Você parece aquele maníaco do *Silêncio dos Inocentes*.

— Você também ouviu? — perguntei, me aproximando. — A voz?

— Que voz? — questionou Beverly, remexendo-se no assento e esfregando as mãos, como se estivesse tentando se livrar da tensão.

Eu olhei para minha tia.

— Os outros - os outros mortos - todos ouviram uma voz dizer: 'Acorde'. Isso é tudo de que eles se lembram. Talvez você se lembre de mais coisas depois.

Eu não tinha ideia se isso era verdade, mas esperava estar certo. Isso nos ajudaria a descobrir o que havia acontecido.

— Talvez ela seja um fantasma — disse Ruth, parecendo esperançosa. — Muitos fantasmas voltam ao mundo dos vivos porque tinham assuntos pendentes. A mamãe provavelmente tem assuntos pendentes.

— Ela não é um fantasma, sua idiota — rosnou Dolores. Ela pressionou um dedo no ombro da vovó e a empurrou para trás. — Você está vendo? Os fantasmas são aparições. Eles não têm seus corpos físicos. Ela é tão sólida quanto um fóssil.

A vovó inclinou a cabeça para trás e olhou para Dolores, com o nariz enrugado.

— Quem você está chamando de fóssil, hein?

Eu reprimi uma risada, sabendo que isso só aumentaria a raiva de Dolores. Você é um homem. Vovó estava pegando fogo.

Dolores esfregou os olhos com as mãos e soltou um suspiro.

— Mas você está ciente de que está morta. Você sabe que está morta, certo? Que você não tem um coração batendo? Que você não precisa de ar para respirar nem de comida para sustentar seu corpo?

— O QI despencou desde que estive fora? — reclamou a vovó. — É claro, eu sei que estou morta. Onde está meu chá?

Ela bateu no chão com sua bengala novamente.

— Desculpe. Aqui. — Ruth trouxe outra xícara de chá e a colocou nas mãos da mãe antes de dar um passo atrás e parecer ansiosa.

A avó fez uma careta ao tomar outro gole.

— Tem um gosto pior do que o primeiro. Qual é o problema com você? Você era a única que valia alguma coisa na cozinha. Você perdeu o jeito?

O rosto de Ruth se abateu.

— Sinto muito. — Ela fez um gesto com as mãos. — Eu não entendo. Fiz do mesmo jeito de sempre. Talvez você tenha algo errado com a chaleira.

— Talvez haja algo errado com você — disse vovó.

Peguei o assento ao lado da vovó e me sentei.

— Provavelmente tem um gosto diferente porque você está morto. Suas papilas gustativas não funcionam. Então, provavelmente tudo vai ter gosto de giz e papel.

A vovó olhou para mim.

— Você não é toda arco-íris e raio de sol?

Eu sorri para ela.

— Você deve estar preparada. Tudo será diferente. Seus sentidos. Não apenas suas papilas gustativas. Talvez até mesmo sua magia — acrescentei, lembrando-me de como Casa não a deixou entrar.

Ela me observou por um momento.

— Você não é nada parecida com sua mãe.

Meu sorriso se alargou.

— Obrigada.

Foi o melhor elogio que ela poderia ter me dado. Voltei meu olhar para minha mãe. Ver sua expressão de desagrado com a nossa conversa me deixou toda arrepiada e confusa por dentro. Vovó era minha pessoa favorita naquele exato momento.

Minha avó dirigiu o olhar para a direção para a qual eu estava olhando.

— Onde está aquele seu marido que não serve para nada? — perguntou ela, com a aversão clara no tom de sua voz. — Ainda está vagabundeando pelas cidades tocando aquela música horrível?

Minha mãe se empurrou da parede e fez uma careta para a vovó. Ela parecia uma adolescente irritada que foi informada de que não poderia namorar o jogador de futebol mais famoso.

— Ele não é vagabundo.

— Mas ele toca aquela música horrível — rebateu a vovó, enquanto dava uma baforada em seu cachimbo. Ela soltou um jato de fumaça com o formato de uma nota musical.

Sim. Eu estava gostando muito da minha avó.

Minha mãe cruzou os braços sobre o peito e as bochechas ficaram coradas.

— Como você se atreve? Você não sabe nada sobre ele.

A vovó revirou os olhos.

— Agradeça ao caldeirão.

Eu comecei a rir. Não pude evitar, embora fosse totalmente inapropriado rir do homem que supostamente me criou.. Minha mãe voltou sua atenção para mim e me lançou um olhar sombrio, com os lábios apertados em uma linha dura.

Não importa. Eu estava acostumada com suas birras.

Ignorando minha mãe, limpei a garganta.

— Você acha que podem ser necromantes? Foi a única coisa que me ocorreu. Ressuscitar os mortos é a especialidade deles, embora eu admita que isso é um pouco diferente. Os mortos estão conscientes.

Dolores abriu o freezer e tirou uma garrafa de vodca. Ela colocou cinco copos de shot na mesa da cozinha e os encheu com o líquido transparente. Deu um para cada uma de suas irmãs e estendeu um para mim.

— Não, obrigada — eu disse, olhando para o líquido transparente que parecia álcool.

— Não gosto de vodca.

Eu me limitava ao vinho. Qualquer coisa mais forte e eu teria uma dor de cabeça enorme na manhã seguinte, com alguns vômitos. Todas elas tomaram as doses de um só gole.

— Mais para nós, então.

Dolores colocou o copo de shot sobre a mesa e o encheu novamente. Depois, jogou a cabeça para trás e bebeu a vodca. Ela bateu nos lábios e disse:

— Os necromantes controlam os mortos, os zumbis. Os zumbis não são nada mais do que trajes de carne humana sem alma. É preciso ter muito controle para aproveitar esse tipo de magia poderosa de necromancia. Os zumbis existem com o único propósito de obedecer a seus mestres. E para comer carne. Eles precisam dela para manter seus corpos em decomposição". Ela olhou para a avó e bebeu outra dose de vodca.

— Obviamente, sua avó não é um zumbi.

A vovó deu uma baforada em seu cachimbo.

— Pode ser que sim. Chegue mais perto e eu mostro a você.

— Mas você está morta — eu disse a ela, mordendo a parte interna da bochecha para não sorrir. — Você é uma regressa. Alguém ressuscitou você dos mortos. E, ao fazer isso, eles deram a você sua consciência. Com a consciência, um necromante não pode controlar você — acrescentei, sabendo que isso era verdade.

— Eu consigo me controlar, obrigada — disse a avó, com fumaça saindo da boca. — A única coisa que eu não conseguia controlar era minha bexiga.

— Então, por que criá-los se você não pode controlá-los? — perguntou Beverly, com as bochechas coradas pela vodca. — Isso não faz sentido algum.

Dolores ficou olhando para o espaço por um momento.

— Eu não sei. Deve haver algo que não vimos. Há um motivo. Só temos que descobrir.

— Vou dar uma olhada no cemitério de Hollow Cove — eu disse. — Se todos os mortos saíram de lá, o que acho que aconteceu, talvez encontremos pistas sobre o que é isso.

— Ótimo — disse Dolores. — Sim. Veja o que você pode encontrar no cemitério e eu vou reunir todas as informações que puder sobre necromantes nos livros antigos.

Saí da cozinha me sentindo um pouco instável, mas também estava ligada. Os mortos tinham vindo para Hollow Cove. Sim, era impressionante, mas poderia ter sido pior. Poderiam ter sido zumbis comedores de carne em vez de entes queridos em decomposição.

E eu tinha um plano. Eu precisava ver se estava certo. O cemitério me diria. Alguma coisa tinha que estar lá, como prova de qualquer ritual que eles realizassem.

As verdadeiras perguntas eram: se os necromantes eram responsáveis por ressuscitar os mortos, por que eles estavam fazendo isso aqui em Hollow Cove? E por que eles estavam ressuscitando os mortos?

CAPÍTULO 5

Iris e Ronin apareceram no momento em que eu calçava minhas botas e me preparava para sair. Depois que eu os informei sobre a situação dos mortos-vivos, ambos concordaram em ir comigo ao cemitério.

— Nunca experimentei magia de necromancia — disse Iris, de pé no saguão, vestindo sua parka preta de inverno. Um cachecol preto estava enrolado em seu pescoço, quase cobrindo seu cabelo quase preto, na altura do queixo. — Mas está na minha lista de desejos, — acrescentou ela, orgulhosa, com os olhos escuros arregalados. — Não se preocupe. Eu saberei o que você deve procurar.

Iris era uma pessoa estranha, mas eu a amava.

— Obrigada —falei, terminando minha mensagem para Marcus. Eu havia dito a ele que iríamos investigar o cemitério.

— Vou levar a Dana por precaução — disse ela e bateu em sua grande bolsa de pano que estava pendurada no ombro sobre o casaco.

Forcei um sorriso.

— Ótimo.

Dana era o álbum de DNA catalogado e assustador de Iris, onde ela coletava fios de cabelo, pedaços de tecido cortados, dentes, fios de cílios, unhas dos pés e gotas de sangue seco - tudo em nome de maldições sombrias.

— Estou indo como reforço, caso os necromantes ainda estejam lá — informou Ronin. Ele usava um elegante casaco de lã com gola alta que acentuava sua aparência alta e magra e seu cabelo castanho recém-cortado.

— Sou o músculo de vocês — acrescentou com um sorriso. Os músculos de seu rosto se contraíram, e tive a nítida impressão de que ele estava flexionando os peitorais sob o casaco. Ou isso, ou ele estava soltando gases - ou tentando não soltar.

Que porcaria. Eu não tinha pensado na possibilidade de encontrar

necromantes no cemitério. Não tenho certeza do que eu faria se encontrasse um. Acho que estávamos prestes a descobrir.

— Parece bom.

Peguei as chaves do carro na mesa ao lado do corredor.

— Vou levar o Volvo — gritei para a cozinha, onde minhas tias e minha mãe ainda estavam bebendo vodca.

Sem esperar por uma resposta, saí com a Iris e o Ronin logo atrás de mim. A neve ao lado da entrada da garagem estava quase na altura dos meus joelhos, e fiquei feliz por estar usando minhas botas altas de inverno enquanto caminhava para o lado do motorista.

— Chaves. Eu vou dirigir.

Virei-me para ver minha avó caminhando pela neve, usando sua bengala para se equilibrar. A neve estava praticamente na altura de sua cintura. Eu estava prestes a lhe dizer para calçar botas, mas percebi que ela não precisaria delas. Os mortos não sentiam frio. Eles não sentiam nada.

— Você não vem — eu disse a ela quando ela finalmente conseguiu se arrastar sobre o banco de neve até a entrada da garagem.

— Claro que sim — ela me dispensou.

— Esta é a avó de vocês? — Ronin sorriu e ofereceu sua mão. — Eu sou o Ronin. Ow!

Minha avó afastou a mão dele com a bengala.

— Ronin? Você não parece um samurai — acrescentou ela, olhando para trás como se esperasse ver a espada dele.

Ah, droga.

— Uh, pessoal. Esta é minha avó Eleanor Davenport. Vovó. Estes são Iris e Ronin. Meus amigos. Por favor, seja gentil com eles. Agora que já fomos todos apresentados, vamos seguir nosso caminho. Vejo você mais tarde, vovó.

— Com certeza você vai. Este carro é meu. Eu o comprei. E eu estou dirigindo. — Ela estendeu a mão para você. — As chaves.

Ronin se aproximou de mim e sussurrou:

— Ela sabe que está morta?

A avó atacou e bateu em Ronin com sua bengala.

— Pare com isso — rosnou o meio-vampiro, dando um pulo para trás. Ele esfregou o joelho. — Você quase arrancou minha rótula. — Ele se virou para mim. — Tessa. Você precisa controlar sua avó.

Apertei os lábios.

— Ela parece estar em perfeito controle.

Ela realmente parecia.

Iris riu.

— Oh, deixe-a vir. Ela é um arraso.

A vovó olhou para a Iris.

— Não sou nada disso. Sou uma bruxa. E muito boa, também.

Soltei um suspiro.

— Vovó, ouça. Ninguém está dizendo que você não é uma bruxa. Mas nós estamos indo para o cemitério. Não acho que seja um lugar que você gostaria de ver agora.

Eu não tinha certeza do que isso faria com ela, ver de onde ela saiu rastejando. Provavelmente, ela ainda estava lidando com o choque e o trauma - se é que os mortos podiam realmente sentir esse tipo de emoção. Essa foi minha primeira experiência com os mortos falantes e ambulantes.

A avó levantou a bengala e apontou para a casa.

— Não vou ficar com aquele bando de azedas. Eles me deixavam louca quando eu estava viva. Estão me deixando louca agora que estou morta. Estou morta há muito tempo. Este corpo velho precisa de exercício. E você precisa de mim.

Levantei uma sobrancelha.

— Como assim?

— Necromantes — respondeu ela, como se isso fosse resposta suficiente.

— É isso que estou pensando, sim.

— Eu sei tudo sobre eles. Lutei com eles uma vez. Mas isso foi antes de você nascer.

— Sério?

Agora eu estava impressionada.

— Uau. Eu não fazia ideia.

— Os livros não podem ensinar a você o que eu sei — disse ela com orgulho. Você vai precisar de mim nesse caso.

— Por quê? — perguntou Ronin, ficando a um bom braço de distância da avó e bem longe de sua bengala.

Ela lhe lançou um olhar.

— Você já esteve morto?

Ronin deu de ombros.

— Não.

— Exatamente onde quero chegar.

A vovó estendeu a mão livre e as chaves do carro saíram da minha mão para a dela.

Fiquei de boca aberta. Eu estava chocada demais para expressar o quanto estava impressionada.

— Você ainda consegue fazer mágica?

Ela havia pedido a bengala e o cachimbo na Casa Davenport, mas eu imaginei que a magia da Casa, e não a dela, é que havia feito o serviço. Acho que eu estava errada.

O que levou à pergunta: se os mortos ainda podiam fazer magia, o que mais eles poderiam fazer?

A vovó se arrastou até o carro e pendurou a bengala no braço enquanto destrancava a porta.

— Por que você está surpreso? Eu sou uma bruxa. Não sou contadora.

Iris bufou enquanto abria a porta do passageiro de trás e subia no banco de trás, seguida por Ronin, que não parava de lançar olhares na direção da avó.

Fiquei olhando para a vovó enquanto ela abria a porta e deslizava para trás do volante.

— Não sei se seus pés pequenos conseguem alcançar os pedais — brinquei com um sorriso.

Eu também não achava que deixar uma pessoa morta dirigir um carro fosse uma boa ideia. Pensei em arrancá-la dali, mas tive a sensação de que ela iria revidar, ou talvez até me amaldiçoar. Sempre disseram que Eleanor Davenport era a mais poderosa das bruxas de Davenport. Eu não queria que ela me amaldiçoasse e também não queria ficar do lado ruim dela. Provavelmente eu poderia aprender muito com ela.

A carranca profunda da vovó se transformou em uma carranca.

— Alguém já lhe disse como você é irritante?

— Não.

A avó sorriu, revelando seu único dente na gengiva inferior.

— Acabei de fazer isso. Entre no carro.

Agora era minha vez de franzir a testa.

— Você ao menos se lembra onde fica o cemitério?

— Cale a boca e entre no carro — ordenou ela.

Então, tudo bem.

Dirigimos em silêncio. Na verdade, não. Era mais uma combinação de uma maré contínua de gritos e berros. Isso é o que acontece quando você deixa uma mulher morta de cento e quatro anos dirigir um carro.

— Sou lindo demais para morrer! Sou lindo demais para morrer! — gritou Ronin, agarrando-se à lateral de seu assento como se sua vida dependesse disso.

Entramos em um cruzamento a 113 quilômetros por hora. O Volvo deu um rabo de peixe, recuperou-se e disparou pela estrada a uma velocidade que eu achava que o velho carro não conseguiria atingir.

— Acho que vou passar mal — reclamou Iris, e olhei para trás para ver seu rosto mais pálido do que o normal. Estava verde. Ela abaixou a janela e colocou

a cabeça para fora. Melhor fora do que dentro.

Eu estava certa. Os pés da vovó não alcançavam os pedais. Em vez disso, ela usava a bengala para pressionar o pedal do acelerador com uma mão, enquanto a outra segurava o volante.

Pior ainda, a cabeça dela ficou no meio do volante. Eu não tinha ideia de como ela conseguia ver alguma coisa por cima do painel. Talvez ela não conseguisse. Talvez ela tenha dirigido com sentido próprio.

Suspeitei que um pouco de mágica também estivesse envolvida. Também tive a estranha sensação de que as rodas do carro não estavam nem tocando a estrada, mais parecendo que estávamos voando ou planando.

E a vovó? Bem, ela tinha um brilho perverso nos olhos enquanto ria o tempo todo como uma banshee do inferno. Morta e louca - uma combinação perigosa.

Além disso, não importava se ela morresse. Ela já estava morta. Qual é a pior coisa que poderia lhe acontecer?

Graças ao caldeirão, o cemitério ficava a apenas cinco minutos de carro - três, do jeito que a vovó estava dirigindo. Esqueça o estacionamento. A vovó passou pelo banco de neve e pela calçada em direção à entrada do portão.

— Cuidado com o portão! — Gritei, com as mãos agarrando o painel.

Tarde demais.

A vovó passou com o Volvo pelo portão de ferro da frente do cemitério. Ouviu-se um som horrível de arrancamento, um grito de metal protestando e, em seguida, uma explosão estrondosa quando o portão trancado se abriu. O carro deu um solavanco forte para cima e para baixo. A vovó bateu com a bengala no freio enquanto a Iris e o Ronin continuavam a gritar. Ou talvez fosse eu?

O carro se deslocou alguns metros para frente e depois parou.

A vovó desligou o motor.

— Aqui estamos —disse ela, parecendo feliz e satisfeita. — Sãos e salvos.

— Você está louca? — Eu me inclinei e tirei as chaves da ignição. — Você quase nos matou.

— Que bobagem.

A vovó piscou para mim e depois olhou para a Iris e o Ronin, que estavam saindo do carro.

— Vocês ainda estão vivos. Você não está? Eu sou uma excelente motorista.

— Em que universo?

— Você está exagerando — disse a avó. — Veja. Seus amigos estão bem. Você está bem. Por que você está reclamando tanto?

— Estou reclamando? — Eu estreitei meus olhos. — Se você já não estivesse morta, eu a estrangularia agora mesmo, sua velhinha fóssil.

A vovó ficou olhando para mim por um longo momento. Um sorriso

apareceu em seu rosto e desapareceu.

— Definitivamente, você não é como sua mãe. Você vai se sair bem.

Revirei os olhos e desci do carro, feliz por colocar meus pés em terra firme.

— Vocês estão bem?

Ronin estava esfregando as costas de Iris.

— Que bom.

Exalei em voz alta, minha raiva se dissipando lentamente enquanto eu observava a cena. O cemitério de Hollow Cove era uma vasta paisagem de hectares de árvores, arbustos e caminhos sinuosos entre as lápides. Era um lugar alegre - não é brincadeira. Era o único lugar onde você encontraria lápides multicoloridas e lápides listradas de branco e vermelho que pareciam bengalas doces. Em vez de estátuas de querubins e anjos, tínhamos duendes, gnomos e milhares de estátuas de gatos. A comunidade vinha aqui para celebrar seus mortos e sua vida. Isso fazia com que você se sentisse bem-vindo, fazia com que você quisesse visitar. Mesmo agora, à noite, com 30 centímetros de neve, parecia mais mágico do que um cemitério cinzento e solene.

Os altos e antigos postes de iluminação pública estavam espalhados por todo o cemitério, o que nos dava iluminação suficiente para distinguir as lápides. Fiquei feliz ao descobrir que o gerador de Marcus chegava até aqui. Mesmo com uma luz de bruxa, teria sido quase impossível iluminar todo o cemitério.

Uma coisa era certa: o lugar era enorme. Como iríamos descobrir onde os necromantes faziam suas sessões?

— Por aqui — ordenou minha avó, enquanto caminhava pela única trilha limpa e coberta de neve que cortava o meio do cemitério. Sua bengala não fazia barulho ao atingir a neve dura.

Fiquei tentado a jogar uma bola de neve em sua cabeça. Em vez disso, perguntei:

— Como você sabe para onde está indo?

A bruxa estava morta há muito tempo e claramente tinha alguns parafusos a menos.

— Porque eu vim por aqui, gênio — respondeu ela, sem se dar ao trabalho de se virar.

Olhei de relance para a Iris e o Ronin.

— Acho que estou começando a gostar dela de verdade.

Juntos, seguimos a pequena bruxa morta por alguns minutos, caminhando pela neve onde o limpa-neve havia feito uma clareira. Ela parou ao lado de uma lápide gigante e bateu com a bengala nela.

— Aqui. Foi por aqui que eu saí rastejando.

Uma grande pedra plana de granito verde estava ao lado, onde presumi que

minha falecida avó havia empurrado e rastejado para fora. A grande lápide verde proclamava: Aqui jaz ELEANOR DAVENPORT. Não fique em cima dos meus seios.

Você sabe. Sem dúvida, éramos parentes.

A avó fez um ruído na garganta.

— Você acha que seria pedir muito para acrescentar algum conforto? Travesseiros ou alguns cobertores?

Dei um passo à frente e olhei para dentro, usando a lanterna do meu celular.

— Você estava morta, vovó. Não era para você sentir nada.

— Ou voltar — disse Ronin, sorrindo, mas perdeu o sorriso quando a avó o encarou.

— Só estou dizendo.

A vovó cruzou as mãos sobre o topo de sua bengala e se apoiou nela.

— Bem, eu voltei, dampiro.

As sobrancelhas de Ronin subiram até a linha do cabelo.

— Do que você me chamou?

Dampiro? Por que essa palavra lhe pareceu familiar?

— Fiquem quietos, vocês dois. — Ajoelhei-me ao lado do túmulo de minha avó para ver melhor o que havia lá dentro. — Não temos tempo para isso.

Vi de relance a Iris inspecionando o túmulo ao lado do da vovó. A neve estava revirada ao redor dele, e havia pedaços de terra escura por toda parte, como se algo tivesse literalmente rastejado para fora. Ela abriu a Dana e colocou algo em uma das páginas. Eu me esforcei para não pensar no que poderia ser aquilo.

Depois de mais ou menos um minuto, levantei-me e dei uma olhada na parte de trás da lápide da vovó.

— Não há nada aqui. Não há marcas. Nenhum sinal de qualquer tipo de ritual.

— Isso é porque você não está olhando na direção certa — disse a vó.

Eu a encarei com firmeza.

— De todo esse cemitério, apenas quatorze de vocês acordaram — eu disse, por falta de uma frase melhor.

— Por que quatorze? — perguntou Ronin.

— Não faço ideia.

Não rejeitei a ideia de que o número quatorze poderia ter algo a ver com a ressurreição dos mortos. Embora eu não tivesse ideia de por que o número era importante.

— Ei, pessoal. Aqui — chamou Iris, e eu olhei para cima e a vi acenando para nós.

Ronin estava ao lado dela em um piscar de olhos, maldita seja a velocidade dos vampiros. Instintivamente, estendi a mão para ajudar a vovó, mas ela afastou minha mão com um tapa.

— Não preciso de sua ajuda — rosnou ela, afastando-se de mim na neve.

— Tudo bem. Como você quiser.

Caminhei pela neve, passando pela vovó, e me ajoelhei ao lado de Iris.

— O que foi?

— Ali — ela apontou para as laterais de um caixão de madeira a dois metros abaixo do solo, onde a parte superior foi empurrada para o lado. — Ele tem marcas, mas não consigo identificá-las. Está muito escuro.

Meu pulso pulsava. Finalmente, estávamos chegando a algum lugar.

— Deixe-me ver. Saia — A vovó avançou mancando e bateu na Iris com sua bengala até que ela se movesse. Usando a bengala, a vovó se abaixou e se ajoelhou ao lado do túmulo. Então, ela colocou a mão sobre o olho direito e fez um movimento de torção. Houve um som de sucção perturbador - um estalo - e então o globo ocular repousou na palma da mão.

— Oh, meu Deus!

Eu gritei e quase me mijei.

— O quê? Como? Não importa.

— Acho que vou vomitar. — Ronin se engasgou e correu para trás de uma lápide.

— Belo truque. — Iris parecia impressionada. Ela se aproximou da vovó. — Você pode me ensinar? Eu adoraria tentar isso.

A vovó, bem, parecia satisfeita consigo mesma.

— Uma das vantagens de estar morta — disse ela. Com a mão, ela moveu o globo ocular ao longo das laterais do caixão até o local onde Iris tinha visto a escrita.

— E? — Perguntei, surpresa por não ter ficado tão assustado ao ver a vovó usando o globo ocular como uma lupa.

— Eu... estou... vivo — leu vovó, virando a cabeça na minha direção. Tentei não engasgar com o buraco escuro que era sua órbita ocular. A vovó deu de ombros e disse:

— Parece que enterraram esse pobre coitado vivo.

Não pude deixar de olhar enquanto a vovó girava o globo ocular de volta para a órbita, como se isso fosse tão normal e corriqueiro quanto calçar as meias.

— Não há nada aqui — falei, soltando a respiração e me sentindo decepcionada. Eu esperava encontrar algo que nos dissesse por que os mortos haviam ressuscitado.

— Não foi uma perda total —disse Iris.

— Como assim?

— Isso significa apenas que os necromantes realizaram seu ritual em outro lugar — respondeu ela.

— É improvável — disse a vovó enquanto olhava para o cemitério. — Eles teriam que ser muito poderosos para ressuscitar os mortos e não estar perto o suficiente para puxar as energias deles.

— É improvável, mas ainda é possível. Certo? — Eu insisti. — Se eles fossem poderosos o suficiente.

A vovó acenou com a cabeça, com um ar sombrio.

— Sim, é possível, mas espero que você esteja errada.

Depois disso, saímos do cemitério e fomos para casa. Eu dirigi, mas não antes de ser encarada pela vovó. De jeito nenhum eu a deixaria dirigir novamente - nunca mais.

Enquanto dirigia, meus pensamentos se voltaram para Marcus. Talvez, ao catalogar todos, ele pudesse ter descoberto algo. Porque o cemitério tinha sido um fracasso.

Tínhamos quatorze revividos criados por alguns necromantes muito poderosos. O fato de eles poderem realizar sua magia à distância não me agradou nem um pouco. Nem a expressão no rosto da vovó.

A noite estava se transformando em uma noite infernal. Que bom.

CAPÍTULO 6

Na manhã seguinte, acordei com uma dor de cabeça terrível e uma profunda sensação de mau presságio. Não conseguia decidir se a sensação estava ligada aos recentes regressos da cidade ou ao pavor de um possível necromante poderoso em nosso meio. Provavelmente era uma combinação de ambos.

Minha dor de cabeça quadruplicou ao ver a vovó sentada na única cadeira que cabia no meu quarto, bem em frente à minha cama.

Esfreguei os olhos, só agora percebendo o cheiro da fumaça do cachimbo dela.

— Vovó? Que horas são?

— É hora de levantar — respondeu ela e soltou três anéis de fumaça.

— O que você está fazendo aqui? — A ideia de ela ficar sentada naquela cadeira por sabe-se lá quanto tempo me observando dormir era um pouco assustadora. Muito assustador.

— O que parece? Estou sentada.

Passei as pernas por cima da cama e pressionei os pés contra o piso frio de madeira antes de abrir a única janela do meu minúsculo quarto no sótão. Fiquei feliz por estar usando minha meia-calça e uma camiseta comprida.

— Eu sei — falei, e levantei a janela para que o ar fresco entrasse.

— Quero dizer, o que você está fazendo no meu quarto? Você não tem um quarto? Algum lugar para dormir?

— Estou morta, Tessie. Os mortos não dormem.

— Certo. Desculpe.

Eu não tinha certeza de quando ela decidiu me chamar de Tessie, mas percebi que até que gostei.

— Eu vim aqui para pensar.

Seus olhos pequenos desapareceram em sua testa franzida.

— Não consigo pensar com as idiotas lá embaixo. Toda aquela choradeira faz minha cabeça girar.

— Você quer dizer suas filhas? — Eu a encarei por um momento. — O que aconteceu entre vocês? Tenho a sensação de que algo terrível aconteceu. O que foi?

A vovó deu uma baforada em seu cachimbo.

— Você pode fazer suas perguntas, mas isso não significa que eu vá respondê-las.

— Certo.

Mas eu tinha outra pergunta.

— Você chamou o Ronin de *dampiro*. Essa é outra palavra para vampiro?

— Não para vampiro — respondeu ela. — Mas para meio-vampiro.

— Você sabia? — perguntei, impressionada, imaginando se minhas tias haviam contado a ela.

A vovó fechou os olhos e expeliu colunas gêmeas de fumaça pelas narinas.

— Eu sei de tudo.

— Claro.

Eu me virei e bati minha cabeça contra uma das muitas vigas de sustentação.

— Ai.

— Isso vai doer — disse a avó, rindo.

Esfreguei minha testa, sentindo um pequeno caroço.

— Obrigado pela dica.

Achei que era hora de ela ir embora.

— O seu quarto é muito pequeno — observou a vovó, olhando em volta, com o rosto enrugado e uma expressão azeda.

— Não... você acha? — Olhei para a única cômoda que eu tinha que não cabia todas as minhas roupas, o que também explicava as pilhas de roupas dobradas que eu tinha pelo chão.

— Eu tinha um quarto maior. Bem, tecnicamente ele não era realmente meu. Mamãe fez questão de ressaltar isso. E eu não ia ficar com o quarto da Iris. Não tem problema. É só para dormir. Beleza? Acho que não vou trazer o Marcus para cá.

A vovó olhou para mim e torceu o nariz.

— Marcus? Quem é Marcus?

Não, isso agora não.

— É que eu gosto de trabalhar em meu quarto. Gosto do silêncio.

Passei o olhar pelo espaço minúsculo.

— Não consigo nem colocar uma escrivaninha aqui.

A vovó soltou um bocado de fumaça pela boca.

— Por que você não pede à Casa?

Entrei no meu banheiro ainda menor, do tipo que você pode fazer xixi e lavar as mãos ao mesmo tempo. Incrível.

— Pedir à Casa o quê?

Peguei minha escova de dentes e comecei a escovar os dentes.

— Peça à casa para aumentar o tamanho do seu quarto — disse a avó, dando de ombros. — Estou surpresa por você ainda não ter feito isso.

Cuspi a água da minha boca e olhei para fora do banheiro para a pequena mulher morta ainda sentada na cadeira.

— A Casa pode fazer isso?

A vovó levantou as sobrancelhas, olhando para mim como se eu tivesse alguns parafusos soltos.

— Você nunca se perguntou por que cada cômodo desta casa é maior do que deveria ser?

— SÉRIO? Eu nunca notei.

Isso era novidade para mim.

— Você não. Mas é verdade. Todas as suas tias fizeram isso. Sua mãe também.

Quando percebi que estava de queixo caído, fechei-o imediatamente. Ter um quarto maior ajudaria muito com a situação das roupas e do trabalho. Até mesmo a situação com o homem. Não vamos fingir que esse não foi meu primeiro pensamento.

— Por que minha mãe não mencionou isso para mim? — Perguntei-me, um pouco irritada. Ela sabia que o único quarto disponível era o minúsculo no sótão. No entanto, ela nunca me contou.

A vovó ficou olhando para mim por um momento.

— Você realmente precisa que eu explique tudo para você?

Balancei a cabeça.

— Não.

Como eu disse, minha mãe era egoísta. Ela não se importava com o lugar onde eu dormia.

— Vá em frente, então — ordenou a vovó.

— Peça.

Limpei minha garganta e disse:

— Casa. Eu gostaria de um quarto maior. Grande o suficiente para caber uma escrivaninha, um armário grande, um banheiro de tamanho decente, uma cama

maior e uma janela maior - com vista.

Achei que ser minuciosa era o melhor.

— Por favor — acrescentei, por via das dúvidas.

Uma onda de energia me invadiu quando uma explosão de luz branca atravessou a sala. A onda de luz ofuscante e selvagem percorreu minha cabeça até os dedos dos pés. Meus olhos se encheram de cor e meus ouvidos soaram com um som fantasma enquanto um vento corria pela sala.

Meu cabelo voou para os meus olhos. Em seguida, uma onda de eletricidade se acumulou do ar ao meu redor até a ponta dos meus dedos. As tábuas do assoalho sob meus pés gemeram ao se esticarem e se alongarem. As paredes se moveram como se fossem feitas de água. Elas se moveram para trás, espalhando-se como se o cômodo estivesse respirando fundo. Minha minúscula janela se esticou, como se fosse feita de borracha, até se tornar uma grande janela de sacada, completa com um banco.

O vento cessou e senti uma liberação da magia. Fiquei olhando, chocada e animada, enquanto as paredes recuavam até que o quarto dobrou e depois triplicou de tamanho. Respirei fundo, atônita e entusiasmada.

Meu quarto minúsculo e apertado no sótão agora era o quarto principal dos meus sonhos. Com um teto abobadado, o quarto era ainda maior do que o da minha mãe, e a Casa havia me dado móveis novos.

Uma nova mesa de trabalho ficava ao lado da grande janela, com meu notebook e meus livros. Havia até mesmo um sofá e uma cadeira estofada e confortável na qual a vovó se sentou em vez da cadeira de metal duro. O quarto não tinha tapete, mas agora havia um enorme tapete persa azul-escuro e bordô embaixo da cama king-size.

Corri para uma nova porta ao lado da porta do banheiro e dei uma olhada para dentro. Fileiras de prateleiras e varais suspensos me encaravam em um espaço maior do que o que havia sido meu quarto no sótão. Em seguida, corri para o banheiro e gemi.

— Uma banheira? Eu tenho uma banheira!

Era enorme, grande o suficiente para duas pessoas, eu e um belo metamorfo.

A banheira ficava acima do piso de madeira reluzente, ao lado de um chuveiro com azulejos de mármore e uma grande penteadeira branca. Era perfeito.

Eu sorri.

— Casa. Você me mima.

— Sim, sim, sim. Chega disso.

A vovó se levantou com o uso de sua bengala.

— Vamos descer as escadas. Preciso falar com todas vocês.

— Sobre o quê?

Como ela não respondeu, entrei correndo no meu novo e fabuloso closet e vesti uma calça jeans que estava magicamente pendurada em um dos cabides junto com um suéter cinza. Depois de me vestir, segui a vovó escada abaixo, o que levou o dobro do tempo normal, pois ela tinha que parar a cada degrau para ajustar a bengala e se equilibrar.

— Eu provavelmente posso carregar você, sabe — pensando que ela pesava mais ou menos o mesmo que uma criança de dez anos.

A vovó me fez sua careta característica.

— Se você planeja ter filhos algum dia, é melhor não ter.

Quando finalmente chegamos à cozinha, por algum motivo estranho, eu estava sem fôlego.

— Omelete vegetariana? — ofereceu Ruth enquanto inclinava a frigideira, com uma omelete perfeita deslizando para o lado.

— Sim, por favor.

Esperei que a vovó escolhesse um assento, mas a velha bruxa morta ficou ali parada, sem dar sinais de que queria se sentar tão cedo. Peguei o assento ao lado de Dolores e me sentei enquanto Ruth deixava cair o prato com a omelete vegetariana na minha frente.

Dolores, Beverly e minha mãe já estavam sentadas ao redor da mesa. Eu havia deixado Iris na casa de Ronin na noite passada, então não fiquei surpresa por ela não estar aqui.

Todos estavam observando a vovó, com expressões de curiosidade e também de irritação acumulada. Todos, exceto minha mãe, que não tirava os olhos do celular enquanto seus dedos se moviam habilmente em alguma mensagem que estava digitando.

Comi minha omelete vegetariana no momento em que a vovó começou a se mexer.

A velha bruxa passou pela cozinha e ficou ao lado de minha mãe.

— Por que você não disse à Tessie que ela poderia melhorar o quarto dela? Todas vocês já fizeram isso. Como você pôde deixá-la dormir naquele quarto tão pequeno?

Dolores lançou um olhar na direção da minha mãe, do outro lado da mesa.

— O quê? — ela perguntou incrédula, torcendo o guardanapo como se quisesse que ele fosse a garganta da minha mãe.

— Você me disse que ia contar a ela.

Amelia descartou a acusação com um balançar de cabeça, com os olhos ainda no celular.

— Eu me esqueci. Ela tem um teto sobre sua cabeça e uma cama. Qual é o

problema?

— Eu tinha mais espaço em meu caixão — rosnou a vovó.

— Você sempre foi uma criança egoísta.

Minha mãe levantou os olhos para a mãe dela.

— E você sempre foi uma velha chata que nunca se preocupava com a própria vida.

Uma centelha de gratidão floresceu em meu peito por minha avó. Pelo menos ela me amava.

— Está tudo bem, vovó. O quarto está bom agora. Melhor do que imaginava.

E melhor do que o seu, mãe. Eu não queria que elas começassem uma briga, mas se começassem, eu apostaria na vovó.

Dolores, Beverly e Ruth estavam todas olhando para minha mãe, que continuava a digitar no celular, sem saber o que fazer. Não, não sem noção, indiferente. Ela simplesmente não se importava.

Que surpresa.

Uma carranca se formou no rosto da vovó. Ela cutucou minha mãe no braço com sua bengala.

— Uma velha chata, hein? Isso é sobre seu marido inútil de novo? Ele deixou você de novo? É por isso que você está aqui?

Um pedaço da minha omelete caiu da minha boca e foi parar no meu prato.

— O quê? Ele já deixou você antes? O que está acontecendo?

O que está acontecendo é que, aparentemente, eu estava perdendo muita coisa sobre meus pais. Isso me fez pensar se todas as vezes que minha mãe me mandava para minhas tias era porque eles estavam brigando.

A expressão no rosto de minha mãe era assassina.

— Eu disse a você para cuidar da sua vida, bruxa velha.

Sim, ele a deixou.

— Oh, meu Deus. A vovó está certa. Não é mesmo? Ele deixou você? Por quê? Que diabos está acontecendo entre vocês dois?

— Amelia?

Beverly se inclinou sobre a mesa e apoiou os cotovelos.

— Isso é verdade? Você e Sean terminaram?

Minha mãe olhou para cima e colocou em seu rosto um sorriso falso que eu conhecia muito bem.

— Claro que não. Estamos bem. Não dê ouvidos a ela. Ela está morta. Ela não faz ideia do que está falando. Por que você acreditaria na palavra de um cadáver? Não sei por que vocês a tratam como nossa mãe, porque ela não é. Nossa mãe morreu há dez anos. Ela não é ela.

Dolores observou minha mãe por um longo momento.

— Por que você veio aqui, Amelia? A verdade.

Minha mãe soltou um suspiro.

— Preciso da sua permissão para visitar vocês? — perguntou ela com uma risada de escárnio.

— Senti falta de minhas irmãs. Isso é tudo. Esta é a casa da minha família, assim como é a sua. Posso vir e ficar quando quiser.

Mentirosa. Todas nós podíamos ver isso. Ela não sentia falta de ninguém aqui. Ela veio para cá porque não tinha mais para onde ir.

A avó bufou.

— Você costumava ser uma mentirosa muito melhor. Você nunca foi dotada de magia. Não. Você tinha muitos dons em outros lugares.

— Mãe, você e o papai brigaram?

Achei que ela poderia me responder, já que ele "supostamente" era meu pai. Achei que tinha o direito de saber.

— Cuide da sua vida — disse ela, olhando para mim.

A pequena centelha de empatia que eu sentia por ela desapareceu.

— Com prazer — eu disse com um sorriso e espetei minha omelete com um garfo.

— Bem, aí está — disse a vovó.

— Ele deixou você de novo. Isso é o que acontece quando você foge e se casa com um humano com um cérebro do tamanho de uma noz. Nem sequer recebi um convite.

Minha mãe olhou para a vovó, com os olhos marejados de raiva.

— E por que, em sã consciência, eu iria querer convidar você? Você odeia o Sean.

A avó deu de ombros.

— Eu não o odeio. Odeio a ideia de você com ele.

Dolores bateu a caneca de café na mesa, fazendo com que todos pulassem, exceto a avó. — Você realmente precisa fazer isso agora? Por que você não pode ser civilizada, pelo amor do caldeirão?

A vovó se endireitou, levantando o queixo, e eu juro que ela ficou alguns centímetros mais alta. Ela levantou a bengala e apontou para Dolores do outro lado da mesa.

— Eu? Civilizada? Vocês não merecem que eu seja civilizada com nenhuma de vocês — ela rebateu, apontando a bengala para cada uma das filhas.

Beverly soltou uma risada exagerada.

— Do que você está falando?

Ela colocou um cacho de cabelo loiro atrás da orelha.

— Sempre fomos boas umas para as outras. Tivemos algumas brigas, mas

isso é normal. Toda família tem brigas.

— Você ia me mandar para o Rusty Bones — disse a vovó, com os olhos azuis escurecidos até parecerem quase pretos.

— Uh-oh — disse Ruth, e ela se virou e se enterrou em sua cozinha, o que só me deixou mais curioso.

Dolores pareceu um pouco envergonhada e disse com uma voz firme:

— Foi para o seu próprio bem.

— Ah, foi agora?

A vovó parecia que estava prestes a matar Dolores ou voar sobre a mesa para estrangulá-la. Ela ficou parada por um momento, roendo a mandíbula, e eu não sabia dizer se ela estava tentando remover algo preso ao redor do dente ou fazendo um feitiço.

— Você estava ficando cada vez mais doente — disse Dolores, esfregando os olhos.

— Você estava com demência total, e não podíamos fazer nada a respeito. Chegou a um ponto em que era perigoso. Não podíamos mais cuidar de você.

Os olhos da vovó brilharam.

— Você poderia. Você apenas escolheu não fazer isso.

— Estou perdida — disse eu, balançando a cabeça.

— O que é Rusty Bones? Uma residência para idosos?

— É uma prisão maldita — disse a vovó secamente.

— É para onde mandam as bruxas velhas para morrer, como vassouras velhas descartadas.

Ruth ficou rígida. Então vi seu arrependimento, brilhando atrás de seus olhos como luz na água.

— Não é.

Beverly colocou um sorriso em seu rosto.

— A Residência Rusty Bones é uma casa muito boa para bruxos idosos. Tem todas as comodidades que você poderia desejar - uma piscina coberta, salões de beleza, uma biblioteca de três andares, uma cozinha de poções, laboratórios para praticar feitiços. É fabuloso. Tem uma classificação de cinco estrelas com um preço de cinco estrelas.

A vovó bateu com a bengala no chão, o que me fez estremecer.

— É uma tumba. É isso mesmo. Todos os bruxos que conheço que foram enviados para lá nunca mais foram vistos — acrescentou dramaticamente e levantou o dedo para dar um toque a mais. Ela teria sido incrível no palco.

— Lá vamos nós de novo — disse minha mãe, acenando com a mão em sinal de desdém. Ela fechou os olhos e começou a esfregar as têmporas.

O rosto fugazmente calmo de Dolores se transformou em raiva.

— Você está exagerando, mãe. Provavelmente eles morreram de velhice.

Com os olhos semicerrados, a avó franziu a testa ao se lembrar de algo.

— Eu não exagero. Eles entraram. Nunca mais saíram.

Meus olhos percorreram minhas tias e minha mãe. Minha respiração saiu de mim em compreensão.

— Vocês tentaram forçá-la a ir para lá?

Isso explicava por que a vovó estava furiosa como o inferno e possivelmente queria estrangular as filhas. Nunca imaginei uma bruxa Davenport que não residisse na Casa Davenport até seu último suspiro.

Minha pergunta ficou no ar, mas depois se transformou em um silêncio gelado quebrado pelo barulho da máquina de café. Finalmente, Ruth se aproximou e serviu-se de uma xícara.

Olhei para a vovó.

— Então, o que aconteceu?

A avó me respondeu, mas não tirava os olhos das filhas.

— Eu morri.

Ruth cuspiu o café de sua boca.

— Desculpe — disse ela enquanto limpava a boca com as costas da mão. — Está quente.

Oh, meu Deus. Isso foi ruim.

Minha mãe se levantou rapidamente.

— Por que você não podia simplesmente ficar morta, sua velha idiota e miserável? — ela gritou ao sair da cozinha.

Nossa. Um pouco duro, mesmo para ela. Mas essa é a minha mãezinha querida. Sempre se tratava de como ela se sentia, nunca de outra pessoa.

Meu olhar se voltou para a vovó. Se o comentário de minha mãe a afetou, ela não demonstrou.

— Você disse que queria falar conosco. Sobre o quê?

Minha avó se virou e, usando sua bengala, começou a se arrastar para fora da cozinha.

— Venha, Tessie. Vamos embora.

— Ir? Ir para onde?

Empurrei minha cadeira para trás e me levantei.

— Por que? Para onde estamos indo? O que está acontecendo?

— O que está acontecendo? —repetiu a avó por cima do ombro.

— Nada, exceto pelos novos mortos que chegaram à cidade.

Oh, droga.

CAPÍTULO 7

É isso mesmo, pessoal. Mais mortos chegaram a Hollow Cove.

Eu estava tão entretida com meu novo quarto e com a ideia de minha mãe ter problemas conjugais que me esqueci completamente dos regressos que perambulavam pelas ruas de nossa pitoresca cidade.

Claramente, se havia mais mortos ressuscitados recentemente, o número quatorze não significava absolutamente nada. Nada era a palavra do dia porque eu não tinha nada para continuar.

O que eu precisava fazer era ver se algum dos novos regressos se lembrava de mais alguma coisa. Talvez alguém tenha visto de relance os necromantes envolvidos? Se isso tivesse acontecido, eu teria uma ideia melhor de com quantos estávamos lidando.

A questão era: por que eles estavam sendo chamados em primeiro lugar?

Não se ressuscita os mortos para recebê-los para a ceia de Natal. E eu ia descobrir o porquê.

Dirigi pela Shifter Lane e diminuí a velocidade no sinal de parada. Sim, eu dirigi. Eu não ia deixar a vovó dirigir. Ela era uma ameaça - para mim e para qualquer pessoa que estivesse andando na calçada. Eu teria que me prender se a deixasse dirigir novamente.

— Você dirige como uma velha — comentou a vovó, levantando o queixo enquanto tentava enxergar por cima do painel no banco da frente ao meu lado.

— Nesse ritmo, chegaremos ao escritório do chefe em uma semana.

Suspirei.

— Está escorregadio. Tivemos muita neve ontem à noite. Não quero bater o único carro que temos. Além disso, há gelo negro por toda parte.

— Deixe-me dirigir.

— Não.

— Tenho mais experiência do que você.

— Em seus sonhos, velhinha.

A vovó riu. Era dura, profunda e genuína, e eu acabei gostando do som dela. Eu nunca tinha realmente conhecido minha avó. Agora, parecia que eu tinha a chance de passar um tempo de qualidade com ela - se você tentasse ignorar a parte da morte.

Enruguei o nariz ao sentir o cheiro de decomposição. Que droga. Eu não havia notado antes. A vovó estava começando a apodrecer. Teríamos que trabalhar nisso.

Senti pena de minha avó. Deve ter sido terrível sentir-se tão fora do controle de sua própria vida. Ela não poderia estar tão senil se soubesse que estavam planejando mandá-la para o Rusty Bones.

Mas, por outro lado, eu nunca havia tido que lidar com um pai idoso antes. E minhas tias eram muito amorosas - mas não minha mãe. Sinceramente, duvido que elas forçassem a mãe a ir para um lugar para onde ela não queria ir, a menos que realmente sentissem que não tinham outra opção. A menos que a saúde dela estivesse em risco.

— Como você sabia que havia mais... uh... mortos-vivos recentes? — perguntei, afastando-me do sinal de parada.

— Eu os vi — respondeu ela, balançando a cabeça.

— Você saiu? — perguntei, surpresa. — Sozinha?

Embora ela estivesse morta, a ideia de minha pequena avó perambulando pelas ruas de Hollow Cove à noite não me agradava muito.

— Sim, sozinha — disse vovó. — Não olhe para mim assim. Eu posso cuidar de mim mesma. O que mais eu deveria fazer? Eu não durmo. Não como. Minhas pernas funcionam, embora talvez não tão bem quanto antes. Decidi dar uma volta.

— Eu entendo. Mas até sabermos por que você foi... chamada... acho que é melhor você ficar na Casa Davenport.

— Não.

Boa conversa.

— De quantos estamos falando? — perguntei, achando que deveria mudar de assunto antes que ela me batesse com aquela bengala enquanto dirigia.

— Quatro? Talvez cinco?

A vovó olhou pela janela.

— Mais para vinte.

— Vinte? — Eu gaguejei.

Que droga. São muitas pessoas mortas.

— E todos eles vieram do cemitério?

— É o que parece.

Antes de entrar no Volvo, liguei para Marcus para avisá-lo sobre os novos mortos-vivos, mas não pensei em perguntar à vovó quantos eram.

— Sim, eu sei — disse ele.

— Eles apareceram esta manhã, por volta das cinco da manhã. Não tive uma pausa desde a noite passada. Parece que eles ainda estão chegando.

Eu não tinha certeza de que Marcus queria dizer chegar literalmente até que os vi com meus próprios olhos.

Os mortos. Pelo menos vinte e cinco deles agora vagavam pelas ruas de Hollow Cove em uma brilhante manhã de sábado. Era como dirigir em um cenário de filme de zumbis.

Coloquei o Volvo na calçada e estacionei em frente à Agência de Segurança de Hollow Cove.

— Achei que você tinha dito vinte?

— Havia vinte antes de eu sair.

A vovó abriu a porta e saiu com muito esforço. Meu estômago se apertou com o ranger e o estalar da cartilagem enquanto ela se arrastava para a calçada.

Saí do carro e pisei na calçada coberta de neve, exatamente quando um gato preto passou entre minhas pernas.

— Cuidado! — gritou o gato, com seus olhos amarelos brilhando ao sol da manhã.

— Você não vê que eu sou uma pessoa de quatro patas? Tenho tanto direito de andar aqui quanto você.

Se eu fosse uma humana normal, provavelmente teria desmaiado diante de um gato falante. Como eu era uma bruxa, era comum ver gatos falantes ou qualquer outro animal falante. Mas não gatinhos falantes em decomposição. Uma de suas orelhas havia caído, assim como a maior parte de seu pelo, e eu podia ver ossos brancos através dos buracos de sua carne.

Os gatos estavam entre os animais familiares favoritos das bruxas. Eles ajudavam em sua magia por meio do compartilhamento de energia. Parecia que não tínhamos apenas que lidar com bruxas mortas e outros paranormais. Eu tinha que acrescentar familiares mortos a essa lista.

— Como você está, Hildo? — disse a vovó com um sorriso na voz.

— É engraçado ver você aqui. A Agatha está com você?

— Não — disse o gato.

— Estou procurando por ela. Se você a vir, me dê um grito. Você vai? Estou indo para a casa dela para espantar os novos inquilinos.

E com isso, com a cauda no ar, o gato preto e semidecomposto desceu a calçada.

Certo.

— Bem-vindos à Twilight Zone.

Abri a porta da frente da Agência de Segurança de Hollow Cove e a abri para a vovó. A primeira coisa que me atingiu foi o fedor avassalador de carne podre, e cambaleei como se tivesse batido na parede do fedor. A próxima coisa que me atingiu foi o som de vozes gritando.

— Para onde eles devem ir? Já tenho Harriette e Donald morando comigo — gritou Martha, com o rosto vermelho e a voz rouca, como se estivesse gritando há horas.

Reconheci a Harriette de ontem à noite, que estava atrás da Martha - também reconheci o braço direito desmembrado que ela estava arrastando. Acho que a cola não funcionou. Ao lado dela estava um homem negro, alto, de terno escuro, provavelmente com 1,80 m e apenas pele e ossos - literalmente. Como se a pele tivesse sido pintada em um esqueleto. Ele era tão magro que não importava se eu estava olhando para ele de frente, de costas ou de lado. Tudo parecia igual.

Gilbert levantou as mãos.

— A cidade tem o cheiro de uma caixa de areia gigante de gatinho que não é trocada há um ano! É profano!

Ah, que bom. Gilbert estava aqui. Assim como os outros treze mortos-vivos de antes. Com os vinte e cinco do lado de fora e a vovó, tínhamos trinta e nove mortos-vivos.

Estavam todos amontoados na sala principal. Alguns estavam de pé, enquanto outros estavam sentados segurando suas pernas, braços e outros apêndices caídos que eu desejava nunca ter visto, mas que agora não poderia deixar de ver.

Uma mulher morta segurava sua cabeça decepada embaixo do braço como se fosse uma bolsa de mão. Assim como os outros, os regressos recém-chegados eram uma mistura de esqueletos ambulantes com o tipo de morto carnudo e suculento, com seus corpos passando por vários estágios de decomposição - daí o fedor esmagador e forte.

Avistei alguns animais, familiares, dois grandes corvos empoleirados nos ombros dos mortos, três cães e uma dúzia de gatos que pareciam ter acabado de sair de um moedor de carne.

Os mortos que ainda tinham carne em seus crânios e globos oculares estavam entre os que eu podia ver, totalmente chocados e confusos. Alguns até pareciam irritados.

— Xô! Xô! — gritou Grace, a assistente administrativa de Marcus, enquanto gesticulava com as mãos para duas pessoas mortas encostadas em sua mesa como se fossem dois cachorros sujos. Ela fez uma careta, abriu uma gaveta e

começou a borrifar o purificador de ar em sua mesa e em qualquer morto-vivo que estivesse ao seu alcance. Olhando em volta, quando achou que ninguém estava olhando, ela borrifou o spray em si mesma.

— Tessa — disse uma voz familiar, e desviei os olhos de Grace enquanto ela continuava a atacar os mortos-vivos com seu purificador de ar.

A fila de mortos-vivos se separou e Marcus passou por ela. As olheiras sob seus olhos indicavam que o chefe não havia dormido nada desde que os mortos-vivos começaram a aparecer. Ele também usava as mesmas roupas que eu já havia visto - um par de jeans azul que se ajustava perfeitamente às suas coxas musculosas e cintura fina. Sua camisa casual não fazia nada para esconder a infinidade de músculos que se ondulavam por baixo. Isso fez com que meus hormônios ficassem excitados de uma forma que provavelmente não era apropriada no momento. Meu erro.

Seus olhos cinzentos se fixaram na avó.

— Ela é mais uma das mortas? Leve-a para Grace e veja se podemos abrir um arquivo sobre ela. Veja se ela tem algum parente vivo. Ela sabe quem é?

— Não preciso de arquivo nenhum — rosnou minha vó, erguendo o queixo e parecendo prestes a xingar Marcus.

— Eu sou Eleanor Davenport, garoto. É melhor você se lembrar com quem está falando.

Dei um sorriso fraco para Marcus.

— Marcus, esta é minha avó — expliquei, vendo a expressão de irritação em seu rosto.

— Vovó, este é Marcus, meu chefe — acrescentei rapidamente, sentindo um rubor em meu rosto. Meu chefe? Eu queria dar um tapa na minha cara.

O fato é que eu não tinha ideia de como chamar nosso relacionamento. Ele era meu namorado? Um homem com quem eu estava saindo? Nós éramos exclusivos? Ainda não tínhamos tido a chance de ter essa conversa.

Com uma expressão de dúvida, minha avó se inclinou para frente.

— Ele é o seu chefe?

Aqui vamos nós.

— Ele é o chefe da cidade — corrigi, sentindo-me mais como um tola. — Marcus Durand.

— Durand? — perguntou a avó, com os olhos azuis fixos em Marcus.

— Você tem alguma relação com Martin Durand?

Marcus assentiu com um leve sorriso no rosto.

— Ele é meu pai. Você o conhece?

— Ah, claro. A vovó voltou seus olhos para mim.

— Ele dormiu com sua tia Beverly — disse minha avó.

— Imagine só. Vocês poderiam ter sido primos.

Continuando...

— Então — exalei, esfregando as mãos. — Quais são as novidades? Você descobriu alguma coisa?

Eu realmente esperava que ele tivesse descoberto, já que eu basicamente não tinha nada para explicar por que os mortos estavam ressuscitando.

Marcus coçou a mandíbula.

— Só que todas elas vêm do cemitério de Hollow Cove. Eu esperava que você tivesse algo para mim, já que foi ao cemitério.

— Eu também esperava que sim — falei, sentindo-me um pouco chateada.

— Mas não encontramos nada. Nenhuma marca. Nenhum símbolo. Nem mesmo um círculo ritualístico, ou o que quer que os necromantes façam para ressuscitar os mortos. Algum dos mortos se lembrou de mais alguma coisa?

Marcus balançou a cabeça.

— Não. Até agora, isso é tudo de que todos eles se lembram.

— Droga. Eu realmente esperava que um deles lembrasse.

— Estamos lidando com necromantes. Certo? — perguntou Marcus, examinando meu rosto.

— É o que parece. — Soltei um suspiro.

O rosto de Marcus ficou franzido.

— Por quê? E por que agora? Por que aqui?

Boas perguntas.

— Eu ainda não sei. Mas vou descobrir.

Observei quando a vovó se aproximou de uma mulher velha, careca, afundada, enrugada e seca, que parecia um cadáver de cem anos, e começou a conversar.

Senti uma mão quente apertar a minha e me virei para ver Marcus segurando-a com a sua.

— Estou feliz por ver você — disse ele e me puxou para mais perto.

Minha pele formigou com a proximidade dele.

— Eu também.

Inspirei um hálito de café e a sugestão de algo almiscarado e masculino.

O olhar de Marcus se voltou para minha avó.

— Ela morreu há cerca de dez anos. Certo? Lembro que a Ruth me contou uma vez. Disse que sua mãe havia lhe ensinado tudo o que ela sabia sobre a fabricação de poções.

— Sim — respondi, sabendo o que ele estava prestes a dizer.

— Ela parece...

— Fresca.

Ele franziu a testa.

— Como?

— Ela provavelmente fez algum feitiço antes de morrer. Não que isso importe, de qualquer forma.

Um movimento apareceu em meu campo de visão, e olhei para cima e vi Martha se aproximando.

— Você precisa fazer algo rapidamente — ela insistiu, com uma expressão de pânico no rosto. — Ele perdeu a cabeça.

Marcus se afastou de mim.

—O que está acontecendo?

Martha colocou as mãos na cintura.

— Gilbert está ameaçando fechar a cidade.

— Talvez não seja uma má ideia — respondeu Marcus.

— O quê? — Martha ergueu as mãos, com a surpresa lhe invadindo. — E como vou manter meu negócio vivo? Não posso me dar ao luxo de fechar. Estarei arruinada. É isso que você quer?

Marcus fechou os olhos e apertou a ponte do nariz.

— Não. É claro que não. Mas talvez devêssemos. — Ao ouvir a respiração aguda de Martha, Marcus levantou as mãos.

— Só até descobrirmos o que está acontecendo e os mortos poderem voltar aos seus túmulos.

— E quanto tempo isso vai durar? — perguntou Martha, exasperada em descrença, enquanto lançava um olhar para mim.

— Eles não podem ficar aqui por muito mais tempo.

— Por que você diz isso? — Era minha vez de fazer as perguntas.

Martha levantou a mão e fez um sinal para a massa de mortos-vivos que se aglomerava ao redor.

— Bem, basta você olhar para eles. Eles estão mortos, querida — disse ela, como se eu não tivesse percebido essa parte óbvia. — Eles já estão se decompondo. E não há cola suficiente em Hollow Cove para evitar que apodreçam. Em breve, não restará nada deles.

Olhei para além dela, para a multidão de mortos-vivos. Era difícil ver quem estava se decompondo mais rápido, mas ela tinha razão. Vislumbrei Gilbert e Gunner se empurrando como duas crianças furiosas no parquinho, discutindo sobre quem seria o próximo a dar o golpe.

O medo se retorceu em minhas entranhas.

— Você está certo. Você tem razão. Eles não podem ficar — eu disse, meus olhos indo para minha avó.

— Vou descobrir uma maneira de mandá-los de volta.

Minha voz tinha mais convicção do que eu sentia.

— Primeiro, preciso investigar um pouco mais.

— Eu estarei aqui — disse Marcus. — Avise-me se você encontrar alguma coisa. — Seu olhar se deslocou pela sala até um homem grande e corpulento que parecia passar mais tempo na academia do que dormindo. Cameron, um de seus ajudantes, estava acenando para que Marcus fosse até ele.

— Estou transferindo os mortos para a biblioteca até que possamos resolver isso. É o maior prédio de Hollow Cove. Não consigo pensar em outro prédio que comporte todos eles.

— Ah, que bom. Essa é uma ideia muito boa. E tem uma ventilação muito boa — disse Martha, cavando seu grande decote e tirando uma máscara facial de tecido roxo.

— Confie em mim. Você vai me agradecer depois.

Ela amarrou a máscara em seu rosto e foi embora.

— Vejo você mais tarde. Marcus se inclinou para um beijo surpresa.

— Para dar sorte — acrescentou com um sorriso malicioso, e fiquei tentada a mordiscar aqueles lábios finos.

Dei uma risada curta.

— Vou precisar de mais do que apenas um beijo.

Pode crer.

Observei o belo traseiro de Marcus até que ele desapareceu em meio à massa de mortos, imaginando se algum dia teríamos um tempo a sós novamente. Pelo visto, não por um bom tempo.

— Ai! — Eu gritei, minha tíbia latejando onde a vovó a atingiu com sua bengala.

— Por que você me bateu?

Jurei que antes que o dia terminasse, eu iria estrangular aquela bruxa velha e morta.

— Detesto me repetir — disse a vovó, apoiando-se em sua bengala.

— Eu disse — ela enunciou, com um revirar de olhos, — para onde você vai agora? Ou você planeja me deixar aqui para apodrecer com o resto deles?

— Agora que você mencionou. Acho que vou fazer exatamente isso.

Diante de sua carranca, acrescentei:

— Venha. Temos trabalho a fazer.

Será que acabei de me associar à vovó? Sim, acho que sim.

— E quanto a todos eles? — A vovó apontou com sua bengala para a massa de pessoas mortas.

— Este lugar é muito pequeno. Ainda mais com a nova leva que está a caminho.

Nova leva?

— Eu sei. Marcus disse que vai instalá-los na biblioteca. Ela é grande o suficiente para todos eles.

Esperamos que sim.

Além de ter que descobrir por que os necromantes os estavam criando. Agora eu tinha que encontrar uma maneira de mandá-los de volta de alguma forma. Não era certo deixá-los vagar por aí com seus corpos se liquidificando. Alguns estavam, eu juro. Foi um choque para eles e para nós, e eles mereciam algo melhor do que isso.

Martha estava certa. Os mortos não faziam parte do mundo dos vivos. Eu tinha que fazer alguma coisa. E rápido.

— O que você sabe sobre devolver os mortos aos seus túmulos? — Perguntei à vovó quando chegamos à porta da frente.

Ela demorou um pouco antes de responder.

— Magia do túmulo?

— É assim que se chama?

Eu ainda tinha muito a aprender.

A vovó roeu as gengivas em pensamento.

— Sim. Um negócio horrível. Toda aquela sujeira de túmulo. Eu mesma nunca tentei ressuscitar os mortos. Embora minha irmã, sua tia-avó Nora, que morreu antes de você nascer, tenha ressuscitado o marido dela.

Eu tinha medo de perguntar. Mas eu era um animal curioso.

— E? Funcionou?

A avó riu.

— Oh, ela criou algo muito bom. Era parecido com ele, com seu tio-avô Gerald. Mas não era.

Eu sufoquei um calafrio. Tio Gerald, o zumbi.

— Bem, você não é um zumbi.

— Agradeça ao caldeirão.

O fato de não estarem significava algo também. Eu só não sabia o quê.

Abri a porta, saí e xinguei.

As ruas estavam repletas de mortos. Eu não estava mais olhando para os trinta e nove regressos. Eu estava olhando para cerca de cinquenta e nove. Era como assistir àquele número de circo em que os palhaços continuam saindo de um carro pequeno.

— Droga — eu disse para a vovó. — Vamos precisar de uma biblioteca maior.

CAPÍTULO 8

O resto do dia não melhorou. Ficou pior. Muito pior.

Os mortos continuavam chegando, sem nenhuma indicação de que iriam parar ou mesmo diminuir a velocidade. As ruas estavam cheias deles e, enquanto eu dirigia para casa com a vovó, vi algumas pessoas da cidade ajudando a levar os mortos para a biblioteca. Foi a coisa mais estranha que já presenciei, e eu já tinha visto muita coisa estranha.

Marcus havia barricado a ponte de Hollow Cove com fita amarela da polícia e havia colocado Cameron e Jeff para desviar de qualquer humano errante. Eles deveriam dizer a eles que havia ocorrido um grande vazamento no sistema de esgoto da cidade, o que explicava o cheiro, caso eles estivessem se perguntando por que a cidade cheirava a um milhão de ratos apodrecidos. A última coisa que a cidade precisava era que a população humana percebesse. Sim, isso não daria muito certo. Como deveríamos explicar todos os mortos errantes?

— De acordo com minha tia Dolores — eu estava dizendo, sentado em minha nova cama king-size, em meu fabuloso quarto no sótão, magicamente ampliado, — cerca de sete mil mortos jazem no cemitério da cidade.

— Isso é mais do que a população viva desta cidade — disse Iris, sentada de pernas cruzadas em meu novo e glorioso tapete persa. — Você acha que todos eles serão ressuscitados?

O som de tecido deslizando chamou minha atenção para o Ronin, que se remexeu na cadeira.

— Esse é um pensamento assustador.

Ele se acomodou, cruzou suas longas pernas e entrelaçou os dedos sobre o meio.

— Como um mingau gigante, morto e infestado de vermes.

Ótimo visual.

— Nesse ritmo, a cidade será invadida pelos mortos até o final da semana.

— Então, qual é o plano?

Iris parecia ansiosa e seus olhos escuros brilhavam.

— O mesmo que antes.

Eu exalei.

— Ainda precisamos descobrir por que os necromantes estão fazendo isso. Eles são os únicos que têm o conhecimento e o poder de ressuscitar um grupo de mortos, bem, de acordo com minha pesquisa - e com a avó. As bruxas também podem ressuscitar os mortos, mas apenas um de cada vez.

— Magia do túmulo — concordou Iris, com os olhos arregalados de empolgação e o rosto iluminado.

— Sempre quis experimentá-la, mas ela não é bem vista na comunidade das bruxas das trevas.

— Sério? — Perguntei com curiosidade.

— Eu achava que as bruxas das trevas eram mais inclinadas a esse tipo de magia. Ou pelo menos que fosse comum.

Iris balançou a cabeça.

— Não. As bruxas das trevas não se envolvem com necromancia - ou magia dos túmulos, como gostamos de chamá-la. Quando você mexe com magia de túmulo, não consegue o que pensa que está conseguindo. Você não vai ressuscitar um ex-amante, o avô Trevor ou a tia Joan. Você está ressuscitando um zumbi - uma criatura sem mente e comedora de carne.

Ela olhou de mim para Ronin e disse:

— Ouvi falar de uma bruxa que ressuscitou seu marido morto.

— E?

— Ele a comeu.

— Legal.

Iris deu de ombros.

— É por isso que não fazemos isso. Os necromantes são habilidosos nessa coisa de magia tumular. Eles a aperfeiçoam há milhares de anos. Eles pilotam as mentes dos mortos. É o que eles fazem. São mestres nisso. São os únicos que conheço que conseguem controlar um rebanho de mortos.

Meus ombros se enrijeceram com a inquietação.

— Mas isso não é a mesma coisa. Não se trata de uma manada de zumbis. São pessoas - mortas, mas ainda assim pessoas.

Suspirei.

— Algo simplesmente não se encaixa. Se ressuscitar os mortos significa que você ganha um zumbi, por que a cidade não está cheia deles agora? O que há de diferente?

— Não faço ideia — respondeu Iris.

Ficamos em silêncio, todos perdidos em nossos próprios pensamentos. Já nos conhecíamos bem o suficiente para que o silêncio não fosse desconfortável. Minha mente repassou os eventos, tentando fazer uma conexão, e um sentimento de medo me atingiu. Algo estava errado aqui. As coisas simplesmente estavam batendo.

— Estou gostando muito desse novo quarto — disse Ronin, olhando em volta enquanto o silêncio se prolongava.

— Mas está faltando alguma coisa.

— Tipo o que?

Olhei para o meu quarto, adorando cada detalhe, cor e material.

— Acho que a Casa acertou em cheio. Este quarto é totalmente meu.

Ronin me deu um sorriso.

— Está faltando um espelho gigante no teto sobre a sua cama.

— Cale a boca.

Iris jogou uma almofada nele, atingindo-o no peito.

O meio-vampiro deu de ombros.

— Todo mundo precisa de um espelho sobre a cama. De que outra forma você pode ter excelência sexual se não puder observar seu desempenho de todos os ângulos? Isso é coisa de vampiro. É por isso que os vampiros são excelentes amantes.

Iris revirou os olhos.

— Você está vendo com o que eu tenho que lidar? — perguntou ela, embora um sorriso tenha curvado seus lábios. Acho que ela também gostou da ideia de um espelho.

— Tess. Você está com esse olhar de novo — informou Ronin, sabendo claramente o que eu estava pensando.

— Que olhar?

— Aquele em que seu cérebro está tentando acompanhar seus pensamentos. O quê?

Meus olhos se moveram do Ronin para a Iris.

— Quando os necromantes usam os mortos para qualquer finalidade...

— Para matar e comer carne — interveio Ronin.

— Certo — concordei. — Quando terminam de lidar com eles, os mortos voltam para o lugar de onde saíram? Para seus túmulos ou para o necrotério?

— Não.

Iris balançou a cabeça, enquanto uma carranca se insinuava em seu belo rosto.

— Isso exigiria muita magia. Normalmente, eles simplesmente se

transformam em cinzas. Para animar os mortos, os corpos são preenchidos com tanta magia tumular para sustentá-los que, quando a magia acaba, eles entram em colapso.

Ronin se inclinou para frente.

— As garotas inteligentes são as mais sensuais — disse ele, fazendo Iris corar.

— Certo, vocês dois — eu ri.

Vou sair do quarto em um minuto, mas primeiro tenho outra coisa para perguntar à Iris.

Iris desviou os olhos de Ronin.

— Mande bala.

— Então — eu disse, sentando-me mais ereta.

— Sabemos que os necromantes são os únicos capazes de ressuscitar tantos mortos. Sabemos que os mortos acabam se transformando em cinzas depois que os necromantes acabam com eles.

— Isso — concordou Iris.

— Bem. Se os necromantes estão ressuscitando os mortos, por que não os estão usando? perguntei. — O objetivo de ressuscitá-los não é formar um exército de mortos ou algo assim? Para que eles possam usá-los para fazer o mal ou algo assim?

— É — concordou Iris. — Isso.

— Mas estes não são zumbis. Eles não são iguais. Todos eles têm sua consciência. Eles não estão sendo controlados.

— Até que eles estejam — acrescentou Iris. — Todos eles poderiam se transformar, você sabe... em zumbis.

Senti um calafrio ao pensar em minha avó.

— Esse é um pensamento assustador.

Algo me ocorreu.

— Esses mortos ressuscitados... todos têm suas almas. Você tem alma, certo? Acho que é por isso que eles não podem ser controlados — continuei, sabendo que era verdade em meu íntimo. — É por isso que eles são eles e não zumbis. Acho... acho que até que suas almas estejam com eles, eles não podem ser transformados.

— Faz sentido — concordou Ronin, com as sobrancelhas erguidas. — Mas por quê? Por que os necromantes os ressuscitaram com suas almas se não para controlá-los?

Minha cabeça balançou frouxamente.

— Acho que é porque estão esperando alguma coisa — deduzi, o que, nas circunstâncias estranhas em que nos encontrávamos, fazia sentido.

— Como o quê? Uma lua cheia? — riu Ronin.

— Parece mais um filme de terror clichê e de classificação B.

Iris e eu trocamos um olhar preocupado, meu coração disparou ao ler a certeza em suas feições.

Oh, droga.

— O quê? — perguntou Ronin, vendo nossa conversa. — Você acha que estou certo? Você nunca acha que estou certo.

Ele se inclinou para a frente.

— Você pode me dizer isso por escrito?

— Quando será a próxima lua cheia? — Perguntei à Iris, sabendo que ela saberia. Afinal de contas, Iris era uma Witchipedia ambulante.

— Amanhã à noite — respondeu ela, com um ar sombrio.

— Tessa? Você sabe o que isso significa? Eles estão esperando a lua cheia. Tenho certeza disso.

— Isso explica por que não vimos nada no cemitério — respondi, meu pulso acelerando enquanto uma sensação nauseante de pavor revolvia minhas entranhas.

De repente, Iris olhou de Ronin para mim.

— E seu poder será exponencialmente maior.

— Droga.

Não é segredo que a lua pode aumentar seus poderes e criar alguns feitiços incríveis. As luas cheias não eram apenas para lobisomens, pois desencadeavam a licantropia. Sim, a lua cheia pode trazer à tona o monstro de algumas pessoas. Quero dizer, a palavra lunático deriva de luna porque, no passado, as pessoas acreditavam que a lua cheia era a causa da insanidade periódica.

O que quer que esses necromantes estivessem planejando, isso nos atingiria na próxima lua cheia.

O rosto de Ronin ficou mais sombrio.

— Ok. Então, já estabelecemos que esses necromantes são um bando de idiotas. O que vamos fazer agora?

A ansiedade apertou minhas entranhas.

— Temos dois dias para descobrir o que eles estão planejando e detê-los. Acho que vou dar outra olhada no cemitério. Com o sol alto, será mais fácil ver se deixamos passar alguma coisa.

Iris se levantou.

— Eu vou com você. Deixe-me primeiro ir buscar a Dana.

Ronin se levantou, com um sorriso malicioso no rosto.

— Que pena que não há zumbis.

Levantei uma sobrancelha.

— Por que você disse isso?

Ronin deu um sorriso malicioso e esfregou as mãos.

— Porque estou com vontade de matar zumbis.

Abri minha boca.

— Você é tão...

A porta do meu quarto se abriu.

— Você precisa fazer alguma coisa! — gritou minha mãe, com o rosto vermelho e os olhos escuros brilhando. A única vez que eu tinha visto seu rosto daquele jeito era quando ela discutia comigo e não conseguia o que queria.

— O que está acontecendo?

— É a sua avó.

— Vovó?

Entrei em pânico e, antes que eu percebesse, estava descendo as escadas de dois em dois. Eu podia ouvir o barulho do Ronin e da Iris atrás de mim. Parte do meu cérebro dizia que eu estava sendo ridículo ao me preocupar. A velha bruxa estava morta há muito tempo, mas com tudo o que estava acontecendo, todas as regras haviam mudado. Eu não sabia o que esperar. Os mortos poderiam sentir dor? Eu estava me inclinando para um sim. Aqueles com alma, talvez sim.

Uma rápida olhada na cozinha, que estava vazia, deixou apenas uma opção. Corri para a sala de estar, perguntando-me onde estariam minhas tias.

Eu os encontrei. Também encontrei a vovó e seus amigos.

Tapei o nariz diante do cheiro de podridão e fumaça enquanto olhava para a sala de estar. Dez mortos ressuscitados recentemente descansavam na sala de estar de nossa família, reunidos ao redor da televisão. Pegadas enlameadas, misturadas com neve molhada e outras coisas nas quais eu não ousava pensar, sujavam o piso de madeira e os tapetes.

Eu murmurei.

— A Casa vai ficar furiosa.

Eu sempre pensei na Casa como um mordomo invisível. Fiquei surpresa que a Casa os tivesse deixado entrar, em seu estado de decomposição. Talvez a Casa soubesse de algo que eu não sabia.

— Saia de perto de mim!

Beverly foi encurralada por um homem morto com uma barriga protuberante e a maior parte da carne faltando em seu rosto, tornando-o mais esquelético.

— Eu estava louco para ver você de novo, Beverly — disse ele a ela. Sua risada provocou uma onda de arrepios em mim. — Você é tão bonita quanto era na época do ensino médio. Dou a você cinco dólares por um beijo. Vinte se você me deixar apalpá-la.

Oh. Meu. Deus.

Dolores estava de pé com as mãos nos quadris e uma máscara azul cirúrgica sobre o nariz e a boca. Seus olhos eram as únicas partes que não estavam cobertas e disparavam raios laser na vovó, que fingia não vê-la. Bem, não eram raios laser de verdade, mas eram quase.

Ruth, com um avental laranja amarrado no meio e luvas de borracha rosa, dançava em volta dos mortos, pegando a carne caída e pedaços de membros antes de jogá-los em seu balde. Ela já havia conseguido o que parecia ser três pés decepados e um braço peludo.

— Oh! Você perdeu um dedo do pé — disse ela, rindo, e entregou o que parecia ser um dedo grande do pé a uma mulher morta que estava sentada em um dos sofás.

— Faça um pedido — riu Ruth. A mulher morta não o fez. — Se você me der um minuto, posso costurá-lo de volta — disse ela. — Depois que eu terminar de costurar o braço do Sr. Duff e o pé esquerdo da Sra. Cousineau, sou toda sua.

Somente a Ruth ficaria animada com a perspectiva de costurar os membros de uma pessoa morta. Impossível não amá-la. Ela até ficava bonita fazendo isso. Como uma versão paralela da Mamãe Noel. Só que ela não estava assando biscoitos e fazendo roupas bonitas para os elfos. Ela estava costurando os membros decompostos dos mortos.

— Vovó? — falei, entrando na sala de estar. — O que está acontecendo? Quem são todas essas pessoas e o que estão fazendo aqui?

A vovó olhou para mim. Ela tirou o cachimbo da boca, exalou a fumaça pelo nariz e disse:

— O quê? A biblioteca está lotada. Eles não tinham para onde ir. Não podia deixá-los vagando pelas ruas. Podia?

E aí está. A Casa Davenport era agora um hotel para os mortos.

Incrível.

CAPÍTULO 9

O cemitério acabou sendo outro fracasso. Não havia círculos ritualísticos. Nenhum animal sacrificado. Nenhuma marca. Nenhum sangue. Nenhuma evidência de qualquer tipo de sessão espírita para ressuscitar os mortos havia ocorrido ali. Mesmo com as lápides à luz do sol, não encontramos nada. Bem, isso não é totalmente verdade. Vimos alguns dos mortos rastejando para fora de seus túmulos, o que foi algo assustador de se observar.

A cada hora, mais um morto saía de seu túmulo. Assim, enquanto procurávamos, também nos revezávamos para interrogar os mortos recém-ressuscitados para ver se eles se lembravam de alguma coisa, já que tinham acabado de sair. Nunca se sabe.

— A voz disse: "Acorde" — responderam todos. Era tudo o que qualquer um deles se lembrava, o que não ajudava.

Antes de voltar ao cemitério, enviei uma mensagem de texto para Marcus para informá-lo sobre o que havíamos encontrado, e ele respondeu que tentaria dormir por algumas horas. Ele pediu que eu o acordasse se descobrisse algo importante. Parecia que ele ia dormir por um bom tempo.

Depois de duas horas de busca, caminhando pelos bancos e montes de neve na altura dos joelhos e examinando todos os túmulos recentemente revirados, eu não conseguia mais sentir meus dedos das mãos e dos pés. Decidi encerrar a busca.

— Não há nada aqui —falei, com a voz trêmula, e comecei a tremer de frio. — Bem, se houver... não posso encontrar assim. Estou com muito frio. Sou um maldito pingente de gelo de bruxa. — Seria estúpido continuar nesse frio. — Podemos voltar mais tarde, quando estivermos aquecidos.

Eu duvidava que encontraríamos algo. Pelo menos, não o que pensávamos estar procurando. Talvez fosse hora de pensar fora da "caixa do cemitério".

Iris estava ao meu lado. Ela estava com os braços em volta do corpo, tremendo e tentando parecer que nada estava errado. Seus dentes estavam batendo e seus lábios estavam de uma cor roxa assustadora.

— Dê-me as chaves. Vou ligar o carro e aquecê-lo — ofereceu Ronin, que, muito irritantemente, não parecia tão desconfortável com o frio.

— Você nem sequer está usando luvas — observei. Suspeitei que o sangue de vampiro que havia nele o mantinha aquecido.

O meio-vampiro deu de ombros.

— Não está tão frio para mim.

— Eu odeio você.

Ronin abriu um sorriso.

— Você me ama. Agora você me ama. Dê-me as chaves antes que vocês duas morram congelados.

— Eu vou com você — disse Iris enquanto entregava as chaves a Ronin e os vi correr de volta para a entrada onde eu havia estacionado o Volvo.

Minha respiração saiu como nuvens brancas e enevoadas enquanto eu olhava para o cemitério. O medo e a irritação apertaram minhas entranhas até eu me sentir mal. Mesmo enquanto eu estava ali, congelando no frio, os mortos continuavam a se levantar. Qualquer que fosse o feitiço que os necromantes haviam realizado, era poderoso. E ele não havia parado. E não pararia. Não até a lua cheia. Os mortos continuariam a se levantar até que talvez todos os mortos enterrados aqui acordassem. Esse era um pensamento assustador.

Mas e depois? Por que os necromantes estavam fazendo isso? O que aconteceria na lua cheia?

Um movimento apareceu em minha linha de visão. Outro morto se levantou lentamente de seu túmulo. Eu disse seu porque o tamanho dele me dizia que era do sexo masculino. Ele era um homem alto, quase desajeitado, de idade indeterminada. Seu rosto estava decomposto demais para que você pudesse ver algo além disso. Metade dele estava coberta por uma barba cinza fosca, um contraste nítido com sua pele escura - o pouco que lhe restava. Ele usava um casaco de inverno velho e desgastado pelo tempo por cima de um terno escuro básico.

Ele olhou em volta, me viu e veio em minha direção. Parte de mim queria correr para o carro antes que eu mesma caísse morta, mas a outra parte me fez ficar enraizada onde eu estava. Talvez esse morto soubesse de alguma coisa. Não faria mal esperar. Sim, faria. Doeria muito se eu tivesse uma queimadura de frio.

Eu conheço você? — ele perguntou e, quando estava perto o suficiente, pude ver que ele não tinha o olho direito. Ele também trouxe o cheiro de podridão, misturado com xixi de gato. Legal.

— Acho que não — respondi, com os dentes batendo.

— Você me parece familiar.

A voz do homem morto era profunda, agradável e gentil. Isso me deixou à vontade imediatamente. Quando ele colocou as mãos nos quadris, vi o punho de uma grande faca em seu peito.

— Você foi assassinado?

Eu disse, o que era mais uma afirmação, gesticulando com uma mão trêmula para o peito dele.

— Sim — respondeu ele, parecendo surpreso. — Como você sabe disso?

Ele estreitou os olhos para mim.

— Você consegue ler mentes?

Eu queria.

— Há uma faca em seu peito.

Ele olhou para baixo surpreso ao ver a faca, como se não se lembrasse de tê-la visto antes.

— Oh, olha só — disse ele, e eu me contorci quando ele a retirou, a lâmina molhada com entranhas e carne decompostas e fibrosas.

— Você tem toda a razão. Você é uma garota esperta.

Ele olhou para a faca e depois a jogou fora enquanto olhava para mim novamente.

— Eu estou morto. Mas você não está.

— É isso mesmo.

Achei estranho que seu assassino tivesse se dado ao trabalho de colocá-lo em uma sepultura. Mas era um ótimo lugar para esconder um corpo - entre todos os outros corpos.

Seu único olho percorreu o cemitério.

— Por que estou de volta?

— É isso que estou tentando descobrir — falei baixo como um bêbado porque mal conseguia sentir meus lábios. Se eu não chegasse rapidamente a um lugar quente, provavelmente perderia meus lábios e nariz por causa do congelamento.

— Eu sou um fantasma? — perguntou o homem morto, curioso. — Eu sempre quis assombrar Brian Miller. Ele roubou algo de mim. Ainda está por aqui?

— Não faço ideia. E não, você não é um fantasma.

Um fantasma teria sido um caso diferente. Não melhor, já que os fantasmas geralmente ficavam por perto porque ainda precisavam fazer alguma coisa ou precisavam de um desfecho. A única coisa boa sobre fantasmas era que eles não cheiravam mal e não estavam em processo de decomposição.

— Você se importa se eu fizer algumas perguntas a você? — perguntei, enquanto começava a correr no local para tentar fazer com que você se aquecesse. Até agora, não estava funcionando.

O morto sorriu, e parecia que alguém havia ralado fatias de limão em suas gengivas. Tive que resistir à vontade de correr.

— Pergunte. A propósito, eu sou Sam Jones. E você é?

— Tessa — eu disse, respirando com dificuldade enquanto continuava a correr. — Tessa Davenport.

— Ah, sim. Agora estou vendo a semelhança. Você se parece com sua mãe, Nora Davenport. Você é uma mulher muito bonita.

Balancei a cabeça, embora já estivesse tremendo, então não fez diferença.

— Minha mãe é Amelia Davenport. Acho que Nora era minha tia-avó.

Sam pareceu confuso por um tempo.

— Parece que estou morto há muito tempo.

— Sam — eu disse, passando a língua sobre meus dentes gelados para me certificar de que eles ainda estavam lá.

— Qual é a última coisa de que você se lembra?

O rosto decomposto de Sam franziu a testa.

— Eu estava fazendo um duelo de bruxos com Timothy Beaumont. Ele trapaceou.

Ele olhou para seu peito, parecendo se lembrar de ter sido esfaqueado.

— Objetos sólidos não eram permitidos.

Pisquei os olhos e separei os cílios. Que merda. Acho que perdi alguns.

Você é um bruxo. Você é uma bruxo, não é?

— Sim, assim como você, presumo. Eu nunca conheci um Davenport que não pudesse fazer um feitiço brilhante.

— Você não conhece minha mãe — murmurei.

Ele olhou fixamente para suas mãos.

— Você acha que eu ainda posso tecer um feitiço? Não consigo imaginar uma vida sem magia.

— Talvez — respondi, lembrando-me de que a vovó também fazia alguma mágica.

— Hum, Sam. Do que você se lembra depois disso? Você ouviu uma voz? Você viu alguém?

Sam assentiu com a cabeça.

— Sim, eu ouvi uma voz. Ela dizia...

— "Acorde?" — Respondi por ele.

— Sim — respondeu ele, muito divertido.

— Como você sabe disso? Você tem certeza de que não consegue ler

mentes?

— Você não é o único que está ressuscitando dos mortos.

Eu gesticulei ao redor do cemitério, no momento em que outra morta saiu cambaleante de seu túmulo com um longo vestido cinza que poderia ter sido branco em algum momento.

— Entendo.

Ele coçou a cabeça em pensamento, e um pedaço de couro cabeludo caiu a seus pés.

— Oh, meu Deus. Que infelicidade. Minhas desculpas.

— Não se preocupe com isso. Já vi coisas piores.

Sam se ajoelhou e pegou a parte de seu couro cabeludo que havia caído. Ele tentou colocá-la de volta na cabeça, mas ela continuou escorregando.

— Bem, isso simplesmente não vai rolar.

Frustrado e, acredito, um pouco constrangido, ele o deixou cair no bolso.

Eu estava tremendo tanto que mal conseguia enxergar direito.

— Eu preciso ir. Vou morrer de frio se ficar aqui.

Por que eu não havia procurado um feitiço para me aquecer?

Estremeci quando Sam tocou meu ombro e disse:

— Frigus sentire ultra.

O calor percorreu meu corpo como se eu tivesse acabado de entrar em uma banheira de hidromassagem, espalhando-se por mim em um segundo a partir do ponto em que Sam me tocou no ombro. Eu estava quente novamente.

Eu sorri.

— Obrigada. Acho que você pode fazer mágica, afinal.

— Parece que sim.

Sam combinou com meu sorriso, e agora ele nem me assustava mais. Ok, talvez ainda um pouco.

— A Biblioteca de Hollow Cove existia quando você estava vivo? — perguntei. Quando ele assentiu com a cabeça, acrescentei:

— É para lá que você deve ir. Todos os mortos estão lá. Você pode até ver alguns de seus familiares e amigos.

— Eu vou — respondeu Sam.

— Obrigado, Tessa.

Eu me virei e vi o Volvo. Uma fumaça cinza saía do tubo de escape do carro.

— Tessa — disse Sam, e eu me virei ao ouvir o tom de importância em sua voz.

— Eu me lembro de outra coisa.

Minha pulsação acelerou.

— O que?

— A voz que ouvi em minha cabeça... foi como ouvi-la em um sonho.

Soltei um suspiro, um pouco desanimada, pois estava esperando algo novo.

— Sim. Imaginei que fosse algo assim.

Tentei me virar para trás.

— Dizia Margorie — disse Sam, e eu congelei, mas não de frio. Ele fez um gesto com um dedo esquelético.

— Sim, eu me lembro muito bem. A voz dizia Margorie — acrescentou ele, feliz.

— O resto é um borrão, infelizmente. Não consigo me lembrar.

— Margorie?

Tentei me lembrar se já tinha ouvido esse nome antes, mas não tinha.

— Você sabe quem é ela?

Meu coração disparou e acelerou quando comecei a ter ideias.

Sam balançou a cabeça.

— Creio que não.

Margorie. Não era muito, mas era alguma coisa.

— E quanto a um cheiro ou barulho? Você se lembra de mais alguma coisa? Qualquer coisa pode ajudar. Mesmo que você não ache que seja importante. As menores coisas podem nos levar às maiores pistas.

Eu tinha a nítida sensação de que, como Sam era um bruxo, seus sentidos de bruxo eram mais aguçados. Isso significava que ele poderia ter percebido e sentido algo que os outros paranormais não sentiram. Era um tiro no escuro, mas eu esperava estar certa. Mas, por outro lado, a vovó não se lembrava de muita coisa.

Ao ouvir uma buzina alta e repentina, olhei por cima do ombro e vi Ronin gesticulando com as mãos através do vidro fosco do banco do motorista.

Levantei um dedo, só depois que percebi que estava usando luvas. Para o Ronin, provavelmente parecia que eu tinha acabado de dar um fora nele.

A expressão de Sam mudou para uma expressão pensativa e séria.

— Uma luz brilhante — ele assentiu.

— Isso pode ter sido por causa do feitiço — eu supus.

— Estava quente — continuou Sam, — e cheirava a laranjas.

— Laranjas?

Eu não disse nada, mas suspeitei que aquele cheiro poderia ser de um dos muitos estágios do rigor mortis.

— Isso ajuda em alguma coisa? — perguntou o homem morto.

— Sim, ajuda. Obrigada, Sam.

O sorriso do homem morto se alargou, o que foi realmente uma visão horrível. Deus, eu adorava meu trabalho.

— Se você se lembrar de mais alguma coisa, me procure, está bem?

— Irei, Tessa Davenport.

Ainda sorrindo, Sam se afastou e se juntou àquela mulher morta com um longo vestido cinza. Eles apertaram as mãos, então imaginei que não se conheciam. Mas foi bom ver que, mesmo na morte, você ainda pode fazer novos amigos.

Quando voltei para o Volvo, Iris e Ronin estavam ao lado dele, conversando com uma mulher alta e loira.

Agora que eu estava aquecido, não precisava correr, então fui até lá.

— ... não parou — Ronin estava dizendo a ela. — Eles continuam vindo.

A mulher usava botas marrons até o joelho com uma jaqueta curta combinando. Ela era linda, o que explicava por que Iris estava de braços cruzados sobre o peito e com um olhar fixo na direção de Ronin. Mas ela não precisava se preocupar. O Ronin estava totalmente batido.

A mulher parecia uma modelo que você veria na capa da *Sports Illustrated*, com suas maçãs do rosto altas, nariz pequeno e perfeito e lábios cheios que deixariam Angelina Jolie com inveja. Eu tinha certeza de que ela não tinha nem um centímetro de celulite.

Eu nunca a tinha visto antes. Eu teria me lembrado de alguém tão bonita. Tive que piscar várias vezes só para ter certeza de que ela era real.

— Você não está congelando? — perguntou Iris quando cheguei até eles.

— Sam - o morto - foi gentil o suficiente para colocar um feitiço de aquecimento em mim. Estou bem melhor.

Iris levantou as sobrancelhas.

— Você ficou lá por muito tempo. Ele disse algo útil para você?

— Ele disse. Vou contar a você mais tarde — falei, com os olhos voltados para a desconhecida. Eu não estava prestes a revelar o que tinha acabado de descobrir na frente dessa mulher que eu não conhecia. Quem saberia? Ela poderia ser a necromante - uma mulher muito bonita. Talvez ela seja do tipo que gosta de rolar nua na terra do túmulo.

— Olá — disse a linda loira depois de um momento de silêncio e, embora estivesse usando uma jaqueta curta, ela estava apertada em seu peito grande.

— Oi — respondi, achando que deveria tentar ser educado. — Você está procurando um parente morto? — chutei.

— Já dei a volta no cemitério pelo menos cinco vezes. Conheço todos os túmulos praticamente de cor.

Eu ri.

— Não. Mas obrigada — disse ela, sorrindo, embora, de alguma forma, não parecesse genuíno e faltasse calor.

— Só pensei em vir ver o motivo da confusão. Na verdade, vim aqui à procura do Marcus.

Eu me enrijeci e pude sentir os olhos de Iris em mim.

— Marcus?

Havia uma familiaridade na maneira como ela dizia o nome dele, e eu não gostei.

— Sim.

Ela voltou seus olhos azuis para mim e disse, estendendo a mão.

— Desculpe-me. Eu sou Allison. A namorada dele.

E foi aí, pessoal, que cheguei ao fundo do poço.

CAPÍTULO 10

Eu não tinha certeza do que era pior. Ser informada por uma completa estranha que o homem por quem eu estava começando a me apaixonar tinha uma namorada ou o fato de ele ter uma namorada e nunca ter me contado. Provavelmente as duas coisas.

Fiquei de pé e a encarei como um idiota.

— Desculpe-me. O que você disse?

A frase saiu um pouco mais dura do que eu esperava. Meu coração estava batendo na garganta, e eu tinha certeza de que todos podiam ver isso.

O súbito fluxo de emoções foi surpreendente e assustador, fazendo com que meu pulso acelerasse. A lembrança de minha noite com Marcus, de todo aquele amor apaixonado, bateu forte. Tinha sido uma noite tão especial. Bem, tinha sido para mim. E não estou falando apenas da parte física. Juro que vi estrelas de verdade. Também compartilhamos uma conexão emocional - um alicerce, algo sobre o qual construir.

Será que tudo foi uma mentira? Será que Marcus tinha alguma namorada escondida que ele nunca me contou? Será que era só sexo?

A traição foi como um martelo pneumático em minhas entranhas. Ele nunca havia mencionado uma namorada. Se eu soubesse da existência dela, teria me afastado do chefe. Ainda assim, se ela era sua namorada, onde ela esteve todo esse tempo? Eu estava aqui há meses e nunca a tinha visto.

Controlei minhas emoções. Marcus só tinha sido gentil, generoso e um amigo leal, se não fosse por isso. Eu não estava disposto a acreditar na palavra dela em vez da dele - pelo menos, não ainda.

Allison retirou sua mão enluvada. Ela deve ter visto algo em meu rosto que não lhe agradou e estreitou ligeiramente os olhos.

— Eu disse que sou a namorada do Marcus. E quem é você? Acho que nunca

vi você aqui antes.

— Sou um Merlin — deixei escapar. Ok, não sei exatamente por que eu disse isso, mas parecia que quando eu estava nervosa, o vômito na boca piorava.

— Eu me chamo Tessa Davenport.

Eu me chamo Tessa Davenport? Se eu pudesse me dar um chute na bunda agora mesmo, eu o faria.

Allison me observou com uma expressão curiosa no rosto, com o qual eu queria jogar raquetebol.

— O-o-o-kay.

Ela riu, um som que parecia ter sido muito praticado por ela.

— Tessa Davenport, a Merlin — disse ela, suas palavras nítidas e zombeteiras. — Você é uma bruxa. Já entendi.

Ela revirou os olhos.

— Você sabe onde posso encontrar o Marcus?

Sim, eu realmente não gostava dela.

— É engraçado. Marcus nunca mencionou uma namorada. Estamos falando do mesmo Marcus? Como o chefe de Hollow Cove? Você tem olhos cinzentos? Cabelos pretos?

Eu estava tentando manter a emoção fora da minha voz e meu rosto vazio, mas tinha certeza de que parecia que eu estava tentando não peidar.

Allison rapidamente disfarçou sua irritação com uma expressão agradável, mas eu podia ver sua frustração. Ainda não se sabia quando ela voltaria a se manifestar. Eu estava apostando nisso até o final da conversa.

Allison sorriu falsamente ao dizer:

— Sim, estou. E por que ele deveria contar algo a você?

Porque eu achava que éramos um casal? Ela disse a última parte como se eu fosse um resíduo que ela pegou em suas botas caras ao caminhar até aqui.

Sim. Odeio, odeio, odeio ela.

Meus olhos encontraram Ronin, desafiando-o a me dizer quem diabos era ele. Ele viveu aqui por anos. Se ela estivesse envolvida com Marcus, ele saberia. Como ele é meu amigo, ele teria me contado.

— Allison — disse ele rapidamente, lendo-me bem e enfiando as mãos nos bolsos da calça. — Achei que vocês tinham terminado há meses. Quero dizer... você voltou, voltou?

Allison tirou os longos cabelos loiros do rosto.

— Sim, estou de volta. Ficamos um tempo separados. Os casais fazem isso às vezes. Foi melhor para nós dois. Você sabe como é, Roro — ela brincou e estendeu a mão para esfregar o braço dele de brincadeira.

Roro? Olhei para Iris e comecei a dar risadas nervosas. A expressão em seu

rosto era de assassina, com um toque de serial killer psicopata em seus olhos. Acho que eu não era a única que estava começando a odiar essa vadia de pernas longas.

— Qual é a graça? — questionou Allison, como se eu devesse obedecê-la ou algo do gênero.

— Opa — falei, com os olhos arregalados. — Muito farelo no meu cereal hoje de manhã. Você sabe o que quero dizer?

Foi a vez de Iris bufar.

Allison continuou a nos observar com desconfiança, então parei um pouco para dar uma olhada nela. Definitivamente não era uma bruxa, eu não estava sentindo nenhuma vibração de bruxaria nela, mas ela era uma mestiça, com certeza. Eu estava sentindo uma mistura de energias frias e o cheiro de cachorro molhado que eram comuns aos lobisomens. Mas eu também estava sentindo outra coisa. Ela parecia com... Marcus.

Que droga. Ela era uma mulher macaco.

— Nós precisávamos disso, você sabe — continuou Allison, como se estivéssemos implorando para que ela nos contasse essas coisas pessoais. Ela se afastou de Ronin e puxou as luvas.

— Mas sempre foi apenas uma pausa. Não era permanente. Nós dois deixamos isso bem claro.

Ela olhou para mim e disse:

— Marcus sabe que pertencemos um ao outro. Sempre foi assim.

Iris fez um som sibilante, e eu juro que ela amaldiçoou Allison, ou ia amaldiçoar. Meu Deus, eu adorava aquela bruxa das trevas.

Mesmo com a solidariedade de Iris, senti como se tivesse sido atingido no estômago por um golpe de dois por quatro - duas vezes. Não vou mentir. O que ela estava dizendo sobre o Marcus doeu muito, mas eu já não estava mais sofrendo. E eu ainda não estava convencida de que a Barbie gorila estava dizendo a verdade. Pelo menos, não toda ela.

Os olhos de Allison encontraram os meus.

— Você o viu? Você sabe onde ele está? — ela perguntou novamente.

— Hmmm?

— Marcus — disse ela novamente, com um pouco de frustração em seu tom ao abaixar a cabeça. Ela se aproximou de mim, um pouco perto demais para o meu gosto.

— Você... viu... ele? — disse ela como se eu tivesse algum problema cognitivo.

— Não, desculpe — eu disse a ela, o que era parcialmente verdade. Se o que ela estava dizendo era verdade, eu nunca mais queria ver Marcus novamente.

— Bem — ela suspirou, um sorriso falso esticando seu belo rosto.

— Ele não estava em nosso apartamento e não atende ao telefone.

Os olhos de Iris se voltaram para os meus, certificando-se de que eu não havia perdido aquele pequeno lapso de palavras. E não perdi. Marcus nunca me convidou para ir ao seu apartamento. Talvez esse tenha sido o motivo. Não era só dele. Talvez ela ainda tivesse suas coisas por aí.

Mudei meu peso.

— Talvez ele não queira falar com você — deixei escapar. Ok, um pouco rude, mas essa loira gostosa estava começando a me irritar.

Allison não disse nada, e eu observei o jogo de emoções enquanto ela permanecia ali. Havia muito ressentimento ali, junto com um pouco de raiva. Um pouco de ciúme? Talvez. Ela se levantou. Ela era mais alta do que eu, cerca de um centímetro, e por um momento me perguntei se ela estava prestes a se sobressair.

— As bananas estão em promoção noa loja do Gilbert. Só para sua informação — deixei escapar, fazendo com que Ronin e Iris dessem uma risadinha. Desculpe, não consegui me conter. Ela estava trazendo à tona a maldade em mim.

Allison olhou para mim, o que diminuiu sua escala de beleza em apenas um centímetro. Acho que eu estava certa sobre ela ser uma mulher macaco.

A loira alta se aproximou de mim, sua postura tinha uma tensão quase relaxada.

— Você está apaixonada por ele? É isso? É por isso que você está sendo uma vadia?

Ela me observava atentamente, o estreitamento de seus olhos denotava possessividade. Ela arqueou uma sobrancelha perfeitamente bem cuidada em seu rosto perfeitamente esculpido.

— Você está, não é? — declarou finalmente.

— Você está apaixonada pelo Marcus.

Meu rosto ficou em brasa com o tom condescendente em sua voz, e parte de mim queria chutá-la na garganta.

— Eu não estou apaixonada por ele.

Será que estou? Não tinha certeza disso, mas meus sentimentos por Marcus estavam mudando rapidamente. Se ele havia escondido isso de mim, não havia espaço para perdoar. Não depois do que eu havia passado com meu ex, John.

— Bom.

A voz de Allison era plana e hostil. A maneira como ela me olhava e a tensão em sua postura era como se eu fosse uma competição de alguma forma.

— Porque você estaria perdendo seu tempo — acrescentou ela, com um tom

ligeiramente vitorioso.

— Marcus e eu temos algo especial. Isso não desaparece só porque nos separamos.

— Você chama isso de especial?

Eu ri, ignorando a advertência de Ronin em seus olhos arregalados.

Allison colocou as mãos nos quadris e fixou um sorriso no rosto.

— Todos os casais passam por momentos difíceis. Eles se separam. Eles voltam a ficar juntos. É isso que torna o relacionamento mais forte.

Eu zombei.

— Em que universo? Planeta dos Macacos?

Os olhos de Allison estavam acesos e selvagens. Ela se aproximou mais até ficar bem na minha frente. No início, achei que ela estava prestes a me bater. E talvez eu merecesse. Mas então ela fez algo muito estranho.

Ela inclinou a cabeça, se inclinou para frente e me cheirou.

A loira alta se afastou.

— Você fez sexo com ele. Você fez sexo com ele, não fez? — disse ela, e eu me esforcei para esconder a surpresa em meu rosto.

Como diabos ela sabia disso? Ela poderia sentir o cheiro em mim? Ok, que nojo. Ou talvez ela estivesse sentindo o cheiro do Marcus? Ainda assim, é nojento.

— O quê? Isso é verdade?

O Ronin olhou para mim. Quando não respondi, ele olhou para a Iris, o que aparentemente foi resposta suficiente.

— Por que eu sempre sou o último a saber?

Sobrancelhas erguidas, Allison disse:

— E você acha que, por ter feito sexo com ele, isso vai fazer diferença. Que, de alguma forma, isso faz com que ele seja seu? Não faz.

Seus olhos se contraíram, mas seu sorriso não diminuiu.

— Marcus já teve muitos casos... mas ele sempre volta para mim. Sempre.

Ela disse a última parte com um tom definitivo. Como se estivesse escrito em uma pedra ou algo assim.

— Como um cachorro bem treinado — eu disse a ela. Um lampejo de frustração passou por ela, e eu lhe dei um sorriso malicioso.

A palavra "caso" não parava de ressoar na minha cabeça. Talvez tenha sido exatamente isso. Talvez eu estivesse me enganando todo esse tempo. Eu não tinha mais certeza de nada. A única coisa que eu sabia era que, quanto mais ela balbuciava palavras de sua boca, mais eu a desprezava.

— Marcus já andou muito por aqui — ela continuou. — Basta você olhar para ele. Ele é lindo. Ele é um bom partido. As mulheres sempre se lançaram

sobre ele em uma tentativa desesperada de mantê-lo, na esperança de cravar as unhas nele e agarrá-lo. Mas ele não é delas.

Ela acabou de me chamar de desesperada?

— Você fala dele como se ele fosse sua propriedade. É um pouco homem das cavernas, ou devo dizer mulher das cavernas?

Allison riu, e o som fez os pelos da minha nuca se eriçarem.

— Você é uma bruxa - ah, não, espere - uma *Merlin* — ela zombou, com aquele sorriso falso se estendendo sobre seu rosto novamente.

— Como você pode não conhecer nossos costumes? Isso realmente me surpreende, considerando que você é uma *Merlin*.

Franzi a testa com o desdém em sua voz e cruzei os braços sobre o peito.

— Tudo bem. Vou comprar. Que tipo de costumes?

Admito que não sabia muito sobre humanos macacos. Eu tinha tido um vislumbre no acampamento Allegheny Tionesta Creek quando fui buscar Marcus, mas além da briga deles pelo novo alfa, eu não sabia muito.

Allison olhou para Ronin e depois para mim.

— Ele é meu companheiro.

Dei de ombros.

— Isso quer dizer alguma coisa?

Seus olhos se estreitaram.

— Não importa que Marcus tenha se envolvido com uma humana ou com uma rodada enquanto eu estava fora. Estamos juntos há mais de uma década. Ele é meu companheiro. E nós nos casamos para sempre.

Eu me aproximei mais.

— Chame-me de rodada, mais uma vez. Por favor.

Puxei os elementos ao meu redor, sentindo o puxão em minha vontade, minha aura, enquanto eles respondiam. Eu ia fazer essa vadia voar.

Allison deu um passo para trás, sentindo a súbita atração da magia ao redor.

— Nós sempre estivemos destinados a ficar juntos. Ele pode ter tido um caso com você para passar o tempo. Os homens têm necessidades, como você bem sabe, mas isso não significa nada.

Apertei os lábios. Não tinha nada a dizer. Talvez ela estivesse certa. Eu não sabia. Mas eu temia que, se abrisse a boca, um feitiço estaria prestes a ser lançado, e eu não poderia ser responsável por explodir a companheira de Marcus - verdade ou não. Não importava o quanto eu quisesse.

Allison me encarou, com uma expressão de satisfação no rosto, parecendo pensar que havia vencido qualquer que fosse a batalha. Ela apertou o braço de Ronin.

— Foi bom ver você de novo, Roro — disse ela.

— O nome dele é Ronin — rosnou Iris, com o rosto pálido marcado por manchas vermelhas.

Allison ignorou a pequena explosão de Iris.

— Preciso conversar com você. Vejo você mais tarde, Roro.

Sim, ela fez isso de propósito. Eu tinha a sensação de que a maioria das mulheres de Hollow Cove a odiava.

E com isso, ela se virou e foi embora.

Houve um súbito borrão preto, e Iris disparou para frente.

Instintivamente, estendi a mão e a agarrei pelo capuz da jaqueta para puxá-la de volta antes que ela fizesse alguma loucura, como arrancar os olhos de Allison, que era exatamente o que eu achava que ela estava prestes a fazer.

— Calma. Acalme-se, minha bruxinha — eu disse a ela, embora parte de mim quisesse ver Iris amaldiçoar a loira alta.

— Eu tenho uma maldição de herpes com o nome dela — ela xingou.

— Eu sei.

Meu olhar se voltou para Ronin.

— Eu não sabia — ele me disse, com a sobrancelha franzida de preocupação pela expressão em meu rosto.

— Pensei que eles tinham terminado. Ela se foi há quase um ano, antes de você vir para cá. Eu não sabia sobre a coisa do acasalamento, então você pode parar com os olhos raivosos.

— Não estou com raiva de você.

Eu me agarrei a Iris enquanto observava Allison entrar no lado do motorista de um Land Rover preto e branco.

— Eu sei o que você está pensando — disse Ronin ao se aproximar de mim, — mas você não ouviu a versão do Marcus. O cara não é um cara ruim. Quer dizer, eu nunca tinha gostado dele antes, mas isso era porque ele tem um cabelo muito bonito.

A essa altura, eu não tinha certeza se queria ouvir algo dele, mas ele merecia o benefício da dúvida. Eu sabia que ele se importava comigo. Talvez, mas não da mesma forma que eu me importava com ele.

— Eles estavam de maneira séria?

O meio-vampiro deu de ombros.

— Bem, sim. Acho que sim.

— Quanto tempo eles ficaram juntos antes de se separarem?

O tempo em que ficaram separados, como Allison havia dito.

Ronin passou as mãos pelos cabelos.

— Não sei... oito anos, talvez?

Oito anos. Isso era uma eternidade no mundo de hoje. Isso significava que

Marcus era um cara sério e comprometido. Isso também poderia significar que ela estava certa sobre eles.

— Ela é uma mulher macaco. Não é? — perguntei, embora já soubesse a resposta ao ver o Land Rover sair do meio-fio.

— Sim — respondeu Ronin.

— Não acredite nela — disse Iris. — Ela é uma vadia mentirosa e conivente. Ela tem ciúmes de você. Eu vi isso em seu rosto."

Observei o Land Rover descer a rua, assim como parte do meu coração saiu do meu peito.

— Está tudo bem — eu disse aos dois, se o que ela diz é verdade, ela pode ficar com ele.

CAPÍTULO 11

A manhã à noite era lua cheia, e eu não estava nem perto de descobrir por que os mortos de Hollow Cove continuavam a se levantar.

Recebi minha licença Merlin de volta e não pude deixar de sentir que não estava fazendo jus a ela - pelo menos, não ainda.

Depois que falei para Iris e Ronin sobre o nome Margorie, que nenhum deles reconheceu, deixei-os na casa dele e fui direto para casa. Não tinha vontade de confrontar Marcus sobre o que Allison dizia que ela era. Eu já tinha drama suficiente em minha vida agora. Isso podia esperar. Eu precisava ver se minhas tias tinham descoberto algo útil sobre os mortos ou se conheciam alguém com o nome de Margorie.

Além disso, eu não confiava em Allison. Meus instintos de bruxa geralmente estavam certos e, dessa vez, eles me disseram que ela estava mentindo. Eu tinha que dar a Marcus o benefício da dúvida até que pudéssemos conversar.

Tomei um gole de café, observando vovó do outro lado da mesa da cozinha, através da sala de estar, jogando cartas com um colega morto. Eu a vi tirar uma carta de debaixo da manga. Havia cerca de dez mortos-vivos na sala de estar, descansando nas cadeiras e no sofá, quando saí hoje cedo. Agora eu contava pelo menos quinze.

Ruth havia preparado seu famoso chili com tofu para o jantar, mas com o constante cheiro de podridão que vinha da sala de estar, ninguém parecia particularmente interessado em comer. Sem mencionar que ela continuava entrando na cozinha, balançando seu balde cheio de apêndices, procurando por mais cola ou linha. Isso não aumentava o apetite de ninguém.

— E ele ouviu o nome Margorie? — perguntou Dolores ao refletir sobre o que eu havia acabado de contar a ela e a Beverly sobre minha ida ao cemitério.

— Sim — respondi. — Ele também viu uma luz branca e sentiu o cheiro de

laranjas.

Um sorriso surgiu em Beverly.

— Isso se parece com uma festa em que fui nos anos setenta. Estávamos todos nus... cobertos de cascas de laranja cantando Dancing Queen.

Sim, eu não queria saber.

— A luz branca provavelmente é magia residual dos necromantes.

— Faz sentido, sim — respondeu minha tia Dolores.

— Talvez essa Margorie more aqui? — falei, sentindo um déjà vu com Estelle Watch e Patricia Townsend novamente.

— Talvez ela saiba o que está acontecendo.

Era uma hipótese remota, mas, a essa altura, não custava nada perguntar sobre Margorie.

— Também pode ser o nome de um dos necromantes — comentou Dolores, com os olhos sérios. — Pense nisso. Talvez o que Sam ouviu fosse parte de uma conversa que os necromantes estavam tendo entre eles.

— Sim. Talvez você esteja certa. Eu só queria que tivesse saído algo mais dessa conversa.

Olhei para a avó do outro lado da cozinha.

— Talvez eu pergunte à vovó se ela se lembra de mais alguma coisa.

Tentei me levantar no momento em que Beverly soltou uma gargalhada áspera.

— Boa sorte com isso — disse ela.

Eu me sentei novamente.

— Por quê?

— Porque da última vez que alguém interrompeu seu jogo, ela amaldiçoou — disse Beverly. Seu rosto se iluminou com ressentimento.

Dei uma risada curta.

— O quê? Ela amaldiçoou? Quem ela amaldiçoou?

Meus olhos foram para as mãos de Beverly, só agora notando as bolhas rosa desbotadas. Droga.

Beverly lançou um olhar para a mãe morta, embora a outra mulher não tenha visto.

— Ruth levou uma hora para encontrar uma pomada. Perdeu-se toda a manicure da Martha também.

Olhei novamente para a vovó e vi sua cabeça ligeiramente inclinada em nossa direção. Sim, a velha bruxa estava escutando.

— Então, você acha que os necromantes vão aparecer no cemitério amanhã à noite?

— perguntou Dolores, sentada à cabeceira da mesa da cozinha.

Embora tenha me feito a pergunta, ela estava olhando para a mãe na sala de estar.

— Gin! — gritou a vovó da sala de estar, com um sorriso largo que mostrava seu único dente.

— Até o momento — respondi, sorrindo para a vovó. — É a única pista que tenho.

Na verdade, não era uma pista, mas era tudo o que eu tinha.

— Olhe só para eles... se liquidificando no sofá — disse Beverly enquanto lixava as unhas, olhando para os mortos na sala de estar. — Amanhã, a esta hora, nunca mais vou conseguir tirar o cheiro do meu cabelo. Minha vida sexual acabou. Simplesmente acabou.

— Por que você diz isso? — perguntei.

— Você dormiria com um homem que cheira a cadáver?

— Você tem razão.

Dolores desviou o olhar da sala de estar e se concentrou em mim.

— Bem, você pode contar conosco amanhã à noite. Talvez não consigamos dobrar as linhas ley — disse minha tia, com um sorriso no rosto, — mas ainda temos um pouco de luta em nós.

— Os necromantes estão condenados.

Eu acompanhei seu sorriso, tranquilizado com o apoio de minhas tias extremamente experientes.

Dolores perdeu o sorriso ao soltar um longo suspiro.

— Eu mesma andei pesquisando um pouco nos livros antigos.

— E?

— Bem, eles não apenas podem animar e controlar cadáveres, mas também podem acessar o conhecimento armazenado em cérebros mortos. Encontrei uma anotação de uma bruxa chamada Thelma Lightfoot, que acreditava que os necromantes podiam habitar os cadáveres com sua consciência, como um parasita.

— Legal — eu disse, sentindo-me mal.

— O problema é que — continuou Dolores, com o medo brilhando em seus olhos.

— Ressuscitar tantos mortos requer uma quantidade enorme de energia. E você não canaliza todo esse poder porque está com vontade. Você faz isso porque quer alguma coisa. Você faz isso porque quer algo. Para ganhar algo.

Eu me mexi em meu assento.

— Ganhar o quê?

— Hollow Cove — ela respondeu claramente. — Para conquistar a cidade. Assumir o controle. Para dominar esse lugar mágico.

O sangue deixou meu rosto e se instalou em algum lugar ao redor do meu intestino.

— Você não pode estar falando sério?

— Nunca falei tão sério.

Beverly levantou o olhar de suas unhas.

— Desculpe, querida, mas você está *sempre falando* sério.

Ela riu.

Olhei para o rosto de Dolores, não gostando do tom sombrio que havia ali.

— O que foi? Você descobriu mais alguma coisa?

Os olhos de Dolores encontraram os meus.

— Esse é o problema. Não descobri.

Ela se inclinou para a frente, envolvendo seus longos dedos em torno de sua caneca de café.

— Não consegui descobrir nada sobre por que esses… — ela levantou a mão e fez um gesto em direção à sala de estar — mortos ainda são *eles mesmos*. Estou trabalhando nisso há horas. E é tudo o que você sempre vê. Necromantes pilotam os mortos, usando sua magia para torná-los seus escravos. Eles não pensam. E certamente não jogam cartas. Eles matam. É só isso que fazem. Mas não encontrei nada que explicasse isso. Nada. Algo não parece certo.

Um sussurro de inquietação me fez endireitar.

— Eu me sinto da mesma forma. Estamos perdendo alguma coisa. Só não sei o que…

— Eu peguei a perna do Sr. Johnson!

Ruth entrou correndo na cozinha, com um sorriso no rosto. Ela levantou o balde com a perna dentro, como se isso devesse explicar tudo. Uma mancha marrom manchava sua bochecha esquerda e eu não queria nem pensar nisso.

— É tão bom ser útil. Não é?

— Nossas *necessidades* são muito diferentes — disse Beverly, com azedume, enquanto Ruth voltava para a sala de estar.

— Qual o seu problema? — perguntou Dolores, observando Beverly com as sobrancelhas levantadas.

— Você ficou com essa mesma cara quando os preços dos preservativos subiram.

— Qual é o problema?

Beverly largou a lixa de unha e olhou para a irmã.

— Carlos cancelou nosso encontro de hoje à noite e acabei de falar com Alan, que disse que teve um problema e não poderá ir ao nosso encontro amanhã à noite. Bem, vou dizer a você o que é esse *problema*. Ela enrugou o rosto com desagrado, pegou a lixa de unha e começou a lixar as unhas novamente.

— São aquelas malditas pessoas mortas em nossa casa. É isso. Os mortos estão atrapalhando meu estilo.

Ficamos todas sentadas em um longo silêncio, tomando nosso café. As únicas interrupções no silêncio eram os gritos da minha avó trapaceando em seu jogo de cartas e os gritinhos animados de Ruth enquanto ela costurava mais membros.

Os mortos estavam conscientes. Isso era importante e era a única peça fora do lugar. Tinha de ser a chave para o que estava acontecendo. Só que eu não sabia o que era isso no momento.

Os mortos estavam acordados, por assim dizer. Com exceção da óbvia parte morta, todos eles estavam totalmente funcionais. E, pelo que eu tinha visto, os bruxos mortos ainda podiam fazer mágica.

Algo me ocorreu.

— Os bruxos canalizam sua magia por meio de suas auras. Certo? — perguntei, meu coração subitamente batendo forte.

— Sim —Dolores acenou com a cabeça. — É isso mesmo. Onde você quer chegar?

— Bem, encontrei um bruxo morto no cemitério hoje e ele fez um feitiço de aquecimento em mim - explicarei mais tarde - e a vovó também pode conjurar sua magia.

— Infelizmente — rosnou Beverly, lançando um olhar fulminante para a mãe.

— Eles têm suas almas — respondi. Agora eu estava convencido. — Isso explica o fato de estarem acordados e a magia.

— Sim — concordou Dolores. — Acho que você está certa. Os mortos têm suas almas. Não vejo como isso muda alguma coisa.

Com um suspiro pesado, recostei-me em minha cadeira.

— Acho que sim. Só não sei como.

Mas eu estava no caminho certo. Eu tinha certeza disso.

Levantei a cabeça e dei uma olhada na cozinha.

— Onde está minha mãe? Não a vi desde que voltei.

Eu tinha acabado de pensar nela, o que não foi uma surpresa. Ela havia se esquecido de mim a maior parte da minha vida, então achei que eu estava começando a me esquecer dela.

— Trancada em seu quarto — respondeu Beverly. — Ela não sai de lá desde antes de você sair para ir ao cemitério.

Um zumbido veio do meu celular sobre a mesa. Olhei para ele, vi o nome de Marcus e o desliguei. Ele havia ligado quatro vezes na última hora. Imaginei que Allison o havia encontrado.

— Vocês dois brigaram ou algo assim?

Beverly deixou a lixa de unha de lado e pegou um esmalte vermelho.

— Não. Nada disso.

— Então por que você não está respondendo ao pobre homem?

Eu cerrei a mandíbula.

— É complicado.

Beverly levantou uma sobrancelha para mim.

— Desembuche. Eu quero ouvir isso.

— Deixe a vida pessoal de Tessa em paz. Não é da nossa conta — disse Dolores, embora seu tom sugerisse o contrário.

Beverly soltou uma baforada de ar.

— Oh, por favor. Ela é da família. Isso faz com que sua vida pessoal seja da nossa conta. Seus olhos verdes encontraram os meus.

— Vá em frente, querida. Qual é o problema? Ele está tendo problemas... você sabe… — ela levantou o dedo no ar e ergueu as sobrancelhas sugestivamente.

— Oh, Deus, não — eu disse horrorizada. Eu não ia falar sobre o equipamento de Marcus com minhas tias.

— Não há problemas nesse departamento. Ele é muito... experiente.

Marcus tinha sido o amante perfeito que eu sempre imaginei que ele seria. Eu nunca precisei lhe dizer nada. Ele sabia exatamente o que fazer e como fazer, o que só provava que o que Allison havia dito era verdade. Ele era experiente na cama.

— Isso é um alívio — disse Beverly, enquanto passava o esmalte vermelho nas unhas com habilidade. — Você não sabe com quantos homens eu tive que terminar porque eles achavam que clitóris era um vinho francês.

Dolores cuspiu o café de sua boca.

— Infelizmente tive que ouvir isso.

Eu também.

Beverly deu uma risadinha como uma garota do ensino médio. Ela olhou para mim e disse:

— Vá em frente, então. Qual é o problema?

Suspirei pesadamente, puxando a pergunta que estava ponderando em minha cabeça nas últimas horas.

— O que você sabe sobre companheiros?

Perguntei finalmente, com o estômago apertado.

Beverly deu de ombros.

— Quando se é linda assim, eu sou companheira de quem eu quiser.

Dolores revirou os olhos.

— Você quer dizer companheiros com os outros mestiços? Você quer dizer companheiros de lobisomem?

— Sim.

Dolores se inclinou para trás e ficou em um silêncio pensativo por um momento. Então ela disse:

— Bem. Os companheiros são como almas gêmeas, se você acredita nesse tipo de coisa.

— Eu não sei — interrompeu Beverly. — Alma gêmea é uma palavra inventada por mulheres feias porque ninguém quer dormir com elas.

— Ignore-a.

Dolores voltou a olhar em minha direção.

— Se você considerar os lobisomens, por exemplo, cada lobisomem tem um companheiro. Eles geralmente encontram suas companheiras após o primeiro turno, que normalmente é quando atingem a idade adulta... dezoito ou dezenove anos, eu acho.

— Como eles sabem que é o companheiro deles? — perguntei.

— O cheiro deles — respondeu ela. — Ele se torna viciante para eles. Os companheiros são muito possessivos uns com os outros, especialmente os machos. Mas as fêmeas também podem ser.

Mastiguei meu lábio por um segundo, antecipando a próxima pergunta que eu queria fazer.

— Eles podem rejeitar seu companheiro?

Dolores me observava, e eu podia ver os pensamentos que se formavam em seus olhos.

— O que isso tem a ver com o Marcus?

Beverly deixou cair o esmalte sobre a mesa.

— Ele tentou acasalar com você? Quero dizer — ela riu, — eu sei que você *acasalou*... quero dizer a outra coisa de acasalar. A coisa do vínculo.

Balancei a cabeça.

— Não é isso.

Olhei de relance para minhas tias.

— Vocês sabem quem é Allison?

Beverly xingou.

— Aquela loira alta com aquela bunda enorme está aqui?

Ela disse isso com tanta veemência que eu quase caí na gargalhada.

— Ela e Marcus tinham um relacionamento há muito tempo — disse Dolores. — Mas eles terminaram e ela foi embora. Você a viu?

Ah, sim.

— Sim. Ela foi ao cemitério quando eu estava lá. Ela estava procurando por

Marcus.

Dolores se deu conta disso.

— E ela disse a você que ele era seu companheiro.

— Sim.

Beverly estendeu a mão e deu um tapinha em minha mão.

— Não se preocupe, querida. Se eles se separaram, nunca foram realmente almas gêmeas.

— Pensei que você não acreditasse nisso — disse a ela.

— Não acredito — respondeu Beverly, mostrando um sorriso. — Eu só queria animar você.

— Obrigada.

Eu me sentia miserável, e odiava isso.

— Ele está com você agora — disse Dolores, observando-me atentamente. — Eu não me preocuparia com ela. Ele escolheu você.

Mas eu não podia evitar. Ela tinha voltado por causa do Marcus. Essa parte era óbvia. E eu tinha a sensação de que ela não iria desistir dele sem lutar.

Mas eu também era uma lutadora. E eu tinha os meus culhões do meu lado.

Vamos lá, Allison.

CAPÍTULO 12

Se Dolores estivesse certa, como ela geralmente estava, teríamos uma guerra de necromantes em nossas mãos, bem aqui em Hollow Cove.

Se eles queriam nossa cidade, precisávamos protegê-la com tudo o que tínhamos. Eu não deixaria que alguns usuários de magia sinistros viessem aqui e destruíssem o que me era querido. Hollow Cove era o meu lar e o único lugar real que parecia um lar para mim. Eu não ia deixar que alguns mestres dos mortos-vivos tirassem isso de mim.

Sessenta e três dos mortos enterrados em Hollow Cove haviam ressuscitado até agora, de acordo com a avó. Eram muitas auras para canalizar. Eles iam usar todas essas pobres almas como fantoches em sua aquisição para tentar nos matar. A ideia de a vovó se tornar um peão, ver seus olhos sem vida e vê-la atacar pessoas ou um de nós, fez com que a bile subisse pela minha garganta, quase me sufocando.

Eu não deixaria que os necromantes transformassem vovó em um zumbi comedor de carne. Eu mataria todos eles antes de deixar isso acontecer.

Se eu estivesse certo desta vez e os necromantes fossem usar a lua cheia para aumentar seus poderes, precisaríamos da ajuda de toda a cidade.

E isso incluía Marcus, também conhecido como King Kong.

Precisávamos de músculos e, pelo que eu tinha visto, Marcus era um pouco resistente a algumas magias, até certo ponto. Eu esperava que isso também incluísse a magia do túmulo.

Mas antes de fazer qualquer outra coisa, eu precisava acertar as coisas com ele. Bem, eu precisava falar com ele e não por telefone. Essa era uma conversa em que eu precisava ver as reações da outra pessoa para saber se havia alguma verdade no que Allison havia dito.

Como ele também era o chefe e estava envolvido com os mortos-vivos,

precisava saber o que eu havia descoberto e o que minhas tias e eu estávamos planejando para amanhã à noite.

Ter coragem significava que eu era forte e destemida. Isso também significava que eu me recusava a me afundar em autopiedade, portanto, tinha de assumir o controle. Se algo como os comentários de Allison me incomodassem, eu faria algo a respeito.

Agora mesmo.

Eu não estava com vontade de dirigir pela cidade à procura de Marcus, especialmente à noite. De que adiantava dobrar as linhas ley se eu não podia fazer isso quando quisesse?

Além disso, eu estava com preguiça - vamos ser honestos - e andar nas linhas ley era emocionante e empolgante. Eu poderia muito bem fazer fluir meus doces sucos de bruxa antes de receber más notícias.

No momento em que estendi a mão e toquei a linha ley da porta da frente da Casa Davenport, senti olhos em mim e me virei para ver a vovó me observando da sala de estar. Ela tinha uma expressão estranha no rosto que eu não entendia.

Deixando de lado o fato de que eu perguntaria a ela sobre isso mais tarde, eu me inspirei em minha vontade e estendi a mão para tocar a linha ley. Uma explosão de energia me atingiu quando ela respondeu. Eu a senti em meu corpo, em meus ossos, vibrando com seu poder como um rio impetuoso, pronto para me levar embora.

E então eu pulei.

Meu corpo acelerou para frente em um uivo de vento e cores enquanto a energia corria pela minha cabeça, pelo meu corpo, por toda parte. As casas da Stardust Drive passaram por mim em um borrão, as luzes da rua e as luzes de Natal como linhas de luz, como se eu estivesse viajando em velocidade de dobra no espaço a bordo da Starship Enterprise.

Eu não tinha certeza de onde Marcus estava. Ele poderia estar de volta em seu apartamento ou em seu escritório. Eu poderia ter ligado para ele, mas qual era a graça disso?

Se eu seguisse essa linha ley em linha reta, como fiz várias vezes antes, acabaria na cidade de Nova York. Sim, isso não é bom.

Com força de vontade, empurrei a linha ley até sentir uma súbita liberação, quando as luzes e imagens diminuíram de velocidade e não estavam mais embaçadas, e eu pude vê-las. Avistei o prédio cinza da Agência de Segurança de Hollow Cove à esquerda da trajetória da linha ley.

Concentrando-me no prédio, inclinei minha energia, concentrei-me na linha ley e a puxei para a esquerda, sem tirar os olhos do prédio cinza. E, como um elástico, eu a manipulei. Dobrei-a até sentir sua energia trêmula sob meus pés e

pude vê-la atravessar a rua, bem no centro do prédio de Marcus.

Soltei-me e corri para frente.

Em um segundo, eu estava no prédio do chefe, deslizando pelo corredor até seu escritório como um fantasma. Ninguém podia me ver. Eu poderia me acostumar com isso.

Os rostos nebulosos de apenas quatro mortos passaram por mim. Cheguei a vislumbrar a carranca de Grace quando passei por eles. Procurei por toda parte, mas Marcus não estava aqui.

A biblioteca.

Deixei que a linha ley me puxasse através do prédio e voltasse para a rua. Avistei a biblioteca imediatamente, já que ela ficava a apenas alguns quarteirões de distância. Então, mais uma vez, dobrei a linha ley, puxando-a para onde eu precisava.

— Eu deveria estar dando aulas — eu disse, pois quanto mais eu dobrava as linhas ley, mais fácil ficava. — Aulas pagas.

Reconheci Marcus parado na calçada com alguém. Essa pessoa tinha pernas longas, cabelos loiros e um grande decote. Eu não esperava ver Allison, mas, a essa altura, eu realmente não me importava. Eu precisava falar com Marcus.

Concentrei-me apenas na calçada ao lado dele e escolhi um local para onde eu precisava ir, sabendo que estava prestes a pular.

Quando me apressei em avançar com a linha ley, as coisas ficaram estranhas.

Primeiro, a linha ley diminuiu a velocidade sem que eu quisesse. Em seguida, uma forma escura apareceu na linha ley - comigo.

Minha respiração ficou presa. A adrenalina pulsou em minhas veias quando a sombra se solidificou na forma de um homem - alto e em forma, com olhos prateados e luminosos. Seu rosto não era bonito nem desagradável, mas era o rosto de uma idade indeterminada. Ele poderia ter quarenta anos, assim como poderia ter noventa. Seus cabelos grisalhos e sua barba estavam perfeitamente aparados, combinando com seu caro terno de negócios escuro. Ele tinha a aparência de um homem de negócios bem arrumado ou de um professor universitário, embora eu soubesse que ele não era nenhum deles.

Sim. Esse era definitivamente o mesmo cara que eu tinha visto na linha ley quando estava com Willis durante nossos testes com o Merlin.

O medo me dominou e quase pulei da linha ley, pois minha pele quase se arrastou para fora do corpo.

Mas esse passeio era meu, e ele não foi convidado.

— Você é um bruxo? — Perguntei, surpresa com minha ousadia. O que quer que ele fosse, era poderoso o suficiente para pular uma linha ley comigo nela. Ele também nos impediu de nos movermos. Eu tinha que ter isso em mente.

O cara ficou olhando para mim, o que foi muito estranho, já que estávamos parados dentro da linha ley.

— O que você quer? — Tentei novamente.

— Eu só quero conversar — disse o homem, coisa, demônio, o que quer que seja. Fiquei surpresa por sua voz não ser sinistra e gutural, mas mais equilibrada e articulada, como a de um palestrante.

Apertei os lábios.

— Você não tinha nada que pegar minha carona.

Olhei fixamente para seus olhos prateados e não pude deixar de reprimir um calafrio.

— Você sabe, estou meio ocupado. Então, se você não me disser o que quer, vou seguir meu caminho.

Pensei que ele poderia ser um necromante, mas, então, por que ele estava no labirinto do Castelo de Montevalley? Não era um necromante. Outra coisa.

Ele deu um passo à frente, e o cheiro de ovos podres invadiu meus sentidos. Quanto mais ficávamos ali, mais eu tinha certeza de que ele não era um bruxo, mas não me mexi. Eu não demonstraria nenhum medo a esse cara.

— Seus poderes aumentaram — disse ele, aparentemente satisfeito. — É muito impressionante a maneira como você dobra as linhas ley dessa forma.

Ah, droga.

— Não sei do que você está falando. Eu apenas os monto, como todo mundo.

Eu me enrijeci, estendendo a mão para os elementos enquanto preparava uma palavra de poder. Parte de mim sempre soube que um dia alguém iria querer experimentar minhas novas habilidades. Eu só não esperava que fosse tão cedo.

Assim como no labirinto, de alguma forma esse cara tinha me sentido dobrar as linhas ley. E eu não gostei disso. O que isso fazia dele? Um bruxo? Um demônio? Ou algo muito mais poderoso?

O estranho deu uma risadinha.

— Você não pode mentir para mim, Tessa. Eu sei tudo sobre você. Sei mais sobre você do que você mesma.

O-k-a-a-a-ay. Não foi nada assustador. O cara assustador sabia meu nome. Eu realmente não gostei disso.

Eu endureci meu rosto no que eu esperava ser uma expressão confiante.

— Foi uma boa conversa. Mas... eu tenho que ir.

O estranho franziu a testa.

— As linhas Ley são poderosas. Poucos conseguem manipulá-las. Menos ainda conseguem dobrá-las. Você precisa de uma quantidade enorme de energia, concentração e habilidade apenas para permanecer conectada a uma linha. No entanto, você demonstrou uma enorme quantidade de controle e aptidão com as

linhas ley.

Seus olhos prateados brilharam.

— Talvez você queira repensar como usá-las no futuro. Você pode atrair o tipo errado de atenção.

— Você quer dizer como você?

Minha boca ficou seca quando percebi o rumo que isso estava tomando.

O estranho riu, revelando dentes retos e perfeitos demais. Seus olhos prateados brilharam mais intensamente de repente, e meus olhos se arregalaram quando uma onda de energia da linha ley fluiu para mim.

Eu ofeguei.

— Pare com isso.

Droga, ele era obviamente habilidoso com as falas, muito melhor do que eu.

Um sorriso, planejado e satisfeito, encheu seus olhos prateados profanos.

— Você pode fazer muito mais com o poder das linhas ley. Eu posso ensiná-la, sabe.

Minha pulsação estava acelerada.

— Você quer me ensinar? Por quê?

Isso *não vai acontecer, amigo.*

O estranho puxou as mangas de sua jaqueta, com o sorriso ainda no rosto.

— Por que não?

— Isso não é uma resposta.

Incomodada, eu me endireitei, soprando minha angústia enquanto me movia. Eu teria que ser mais cuidadosa ao dobrar as linhas ley de agora em diante, se isso significasse que um cara assustador apareceria sempre que eu usasse uma. Ou pior, *mais* caras assustadores.

Eu já estava farta dele.

— Eu vou embora agora.

Olhei para a calçada. Ver Marcus ainda ali me deu uma sensação de coragem.

A irritação enrugou a testa do estranho.

— É falta de educação você sair no meio de uma conversa.

— Não me importo.

Tentei me mover.

Uma onda de energia da linha ley me atingiu. Não conseguia mover minhas pernas nem meus braços, como se um cobertor tivesse me enrolado com força.

— O que você fez? Me solte! — Falei, não tão assustado quanto achei que deveria estar. Não foi o medo que se instalou ao meu redor. Era raiva - muita e muita raiva.

Seus olhos não piscavam.

— Ainda temos muito o que conversar. Coisas que você precisa saber.

— Não se eu chutar você na garganta.

Cerrei os dentes, minha raiva atraindo a energia da linha ley ao meu redor.

— Deixe que eu vá embora. Não vou pedir a você novamente.

O homem suspirou.

— Você tem um temperamento e tanto. Por que não estou surpreso?

— Sério?

Eu rosnei.

Ele balançou a cabeça. O brilho da energia da linha iluminou seu rosto com sombras feias.

— Não foi assim que imaginei que seria nossa primeira conversa.

— Você não é um bruxo. É? Quem é você?

A maneira como ele disse isso era como se estivesse esperando para falar comigo. Também senti uma familiaridade que não me agradava.

Seus olhos prateados fixaram os meus.

— Alguém que tem se interessado por você há muito tempo.

Fiquei tensa Sim. Essa foi a minha deixa para sair.

Com firmeza, estendi a mão e puxei a energia da linha ley para o meu núcleo - e empurrei para fora.

Eu estremeci com a dor, com a sensação de queimação em meu corpo, em minhas veias. Mas não o soltei. Não até que eu sentisse a liberação do controle do estranho sobre mim. A energia da linha ley fluiu de volta para a linha em um banho quente. Com a respiração presa, tremi com a adrenalina gasta.

— Hah! Não é tão difícil — eu disse ao estranho, satisfeita comigo mesma. Mas quando olhei para trás, para onde ele estava, ele havia desaparecido.

Houve um estalo, como se você estivesse soltando um elástico. E você sabe o que acontece quando um elástico é esticado para trás e depois solto? Ele voa.

Fui catapultada para fora da fila como um estilingue.

E caí de cabeça, direto nos seios de Allison.

Ops.

CAPÍTULO 13

Ok, tecnicamente não eram os seios dela, já que ela estava usando um suéter de cashmere azul claro por baixo da jaqueta aberta, mas meu rosto estava espremido bem no meio das meninas.

Allison gritou e me empurrou de cima dela, fazendo com que eu caísse no chão em um monte de neve.

— Oh, meu Deus! — gritou ela. — Ela acabou de me atacar! Aquela vadia acabou de me atacar!

Eu tirei a neve do meu rosto e puxei o cabelo da minha boca.

— Eu não fiz isso. Acho que ninguém consegue passar pelo seu colete à prova de balas. Eu ri. Ela não estava rindo.

Allison olhou para mim.

— Você fez isso de propósito.

— Oh, me dê um tempo.

Percebi que ainda estava na neve e não tinha vontade de me levantar.

Com os lábios apertados, ela manteve a cabeça erguida e os olhos fixos em mim.

— Você fez isso. Você só está tentando me afastar do Marcus — disse ela, com uma voz dominadora e fria.

— Caindo em seus seios? Como é que isso funciona?

— Como você fez isso?

A mão de Marcus estava pendurada diante de meus olhos. Eu a peguei e ele me puxou para ficar de pé.

— O quê?

Eu tirei a neve de minhas coxas e bunda.

— Cair nos seios dela?

— Pare de dizer isso! — gritou Allison, com o rosto bonito franzido. Ela

estava ficando histérica agora, com as mãos cerradas em punhos. Oh, que pena.

Marcus riu.

— Você estava em uma linha ley, não estava?"

— Eu estava.

Olhei por cima do ombro, sem ter certeza do que esperava ver. Não é como se aquele demônio - porque era o que eu achava que ele era - estivesse ali. Eu o tinha visto apenas nas linhas ley. Talvez ele não pudesse andar do nosso lado do mundo. Demônios de pleno direito não podiam permanecer no mundo dos vivos por muito tempo, a menos que tivessem um suprimento de almas humanas para prolongar sua permanência - ou energia compartilhada, como no caso de um familiar de bruxa.

Portanto, se eu estivesse certa, ele estava usando as linhas ley para viajar. Foi inteligente. Eu faria a mesma coisa se fosse ele.

Mesmo assim, isso não explicava seu interesse por mim.

— O que foi, Tessa? — Marcus colocou sua mão em meu ombro. — Aconteceu alguma coisa?

Não pude deixar de notar o lampejo de raiva que passou pelo rosto de Allison ao ouvir o toque de Marcus. Isso me deixou toda arrepiada por dentro.

— Achamos que os necromantes estão planejando algo para amanhã à noite — eu disse. Achei que deveria manter o demônio de olhos prateados só para mim por um tempo até descobrir quem diabos ele era. A última coisa que eu precisava era que Marcus ficasse todo protetor, especialmente quando eu não tinha certeza de qual era o relacionamento dele com Allison.

Você não vai prendê-la ou algo assim? — gritou Allison ao se aproximar de Marcus.

Eu comecei a rir.

— Desculpe-me, o quê?

Marcus parecia confuso.

— Por que eu prenderia Tessa?

Allison me ignorou.

— Ela - apontou para mim, como se já não soubéssemos que ela estava se referindo a mim - tentou me matar.

Meu queixo se abriu.

— Sabe... você faz loucuras muito bem.

— Você viu isso — continuou Allison. — Ela simplesmente apareceu do nada. Ela me atacou. Eu a quero presa.

Ela cruzou os braços sobre o peito grande, como se fosse para ser definitiva ou algo assim.

Suspirei.

— Tudo bem, desculpe-me por ter caído nos seus peitos, mas foi um acidente.

Eu teria preferido muito mais cair sobre Marcus, em uma cama, nua...

— Você está vendo o que eu quero dizer? — disse Allison, frustrada. — Desde que eu disse a ela que era sua namorada, ela está tentando me enfeitiçar ou algo assim.

— Mentira total — respondi. — Eu não enfeiticei você com clamídia.

Ainda assim.

O horror passou pelo rosto de Allison. Ela apontou para mim novamente.

— Você está vendo? Está vendo! Essa bruxa é louca. Livre-se dela. Quero que ela vá embora agora.

Coloquei as mãos nos quadris.

— Isso é uma ameaça?

A expressão de Marcus estava marcada por uma irritação cansada.

— Allison — disse ele de repente. — Você não é minha namorada. Por que você disse isso a ela?

Oi? Bem, quer saber? Mentirosa, mentirosa, calças de fogo.

Um movimento chamou minha atenção, e vi Martha tentando se achatar no poste elétrico mais próximo, o que era tecnicamente impossível, enquanto ouvia nossa conversa.

O comportamento da loira alta passou de uma ex-namorada irritada e ciumenta para um gatinho macio e ronronante. Que droga. Ela era boa.

Allison colocou uma mão no peito de Marcus.

— Eu lhe disse a verdade.

Sua voz era tão sincera, tão honesta, que quase vomitei na boca.

— Você e eu sabemos que devemos ficar juntos. Fizemos uma promessa um ao outro.

Marcus tirou a mão de Allison de seu peito e eu vi a emoção cintilar em seus olhos.

— Não vou ter essa conversa aqui com você agora. Estamos no meio de uma crise.

O ritmo de sua voz e o franzir de suas sobrancelhas me disseram que havia muito mais na história deles.

Allison me deu um sorriso vitorioso.

— Leve o tempo que você precisar. Eu não vou a lugar nenhum. Mas vou precisar de ajuda para levar minhas coisas para o *nosso* apartamento. Você acha que pode mandar o Jeff ou o Cameron para ajudar?

Droga, ela não estava desistindo, mas eu tinha coisas mais importantes para discutir com Marcus - como os mortos e os necromantes que iriam controlá-los.

Como chefe, ele precisava saber o que havíamos descoberto.

— Marcus, precisamos conversar.

Os lábios de Allison se apertaram e sua postura esguia ficou rígida.

— Por que você não encontra seu próprio homem em vez de roubar o homem de outra mulher? — ela respondeu e eu ouvi o inconfundível suspiro alto de Martha. Ótimo. Agora a cidade inteira pensaria que eu estava tentando roubar o Marcus da Allison. Tessa Davenport, a amante suja.

Irritada, voltei meus olhos para ela.

— Oh, relaxe, Barbie gorila.

Ops... isso acabou saindo sem querer. Sinceramente.

Allison cerrou a mandíbula e seus olhos escureceram.

— Do que você me chamou?

— Você quer mesmo que eu repita? — perguntei a ela, ouvindo Martha rir. Era bom ter um público tão receptivo.

A Allison estava realmente começando a me incomodar. Eu tinha ouvido dos próprios lábios de Marcus que ela não era sua namorada, o que me deixou aliviada, embora isso não explicasse a questão do companheiro. Ao ver a reação de Marcus às palavras dela, comecei a perceber que tudo isso poderia ser um problema maior do que eu havia previsto.

Marcus soltou um grunhido, e Allison e eu voltamos nossa atenção para ele.

— Já chega — disse ele. — Não preciso disso agora. Já tenho o suficiente acontecendo nesta cidade sem ter que lidar com vocês duas.

— Ei — protestei. — Foi ela quem começou.

Totalmente imaturo, mas Allison tinha um jeito de me irritar.

Allison me deu um sorriso malicioso, como se tivesse vencido alguma batalha secreta comigo. A mulher era realmente irritante. Estava decidido. Ela acordaria com um belo caso de clamídia amanhã.

— Tessa — veio a voz de Marcus, e eu voltei minha atenção para ele. — Você estava dizendo que acha que os necromantes estão planejando algo para amanhã à noite? De que tipo de coisa estamos falando?

Soltei um suspiro.

— Bem, não tenho cem por cento de certeza — disse eu, falando rápido. — Mas minhas tias e eu achamos que eles ressuscitaram todos esses mortos para usá-los contra nós. Elas acham que vão tentar tomar Hollow Cove.

Marcus parou e passou os dedos por suas gloriosas madeixas escuras.

— E você acha que isso vai acontecer amanhã à noite? Você tem certeza?

Não.

— Tenho certeza. Veja, amanhã é lua cheia.

— Droga.

O rosto de Marcus estava duro.

— Você está certa. Amanhã é lua cheia. Eu costumo ficar atento a ela. É quando os lobisomens ficam todos fora de forma. Bem, principalmente os mais jovens. Não acredito que esqueci disso.

— Não é culpa sua — eu disse a ele. — Você tem estado ocupado com toda essa loucura. Olhei para a rua escura e vi alguns mortos-vivos conversando com algumas pessoas da cidade. Martha havia deixado seu posto e estava conversando com a mulher morta que reconheci como Harriette. Os olhos da morta eram redondos e ela nos observava com grande interesse. Parecia que as fofocas de Martha não paravam mesmo que você estivesse morto.

Senti os olhos em mim e me virei para encontrar o olhar de Allison sob sua maquiagem perfeita. Aquele cara de pau estava começando a me irritar.

— O que o grupo Merlin está planejando? — perguntou o chefe.

Eu olhei para Marcus.

— Minhas tias e eu vamos montar um perímetro ao redor do cemitério. Vamos atacar com força e rapidez. Não podemos correr riscos. Não com nossa cidade.

— De quantos estamos falando? — perguntou ele, com as mãos nos quadris e uma determinação sombria no rosto.

— Não faço ideia — eu disse a ele. — Você só precisa de um - um muito poderoso.

— Marcus — reclamou Allison. — E aquele café que você prometeu?

Levantei as sobrancelhas para ele, em tom de pergunta. Como ele evitou a pergunta dela e o possível café, senti que ele estava dentro.

— Podemos ir a algum lugar e conversar?

Marcus não pareceu nem um pouco surpreso com meu pedido, mas sim um pouco ansioso.

— Claro.

Ele colocou a mão na parte inferior das minhas costas enquanto nos afastávamos.

— Marcus! — gritou Allison, sua frustração em alto e bom som, fazendo-me sorrir.

— Volto já, Allison — disse ele por cima do ombro, parecendo irritado.

— Ela gosta de conseguir o que quer — eu disse enquanto caminhávamos pela neve.

— Você não faz ideia — admitiu ele.

As emoções ficaram à flor da pele enquanto caminhávamos em silêncio. Eu não tinha ideia do que Marcus iria me dizer. Talvez ele fosse tentar fazer algo nobre e dar outra chance ao seu relacionamento com a Allison? Ou talvez essa

coisa de ser companheiro fosse um vínculo eterno que não poderia ser quebrado. Ou talvez Allison fosse uma macaca mentirosa e nada disso fosse verdade? Sim, acho que não. Mas o que quer que fosse, eu teria que lidar com isso.

— O Witchy Beans Café ainda está aberto — sugeriu ele, e olhei para ver as luzes amarelas quentes que saíam das janelas. — Podemos conversar lá.

Eu lhe dei um sorriso apertado, com o coração batendo tão forte que pensei que ele poderia sair do meu peito e cair na neve aos meus pés.

— Claro. Parece que sim...

Uma súbita explosão de gritos de pavor irrompeu atrás de nós. Eram de uma intensidade tão selvagem, do tipo que indicava que algo realmente terrível estava acontecendo, que era difícil dizer se tinham vindo de uma garganta humana.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram. Marcus e eu nos viramos em direção à voz e encontramos Martha parada no meio da rua sobre uma Harriette caída. Seu rosto havia ficado pálido sob a luz da rua. Os olhos da bruxa estavam arregalados de medo e sua boca estava aberta de horror.

Marcus avançou primeiro e atravessou a rua, comigo logo atrás dele.

— Ajude-a! — gritou Martha quando a alcançamos. — Ajude-a, por favor!

Fiquei olhando para a mulher morta-viva na rua. Harriette se debatia como uma formiga moribunda, sacudindo os braços e as pernas, contorcendo-se loucamente em um tormento selvagem. Ela soltou um grito áspero e áspero e convulsionou em agonia repetida.

Harriette estava morta. Os mortos não deveriam sentir dor, mas ela sentia. Eu não tinha dúvidas de que essa mulher morta estava sentindo muita dor. O gelo subiu pela minha espinha com o que vi. Que diabos era isso?

Harriette continuou a se debater debilmente, soltando pequenos gritos.

— Faça alguma coisa! — gritou Martha, com as bochechas cobertas de rímel.

Eu não tinha ideia do que fazer. Eu não tinha nenhuma experiência com mortos ou mortos-vivos e meu coração doeu com a dor que vi no rosto de Harriette. Eu tinha que acabar com seu sofrimento. Eu não era especialista em magia de cura, mas conhecia um feitiço que poderia ajudar.

Ajoelhei-me ao lado de Harriette e levantei as mãos.

Com uma explosão repentina de luz brilhante, pisquei quando o corpo de Harriette cintilou, como se sua pele estivesse pintada com milhões de pequenos diamantes. Os diamantes então se soltaram e pairaram sobre o corpo, juntando-se lentamente em uma bola de luz, como um pequeno sol.

— Mas que diabos? — comentou Marcus acima de mim.

Hipnotizada, fiquei olhando para a minúscula bola de luz brilhante enquanto ela pairava por um momento. Então, ela passou por nós como uma fada com

esteróides e disparou pela rua em direção a uma figura alta.

Um homem estava parado nas sombras do outro lado da rua, esperando. Ele usava um chapéu preto e um terno escuro combinando. Uma pasta estava pendurada em sua mão, mas ele estava longe demais para ver seu rosto claramente.

O que aconteceu em seguida estava no topo da minha lista de coisas mais estranhas que já aconteceram na minha vida.

O homem girou sua maleta, equilibrou-a no braço direito e a abriu. A bola de luz foi direto para ela, como se estivesse sendo puxada de alguma forma, como se a pasta tivesse sugado uma respiração. O homem fechou a pasta, virou-se e foi embora.

Levantei-me lentamente, sem entender o que tinha acabado de testemunhar.

— Mas que merda...

E então o corpo de Harriette explodiu em uma nuvem de cinzas.

CAPÍTULO 14

Você já sentiu o gosto das cinzas de uma pessoa morta em sua boca? É ainda mais nojento do que parece.

Eu me remexi e me remexi novamente enquanto tentava cuspir toda a cinza de Harriette da minha boca, da minha língua e dos meus dentes. Eu estava com a boca aberta no momento da explosão, então recebi uma grande dose de cinzas. Esqueça o enxaguante bucal. Eu teria que enxaguar minha boca com alvejante quando voltasse para a Casa Davenport.

Fui até um pedaço de neve limpa e enfiei um punhado na boca. Você também teria feito isso. Confie em mim.

— Você está bem?

Cuspi a neve e me virei para ver Marcus limpando o casaco. Ele também havia sido atingido pela explosão espontânea de Harriette, embora não parecesse ter sido atingido na boca como eu.

— Acho que nunca mais vou ficar bem depois disso.

Um gemido chamou minha atenção. Martha estava de joelhos, remexendo no monte de cinzas que restou de sua amiga e soluçando histericamente. Avistei Allison, com o rosto branco, o nojo óbvio, enquanto ela olhava para Martha soluçando. Eu não tinha certeza se o nojo era por ver Martha soluçando ou pelos restos de cinzas de sua amiga.

— Você tem alguma ideia do que era aquela bola de luz? — perguntou Marcus.

Limpei minha boca, notando algumas cinzas cinzentas em seu cabelo.

— Acho que era a alma dela.

Martha soltou outro uivo quando mencionei a alma de sua amiga, e um pedaço do meu coração se partiu. Eu jamais poderia deixar de ver como Harriette morreu - pela segunda vez. A dor e os gritos dela ficariam comigo para

sempre. Você não consegue esquecer algo assim.

Uma carranca escura se materializou no rosto de Marcus.

— Sua alma? O necromante levou a alma dela? Por quê? Eles animam os mortos. O que uma alma faria por eles?

Virei a cabeça e vi o necromante descendo a rua em um ritmo vagaroso.

— Você não faz ideia. Isso também é novo para mim. Mas não vou deixar que ele faça isso com mais ninguém.

Eu estreitei meus olhos. *Você vai pagar por isso.*

— Espere.

Marcus agarrou meu braço e o segurou com força.

— Vamos buscar suas tias primeiro. Se ele está roubando almas, isso é magia de verdade. Não sei com o que estamos lidando. E, aparentemente, você também não sabe.

Ele tinha razão.

— Certo.

Outro grito encheu o ar da noite, seguido por uma pequena bola de luz que passou velozmente por um espaço entre os prédios, iluminando a rua como uma estrela cadente enquanto se afastava e desaparecia na direção em que eu tinha visto o necromante pela última vez.

Elas eram até bonitas, se você ignorasse o fato de que eram almas de verdade.

Eu me soltei de seu aperto.

— Não há tempo. Nós o perderemos se esperarmos por eles.

Marcus me observou por um momento.

— Estou indo.

— Não. Serei mais rápida com uma linha ley.

Os olhos cinzentos me fixaram, e achei que ele fosse discutir comigo.

— Tudo bem. O que você vai fazer?

Ele tinha um tom de advertência em seu tom, como se eu estivesse prestes a fazer algo louco e tolo. Talvez ele estivesse certo.

— Vou mantê-lo ocupado enquanto você vai buscar as minhas tias.

Eu não tinha ideia de como faria isso. Pensei em improvisar quando o encontrasse.

Estávamos errados sobre a lua cheia, o que significava que eu não tinha ideia do que o necromante estava planejando. O fato de ele poder roubar as almas dos mortos era uma mágica e tanto. Ele era um filho da puta poderoso, o que tornaria isso mais difícil.

Gritos e berros vieram de algum lugar à distância, seguidos por mais três bolas de luz que atravessaram o céu noturno e desapareceram na esquina de um

prédio.

Os olhos cinzentos de Marcus estavam apertados de preocupação, parecendo ter lido a incerteza em meu rosto.

— Tenha cuidado. Tenho um mau pressentimento sobre isso.

— Sempre.

Estendi meus sentidos e puxei a linha ley mais próxima. Eu sabia que estaria alertando o demônio de olhos prateados novamente, mas não podia pensar nisso agora. Eu tinha que impedir o necromante de roubar mais almas. Mas por quê? Que necessidade um necromante teria das almas dos mortos? Não era para fazer uma festa de chá. Eu tinha que impedi-lo.

Uma explosão de energia me atingiu quando a linha ley respondeu. Com minha vontade, estendi a mão e a puxei para mim. Quando senti seu poder vibrando em meu corpo, dei um pulo.

Meu corpo acelerou em um turbilhão de vento e cores enquanto eu corria em direção ao último ponto em que tinha visto o necromante. A lembrança dos gritos de Martha e da dor de Harriette me encheu de raiva. A raiva era boa. A raiva me alimentava com um pouco mais de poder e um toque a mais de minha própria magia.

Até agora, não vi nenhum sinal do demônio de olhos prateados, mas isso não significa que ele não apareceria.

Eu não sabia como o necromante conseguia roubar as almas dos mortos, mas era extremamente doloroso. Você tinha que parar com isso. Eu tinha que detê-lo.

Um segundo depois, cheguei ao local onde havia visto o necromante, mas ele não estava mais lá.

Que droga. A energia me percorreu enquanto eu puxava a linha ley mais devagar até conseguir distinguir os prédios, tentando ver onde estava o maldito necromante.

Um flash de luz foi seguido por outro grito vindo de algum lugar no quarteirão seguinte.

Minha raiva e ansiedade me invadiram.

— Siga os gritos.

Segui em frente, com os prédios se confundindo, e então o encontrei.

O necromante estava ao lado do gazebo da cidade, no meio da praça, com a pasta aberta e equilibrada no braço direito, como antes. Eu me encolhi quando outra alma entrou nela.

Desgraçado.

Irritada, agachei-me e pulei.

— Peguei você! — Eu disse, aterrissando ao lado dele. Não sei por que eu disse isso.

O necromante piscou de surpresa ao me ver. Seu chapéu preto cobria o que era, sem dúvida, uma cabeça careca. Pelo que pude ver, ele não tinha sobrancelhas ou cílios. Sua pele era pálida, da cor de neve nova, com olhos brancos, exceto pelos pequenos pontos pretos das pupilas. Ele parecia um contador, não um necromante que rouba almas.

Ele fechou a pasta e me observou com uma curiosidade assustadora, sem dúvida tentando descobrir de onde eu tinha acabado de vir.

Sim, eu não tive tempo para isso.

Estendi a mão para os elementos ao meu redor e gritei:

— Accendo!

Uma bola de fogo saiu de minha mão e eu a empurrei contra o necromante.

Com um estalo, ele desapareceu.

Pisquei os olhos e olhei em volta, mas ele havia desaparecido. Minha bola de fogo atravessou o local onde ele estava há um segundo, explodindo apenas no lado esquerdo do gazebo. O fogo rugiu e o gazebo ficou em chamas como se fosse feito de papel de seda. Opa.

— Oh, merda. Oh, merda.

Não consegui parar o ataque de riso nervoso que tomou conta de mim. Agora, eu tinha feito isso. Queimei o gazebo da cidade. Muito bem, Tessa.

— O que você fez! — gritou uma voz familiar. — Você perdeu a cabeça?

— Foi um acidente. Juro — eu disse a Gilbert quando ele se aproximou correndo, com uma expressão de horror enquanto um pouco de saliva escorria pelas laterais de sua boca.

O rosto de Gilbert se abateu.

— Você destruiu nosso gazebo — ele gritou, como se eu tivesse matado um de seus queridos animais de estimação. — Por que você destruiria nosso gazebo? O que o nosso gazebo fez a você?

Dei um passo para trás em relação ao calor das chamas, o fogo assumindo a forma de uma enorme fogueira.

— Você sabe que não está vivo, certo? É apenas um monte de pedaços de madeira.

Eu ri e rapidamente fiquei séria com o olhar assassino de Gilbert.

— Apenas pedaços de madeira, não é? — Uma grande veia latejava em sua testa. — Você acha isso engraçado?

— Sinto muito pelo gazebo, Gilbert. Foi um acidente — repeti. Fiquei pensando, tentando me lembrar da palavra de poder para água, mas não conseguia me lembrar qual era. Olhando para o estado do gazebo em chamas, já era tarde demais.

— Você é uma bruxa perversa— rosnou Gilbert, apontando um de seus

dedos sujos para mim. — Você nunca deveria ter se tornado Merlin. Vou escrever para o Conselho Norte-Americano de Merlins sobre isso. Você vai ver.

Abri a boca para dizer a ele que tinha sido um acidente novamente, mas sabia que não adiantava.

— Estou vendo. Tudo o que vejo é uma dor gigante na minha bunda.

Ele abriu a boca para contestar, mas eu o interrompi.

— A propósito, um necromante está solto na cidade. Estou tentando detê-lo.

— Sério? — ironizou Gilbert, com as sobrancelhas erguidas. — Bem, você está fazendo um péssimo trabalho. Por que você não vai procurá-lo em vez de queimar a nossa cidade?

Foi minha vez de franzir a testa.

— Não estou incendiando a cidade.

Bem, talvez só um pouco.

A carranca de Gilbert se aprofundou.

— Vou deduzir os danos do seu salário.

— O quê? — perguntei incrédula, sabendo que um gazebo daquele tamanho provavelmente custava mais de cinco mil dólares, se não mais.

— Você me ouviu. — Com as mãos nos quadris, ele me encarou com uma expressão de satisfação. — Você queimou. Você paga.

Fechando a boca, dei as costas e corri para a rua antes de fazer algo ainda mais estúpido, como assar a pequena coruja.

Meu coração disparou e minha respiração ficou acelerada. Outra alma passou por mim e, tendo perdido o necromante de vista, fiz a única coisa que podia fazer. Eu a segui.

Com apenas um pensamento, estendi a mão, segurei a linha ley mais próxima e pulei enquanto me obrigava a seguir a alma. Era como se fosse meu próprio serviço de táxi, meu Uber mágico.

Não demorou muito para você encontrar o necromante novamente; era uma cidade pequena.

Ele ficou de costas para mim, mas quando percebi que ele estava em frente à biblioteca de Hollow Cove, meu coração afundou.

— Não, não, não — ofeguei, sabendo que a maioria dos mortos estava lá dentro.

Observei enquanto ele colocava sua pasta no chão. E então me dei conta.

Quando a pasta fosse aberta, todas as suas almas seriam torradas e, então, os mortos na biblioteca se transformariam em pó, assim como Harriette.

Eu tinha que impedi-lo.

Ainda ajoelhado, o necromante abriu a parte superior de sua pasta.

Saí da linha ley e gritei:

— Inflitus!

Um martelo de pura energia cinética bateu na maleta, fazendo-a disparar no ar e girar por conta própria antes de cair no chão e se fechar. Mas antes disso, outras cinco almas desapareceram em seu interior.

Uma vozinha dentro de mim me disse para destruir a pasta. Ouvi sem hesitar. Puxei os elementos, atraí minha vontade e me soltei enquanto rugia:

— Evorto! — a plenos pulmões.

Liberei tudo o que tinha em uma explosão de energia cinética, que atingiu com força a maleta, causando um enorme som de aço gritando enquanto a maleta explodia em uma coluna de chamas vermelhas ardentes. Em seguida, a maleta explodiu em milhões de pedaços.

Uma voz demoníaca uivou. O necromante se virou, com verdadeira raiva no rosto, enquanto via os pedaços de sua pasta caírem no chão ao seu redor.

Minha visão escureceu à medida que a magia das palavras de poder recebia seu pagamento. Mas eu me mantive firme, pronta para qualquer coisa.

Imagine minha surpresa quando o necromante não fez nada.

Com um estalo de ar deslocado, o necromante desapareceu mais uma vez. As pegadas na neve eram a única evidência de que ele havia existido. O bastardo havia desaparecido.

— Você se saiu bem, Tessie.

Assustado, virei-me e vi minha avó ao meu lado.

— Vovó? De onde você veio?

— Eu estava a caminho da biblioteca para ver Freddy Mendez quando vi você, então eu a segui — respondeu ela, apoiando-se laboriosamente em sua bengala. — Eu namorava com ele antes do seu avô.

Avancei e peguei um pedaço da maleta quebrada para examiná-lo. Você pode ver o que está acontecendo?

— Não foi o suficiente —eu disse a ela, torcendo o pedaço de couro queimado em meus dedos. — Perdemos muitos mortos hoje.

— Vinte e cinco.

— Vinte e cinco? São tantos assim? — Um medo em pânico me percorreu. O horror se juntou à ideia de todos eles sofrerem como eu tinha visto Harriette sofrer. Eu não sabia como a vovó sabia disso, mas não perguntei.

Ela acenou com a cabeça.

— Poderia ter sido pior. Poderíamos ter perdido todo mundo, mas não perdemos. Graças a você. Foi inteligente da sua parte ir atrás da pasta. De onde veio essa ideia?

— Eu não sei. Apenas fazia sentido.

Olhei para minha avó morta. Quando percebi que o necromante poderia ter

levado a alma dela também, fiquei preocupada. Depois, com raiva.

— Por que você saiu de casa? — Perguntei, com a voz áspera.

— Fui dar uma volta.

— Você não vai mais passear — ordenei, ignorando a profunda carranca em seu rosto enrugado. — Você vai ficar na Casa Davenport.

— Você não manda em mim.

— Agora eu estou mandando. Vou amarrar você se for preciso, minha senhora.

A avó bufou.

— Eu consigo romper qualquer amarra. As cordas são as mais fáceis.

— Por favor, vovó.

Suspirei.

— É para o seu próprio bem. Você está bem? Não quero que você saia da Casa Davenport. Não até descobrirmos o que está acontecendo. Talvez eu tenha derrotado o necromante esta noite, mas ele voltará.

Disso eu tinha certeza. Todas aquelas pessoas mortas agora faziam sentido. Ele havia chamado todas elas para obter as almas. Ele não ia deixar que uma maleta danificada atrapalhasse todas as outras.

— Esse não é um necromante, Tessie.

— O que você quer dizer com isso?

O medo surgiu com a preocupação em seu tom.

A vovó me deu um sorriso triste antes de responder.

— O que você viu hoje é muito pior. Era um coletor de almas.

CAPÍTULO 15

Você já ouviu falar de um colecionador de almas? Sim, eu também não. Mas enquanto eu me sentava à mesa da cozinha, acompanhada de minha mãe, tias e Iris, estávamos todos recebendo um curso introdutório bem próximo e pessoal de ninguém menos que minha avó.

Dada a maneira como minha vida havia progredido normalmente, eu provavelmente deveria ter adivinhado que o que viria a seguir só poderia ser pior - como um coletor de almas.

A vovó deu uma tragada em seu cachimbo.

— Um coletor de almas é um demônio — ela nos informou, com uma voz áspera como se estivesse contando uma história de fantasmas para um grupo de crianças. Tive a nítida impressão de que ela estava se divertindo. — Um demônio com um apetite insaciável por almas mortais.

— O Caldeirão nos ajude — disse Ruth ao trocar um olhar preocupado com suas irmãs. Ela estava de costas para o balcão ao lado da pia, e um balde com um braço pendurado em sua mão trêmula.

Os ocupantes mortos da vovó estavam na sala de estar, esperando silenciosamente cada palavra da vovó. Assim que chegamos à Casa Davenport, a vovó contou a seus amigos mortos o que havia acontecido. Todos eles ficaram em silêncio, com o mesmo medo refletido em seus rostos mortos.

A fumaça saiu da boca da avó.

— Sim, ele é um demônio. Mas não é um espectro fedorento qualquer do Mundo Inferior. Não. Ele é um demônio maior, se você quer saber a classe. Eles são criaturas poderosas e malignas, com força e velocidade sobrenaturais. São inteligentes, astutos e extremamente perigosos.

— E a pasta dele? — perguntei, sem conseguir resistir.

A avó acenou lentamente com a cabeça.

— Eles usam sua maleta para cortar os laços entre uma alma mortal e seu corpo - e para eventualmente causar a verdadeira morte de uma alma.

Os mortos reunidos na sala de estar soltaram suspiros. Quando uma alma sofria uma morte verdadeira, era o fim da linha.

— Ele tem sede de almas mortais — continuou a vó, com fumaça saindo de suas narinas. — Quanto mais almas ele coleta, mais forte ele se torna.

Inclinei-me para frente, com os cotovelos sobre a mesa.

— Como vamos matá-lo?

Eu tinha algumas palavras de poder que poderia usar nele. Lembrei-me daquela que fazia seu oponente explodir.

Os olhos azuis da vovó se encontraram com os meus.

— Você não pode.

Bem, isso não é bom.

— Você tem certeza?

— Meus olhos são azuis?

— Eu não acredito nisso — rebateu Dolores, com um semblante duro.

— Todos os demônios podem ser banidos do nosso mundo. É só uma questão de você encontrar o ponto fraco deles.

A avó fez uma careta.

— Você está me chamando de mentirosa?

Dolores arqueou uma sobrancelha.

— Eu simplesmente não acredito que ele não possa - ai!

Ela recuou, levando a mão ao braço onde a avó a havia atingido com a ponta do cachimbo. Ela olhou para a mãe.

— Acho que vou ligar para o Rusty Bones e ver se eles ainda têm um quarto para você.

Os lábios da avó se moveram, mas nada saiu.

— Eu não chamei você de mentirosa — continuou Dolores. — Só acho que você está errada.

— Não estou — respondeu a avó, com o cachimbo pendurado no lábio inferior.

— Você não é onisciente — declarou minha mãe com uma risada. — Você não é uma deusa. Você pode estar errada, você sabe.

A vovó chupou seu cachimbo.

— Você já enfrentou um colecionador de almas?

Minha mãe deu de ombros.

— Bem, não, mas eu não...

— Então, cale a boca — esbravejou a avó. — Eu sei o que eles são. E sei que não podem ser mortos.

Minha mãe olhou para a vovó, mas não disse mais nada. Em vez disso, pegou o celular e começou a usá-lo.

A cozinha ficou em um silêncio desconfortável de medos não expressos. Olhei para Iris, sentada ao meu lado com Dana no colo. Ela olhou para mim e balançou a cabeça, parecendo derrotada.

O silêncio foi interrompido por Beverly enquanto ela se servia de uma generosa taça de vinho tinto.

— É melhor descobrirmos algo logo, ou todos esses… — ela olhou para a sala de estar,

— mortos vão sofrer sua verdadeira morte. E isso significa que você também, mãe.

O medo me corroeu as entranhas como um cubo de gelo frio pressionado contra minha barriga. Eu tinha visto com meus próprios olhos o que o coletor de almas fazia com os mortos. Eu tinha visto a dor deles e ouvido seus gritos. Não podia deixar que isso acontecesse com a vovó. Eu tinha que encontrar uma maneira de detê-lo.

— Você acha que eu não sei disso? — A vovó deu uma tragada em seu cachimbo, lançando um olhar sombrio para as filhas com a fumaça saindo de sua boca.

— Dê-me isso.

Dolores pegou a garrafa de vinho de Beverly e encheu sua taça. Fiquei surpresa quando ela levou a taça aos lábios e bebeu tudo de um só gole.

— Vovó — eu disse, esperando para ter toda a atenção dela. — Você diz que não podemos matar o demônio. Mas eu consegui destruir a maleta dele. Não estou entendendo.

Vovó e eu esperamos por mais uma hora depois que destruí a maleta para ver se o coletor de almas apareceria novamente, mas ele não apareceu. As únicas pessoas que apareceram foram minhas tias.

— Sua maleta é apenas um objeto sobrenatural que ele usa — respondeu a vovó. — É apenas uma ferramenta.

—Então, continuamos a destruí-los até que ele não tenha mais nenhum — sugeriu Iris.

— Isso pode funcionar.

A vovó olhou para a bruxa das trevas.

— Eu gostaria que fosse tão simples assim. Mas ele tem um suprimento eterno dessas pastas. Ele voltará. Ele tem muito mais almas para coletar.

— Por que ele está esperando para buscá-los? — perguntei. — E por que apenas alguns de cada vez?

A vovó chupou seu cachimbo em silêncio por um momento.

— As almas precisam de tempo para se reabastecer. Ele poderia coletá-las assim que voltassem para seus corpos, mas elas não seriam tão fortes, tão potentes. Elas não estariam totalmente carregadas, por assim dizer. As almas são energia, a força vital de uma pessoa. E, assim como as pessoas, cada alma é diferente. Nem todas se reabastecem na mesma velocidade. Ele está buscando aquelas que estão prontas para serem tomadas.

Desgraçado. Recostei-me em minha cadeira, com minha concentração trabalhando além do normal. Estávamos tão erradas sobre os necromantes. Pelo menos os necromantes eram mortais, e os mortais podiam ser mortos. Teríamos tido uma chance de lutar.

Mas um colecionador de almas era um território totalmente novo para mim e para minhas tias. Até mesmo Iris nunca tinha ouvido falar deles quando perguntei a ela antes.

Os sentimentos de pavor e raiva apertaram minhas entranhas em uma bola apertada. O cheiro doce do vinho, normalmente calmante, só aumentava minha tensão. Também temia que o coletor de almas voltasse e eu tivesse que vê-lo pegar mais almas, sabendo que não poderia fazer nada para impedi-lo.

Um arrepio me percorreu. Parecia que ele não iria parar até que cada alma no Cemitério Hollow, cada ente querido morto, fosse dele.

Senti que ia vomitar, mas não tinha perdido a coragem. Eu não ia desistir.

— Está bem. Tudo bem — eu disse, parecendo tentar me convencer de que eu resolveria isso. — Então, o que sabemos sobre os demônios? Eles não podem ficar em nosso mundo indefinidamente... e geralmente precisam da cobertura da escuridão. Certo? Eles não suportam o sol.

— Sim, é verdade — respondeu Dolores enquanto olhava para sua taça de vinho vazia.

— Então, ele só voltará durante a noite. As almas estarão seguras durante o dia. — Não era muito, mas era alguma coisa. E isso nos deu tempo para pensar em um plano.

Esfreguei as têmporas, sentindo uma enxaqueca gigante a caminho.

— Deve haver algo que estamos perdendo.

Pressionei minhas mãos de volta na mesa.

— Esse demônio, esse coletor de almas, vem para coletar almas. Você sabe? Sabemos que os demônios não conseguem atravessar tão facilmente.

— Sim, essa é a lógica — comentou Dolores.

Eu me mexi em meu assento.

— Mas ele fez a travessia. E ele fez algo com os mortos no cemitério para fazê-los ressuscitar. Ele não poderia ter feito isso do submundo. Certo?

— É isso mesmo — concordou Beverly enquanto tomava um gole de seu

vinho e abaixava a taça na mesa.

— Ele deve ter atravessado na noite em que os mortos começaram a se levantar.

— Então, como ele fez a travessia da primeira vez?

Um pensamento me ocorreu, e meu coração bateu no peito.

— Alguém o conjurou — eu disse, fazendo Beverly ofegar. Mas o leve balançar de cabeça de Dolores me disse que ela concordava comigo.

A ideia de que havia alguém nesta cidade tão doente a ponto de conjurar um coletor de almas fez com que a bile subisse pelo fundo da minha garganta.

— Não seja boba — disse Ruth, dispensando-me com um aceno de sua mão livre. Algo viscoso voou de sua luva de borracha e se prendeu na mesa da cozinha, ao lado da minha taça de vinho cheia. — Ninguém em Hollow Cove faria uma coisa dessas. — Ela riu baixinho. — Somos uma família, boba. As famílias não se voltam umas contra as outras.

— Claro que sim — murmurou minha mãe, olhando para cima e lançando olhares de esguelha para a vovó.

A vovó percebeu isso e deu à minha mãe um sorriso de um dente só. Uma fumaça cinza saiu dos cantos de sua boca.

Ruth estava balançando a cabeça, com um sorriso inocente no rosto.

— Não. Não acredito nisso. Ninguém em nossa pequena cidade faria isso. Eu sei que não fariam.

— Então, você se engana também.

A vovó observou a mesa enquanto chupava seu cachimbo.

— A única maneira de um coletor de almas passar para o nosso mundo é porque alguém fez um acordo com ele.

Que porcaria. A tensão franziu minha testa.

— Um acordo? Como um contrato?

Eu me inclinei para frente, meu pulso martelando. Se fosse um contrato escrito, talvez eu pudesse destruí-lo se o encontrasse.

A avó assentiu com a cabeça.

— Um coletor de almas não desperdiçará seu tempo e energia se não houver algo que valha a pena. Ele também não pode simplesmente ressuscitar os mortos. Ele precisa de um contrato com um mortal vivo. Ele não pode coletar almas mortais a menos que alguém faça um acordo.

— O contrato pode ser quebrado? — perguntei, procurando uma resposta.

A vovó trincou a mandíbula ao pensar nisso.

— Não tenho certeza — respondeu ela com a fumaça saindo da boca. — Talvez.

Para mim, está bom o suficiente.

— Digamos que você consiga quebrar esse contrato. O que acontece com as almas?

A avó se recostou em sua cadeira.

— Se o contrato for quebrado, eu teria de supor que todas as almas estariam a salvo. Mas isso é apenas um palpite. Eu realmente não sei, Tessie.

Suspirei pelo nariz. Mesmo assim, já era alguma coisa.

— E as almas que ele levou?

Eu já suspeitava da resposta, mas esperava estar errado.

A tristeza brilhou nos olhos de minha avó quando ela disse:

— Acho que é tarde demais para eles.

Engoli com força.

— E os mortos? O que acontece com eles?

Olhei para a vovó, sentindo um aperto na garganta com a ideia de perdê-la quando eu estava apenas começando a conhecê-la.

Um olhar conhecedor brilhou em seus olhos.

— Eles voltarão para seus lugares de descanso.

Um pequeno lampejo de alívio me invadiu.

— Então, é isso que faremos. Se não pudermos matar o coletor de almas, a próxima melhor coisa a fazer é destruir o contrato.

O nó de preocupação em mim diminuiu e eu me recostei em minha cadeira.

— Não fique muito empolgada — disse Dolores, com a preocupação apertando suas sobrancelhas. — Tudo parece bem agora, Tessa, mas você está se esquecendo de uma coisa. Não temos como saber quem fez o acordo. Como você vai descobrir? Pode ser qualquer um?

— Margorie.

O nome simplesmente saiu de minha boca. Eu havia me esquecido de Margorie, o nome que o falecido Sam havia me dito que lembrava antes de acordar. Agora, com esse nome em meus lábios, tudo estava começando a tomar forma. As peças estavam começando a se encaixar.

Iris se endireitou em sua cadeira.

— Ooh. É isso mesmo. O nome que Sam deu a você. Só pode ser ela.

— Margorie.

Beverly me observou, com as sobrancelhas erguidas.

— Você acha que foi ela quem fez um acordo com o coletor de almas?

Acenei com a cabeça.

— Eu sei. Quem quer que ela seja, deve ter ficado desesperada e fora de si para fazer um acordo com um coletor de almas. Mas ela fez.

— E estúpida — acrescentou a avó. — Não se esqueça da estupidez. As piores coisas do mundo são feitas por pessoas estúpidas.

Não pude deixar de me perguntar por que alguém faria um acordo desses, especialmente com um demônio. Que razões ela tinha? Qual era o seu motivo? Será que ela odiava as pessoas desta cidade a ponto de se livrar de todas as almas de nossos mortos?

— Acho que Tessa tem razão — anunciou Dolores. — O que Sam ouviu foi o acordo entre Margorie e o colecionador de almas. Ele teria que dizer o nome dela se estivesse recitando o contrato, e o nome dela estaria escrito ali. Seu nome teria vinculado o contrato. Selado o acordo.

Outra coisa me ocorreu.

— O que ela pediu?

Dolores serviu-se de mais vinho.

— O que você quer dizer com isso?

— Bem, se ela ofereceu ao coletor de almas as almas dos mortos da cidade, o que ela recebeu em troca?

— Agora estamos chegando a algum lugar — disse a vovó, olhando para mim com orgulho. — Você precisa fazer a si mesma as perguntas inteligentes.

— A alma dela? — pensou Beverly, batendo com um dedo vermelho e bem cuidado no tampo da mesa. — Ele é um colecionador de almas.

Balancei a cabeça.

— Isso não faz sentido. Por que oferecer sua alma para que a alma dos outros possa morrer? Geralmente é o contrário.

— Você oferece sua alma para salvar os outros — concordou Iris. — Ou você oferece uma parte de sua alma para receber algo em troca do demônio. É assim que geralmente acontece.

A Bruxa das Trevas era experiente quando se tratava de conjurar demônios, e eu tinha a sensação de que ela tinha experiência em primeira mão nesse domínio.

Mordi meu lábio inferior.

— Deve ter sido algo significativo, algo importante em troca de todas essas almas.

— Sim, como algo realmente grande — disse Ruth, com os olhos arregalados enquanto acenava com a cabeça.

A vovó dirigiu seu olhar para Ruth.

— Você tem o coração no lugar certo, mas quem sabe onde diabos está seu cérebro.

A verdade é que eu não tinha ideia do que alguém poderia trocar para explicar a morte de todas aquelas almas.

— Bem, quem quer que seja, é uma mulher perversa e malvada — disse Beverly.

— Como alguém poderia fazer isso?

— Talvez ela não soubesse o que estava pedindo? — disse Iris de repente, e a atenção de todos se voltou para ela. — Os demônios são mestres em enganar. Eles mentem. Manipulam. Ele pode tê-la enganado para que ela fizesse um negócio melhor para ele. Ela provavelmente nem sabe.

— Então, procuramos essa Margorie e a forçamos a quebrar o contrato — concluí, sentindo-me um pouco melhor. — Nós o queimamos. Destruímos. Não me importa. Desde que você quebre o contrato com o coletor de almas.

— Senhoras — Dolores levantou sua taça de vinho, — parece que estamos de volta aos negócios.

Depois que todos concordaram com esse plano, Ruth voltou a costurar os mortos na sala de estar, com o rosto todo sorridente, enquanto vovó a seguia de perto. Minha mãe desapareceu em seu quarto sem dizer uma única palavra a nenhuma de nós, e eu me juntei às minhas tias e à Iris para tomar um vinho e comer algo até tarde da noite.

Se conseguíssemos encontrar Margorie e fazer com que ela quebrasse o contrato, todas as almas estariam seguras e nossas vidas poderiam finalmente voltar ao normal.

Mas todos nós sabíamos que não era tão simples assim.

CAPÍTULO 16

Acordei às 10 horas da manhã seguinte com o despertador do meu celular fazendo minha cabeça zumbir até que finalmente o desliguei. Não dormi muito na noite passada e acordei com os olhos cheios de crostas e uma dor de cabeça de matar.

Depois de fazer a conexão entre o nome Margorie e o coletor de almas, peguei o Volvo com Iris. Dirigimos pela cidade, estacionando por algumas horas aqui e ali, só para ter certeza de que o coletor de almas já tinha ido embora há muito tempo e não apareceria novamente. Acho que eu não conseguiria dormir de outra forma, sabendo que ele poderia aparecer.

— Oh, meu Deus! Alguém queimou o gazebo! — Iris gritou quando passamos de carro pela praça da cidade.

Opa. Eu havia me esquecido disso.

Decidi não responder. Como eu provavelmente acabaria pagando por um novo, achei que poderia me fazer de desentendida.

Somente quando o sol nasceu é que decidimos encerrar a noite, ou melhor, a manhã, e ambos subimos em nossas camas para descansar um pouco antes de começarmos nossa busca pela tal Margorie.

Como o sol é nosso amigo leal, tínhamos cerca de sete horas de luz do dia antes que nosso amigável colecionador de almas da vizinhança voltasse à ativa para reivindicar suas almas. Os dias eram mais curtos no inverno. E entre minhas tias, minha mãe (sim, ela realmente concordou em ajudar), Iris e Ronin, eu tinha a sensação de que encontraríamos Margorie antes do almoço.

Balancei as pernas sobre a cama, com os dedos dos pés tocando a lã macia do meu novo tapete persa, e olhei para o celular. Eu tinha quatro chamadas perdidas do Marcus. Certo. Ainda tínhamos a questão da Allison para resolver, mas a questão da Margorie tinha prioridade. Ela fez um acordo com um demônio

para coletar almas. Duas vadias diferentes, e Margorie foi a melhor.

Meus instintos de bruxa confiavam em Marcus, mas isso também poderia ser uma negação séria. No entanto, na noite passada, ele havia descartado abertamente o fato de que Allison era sua namorada. A vadia gorila havia mentido, o que significava que ela provavelmente também havia mentido sobre outras coisas. Ainda assim, eu não conseguia me esquecer do fato dela ser sua companheira. Isso merecia uma conversa adequada - de preferência, mais cedo ou mais tarde.

Mas agora eu tinha problemas maiores, e minha vida pessoal teria que esperar. Eu sabia que teria de contar a Marcus sobre o coletor de almas. Ele ainda achava que estávamos lidando com um necromante, então eu precisava remediar isso.

Depois de escovar os dentes e tomar banho, peguei meu telefone e liguei para ele. Depois do quinto toque, minha ligação foi direto para o correio de voz. Provavelmente ele ainda estava dormindo. Desliguei. Como eu me conhecia, sempre deixava mensagens estranhas, que nunca faziam sentido - nem mesmo para mim. E não havia tempo de gravação suficiente para explicar a situação em poucos segundos.

Eu mesmo teria que ir até lá.

Vesti-me e desci as escadas em busca de café da manhã e café. A essa altura, eu precisava de cafeína como precisava de ar. Meu estômago roncava, esperando que Ruth estivesse fazendo torradas ou panquecas francesas ou algo igualmente rico em calorias e igualmente gostoso.

Mas quando cheguei à cozinha, não me deparei com o maravilhoso aroma de manteiga derretida e xarope de bordo. Em vez disso, fui recebido por um grande fedor de carne podre e algo que cheirava fortemente a cocô.

A cozinha estava vazia, exceto por Iris, que estava sentada comendo seu pãozinho torrado com cream cheese e com grandes bolsas sob os olhos. Ela havia enchido o nariz com um lenço de papel, como se estivesse sangrando.

— Você está péssima — eu disse a ela.

— Ainda estou mais bonita do que você — disse ela, sorrindo. Seu cabelo na altura do queixo emoldurava seus traços delicados. — Fiz um café fresco para você.

— Obrigada.

Meu olhar se moveu para trás de Iris, para a sala de estar. Os mortos ainda estavam se movimentando, mas tinham uma nova inquietação que não existia antes. Eles estavam assustados. Também pareciam estar em condições muito piores do que na noite passada, como se os estágios de decomposição estivessem se acelerando. Isso explicava o cheiro forte de podridão.

Ruth usava avental e luvas, com o rosto franzido, enquanto se ajoelhava ao lado de um homem morto, puxando a linha através da pele ao redor do joelho dele, enquanto tentava costurá-lo de volta à perna. No entanto, a linha continuava rasgando a pele como se ela fosse feita de gelatina.

— Não entendo — disse Ruth, com a frustração clara em sua voz. — Estava funcionando bem ontem. Não sei por que não está funcionando.

Ela limpou a testa e eu me encolhi com a mancha amarela e marrom que ela deixou.

— Ah! Eu sei — acrescentou ela, feliz. — Vou pegar a cola Krazy Glue.

Ruth se levantou e saiu correndo, quase tropeçando nos três baldes cheios de membros decepados que estavam no meio da sala de estar.

Os mortos estavam se decompondo em um ritmo alarmante. O que aconteceria com suas almas quando seus corpos não existissem mais? Eu não tinha certeza do que aconteceria se eles ficassem aqui por muito tempo, mas duvidava que fosse bom.

Quando meus olhos encontraram a vovó, eu estremeci. Ela estava sentada em uma cadeira, fumando seu cachimbo, com os olhos fixos no noticiário transmitido pela televisão. Embora estivesse morta, ela parecia bem conservada, como se tivesse morrido há apenas alguns dias. Mas, olhando para ela agora, sua pele estava cinza-escura, com um aspecto pastoso. Seus olhos estavam nublados, como se tivessem perdido parte de sua clareza. Meu peito se apertou e um calafrio atingiu minhas entranhas. Ela estava começando a se decompor rapidamente como os outros.

Droga.

A inquietação tomou conta de mim quando fui até a máquina de café e me servi de uma xícara. Eu mal conseguia distinguir o aroma dos grãos porque o cheiro dos mortos era como uma névoa espessa, abafando todos os outros cheiros.

Puxei uma cadeira e me sentei, olhando para os pães frescos sobre a mesa. Meu estômago roncava, mas eu não tinha certeza se conseguiria comer.

— Aqui.

Iris me jogou um lenço de papel.

— Confie em mim. Você vai precisar dele.

— Obrigada.

Peguei o lenço, rasguei-o ao meio e enfiei o primeiro pedaço em minha narina direita.

— Onde estão todos? — Em seguida, enfiei o outro pedaço em minha narina esquerda.

— Ei, não estou sentindo cheiro de nada.

— Você está vendo? — Iris sorriu. — Deveríamos começar uma nova tendência.

Eu ri e tomei um gole de café, regozijando-me com o sabor delicioso. Talvez eu pudesse comer alguma coisa agora.

— Aqui. Pegue metade do meu pãozinho. Eu já comi um.

Iris colocou metade de seu pãozinho coberto de cream cheese em um prato e o empurrou em minha direção.

— Não sei onde elas estão — respondeu ela enquanto dava uma mordida em sua metade. — Todos já tinham ido embora quando cheguei aqui.

— Provavelmente estão procurando a Margorie.

Dei uma mordida no pãozinho.

— Mmmm. Bom — eu disse entre uma mastigação e outra. Engoli e baixei o tom de voz. — Iris. Você conhece algum feitiço das trevas que possa prolongar o corpo de uma pessoa morta? — Eu sabia que era um tiro no escuro, mas não queria que a vovó começasse a perder membros. Ela era uma mulher muito orgulhosa, então isso a deixaria arrasada. Mas achei que seria mais por ela não querer que as filhas a vissem assim.

Iris olhou para mim de sua xícara de café.

— Você quer dizer impedir que o corpo se decomponha? — ela sussurrou.

— Sim.

— Acho que pode haver algo — respondeu ela, com a voz baixa. — Mas tenho que avisar você. Você precisará da ajuda de um demônio. Você está de acordo com isso?

Outro arrepio passou por mim.

— Tenho que sacrificar minha alma?

Um pequeno sorriso curvou seus lábios.

— Talvez só um pedacinho — acrescentou ela com uma piscadela, — mas acho que sangue pode ser suficiente.

— Eu posso fazer com sangue.

Caramba. Se ela me obrigasse a beber sangue, eu ia repensar nossa amizade.

Peguei meu telefone e disquei o número do Marcus. Novamente, minha ligação foi direto para o correio de voz.

— Você está ligando para o Marcus? — perguntou Iris enquanto lambia um pouco de cream cheese dos dedos.

— Sim. Mas ele não está atendendo.

Estranho. Ele já deveria estar acordado. Provavelmente estava cheio de mais mortos. Pobre rapaz.

Terminei meu pãozinho e bebi o resto do café antes de empurrar minha cadeira para trás. — Preciso encontrar Marcus e contar a ele sobre o coletor de

almas. Ele precisa saber. Talvez ele também saiba quem é Margorie. Não vou demorar muito. Assim que eu voltar, podemos começar a procurar maneiras de quebrar o contrato.

Iris e eu ficamos encarregadas de descobrir como quebrar um contrato com um demônio - caso Margorie se recusasse - enquanto as tias e minha mãe foram em busca dessa Margorie. Elas conheciam a cidade melhor do que ninguém, portanto, se alguém pudesse encontrá-la, seriam elas.

Como uma bruxa das trevas, Iris era a nossa mulher de referência para todos os assuntos relacionados a demônios. Como uma bruxa das sombras, eu também tinha uma queda pelas artes das trevas e queria aprender o máximo que pudesse sobre como conjurar demônios.

Dei alguns passos e me virei.

— Você acha que pode cuidar do... da coisa enquanto eu estiver fora?

Vi a cabeça da vovó vir na minha direção. Se eu não soubesse, pensaria que a velha bruxa podia ler mentes.

Iris me deu um sorriso.

— Claro.

— Obrigada.

Corri para o corredor e peguei meu casaco de inverno no armário da entrada. Enrolei um cachecol de lã no pescoço e no rosto antes de colocar um gorro de lã preta na cabeça e calçar as botas. Eu parecia uma sem-teto, mas não estava procurando a moda de inverno do ano. Eu estava querendo me aquecer. Sem o Volvo, eu teria que andar. Eu queria ficar longe das linhas ley por um tempo ou usá-las somente se fosse absolutamente necessário.

Saí da Casa Davenport e caminhei pela neve recém-caída. As calçadas ainda não estavam limpas, e eu estava agradecido por minhas botas de cano alto.

No inverno, Hollow Cove parecia um pitoresco país das maravilhas. Com os chalés pitorescos que ladeavam as ruas e todas as decorações de Natal ainda penduradas, parecia mágico.

Se você ignorasse os mortos errantes, isso seria.

Sim, os mortos. Eles ainda estavam "acordados". Que porcaria. Quanto mais mortos saíssem do túmulo, mais almas corriam o risco de serem arrebatadas pelo coletor de almas.

Com isso em mente, a adrenalina ajudou a impulsionar minhas pernas mais rapidamente, e minhas coxas ardiam à medida que avançavam pela neve. Eu estava me exercitando bastante. Quem precisava de uma academia quando tinha de caminhar por um metro e meio de neve?

Quando cheguei ao prédio do Marcus, minhas costas e minhas axilas estavam encharcadas de suor. Que maravilha. Eu teria que tomar outra ducha

quando chegasse em casa.

Atravessei a rua até o prédio de tijolos cinza e sem graça com a placa AGÊNCIA DE SEGURANÇA DE HOLLOW COVE. Meu peito se apertou quando meus olhos se moveram para a entrada do lado esquerdo. Não tínhamos ficado sozinhos desde que ele passou a noite na Casa Davenport. Eu sentia falta da intimidade que tínhamos compartilhado. Quem eu estava enganando? Sentia falta daquele corpo sexy como o inferno dele.

Peguei a porta lateral, abri-a e subi a escada até a plataforma. Dei uma olhada nos números estampados acima da porta - 295B. Prestei atenção, mas não consegui ouvir nada. Talvez ele nem estivesse aqui.

Eu não sabia o que me levou a não bater na porta, mas tentei alcançar a maçaneta. Ao ver que não estava trancada, empurrei a porta.

Duas coisas aconteceram simultaneamente.

Primeiro, vi Allison, em pé no meio do apartamento de Marcus, vestindo apenas uma camiseta branca comprida que mal tinha material suficiente para cobrir sua calcinha preta.

Em segundo lugar, vi Marcus usando apenas cueca boxer e uma expressão de choque.

Bem, que porcaria.

CAPÍTULO 17

Não tinha certeza de quanto tempo fiquei parado na entrada, tentando entender a cena à minha frente. Tentei descobrir se meus olhos estavam realmente vendo o que eu pensava ou se a inalação excessiva do cheiro de mortos em decomposição havia afetado minha percepção das coisas. Acho que não.

Com um homem parcialmente nu e uma mulher parcialmente nua, não havia muitas explicações. Havia apenas uma. Eles estavam se pegando.

Uma cascata de emoções me atingiu de uma só vez como um trem de carga, deixando-me tonta. Consternação, repulsa, raiva e uma dose gigantesca de traição fizeram com que meus joelhos estivessem prestes a ceder. Meu coração batia tão forte que achei que tinha estourado meus tímpanos.

Meu pãozinho e meu café estavam alojados em algum lugar da minha garganta, e eu precisava de um esforço enorme para mantê-los lá. Eu não queria vomitar no chão do Marcus. Já tinha sido humilhada o suficiente. Muito obrigada.

Pisquei os olhos ao ver a cena, absorvendo a feiura de tudo aquilo. Meus pensamentos se voltaram para o momento em que entrei em uma das cabanas do camping pensando que era o Marcus. Lembrei-me da raiva que senti. Daquela vez foi diferente. Eu ainda não tinha dormido com o cara.

Todos nós sabíamos que quando você entrava no território do sexo, as coisas ficavam complicadas - como agora.

O rosto de Allison se iluminou com a minha reação, e seu sorriso vitorioso me deixou com dor de barriga.

— Tessa? — Os olhos cinzentos de Marcus estavam redondos e ele congelou, parecendo ter sido pego em uma mentira. Vi que sua boca continuava a se mover, mas não conseguia ouvi-lo por causa do barulho que rugia em meus ouvidos. Sua pele lisa e dourada e os músculos ondulantes que eu tanto gostava

de passar as mãos eram sujos e feios para mim agora.

— O que você tem no nariz? — riu Allison, olhando para mim como se eu fosse louca.

Que merda. Eu havia me esquecido dos lenços de papel em meu nariz.

Com os dedos tremendo e odiando que eles provavelmente pudessem ver isso, eu os tirei rapidamente e os coloquei no bolso do meu casaco.

Allison foi para a área da cozinha e se apoiou no balcão.

— Que tipo de idiota anda pela cidade com um lenço de papel no nariz? — riu a loira de pernas bambas.

Disse a idiota.

Minha humilhação veio acompanhada de um tapa de raiva.

— É isso que você chama de sexo com macacos?

O quê? Não pude evitar. Afinal, eles eram humanos-macacos.

O rosto de Marcus ficou abatido.

— Isso não é o que parece — disse ele quando começou a se aproximar.

— É exatamente assim que parece — ronronou Allison, com os dentes brancos brilhando à luz da cozinha.

Levantei minha mão e dei um passo para trás.

— Não — disse com firmeza.

— Tessa, você não está entendendo.

— Ah... mas acho que sim. Está bem claro para mim agora.

Eu me senti como um idiota. Eu tinha sido enganado. Mais uma vez. Quando eu aprenderia? Aparentemente, nunca.

As emoções me percorreram. Eu não ia aguentar muito mais essa humilhação e essa traição gigantesca. O melhor que eu tinha a fazer era dar o fora daqui.

—Não são necromantes — eu disse, com a voz baixa, olhando para todos os lados, menos para Marcus. — É um coletor de almas.

— O quê? — perguntou o chefe.

Dei meia-volta e saí correndo.

— Tessa! Espere!

Desci as escadas correndo, duas de cada vez. Quando cheguei ao final, bati com o ombro na porta, empurrando-a para abrir, e corri. Continuei correndo e não parei até chegar de volta à Casa Davenport.

Eu nem me lembrava de como tinha chegado aqui. Diabos, eu nem me lembrava de ter atravessado a rua. Não me lembrava de nada. Minha mente continuava a reproduzir a cena com Marcus e Allison repetidamente em minha cabeça, como um vídeo em loop. As imagens estavam gravadas na parte interna de minhas pálpebras - algo que eu desejava nunca ter visto, mas que agora nunca poderia deixar de ver.

Perdido em meus próprios pensamentos, mal notei vovó até que quase a atingi.

Dei um solavanco para trás, escorregando na neve molhada.

— Ah, desculpe. Não vi você aí — ofeguei, recuperando-me.

A vovó tirou o cachimbo da boca e franziu a testa para mim.

— Onde você está?

— O quê?

Senti uma cãibra na lateral do corpo, minha garganta ardia agora que meu cérebro estava parcialmente funcional novamente. Por que eu não pulei uma linha ley? Porque eu tinha acabado de ver o Marcus e a Allison seminus e estava sofrendo de uma parada cerebral.

— Estou bem aqui, vovó. Você não consegue me ver?

Agora eu estava preocupada. Seus olhos tinham a mesma textura turva. Eu não sabia o que fazer se ela tivesse ficado cega para mim. Se ela estivesse, isso significava que a decomposição estava progredindo em um ritmo muito mais rápido agora.

A vovó se apoiou em sua bengala.

— Eu consigo ver você muito bem, Tessie. O problema é você. Parece que seu corpo está aqui... mas você deixou sua mente em outro lugar.

Seus olhos se estreitaram.

O que aconteceu com você?

— Fui dar uma corrida, só isso.

Essa percepção aguçada era uma característica da família Davenport.

— Eu só preciso de um pouco de água antes de desmaiar na varanda.

A avó fez um som de desaprovação em sua garganta.

— Você é a pior mentirosa desta família.

— Obrigada.

— Não tem de quê — disse ela, animada, dando uma baforada em seu cachimbo. Ela o puxou para fora e fez um gesto com ele.

— Você foi falar com o chefe e agora parece que acabou de atropelar um gato. Você não atropelou um gato, atropelou? Acontece que eu gosto de gatos, mais do que gosto de pessoas.

— Claro que não. Eu vim a pé até aqui.

Embora, tecnicamente, eu pudesse ter pisado em um gato. Eu realmente não conseguia me lembrar.

— O que ele fez com você?

A testa franzida de minha avó chegou até a ponte do nariz, e eu mal conseguia ver seus olhos.

Suspirei.

— Para mim? Nada. Mas ele fez para a loira.

— Hah!

A avó bateu no joelho e deu uma gargalhada.

— Você tem o senso de humor bruto do seu avô. Que ele descanse em paz.

Um sorriso chegou aos meus lábios ao ver a avó rir daquele jeito. Ela era uma hobbit bonitinha e em decomposição.

— Bom saber. Agora, você precisa de água. Eu realmente preciso de um pouco de água. Não esperei por uma resposta e passei meu braço pelo da vovó, torci o nariz para o cheiro dela e a levei comigo até a porta. Quando entrei, tirei o casaco de inverno, o chapéu, o cachecol e as botas enquanto mexia os dedos dos pés no piso de madeira quente.

Meus olhos lacrimejaram com o fedor de corpos em decomposição, como se eu tivesse esfregado cebolas em meus globos oculares.

O antigo eu teria se arrastado de volta para a cama e chorado até adormecer, para depois acordar com os olhos fechados de tanto chorar. O novo eu, graças aos meus culhões femininos, sabia como separar e compartimentar prioridades e sentimentos. Sim, o que Marcus fez me magoou, mas agora não se tratava de mim ou dele. Tratava-se de um colecionador de almas. Especificamente, seu contrato com essa Margorie.

Além disso, eu era uma Merlin, caramba. Estava na hora de colocar minha magia em ação.

— As tias e minha mãe já voltaram?

Pela abertura no corredor, pude ver Ruth apertando o tubo de cola em volta do braço de uma mulher morta.

— Por que você acha que eu estava do lado de fora? Para falar com a neve? Sim, elas voltaram, mas eu estava esperando por você.

— Eu? Por quê?

Uh-oh.

A vovó chupou seu cachimbo. Ela soprou alguns anéis de fumaça e disse:

— Por que você pediu à Iris um feitiço de contra-decomposição?

Que merda.

— Ela contou a você?

— Não.

— Então... como...

— Eu consigo ler mentes — respondeu a vovó, com um olhar presunçoso em seu rosto enrugado e em decomposição. — Apenas um dos meus muitos talentos que escolhi guardar para mim.

Certo. Eu tinha certeza de que ela não conseguia ler mentes e que tinha nos ouvido falar. Embora a bruxa pudesse estar morta, ela tinha uma audição

excelente. Eu me lembraria disso.

E como eu era aparentemente a pior mentirosa do universo, decidi dizer a verdade.

— Porque eu não queria que você se parecesse com eles.

Fiz um gesto em direção à sala de estar, no momento em que Ruth escorregou em alguma gelatina em decomposição no carpete e caiu em seus baldes de membros decepados. — Não achei que você gostaria de começar a escorrer pelos poros e perder dedos das mãos e dos pés.

Seus olhos se estreitaram em pequenas lascas de gelo.

— Por quê? Não é como se eu fosse ficar aqui por muito tempo.

— Não diga isso.

— É a verdade — disse ela, com fumaça saindo de sua boca, narinas e ouvidos. Sim, orelhas.

— Eu nem deveria estar aqui, Tessie. Toda essa situação não é natural. Os mortos... devem permanecer mortos.

Como eu poderia argumentar contra isso? Não podia. Dando uma última olhada na vovó, fui para a cozinha. As batidas rápidas de sua bengala me disseram que ela estava logo atrás de mim.

Quando cheguei à cozinha, minhas tias estavam sentadas em volta da mesa, inclusive minha mãe e Iris.

Iris chamou minha atenção e me deu um olhar de desculpas quando viu vovó ao meu lado. Eu lhe dei um sorriso rápido.

Assim como a Iris, todos tinham lenços de papel enfiados em suas narinas. Mordi a parte interna da boca para não começar a rir.

— Tire esse sorriso do rosto — disse Dolores, misturando uma colher de açúcar em sua caneca de café. — Não temos absolutamente nada para sorrir.

— O que você quer dizer com isso? — Eu me encolhi com o ar fétido e peguei a caixa de lenços de papel que Iris estava segurando para mim.

— Ela quer dizer que a única Margorie do censo da cidade é uma bruxa cega, meio louca e de 96 anos — respondeu minha mãe com os braços cruzados sobre o peito. Eu conhecia muito bem a expressão de irritação em seu rosto.

Terminei de enfiar o lenço nas duas narinas e notei que a vovó estava ao meu lado, apoiada em sua bengala.

— E você tem certeza de que não é ela?

Beverly parou de enxugar o nariz e olhou para cima, para o pó compacto.

— Ela achou que éramos homens. Você consegue imaginar? Você pode imaginar? Olhe para mim. Você teria que ser louco para pensar que esse corpo lindo e delicado pertence a um homem.

Ela tinha razão. Que porcaria. Essa não era a notícia que eu estava esperando

ouvir.

Dolores tomou um gole de seu café e disse:

— Iris disse que você foi procurar Marcus. Você o colocou a par da situação?

Meu estômago se apertou ao mencionar o nome do chefe.

— Eu lhe disse que estávamos procurando um coletor de almas e não um necromante.

O que era verdade. Não havia necessidade de contar a eles o resto dos detalhes confusos.

Senti os olhos de minha avó voltados para mim. Quando olhei para ela, ela me deu um olhar de conhecimento que dizia que ela sabia tudo sobre o que Marcus havia feito - e mais um pouco.

Meu rosto se aqueceu e eu limpei a garganta.

— Então, e quanto ao contrato? Ainda temos algumas horas antes do pôr do sol. Tempo suficiente para você aprender tudo o que puder sobre eles.

— O contrato é inútil, a menos que saibamos quem o assinou — disse a avó. — Essa Margorie pode estar do outro lado do país a esta altura.

Talvez, mas eu achava que não. E eu não estava desistindo.

— Ainda acho que vale a pena tentar. Quem sabe? Talvez ainda possamos descobrir quem é Margorie.

Coisas mais estranhas já haviam acontecido.

Fez-se um silêncio e levantei meus olhos para Ruth. Ela parecia cansada enquanto trabalhava incansavelmente tentando colar os apêndices de volta aos seus devidos lugares.

— Uh-oh — disse ela, com o rosto confuso. — Não sei como isso aconteceu. — Ela coçou a nuca, olhando para um homem morto que tinha dois braços direitos, um deles com unhas pintadas de vermelho.

Soltei um longo suspiro.

— Então, e agora?

Dolores cerrou a mandíbula.

— Fazemos o que os Merlins fazem.

Ela bateu com um dedo na mesa para dar ênfase.

— Encontramos esse coletor de almas, damos a ele uma amostra das bruxas de Davenport e rezamos para que seja o suficiente.

Tive a terrível sensação de que não seria assim.

CAPÍTULO 18

O sol estava desaparecendo rapidamente e tinha aparecido brevemente por trás das nuvens. Não demoraria muito. Logo a lua seria um disco branco brilhante e sólido. As sombras cada vez maiores começaram a acionar os postes de luz, enquanto o horizonte da cidade lançava sombras profundas e frias sobre nós. Em instantes, Hollow Cove estaria coberta pela escuridão.

Normalmente, em uma noite como essa, não muito fria e sem ventos gelados, veríamos os habitantes da cidade andando de loja em loja, pegando ingredientes frescos para o jantar. Agora, parecia uma cidade fantasma.

As janelas escuras das casas e empresas vizinhas olhavam para nós. A maioria das luzes de Natal também estava apagada, o que era uma pena. Eu adorava as luzes de Natal.

A neve era um tapete grosso e crocante sob nossos pés enquanto estávamos de frente para a biblioteca de Hollow Cove. Assim que o sol desaparecesse, ficaria muito mais frio. Fiquei grata por ter vestido minha parka de inverno, cachecol e luvas. Pensando em meu traje agora, ele não era exatamente prático em minha situação. Se eu tivesse que lutar contra o coletor de almas com minha magia, teria que tirar as luvas. E meu casaco só atrapalharia meus movimentos. Eu não conseguiria dar um golpe de karatê em alguém enrolada em um edredom. Acho que eu me despiria se fosse necessário.

Iris e Ronin estavam ao meu lado. O Ronin estava com o maxilar bem firme, pronto para entrar em modo vampiro ao ver o coletor de almas. Iris tinha sua leal Dana com ela, além de uma dúzia de sacos de feitiços, bombas de maldição, *Magia das Sombras Volume 6: Como Treinar Seu Demônio* e todo o sal que ela conseguiu reunir da cozinha.

Do outro lado de mim estava a vovó, apoiada em sua bengala. Seu olho esquerdo havia ficado completamente branco, e eu sabia que ela estava cega.

Mas ela não mencionou isso, então eu também não mencionei. Minha mãe e minhas tias estavam nervosas, e o latim jorrava de seus lábios enquanto elas praticavam partes dos feitiços que iriam usar no coletor de almas.

Nenhum outro morto havia ressuscitado. Somente aqueles cujas almas não haviam sido levadas pelo coletor de almas estavam agora dentro da biblioteca, incluindo os da nossa sala de estar. Eu não achava que reunir todos os mortos fosse uma boa ideia, mas Dolores e Marcus me venceram nos votos.

Sim, o chefe estava aqui, e eu havia colocado o máximo de distância possível entre nós. Essa distância consistia em eu ficar do lado esquerdo da biblioteca, enquanto ele e sua equipe, incluindo Allison, ficavam do lado direito.

Quando chegamos à biblioteca, há cerca de quinze minutos, Marcus chamou minha atenção e imediatamente começou a me seguir.

Eu não ia me esquivar. Eu não estava errada aqui. Eu tinha ficado onde estava. Eu tinha algumas palavras para dizer a ele, mas realmente não queria ter essa discussão na frente de minha família e amigos. Mas a vovó me poupou o esforço.

Assim que Marcus estava a cerca de um metro e meio de mim, a vovó entrou em seu caminho e ergueu a bengala até o meio do corpo dele.

— Afaste-se, policial — ela avisou. — Deixe-a em paz. Ou você vai se arrepender.

Eu me virei para não ver sua reação, mas o fato de ele não estar ao meu lado no momento seguinte me disse que ele tinha seguido o conselho da vovó e ido embora.

Depois do incidente em seu apartamento, Marcus continuou a ligar para o meu telefone e eu continuei a ignorar suas ligações. Ele havia deixado mais de oito mensagens na última vez que verifiquei, mas eu não havia escutado nenhuma delas. Eu sabia que, no momento em que o fizesse, isso mexeria com minha cabeça. Não podia correr esse risco. Eu precisava estar concentrada e alerta para o que estava prestes a fazer.

Porque eu estava prestes a prender um coletor de almas em um círculo de invocação. Sim. Esse era o plano principal.

O plano de trabalho era estabelecer um círculo e amarrar o coletor de almas a ele até que pudéssemos descobrir como levá-lo de volta ao Mundo Inferior para sempre.

A ideia era atrair o coletor de almas. Ao colocar todos os mortos em um único local, saberíamos onde ele apareceria. Eu entendia essa lógica, mas ainda achava que colocar todos os mortos em uma sala grande era uma má ideia. Poderia ser mais fácil para nós identificarmos o coletor de almas, assim como seria muito mais fácil para ele coletar as almas com todas elas reunidas para ele

como um presente em decomposição se falhássemos.

Iris se inclinou para frente.

— Acho que devemos começar.

Minhas tias e minha mãe se viraram ao ouvir a voz de Iris. Seus rostos estavam pálidos enquanto elas se contorciam e se mexiam nervosamente. Eu não as culpava. Elas estavam prestes a fazer algo que nunca haviam feito antes.

Olhei para a rua coberta de neve.

— Certo.

Lançando minha vontade através do meu corpo, atraí os elementos e disse:

— Ventum.

Uma rajada de vento saiu de minha mão estendida e atingiu um ponto no chão. A neve se levantou e soprou de volta, como se eu tivesse usado um super ultra soprador de neve. E onde a rua estava coberta por cinco centímetros de neve, agora havia uma clareira de vinte por vinte, até a calçada escura.

Iris sorriu.

— Você faz parecer tão fácil.

Eu sorri de volta.

— Está tudo no pulso.

Iris riu enquanto tirava um giz da bolsa e se ajoelhava na calçada que eu tinha acabado de limpar.

— Mamãe.

Dolores foi até a vovó, que estava observando Iris com grande interesse, com as mãos cruzadas sobre a bengala e os dedos dos pés espalhados na calçada.

— Você deveria estar lá dentro com eles — Dolores repetiu pela décima vez. — Não é seguro ficar aqui fora. Você está muito exposta.

A avó estreitou os olhos.

— E você acha que é mais seguro lá dentro?

— Sim.

— Não é. Não importa onde você esteja. Se sua alma pertence ao coletor de almas, não importa se você está na Antártica ou nas profundezas da selva do Panamá. Ele vai encontrar você.

Não gostei de ouvir isso, e minhas entranhas começaram a tremer.

A expressão de Dolores escureceu quando ela deu um passo em direção à mãe.

— Mamãe, por favor...

— Se você tentar alguma coisa — advertiu a avó, com a bengala apontada para a barriga da filha. — Eu vou amaldiçoar você. Não pense que eu não vou. Eu vou.

Dolores observou sua mãe por um momento.

— Rusty Bones, mamãe. Rusty Bones.

Ela se virou e se afastou para ficar ao lado de suas irmãs.

A vovó deu uma risadinha. Quando me viu olhando para ela, deu uma piscadela e disse:

— O Rusty Bones está fora do mercado há anos. Mas quem vai lhe contar, hein?

Então, tudo bem.

Caí de joelhos ao lado de Iris, meu pulso pulsando de excitação e medo. Como eu já havia feito isso, sabia que a Iris teria de desenhar o Triângulo de Salomão, onde o demônio invocador apareceria, e depois um Círculo de Salomão para proteger o conjurador do demônio. Mas hoje estávamos fazendo as coisas de forma um pouco diferente.

— Você acha que isso vai funcionar? — perguntei.

Iris desenhou um sigilo em forma de triângulo e escreveu o nome Anima Daemonium , que significa colecionador de almas em latim, no centro. Ela se inclinou para trás e olhou para mim.

— Não tenho certeza. Nunca tentei prender um demônio coletor de almas antes, para não falar de um demônio maior.

— E é aí que nós entramos — eu disse a ela.

— Se não funcionar — declarou Ronin de repente, aparecendo ao lado de Iris. — Vou pegar vocês duas e vamos dar o fora daqui. Você entendeu?

Olhei de relance para o Ronin.

— Pare de se mexer. Parece que você está com alguma coisa na calça.

— Chama-se pênis, Tess — respondeu Ronin. — É o que está em minhas calças.

Sim. Seria uma noite estranha.

Em seguida, observei quando Iris desenhou um círculo cerca de um metro atrás do triângulo, escreveu cinco nomes de arcanjos em latim ao redor dele dentro de uma serpente enrolada e entrou nele.

Iris me entregou o giz.

— É a sua vez.

Com o corpo tremendo de adrenalina, peguei o giz e desenhei meu círculo a 30 cm de distância do de Iris. Quando terminei, entrei nele como a Iris e entreguei o giz para Dolores, que estava esperando pacientemente fora do meu círculo.

Então, uma a uma, minhas tias (e minha mãe) desenharam seus círculos - até que seis círculos formassem um anel ao redor do triângulo no meio - e entraram neles.

Meu bolso vibrou. Na verdade, meu celular no bolso vibrou. Olhei para cima

e vi Marcus me encarando, com o telefone encostado na orelha. Desviei o olhar rapidamente.

— Você vai atender? — Iris olhou para mim por entre os cílios.

— Não.

Eu só havia contado à vovó, à Iris e ao Ronin sobre minha pequena viagem à casa do Marcus hoje de manhã, e pedi a eles que não contassem nada.

— Você vai deixá-lo se contorcer em sua própria miséria?

— Achei melhor.

Peguei meu celular, vi o nome dele na tela e desliguei o aparelho. Não podia me dar ao luxo de ter nenhuma distração, por mais quente que fosse.

Naquele momento, o sol desapareceu completamente. A escuridão aumentou, assim como o frio. O silêncio parecia mais profundo, e tudo o que eu ouvia era a respiração nervosa de todos ao meu lado, com exceção da vovó, que havia decidido ficar ao lado do meu círculo para observar.

Meus olhos se voltaram para o lado esquerdo da biblioteca e encontrei Allison ao lado de Marcus. Nossos olhares se cruzaram, mas eu não estava pronta para desviar o olhar. Ela estava vestida com um casaco de inverno preto curto e fofo que deixava à mostra seus quadris estreitos e pernas longas. Seu cabelo estava preso em uma longa trança e ela cobriu a cabeça com um gorro preto. Ela era realmente linda, do tipo que nem precisava usar maquiagem, e ainda assim estava melhor do que qualquer outra pessoa.

Eu nunca poderia competir com isso, e não queria.

— Ele já chegou?

Os olhos de Ruth estavam arregalados quando ela olhou por cima do ombro, sua pequena estrutura tremendo. Senti uma pontada no peito. Ela estava apavorada. Todas elas estavam.

Passei o olhar pela rua, tomando cuidado para não fazer contato visual com Marcus.

— Não. Não o estou vendo.

— Vai ficar tudo bem, Ruth — consolou Dolores, sua expressão preocupada enquanto observava a irmã de seu círculo do outro lado do triângulo.

Ruth se mexeu rigidamente em seu círculo.

— Mas e se ele levar nossas almas?

— Ele não pode — respondi antes que alguém o fizesse. — Nossas almas não estão em seu contrato. Ele não pode levá-las se elas não estiverem lá. Certo, vovó?

Olhei para a bruxa velha ao meu lado.

— Vovó?

A avó deu de ombros.

— Como diabos eu poderia saber?

Das dobras de seu manto, ela tirou seu cachimbo, murmurou algumas palavras e deu algumas baforadas.

— Porque você nos disse que tinha experiência com coletores de almas?

Franzi a testa para ela enquanto um frisson percorria meus nervos e senti meu coração bater um pouco mais rápido.

— Você está nos dizendo que ele pode ser capaz de levar nossas almas também?

Beverly olhou para sua mãe.

É isso que você está dizendo?

— Fique com a calcinha. Isso se você estiver usando alguma — gritou a avó. — Eu não sei. Você sabe? Eu disse a você o que sei. Sei que as almas que ele coleta fazem parte de seu acordo... mas se tentarmos atacá-lo... ele vai revidar.

— Levando nossas almas?

A inquietação me atormentou.

A avó soprou um anel de fumaça de seu cachimbo.

— Talvez.

Ronin estava com as mãos nos bolsos, balançando para frente e para trás nas pontas dos pés.

— Por que tenho a sensação de que isso vai ser uma droga?

— Porque provavelmente vai — eu disse a ele.

Ficamos em silêncio, quebrado apenas pela batida lenta e constante do meu coração. Ele ficou cada vez mais tenso. Mudei meu peso de um lado para o outro do meu pequeno círculo.

A vovó se inclinou ao meu lado e limpou a garganta.

— Você poderia usar as linhas.

— O que você quer dizer com isso?

Inclinei a cabeça, esperando que ela explicasse.

A vovó me estudou por um momento.

— Você poderia dobrar as linhas ley e prendê-lo lá dentro? Você poderia atirar nele para o Mundo Inferior?

Eu não fazia ideia de como a vovó descobriu que eu podia dobrar as linhas ley, mas a velha bruxa era engenhosa. Abri a boca para responder, mas minha mãe chegou primeiro.

— Você consegue dobrar as linhas ley?

Minha mãe me encarou como se estivesse olhando para um marciano.

Dolores me lançou um olhar.

— Você não contou a ela?

— Não. Por que eu faria isso?

Eu ri. Isso nunca tinha me ocorrido. Falar de magia com minha mãe era como passar as unhas em um quadro negro. Sim, tão confortável. Ela tinha como missão não falar sobre nada mágico enquanto eu crescia. Ela era contra o uso de qualquer tipo de magia e dizia que a magia só levava a problemas maiores, o que só fazia com que eu quisesse fazer mais magia. Era por isso que eu tinha de fazer meus experimentos mágicos em segredo.

— Porque eu sou sua mãe. É por isso.

O rosto de minha mãe escureceu de raiva, mas seus olhos brilhavam com o que parecia ser medo. Será que ela estava com medo de mim?

— Não acredito que você esconderia algo assim de mim.

— Oh, isso é ótimo.

Eu também poderia jogar esse jogo.

— E não acredito que você nunca me disse quem é meu pai verdadeiro.

Os suspiros percorreram nosso círculo enquanto os rostos de minhas tias caíam em um choque coletivo.

O rosto de minha mãe, no entanto, ficou três tons mais escuro até parecer uma beterraba.

— Do que você está falando? Seu pai é Sean. Não seja estúpida.

— Ele é? Porque explicaria muita coisa se ele não fosse.

A respiração de minha mãe sibilou com raiva.

— Você está sendo ridícula. Pare com isso agora mesmo.

Suas mãos estavam fechadas em punhos e ela parecia lívida. Acho que nunca a tinha visto tão brava, nem mesmo quando acidentalmente queimei seu tapete favorito enquanto praticava a magia que não deveria estar praticando.

Se Sean fosse realmente meu pai, ela não estaria com raiva. Ela estaria triste, possivelmente tentando me consolar. Sim, eu não achava isso. Ainda assim, a única emoção no rosto de minha mãe no momento era a raiva. Ela estava com raiva porque estava escondendo alguma coisa. Por isso, continuei insistindo.

— Acho que não estou sendo ridículo.

Eu a encarei, sabendo que era um péssimo momento para ter essa conversa com ela, mas me vi incapaz de calar a boca.

— Acho que tenho o direito de saber quem é meu pai. Então... com quem você fez sexo? Além do Sean, é claro.

A expressão de minha mãe se ergueu como se ela estivesse sentindo o cheiro de alguma coisa ruim.

— Como você ousa me fazer uma pergunta dessas?

Olhei para ela, minha voz se elevou.

— Por que você simplesmente não responde à maldita pergunta?

A mandíbula de minha mãe se cerrou e ela se endireitou, claramente tentando

não perder o controle.

— O que levou você a usar linhas ley? Você não sabe o quanto elas são perigosas?

— Não mude de assunto.

Minha mãe balançou a cabeça, olhando para o chão a seus pés.

— Você nunca deveria ter feito isso.

Irritada, respirei fundo.

— Eu gosto de fazer mágica. Está em meu sangue. Por que você me impediria de fazer o que eu nasci para fazer?

Minha mãe levantou a cabeça em minha direção.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou ela. Sua expressão era de surpresa por eu estar realmente tendo essa conversa com ela. — Você está tentando me machucar?

Soltei uma risada.

— É sempre sobre você. Não é?

Minha mãe conteve o medo e seus olhos escuros se arregalaram de raiva por baixo dos cílios longos.

Eu não tinha cem por cento de certeza de que Sean não era meu pai. Mas, ao ver as emoções no rosto de minha mãe, agora eu tinha certeza.

— Quem é meu pai?

Eu exigi.

— Diga-me.

— Você não tem o direito de me perguntar isso! — gritou minha mãe.

— Vocês duas podem calar a boca? — rosnou a vovó, fazendo-me estremecer.

— Por quê? — Eu disse, franzindo a testa e voltando meu olhar para minha avó.

A vovó levantou a bengala e fez um gesto para algo do outro lado da rua.

— Porque o coletor de almas está aqui. É por isso.

CAPÍTULO 19

O coletor de almas caminhava sob as sombras da escuridão em um ritmo vagaroso. Ele não estava com pressa, pois sabia que as almas estavam esperando por ele para serem coletadas e nada poderia impedi-lo.

Ele deslizou na escuridão entre os postes de iluminação pública em um passo concentrado. Ele usava o mesmo terno escuro com o chapéu escuro, e eu notei a pasta que estava pendurada em sua mão. Seu rosto estava parcialmente escondido sob a sombra do chapéu, mas eu o veria novamente em pouco tempo.

Esperei em meu círculo, sentindo todo o peso e a escuridão se instalarem em minha pele.

— É ele? — perguntou Beverly, com um leve tom de zombaria. — Ele parece um vendedor de porta em porta dos anos 50.

— E você parece a Mamãe Noel em Las Vegas com essa roupa vermelha ridícula — sibilou Dolores.

— Quero que você saiba que esse casaco é cem por cento de caxemira — disse Beverly, com as mãos nos quadris. — Você só está com inveja porque nada tão fino e delicado ficaria bem em seus ombros largos e másculos.

— Muito bem, pessoal. Concentrem-se, por favor — eu disse a eles. Olhei de relance para minha mãe, mas ela estava olhando para o coletor de almas.

O demônio estava indo direto para a biblioteca. Ele nem parecia se importar conosco, nem com ninguém. Sua atenção estava voltada para as portas da biblioteca.

— Para que isso funcione, precisamos dar as mãos e tecer nossa magia juntas.

Iris estendeu as mãos.

— Seis é melhor do que uma.

Seguindo as instruções de Iris, todas nós pegamos as mãos umas das outras

até que estivéssemos fisicamente conectadas e fechamos o círculo.

— Vovó, fique atrás de mim — ordenei.

— Por quê?

— Não quero que ele veja você. Você entendeu?

A vovó murmurou algo que não consegui ouvir, mas fez o que lhe foi pedido e entrou atrás de mim.

— Agora. — Iris respirou fundo e soltou o fôlego. — Todos vocês praticaram o feitiço.

Ela olhou ao nosso redor.

— Devemos dizê-lo juntas, e você deve canalizar sua magia enquanto dizemos as palavras. Vocês estão prontas?

— Prontas — dissemos todas juntas, até mesmo a vovó, embora ela não precisasse.

Respirei calmamente enquanto uma pequena emoção se apoderava de mim, sabendo que estávamos prestes a fazer nossa mágica juntos. Foi incrível. Pena que precisou de um demônio para trabalharmos juntas.

— Juntas agora — ordenou Iris, sua voz ecoando no ar parado como um sino.

— Conjuramos você, coletor de almas — cantamos em uníssono, — demônio do Mundo Inferior, para que se submeta à nossa vontade. Nós prendemos você com grilhões adamantinos inquebráveis.

Extraí a energia dos elementos ao meu redor, canalizando sua magia, e fechei os olhos para deixar que aquele poder sombrio e selvagem se derramasse em mim enquanto me concentrava no encantamento.

— Invocamos você, coletor de almas, no espaço à nossa frente!

Meu pulso acelerou com a súbita onda de magia, deixando minha pele cheia de arrepios. Dei um solavanco, recuando instintivamente e quase soltando as mãos de Iris e Dolores quando a energia mágica se derramou em mim por meio de nossas mãos. Mas Iris segurou minha mão com força, sua força surpreendente para uma bruxa tão pequena.

Meu cabelo se ergueu com o vento gelado repentino, carregando o cheiro de enxofre - o fedor de demônio. O ar fervilhava de energia.

Ruth soltou um suspiro e um gemido. Em pânico, olhei para cima, achando que ela tinha se soltado. Ela não havia se soltado, embora parecesse querer sair correndo daqui.

Nenhum de nós nos soltou. Até minha mãe se manteve firme, com o rosto determinado.

Nossa magia se infiltrou em nossos círculos e fluiu para nós. Minha pele se arrepiou quando a energia fluiu ao meu redor com uma nitidez incomum, meu

coração se agitou loucamente em meu peito. Senti uma onda de poder cair em cascata sobre mim - fria, quente e familiar. O frio era a magia negra de Iris e o calor era o de minha família.

Fiquei olhando, maravilhado, enquanto a energia corria através de mim e das outras, circulando dentro dos limites de nossas mãos unidas com um brilho visível de laranja e amarelo. Meus olhos se arregalaram quando acompanhei o caminho da energia ao longo do nosso círculo, queimando à medida que fluía ao nosso redor, como fogo líquido.

E então a dor veio, mas eu estava esperando por ela.

Eu me sacudi quando uma dor lancinante gritou em meu corpo. As mãos de Iris e Dolores apertaram as minhas com mais força, dizendo-me que elas também estavam sentindo. Caramba, isso doeu pra cacete.

E então a energia se esvaiu e se dissipou. A magia havia desaparecido.

— Terminou? — perguntou Ruth, aparentemente sem fôlego. — Deu certo?

Olhei para o triângulo vazio no chão diante de nós e amaldiçoei.

A avó se deslocou para a frente.

— Se era para ele aparecer no triângulo, não funcionou.

— Eu não entendo.

Iris estava balançando a cabeça, ofegante.

— Deveria ter funcionado. Nossa magia estava ligada. Nós tínhamos o poder de seis! Por que não funcionou?

Ela bateu com o pé na calçada.

— Está tudo bem, Iris. Você fez o melhor que pôde.

Soltei as mãos da Iris e da Dolores e me virei para a biblioteca. Se a força da nossa magia combinada não era suficiente para prender aquele demônio, como poderíamos derrotá-lo?

O coletor de almas chegou à frente da biblioteca. Ele ficou parado por um momento e depois colocou sua pasta no chão.

— Merda.

Encontrei o olhar duro de Marcus e ficamos nos encarando por um segundo ou mais. Então, o tolo avançou em direção ao coletor de almas. Ele arrancou o paletó e a camisa enquanto avançava. Foi um choque de horror. Ele estava prestes a dar uma de King Kong para cima do demônio.

— O que ele está fazendo?

Fiquei furiosa. O idiota ia se matar. Sim, ele me machucou. Sim, ele estava comendo a loira gostosa. Mas isso não significava que ele merecia morrer - um chute nas bolas, talvez, mas não a morte.

O pânico bateu forte. E então eu estava correndo.

Ouvi minhas tias gritando atrás de mim, minha mãe mais alto do que tudo,

mas não consegui entender o que elas estavam dizendo. Minha atenção estava voltada para Marcus. Eu não ia deixá-lo morrer, não no meu turno.

O chefe não tinha ideia de com que tipo de demônio estávamos lidando. Eu lhe disse que ele era um coletor de almas. Era isso. Esse bastardo careca e feio era difícil. A vovó estava certa. Não conseguiríamos derrotá-lo. Estávamos ferradas.

Quando Marcus estava a cerca de três metros de distância do coletor de almas, o demônio se levantou e se virou para encará-lo, com a pasta aberta e pousada no chão a seus pés.

Os olhos de Marcus se arregalaram e ele vacilou como se tivesse sido atingido por alguma força invisível. Observei, horrorizado, o chefe cair de joelhos. Seus olhos... seus outrora belos olhos cinzentos tinham ficado completamente brancos. Seu rosto se contorceu de dor, como se ele não conseguisse respirar. Parecia que ele estava morrendo.

Parecia que o coletor de almas podia coletar almas que não estavam contratadas. Ou isso, ou ele só queria matar Marcus.

— Inflitus! — Gritei, lançando minha magia contra a pasta.

Uma força cinética a atingiu e ela voou no ar, aterrissando na calçada a alguns metros do coletor de almas e se fechando.

Ajoelhei-me ao lado de Marcus, temendo o pior.

— Marcus!

Peguei seu rosto com as mãos e o puxei para mim. Seus olhos estavam cinzentos.

— Você é um idiota! O que você estava tentando fazer? — sussurrei. Um pequeno lampejo de alívio me invadiu ao ver que ele estava recuperando a cor do rosto. — Você não pode vencê-lo. Nenhum de nós pode.

— Obrigado pela dica.

Ele estremeceu, com um sorriso nos lábios. Sua voz era superficial e seus olhos lacrimejavam de dor.

As emoções afloraram e eu as deixei de lado.

— Fique — ordenei, como se ele fosse um cachorro que estivesse se comportando mal.

Levantei-me para procurar o coletor de almas. Ele estava se abaixando para pegar sua pasta.

— Tessa — veio a voz rouca de Marcus. — Você acabou de dizer que não podemos vencê-lo.

Engoli com força.

— Eu sei.

— Então... o que você vai fazer? — perguntou ele, ainda no chão.

— Eu não sei.

O que era verdade.

— Alguma coisa.

Eu tinha que fazer alguma coisa. Se eu não fizesse, ele levaria as almas dos que estavam na biblioteca e depois levaria a da vovó.

Sem olhar na direção de Marcus, fui em direção ao demônio.

— Tessa, espere — disse Marcus, mas eu mantive meus olhos no coletor de almas. Não porque eu estivesse com medo de olhar para o chefe por medo do que ele veria em meu rosto, que ele veria a dor ali, mas porque eu não queria que ele visse o pavor absoluto e a falta de noção que eu sentia. Eu não tinha a menor ideia do que fazer.

O coletor de almas pegou sua pasta e limpou a neve com as mãos.

Será que me atrevi a fazer um movimento enquanto ele estava de costas? Você pode apostar que sim.

Concentrei minha vontade, estendi o braço direito e a palma da mão aberta para a pasta e gritei:

— Evorto!

Uma onda de força cinética explodiu de minha mão e atingiu a pasta.

Ela se elevou no ar, girando de ponta a ponta, e depois explodiu em uma nuvem de poeira.

Eu sorri para o demônio.

— Opa. Descuido meu — eu disse a ele, sentindo-me como se estivesse em um confronto em um filme antigo de faroeste.

O coletor de almas sorriu para mim com um sorriso desdentado. Então, das dobras de seu terno, ele tirou outra pasta, idêntica à que eu havia acabado de destruir.

— Bem, isso é uma droga.

Senti uma onda de náusea enquanto a magia recebia seu pagamento.

— Eu disse a você — veio a voz de Ronin de algum lugar atrás de mim.

O latim voou em meus ouvidos, e então minhas tias estavam lá, uma frente unida. Uma explosão de chamas verdes atingiu a nova pasta do colecionador de almas e ela foi engolida por um fogo esmeralda. O cheiro de couro queimado encheu o ar enquanto ela se derretia em uma pilha de gosma verde.

Mas, mais uma vez, com um sorriso no rosto, o coletor de almas tirou outra pasta de seu terno.

Encontrei a expressão preocupada de Dolores, vendo o medo em seus olhos, que provavelmente também estava nos meus, enquanto tentava pensar em um plano.

— Isso não vai parar.

Eu me encolhi quando a vovó apareceu ao meu lado.

— Vovó. Você não pode ficar aqui. Vá — eu a empurrei, pedindo que fosse para algum lugar, qualquer lugar que não fosse à vista de quem poderia tirá-la de mim. Eu não deixaria isso acontecer.

— Não vai fazer diferença — ela me disse.

— Talvez eu não consiga matá-lo, mas destruir sua pasta nos daria mais tempo. Precisamos de mais tempo.

Para fazer o quê? Eu não tinha ideia. Virei minha cabeça para trás. Marcus ainda estava no chão, onde eu o havia deixado. Allison estava ao seu lado, mas seu foco estava em mim.

— Agora que ele sabe que você pode destruir a pasta dele — disse ela, e eu voltei meus olhos para ela, — ele provavelmente tem centenas de outras. Milhares. Elas continuarão reaparecendo. Isso não vai parar. Você não pode destruí-lo.

— Você não pode ficar aqui. Você precisa ir embora.

Empurrei minha avó para trás, com força, mas a velha bruxa era mais pesada e resistente do que parecia. Ela não se mexeu.

A vovó cerrou a mandíbula e bateu com a bengala na calçada.

— Eu não vou a lugar nenhum. Você não pode me obrigar a sair. E você não pode se livrar de mim.

— Vovó

— Estou em cima de você como um carrapato.

Legal.

Um grito chamou minha atenção de volta para a biblioteca. Com uma mudança repentina na pressão do ar, as janelas da biblioteca explodiram em cacos de vidro quebrado.

As portas da biblioteca se abriram e uma multidão de recém-ressuscitados se aglomerou em uma correria louca.

Em seguida, pelo menos vinte esferas brancas brilhantes voaram pelas janelas, pairaram no ar por um momento como bolas de enfeite de Natal, passaram zunindo e desapareceram na pasta que os aguardava.

O coletor de almas virou sua pasta na direção do rebanho morto.

Em seguida, outro grupo caiu no chão e começou a gritar de dor enquanto convulsionava.

— Desgraçado. Você é um desgraçado!

A bile subiu em minha garganta. Era como ver Harriette sofrer sua verdadeira morte, a morte de sua alma, tudo de novo.

Alguns segundos depois, suas almas se ergueram de seus corpos mortos, mortos, e navegaram no ar antes de desaparecerem dentro da maleta.

O coletor de almas fechou a pasta, levantou-se e começou a seguir os últimos três mortos que agora corriam soltos pelas ruas. Bem, era mais um tipo de corrida arrastada e tortuosa.

Mas então ele parou e inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse ouvindo alguma coisa, como se algo tivesse chamado sua atenção.

E então meu pior pesadelo aconteceu.

Ele se virou, com seus olhos brancos procurando até que se fixaram na vovó. Um sorriso preguiçoso e malicioso contorceu seus lábios.

Então, ele apontou sua pasta para a vovó e a abriu.

Ela soltou um uivo. Sua bengala bateu na calçada enquanto ela tropeçava e caía, seu pequeno corpo explodindo em espasmos incontroláveis.

Meu coração saltou para a garganta.

—*Não!*

Eu me joguei na frente da vovó, usando meu corpo como escudo, mas isso não a impediu de ter convulsões.

Um pânico desesperado me atingiu como um chute no estômago. Eu não sabia o que fazer ou como impedi-lo de levar a alma dela. Não a minha avó.

Então, fiz a única coisa que me veio à cabeça.

Magia.

Tremendo com uma mistura de medo e raiva, eu elaborei minha vontade com toda a minha força. Parecia instável e incerta, como um poço secando. Ela veio a mim em gotas e gotas, pouco a pouco, como uma torneira com defeito, mas eu não podia pensar nisso agora.

Reuni minha energia em torno de minhas mãos erguidas e deixei que ela se espalhasse.

E então, em um só fôlego, gritei:

— Accendo! Inflitus! Ventum! Fulgur! Evorto! Inspiratione!

Faíscas voaram, literalmente, quando uma mistura de fogo, raios e energia cinética saiu de mim e foi lançada contra o coletor de almas.

Eu o atingi com tudo o que tinha. Deixei que as palavras de poder saíssem de minha boca enquanto a energia voava de meu núcleo. Eu estava balançando meus braços e meu corpo como um idiota. Parecia alguém tentando fazer um exercício aeróbico sob o efeito de drogas. Eu não tinha ideia se acertaria ele ou a pasta. Continuei jogando tudo o que tinha e rezei para acertá-lo pelo menos uma vez. Apenas uma vez. Por favor.

Eu continuei atacando-o. Não parei. Não até que minha cabeça começasse a latejar e eu sentisse o suor brotar sob meus braços e na minha testa. Minha garganta estava seca.

Um movimento chamou minha atenção quando vi sua pasta escorregar sobre

a neve e entrar em combustão até se desfazer em uma pilha de poeira.

Demorei um segundo para recuperar o fôlego. Vi o coletor de almas cambalear para trás, surpreso, pois pelo menos uma das minhas palavras de poder parecia ter surtido efeito sobre ele. Pena que eu não sabia qual delas era.

Dei uma olhada para a vovó. Ela havia parado de ter convulsões e agora estava deitada de costas, com a pele coberta por uma luz branca brilhante.

Ah, droga.

Seus lábios se mexiam, mas eu não conseguia ouvir o que ela estava tentando dizer.

— Vovó!

Caí de joelhos ao lado dela e senti uma sensação de mal-estar em minhas entranhas.

— Não. Não. Não.

Agarrei sua pequena estrutura e a puxei para o meu colo, como uma criança. Ela era uma bruxinha minúscula.

— Vovó? O que eu faço? O que eu faço? Diga-me o que fazer!

Mas seus olhos estavam fechados, seu rosto estava cheio de dor.

Um sentimento de pavor tomou conta de mim. Olhei para cima e vi minhas tias e minha mãe me observando. Seus rostos pareciam um pouco esverdeados.

E então a luz brilhante que cobria seu corpo se juntou para formar uma bola de luz que pairava. Ela dançou diante dos meus olhos por um momento, como se estivesse dizendo olá ou algo assim, e então disparou pelo ar noturno e entrou na nova pasta do colecionador de almas, antes de desaparecer com uma finalidade terrivelmente repentina.

Senti a liberação de meu controle sobre a vovó, como se sua estrutura sólida fosse subitamente reduzida a nada. E então seu corpo se desfez em uma pilha de cinzas.

Ela tinha ido embora.

Fiquei de pé com as pernas trêmulas, em parte porque tinha as cinzas da minha avó em cima de mim e, em outra parte, porque estava cheio de um tipo de raiva primordial.

— Tessa! Saia daí — disse a voz da Iris. Eu também ouvi a do Ronin, mas não consegui entender.

Em uma onda de pânico e desespero, desafiei o demônio. Não foi inteligente, mas eu estava coberta com as cinzas da minha avó morta e sua alma estava perdida para sempre para sofrer qualquer crueldade que os demônios do Submundo fizessem com ela.

Eu não estava exatamente em mim.

Ele tropeçou. Eu tinha visto isso. De alguma forma, eu tinha conseguido

atravessar seu exterior duro e demoníaco. Foi quando eu soube que ele poderia ser derrotado.

— Afinal, você não é tão durão assim — eu disse ao coletor de almas, enquanto ele ajustava o chapéu sobre a cabeça careca com aquele sorriso idiota no rosto novamente.

Eu acompanhei seu sorriso, embora minhas entranhas estivessem queimando. Eu ia vomitar em breve.

— Vou mandar você de volta para o submundo.

Eu não tinha ideia de como fazer isso, mas parecia ser a coisa certa a dizer.

Eu sabia que minha magia estava quase esgotada, mas eu podia sentir um pouco mais. Só um pouco. Eu não precisava de muito. Eu já o havia enfraquecido. Eu tinha que atingi-lo agora, antes que fosse tarde demais, antes que ele ficasse mais forte.

Fiquei de pé diante dele, com o rosto fixo no que eu esperava que parecesse determinação e não prisão de ventre.

— Diga adeus.

Puxei os elementos, atraindo-os novamente, uma última vez para mim. Para a vovó...

O sorriso do coletor de almas se alargou.

— Tchauzinho.

Franzi a testa. Não gostei da maneira como ele disse isso, com uma certeza em sua voz.

Antes que eu pudesse reagir, em um piscar de olhos, ele pegou sua pasta e a jogou em mim como se estivesse jogando uma partida de queimada.

Sentindo-me ousada, minha primeira reação foi rir. Sim, eu provavelmente não deveria ter feito isso.

Minha reação seguinte foi quase fazer xixi em mim mesmo.

Pisquei os olhos quando a pasta caiu aos meus pés. Fiquei paralisado quando a tampa se abriu sozinha. Ela estava vazia. Não sei bem o que eu esperava ver, mas não havia nada lá dentro.

Algo me agarrou, e digo algo porque não tinha ideia do que era. Tudo o que eu sabia com certeza era que aquilo me pegou, e eu estava morrendo de medo.

Eu não conseguia me mover. Não conseguia respirar. Não conseguia gritar. O mundo se transformou em uma cortina de agonia negra que se concentrava em torno do meu núcleo. Senti meus pés deixarem o solo sólido enquanto meu corpo era puxado para frente. E então percebi, com total choque, que estava sendo sugada para dentro da maleta.

Oh, Deus, não.

O medo me atingiu e tentei gritar. Tentei reagir. Tentei invocar minha magia.

Mas nada funcionou.

A última coisa que vi foi o rosto horrorizado de Marcus enquanto ele corria em minha direção.

E então só havia escuridão.

CAPÍTULO 20

Você já foi sugado para outro plano da realidade? Em outra dimensão ou mundo? É, eu também não.

Então, o que uma bruxa pode fazer? Simplesmente seguir em frente.

Eu estava envolta em escuridão. Ela estava em toda parte. Ela me engoliu e me manteve por um longo tempo. Fiquei à deriva em silêncio, flutuando em nada além de uma noite sem fim, um nada sem fim. Eu não estava frio nem quente. Eu não era nada. Será que eu estava sonhando? Talvez. Eu estava morta? Provavelmente.

A dor veio primeiro - um tipo de dor lancinante, como se cada osso do meu corpo estivesse quebrado e cada célula do meu corpo estivesse em chamas, pois eu estava sendo puxado em todas as direções ao mesmo tempo. Eu já havia tido minha cota de dor antes, mas nada como isso.

Isso era o inferno? Eu estava no Mundo Inferior? Minha alma estava sujeita a um tormento interminável dos demônios?

Em seguida, a memória surgiu em meio à névoa e comecei a me lembrar do que havia acontecido. O coletor de almas. Os mortos em Hollow Cove. As almas. Minha avó. Oh, Deus, vovó!

E Marcus... Esse foi um tipo diferente de dor - o tipo de traição que arrancou seu coração, pisoteou-o por uma hora e depois jogou futebol com o que sobrou.

Tessa…

Será que acabei de ouvir meu nome? Minha cabeça latejava como se alguém tivesse lhe dado um golpe de martelo. Quanto mais eu pensava em Marcus, quanto mais eu reproduzia as imagens de olhos cinzentos, lábios cheios e músculos dourados ondulantes em minha cabeça, mais ela doía. Estranho. Você não deve sentir dor nos sonhos. Então, por que eu estava sentindo dor?

Tessa! Acorde!

Certo, alguém estava na minha cabeça comigo.

Você tem sua própria cabeça! eu disse à voz, embora não tivesse ideia se ela havia me ouvido. Comecei a rir. Isso era divertido.

— Tessa, acorde!

Meus olhos se abriram. A vovó estava olhando para mim.

Piscando, voltei a mim lentamente, com um olhar estúpido. Eu sentia dores em todas as articulações, músculos, membros e células do meu corpo. Ser puxada para dentro de uma maleta faz isso com uma pessoa.

Droga. Eu havia sido puxado para dentro da pasta.

Essa era uma bagunça gigantesca e fedorenta, e eu estava no meio dela e subindo constantemente.

Eu me sentei.

— Onde estamos?

Olhei em volta, mas tudo o que vi foi escuridão. No entanto, eu podia ver a vovó claramente como se estivéssemos em uma sala bem iluminada. Pressionei minha mão no chão, piso, o que quer que fosse. Era sólido, frio, mas liso como azulejo. Mas eu sabia que não era.

— Estamos na pasta do colecionador de almas? Puta merda. Estamos mesmo. Não estamos?

Olhei em volta para a escuridão e o piso sólido. Fazia sentido. De alguma forma, ele havia encolhido nossos corpos até o tamanho de formigas. Se eu não estivesse tão apavorado, poderia ter achado legal.

A avó se inclinou para trás.

— Pode ser sua pasta. Purgatório? É possível. Eu gostaria de saber... mas nunca estive no purgatório antes.

A vovó olhou em volta.

— Acho que isso é mais um meio-termo.

— Um meio-termo? O que é um meio-termo?

A vovó enrugou o rosto em pensamento.

— É como se fosse um bolsão de realidade, outro lugar onde as almas e os seres espirituais esperam antes de irem para seus lugares pretendidos. Mas esse lugar... é mais como uma gaiola para almas presas.

— Almas?

Estendi a mão e toquei meus braços, pernas e peito.

— Estou sólida.

Agarrei as mãos de minha avó com as minhas.

— Você também está. E você parece a mesma de antes.

Eu as soltei e me inclinei para trás.

— Isso é muito estranho. Será que isso significa que estamos vivas?

— Use esse seu grande cérebro de Davenport — disse a vovó. — É claro que não estou vivo, Tessie. O que você viu do outro lado, no plano dos vivos, foi um cadáver. Um muito bem conservado, se é que posso dizer isso, mas um cadáver mesmo assim.

Meu cérebro estava tendo dificuldade para entender o que ela estava dizendo.

— Mas... eu não estou entendendo.

— Está tudo bem. Leva um momento para que sua cabeça se adapte a esta realidade. Este lugar. O que você vê, como você me vê agora, é uma representação de mim e da minha consciência. Esta sou eu como minha alma. Você está olhando para a minha alma.

— Então, eu também estou morta.

A lembrança do coletor de almas jogando sua maleta em mim veio à tona.

— Eu estava fraca demais para lutar com ele. Eu estava exausta. Sinto muito, vovó. Achei que poderia derrotá-lo. Fui estúpida.

A vovó estudou meu rosto.

— Ajude-me a levantar. Você poderia? Isso pode ser uma representação de mim, mas meus joelhos ainda são os joelhos de uma mulher de 94 anos.

Levantei-me e ajudei a vovó a se levantar, percebendo apenas que sua bengala estava faltando.

— Se você tem uma maneira de entrar... então, seguindo essa lógica, deve haver uma maneira de sair. Você chama esse lugar de intermediário? Então ele é temporário. Para mim, isso significa que é mais fraco. Talvez possamos atravessá-lo ou algo assim?

— Ouça-me, Tessie — disse a vovó enquanto eu a soltava gentilmente. — Esse meio-termo é para a coleta de almas dos mortos, mas você é diferente. Seu corpo não foi ressuscitado. Você estava viva quando ele levou sua alma. Você não deveria estar aqui. Você não é como nós.

— Nós?

Como se fosse a hora certa, ouvi o barulho de pés e um grupo de pessoas saiu das sombras desse lugar, perto o suficiente para que eu pudesse vê-las. Se esses eram os mortos em decomposição, com membros caindo, que estavam perambulando por Hollow Cove, eles não se pareciam em nada com o que eu me lembrava. Por mais estranho que pareça, eles pareciam saudáveis. Sua pele, apesar de pálida, era macia e cheia, sem sinais de decomposição, sem ossos aparecendo através de lacunas gigantes de pele e sem membros faltando. Era como se esse lugar os tivesse restaurado à aparência que tinham antes de morrer.

Só agora percebi que os dois olhos da vovó eram de um azul brilhante.

Meus olhos encontraram um rosto familiar.

— Harriette?

A amiga de Martha, Harriette, se aproximou, com o vestido coberto de sujeira agora limpo e praticamente brilhando.

— Ele pegou você também? E você é tão jovem. É uma pena. Você tinha toda a sua vida pela frente - ah, não.

Harriette ficou rígida, com os olhos arregalados de medo.

— Lá vem ele!

Não precisei perguntar a quem ela se referia enquanto a via se encolher nas sombras deste lugar. Eu? Bem, eu queria enfrentar esse bastardo que levou minha alma. Ela não era dele.

Fiquei onde estava, sentindo-me ao mesmo tempo ousada e tola, feliz por ver que vovó também não havia se mexido. Algumas outras almas ficaram paradas, com perguntas em seus rostos, o que me disse que elas estavam mais curiosas sobre o que aconteceria comigo do que com o medo do coletor de almas.

Um pensamento me ocorreu. Será que o coletor de almas poderia nos machucar aqui? É claro que sim. Afinal de contas, esse era o seu meio-termo. Ele poderia fazer o que quisesse conosco. Ou assim eu pensava.

Mas outra pergunta, mais pertinente, me chamou a atenção.

— Será que nossa magia funciona aqui? — sussurrei para a vovó.

Ela olhou para mim.

— Não faço ideia. Mas aqui está a sua chance de descobrir.

O colecionador de almas saiu das sombras, parecendo que estava indo fazer uma auditoria em alguma empresa sofisticada de Wall Street. Seu terno escuro foi feito sob medida, e aquela maldita pasta estava pendurada em sua mão.

— Bem, pelo menos ele é coerente — resmunguei, fazendo a vovó rir.

Eu poderia estar em pé como uma alma, uma representação espiritual de mim mesma neste lugar, mas a raiva que agora se espalhava pelo meu corpo parecia exatamente a mesma.

O coletor de almas foi direto para mim. Não me mexi, nem mesmo quando ele estava cara a cara comigo, a apenas 30 centímetros de mim.

O demônio era alto. Provavelmente tinha um metro e noventa, um metro e um e noventa e três, e era magro. Muito magro, com a pele do rosto esticada sobre músculos e ossos. Ele exibiu um sorriso como se estivesse feliz em me ver, como se fôssemos velhos amigos que tivessem se reencontrado. Assustador.

O coletor de almas abriu sua pasta. Eu me enrijeci, pronto para puxar minha magia se ele fosse nos sugar novamente e nos levar a quem quer que tivesse prometido nossas almas.

Mas ele sacou o que parecia ser uma caixa registradora portátil do tamanho de sua mão e jogou a pasta no chão ao seu lado.

Fiquei observando enquanto ele digitava. Ouvi um som parecido com o da

impressão de papel e, em seguida, vi um pequeno pedaço de papel saindo da parte inferior da minúscula máquina.

— Aqui está o seu ingresso — disse o coletor de almas ao rasgar o pedaço de papel e tentar entregá-lo a mim, novamente com um sorriso estranho e assustador, como se estivesse me fazendo um favor.

Certo. Isso era muito estranho. Mas eu também podia fazer coisas estranhas.

Coloquei as mãos nos quadris.

— Ingresso? Por que eu preciso de ingresso?

Ele me lançou um olhar irritado.

— Todas as almas precisam de sua passagem. Sem passagem. Não há troca — ele me informou, como se isso devesse significar alguma coisa.

Cruzei os braços sobre o peito, movendo-me ligeiramente para a esquerda para que vovó ficasse parcialmente escondida.

— O que acontece se eu recusar minha passagem?

Ouvi alguns suspiros dos mortos em algum lugar nas sombras. Acho que todos eles pegaram suas passagens.

Eu tinha a sensação de que, se pegasse a passagem, de alguma forma minha presença aqui seria definitiva. Se eu pegasse aquele pedaço de papel, nunca mais sairia.

E eu não estava planejando ficar.

O rosto do demônio ficou com uma expressão hostil. Ela era estreita, azeda, e sua voz combinava com ela.

— Você não pode recusar sua passagem. Nenhuma alma recusa sua passagem. Você deve aceitá-la. Aceite-a agora.

Ele balançou o pedaço de papel na frente de meus olhos.

— Eu não quero isso.

Ele me lançou um olhar assassino, com o rosto ondulando.

— Pegue-o.

— Me obrigue.

Sim. Eu estava sendo imatura, mas o desgraçado tinha levado minha alma e eu não ia facilitar as coisas para ele.

Eu já deveria ter recebido uma dose de adrenalina ou um coração batendo em meus ouvidos. Mas não havia nada. Nenhum batimento. Nenhum pulso extra de adrenalina. Então me dei conta de que eu estava realmente morta. Eu deveria estar assustada. Deveria estar fora de mim de medo. Mas tudo o que senti foi raiva, fúria por esse demônio ter tirado minha vida antes que eu estivesse pronto para ir. Essa bruxa tinha muitas coisas para fazer antes de chutar o caldeirão.

O coletor de almas amassou o tíquete em sua mão e digitou algo novamente em seu distribuidor portátil de tíquetes de almas antes de rasgar o papel que

apareceu na parte inferior.

Ele bateu os calcanhares e se curvou na cintura.

— Aqui está uma nova passagem — disse ele e tentou me entregar o pequeno pedaço de papel.

— Pegue-o.

Eu sorri da forma mais confiante e arrogante que pude.

— Que tal você pegar esse bilhete e enfiá-lo na sua bunda ossuda?

A vovó bufou.

— Eu já lhe disse que você é minha neta favorita?

— Sou sua única neta.

— É por isso que você é a minha favorita.

O coletor de almas ficou em silêncio por um segundo.

— Pegue. Seu. Bilhete. Por favor.

Por favor? *Oooh.* Ele estava bravo. Mas ele havia dito algo importante. Ele disse que, sem a passagem, não haveria troca. E eu estava indo para a parte da não troca.

Eu ergui o quadril.

— Eu sou teimosa. Sou a bruxa mais teimosa em uma família de bruxas teimosas.

O demônio recuou, seu rosto era uma máscara de raiva. Seu corpo ondulou por um segundo, as sombras deslizando ao seu redor. E eu juro que ele ficou alguns centímetros mais alto.

— Sim, você é teimosa — concordou o demônio, com a voz distorcida pelo desgosto. Seus olhos se voltaram para o bilhete e ele leu:

— Tessa Davenport. Vinte e nove anos. Nascida em dezesseis de janeiro. Cinco e nove. Peso, sessenta e nove quilos.

— Ei, eu estou com sessenta e quatro quilos.

O quê? Eu juro.

— Você era solitária quando criança. Você era introvertida. Você não tinha muitos amigos.

O demônio me deu um sorriso, com os dentes muito retos e perfeitos. Parecia errado.

— Você chorava muito. Você era uma bebê chorona.

— Vai se foder.

As emoções que eu pensei ter enterrado há muito tempo vieram à tona novamente - sentimentos de abandono, de inutilidade, de estar completamente sozinha em um mundo onde seus pais não queriam você. Naquela época, eu era uma criança. Eu não era mais uma criança.

O demônio fez um som de alegria em sua garganta.

— Sua mãe é Amelia Davenport. E seu pai é… — ele olhou para mim, com um olhar estranho. — Você quer saber quem é seu pai? É o que você quer saber, não é? Está escrito bem aqui. No seu bilhete.

Ele balançou o bilhete na minha frente novamente, desafiando-me a pegá-lo, com seus olhos arregalados em desafio.

Tudo bem. É hora de me recompor antes de enlouquecer. Eu não tinha ideia de como o demônio sabia disso. Poderia ser um truque. Os demônios eram mestres em truques. Se ele pudesse ler minha mente, saberia que eu estava desesperada para descobrir isso. Mas suas ações, sua súbita manipulação, também me disseram que eu estava certa. Ele diria qualquer coisa para tentar fazer com que eu pegasse aquele maldito pedaço de papel. Quaisquer que fossem essas passagens, eu tinha que recusar a minha. Se eu aceitasse, estava tudo acabado. Sim, eu sabia que talvez já estivesse tudo acabado para mim, mas meu instinto - se é que as almas tinham um instinto - dizia o contrário.

— Tessie, o que você está fazendo? — sussurrou minha avó.

— Tentando nos tirar daqui — sussurrei de volta.

— O seu plano é insultá-lo?

— Sim.

— E está funcionando?

— Se ele não me esmagar como um inseto em cerca de três segundos, então, sim. Acho que estou no caminho certo.

Esse era um trabalho perigoso - desafiar um demônio em seu próprio reino ou universo de bolso - mas eu estava seguindo meu instinto.

O demônio me observou com curiosidade.

— Você não quer saber? — ele desafiou novamente, seus olhos brancos brilhando de cobiça.

— Você não quer saber sobre o passado de sua mãe? Como você veio a existir?

Mantive minha posição e encarei os olhos do demônio como um desafio.

— Não me importa o que está escrito no seu pedaço de papel. Mesmo assim, não vou aceitá-lo.

O coletor de almas uivou de raiva, um som agudo como os gritos de mil almas. Eu dei um passo para trás. Acredite em mim. Você também teria dado.

Os mortos que haviam ficado para assistir a essa farsa que eu havia criado fugiram como ratos assustados de um grande gato. Bebês grandes.

O demônio se afastou e andou pela sala, espaço, recinto espectral, o que quer que fosse. Seu corpo ondulou novamente, enquanto as sombras se enroscavam ao seu redor. Quando as sombras se assentaram, ele estava mais alto, talvez dois metros e dez agora, ainda magro, mas sua cabeça havia se alongado e alargado

de forma não natural, assim como sua boca. Mas seus olhos continuavam os mesmos. Garras negras brotavam nas extremidades de seus dedos, do tamanho de facas de cozinha. Ele parecia um espantalho gigante do inferno.

Os olhos do coletor de almas ficaram brancos até se tornarem brilhantes e dolorosos de se ver. Ele se virou com raiva, movendo seu olhar ardente para mim e depois para minha avó, como se estivesse tentando decidir quem devorar primeiro. Seus olhos se fixaram em mim.

— Acho que você o deixou furioso — murmurou a vovó. — Veja. Ele está espumando pela boca.

— Sim. Também estou vendo um pouco de baba caindo.

Ela riu. Eu ri. Foi um momento estranho. Acho que esse meio-termo estava brincando seriamente com nossas cabeças.

E quando o coletor de almas voltou a falar, seus dentes eram afiados e pontudos, como os dentes de um peixe.

— Se a sua alma não valesse cem almas, eu rasgaria você ao meio!

Isso foi uma surpresa.

— Minha alma vale tanto assim?

Viva eu.

— Por quê?

O coletor de almas abriu a boca como se fosse responder, mas depois cerrou a boca.

— Acho que mudei de ideia — disse ele. — Você não vale o trabalho.

Eu bufei.

— Ah, mas eu sou... tão problemática.

Ele veio em minha direção, com seus membros desajeitados, garras e dentes de peixe. Ele se movia como um personagem de animação em stop-motion com alguns quadros faltando, seus movimentos eram bruscos e rígidos. Ele me lembrava ainda mais um espantalho em um terno. Isso me fez pensar se esse era o seu verdadeiro eu, e se a versão que eu tinha visto no mundo dos vivos era apenas uma aparência.

— Se eu o matar — eu disse rapidamente. — Vamos todos para casa?

— Se você pudesse matá-lo, o que eu não acho que possa — disse a vovó, dando-me um sorriso compreensivo.

— Mas e se eu conseguisse?

— Então você vai para casa. Nós voltamos para nossos túmulos.

— É o suficiente para mim.

Vale a pena tentar.

Com minha confiança renovada, fiquei de pé com as mãos abertas e puxei os elementos.

E nada aconteceu.

Foi então que percebi meu erro. Os elementos que me deram minha magia não existiam aqui. A magia elementar era o poder de exercer algum controle sobre a natureza e seus elementos, mas não havia natureza aqui. Muito pelo contrário. Aqui, no meio do caminho, não havia elementos. Nenhuma forma de magia, nenhum poder terrestre, nenhuma energia correndo pelo ar. Não havia nada.

Ooops.

Eu me preparei, olhando para o demônio horrendo. Tecnicamente, eu estava morta. Certo? Então, quão ruim isso poderia ser?

Ruim. Muito ruim.

A última coisa que vi foi o rosto sorridente do coletor de almas, quando seu punho se chocou com minha mandíbula e lindas estrelas negras mancharam minha visão.

CAPÍTULO 21

A dor no meio era igual à dor no mundo dos vivos, possivelmente até pior.

Caí no chão duro e preto e rolei. Assim que minha visão clareou, um sapato gigante entrou em minha linha de visão. Que merda. Ele ia me pisotear até a morte. Ou seria a verdadeira morte? Eu não tinha certeza da nomenclatura, mas quem se importava?

Eu me afastei, assim que um sapato tamanho 46 bateu no local onde eu estava um segundo atrás.

Levantei as sobrancelhas, surpresa com minha própria velocidade.

— Você perdeu...

Um punho acertou a lateral da minha cabeça, duas vezes, e meu equilíbrio vacilou. Eu não esperava por isso. Com meus instintos de bruxa intactos, consegui me levantar e me afastar antes que ele me atingisse novamente.

Sem magia, eu teria que confiar em minhas habilidades de combate inexistentes, que consistiam basicamente em um chute nas bolas. Quando você estiver em dúvida, dê um chute nas bolas. Espere... será que ele tinha bolas?

Uma rápida olhada ao meu redor me mostrou que a única pessoa que estava assistindo à minha humilhação era minha avó. Acenei para ela com o dedo. Ela balançou a cabeça em sinal de desapontamento.

— Sem bilhete. Sem troca. Sem acordo — o demônio repetia essas palavras sem parar, balançando seus membros desajeitados, seus movimentos bruscos como uma marionete gigante.

A única coisa boa de estar no meio-termo era que eu não tinha a necessidade constante de fazer xixi. Isso já era alguma coisa.

Estudei o demônio por um momento. Se eu não podia fazer mágica, como poderia sair daqui?

O coletor de almas veio até mim novamente. Pensei em correr, mas para

onde eu iria? Apenas a escuridão me cercava e depois mais escuridão.

A mão fria do demônio envolveu minha garganta e me tirou do chão. Ele me aproximou de seu rosto até que a ponta de seu nariz cutucou minha bochecha. Seu hálito fétido cheirava a carniça, como se toda a carne das almas que ele roubou estivesse em seu estômago.

— Você precisa de um Tic Tac — sussurrei, e ouvi o som característico de carne batendo em carne, como se alguém tivesse dado um tapa na testa. Vovó.

O coletor de almas estreitou os olhos e apertou. Ele apertou minha garganta e continuou apertando até eu ouvir alguns estalos. Que merda. Ele ia arrancar minha cabeça como um dente-de-leão. Uma onda de risadas nervosas me invadiu ao pensar nisso. Eu realmente não deveria estar rindo, mas não pude evitar.

No entanto, não tinha certeza se minha alma sobreviveria sem minha cabeça. Fechei meus olhos. Uma certa paz ressoou ao saber que tudo estava prestes a acabar. Eu tinha feito tudo o que podia pensar, lutado o máximo que pude, e agora estava tudo acabado.

Em meus últimos segundos, eu me vi desejando ociosamente ter tido tempo para conversar com Marcus. Eu ainda tinha muitas perguntas para ele. O motivo de ele não ter me contado sobre a Allison era a principal delas. Havia também a questão de saber quem era meu pai. Depois daquele pequeno incidente, eu sabia que estava descobrindo algo. Agora eu nunca descobriria...

Meus olhos se abriram.

— Pare! Vou pegar o papel! — Consegui sibilar.

A pressão em volta do meu pescoço aumentou e, de repente, caí no chão. Senti dor em minha coxa direita, mas pelo menos minha cabeça ainda estava presa ao pescoço. Considerei isso como uma vitória.

O demônio olhou para mim, com a cabeça balançando de um lado para o outro.

— Você vai pegar sua passagem?

— Sim.

Aquele distribuidor portátil de ingressos para almas apareceu magicamente em sua mão e ele arrancou um ingresso novinho em folha e tentou entregá-lo a mim.

Levantei minha mão e fiz um gesto para que ele esperasse.

— Não tão rápido, C.A. Achei que poderia abreviar seu nome agora que éramos amigos. — Vou pegar sua passagem, mas primeiro você precisa responder a algumas perguntas. Vocês, demônios, fazem acordos. Você é um demônio que faz acordos, certo? Bem, este é o meu acordo.

O som de pés arrastando-se em minha direção me fez dar meia-volta.

— Tessie, o que você acha que está fazendo? — O rosto da vovó era uma

mistura de horror e medo. — Você é a única pessoa que tem a chance de sair deste lugar.

— Vai dar tudo certo. Confie em mim.

Ela olhou para mim, mas não disse mais nada.

O demônio estreitou os olhos e me considerou por um momento.

— Faça suas perguntas.

Engoli, achando estranho não sentir a batida familiar de um coração. Eu me sentia oca, vazia, errada.

— Quem convocou você em Hollow Cove? Preciso de um nome.

O coletor de almas sorriu.

— Isso é confidencial. Não posso revelar os nomes dos signatários. Esses são os termos do contrato. Eles são bem claros sobre esse assunto. Revelar qualquer nome violaria o acordo. Afinal, sou um profissional.

Números.

— Tudo bem, então.

Eu teria que tentar um ângulo diferente.

— Qual foi o motivo por trás do contrato de vocês? Qual foi a troca?

— Também não posso dizer isso a você.

—Vamos lá — insisti. — Você precisa me dar alguma coisa. Estou pegando minha passagem aqui.

O coletor de almas cruzou os braços sobre o peito magro enquanto pensava sobre isso.

— Posso dizer a você... que o acordo consistia em conceder uma vida.

— Uma troca por uma vida?

Droga.

— Todas essas almas por uma vida?

A da minha avó. Da Harriette. Todos aqueles mortos?

Ele assentiu com a cabeça, pensativo.

— Sim.

Eu o encarei com incredulidade.

— Como isso é justo?

O coletor de almas deu de ombros.

— Eu sou um demônio. Não jogamos limpo.

— Certo.

Ele olhou para mim com firmeza.

— Eu apenas ofereço os termos. O sujeito tem o direito de recusar. E, nesse caso, a oferta foi aceita. Estou em meu direito de receber as almas que me foram prometidas.

Como ele já estava falando, decidi continuar.

— Mas meu nome não estava no contrato. Certo?

O demônio inclinou a cabeça para o lado.

— Não. Seu nome não estava no contrato.

— Então, em teoria, o que você fez foi ilegal.

Eu não tinha ideia se existia tal coisa aqui, mas eu estava desesperada.

— Você não tinha o direito de me trazer para este lugar.

Foi um pouco exagerado, mas, a essa altura, eu não tinha mais nada a perder.

O coletor de almas riu, um riso doentio, úmido e infestado de catarro que fez os pelos da minha nuca se eriçarem.

— Não há ilegalidades aqui. Apenas acordos. Contratos. É simples. Você me atacou primeiro. Eu fui obrigado a me defender, o que no Submundo constitui uma reivindicação legítima da sua alma.

Droga. Meus olhos se voltaram para a pasta que ainda estava no chão. Se eu entrasse pela pasta dele, poderia sair da mesma forma? Era uma porta?

— Sua passagem — insistiu o demônio novamente.

— Mantenha suas calças vestidas, C.A. — eu disse a ele. — Essa pessoa ou pessoas estão em Hollow Cove? Você mora lá?

— Sim.

Você está bem. Isso foi uma coisa boa. Mas só se eu pudesse sair desse lugar.

— Acho que já são perguntas suficientes — disse o coletor de almas. Ele acenou com o bilhete na minha frente. — Um acordo é um acordo, Tessa Davenport.

Eu sorri para o demônio.

— Eu menti.

O demônio uivou em fúria primordial e lançou um braço longo contra mim. Eu peguei apenas uma pequena fração do golpe, mas foi o suficiente para me jogar no chão com uma dor agonizante.

Você está bem. Talvez não seja a coisa mais inteligente do mundo para você dizer.

Senti mãos em meu braço e me virei para encontrar a carranca decepcionada de vovó.

— Você é ainda mais estúpida do que sua mãe.

— Obrigada — fiz uma careta, não gostando da comparação.

Levantei-me com a ajuda de minha avó. Segui seu olhar azul e preocupado atrás de mim até o coletor de almas que parecia estar prestes a me esmagar com os punhos, como uma das panquecas de Ruth.

— Não se preocupe, vovó. Eu cuido disso.

— É mesmo? — questionou ela com ceticismo. — Não parece.

Eu poderia estar fora de mim ao irritar um demônio no meio do caminho,

mas ainda tinha uma carta para jogar. Se isso não funcionasse, então sim, eu estava ferrada.

— O que você vai fazer? — perguntou a vovó.

Exalei, o que na verdade era apenas eu abrindo a boca, já que não precisava de ar para respirar. Que estranho.

— A única coisa que posso fazer — eu disse a ela.

O coletor de almas veio até mim com pressa, mas eu já estava esperando por isso.

Concentrando-me, enviei minha vontade, como uma linha de pesca, tentando pegar algo - qualquer coisa.

Canalizei as linhas ley.

O que eu poderia dizer? O desespero deu a uma mulher recursos extraordinários.

Eu não fazia ideia se as linhas ley levavam a outro mundo, a outro plano de existência, mas estava disposta a apostar que sim. Talvez apenas uma fração, mas o suficiente para o que eu precisava fazer.

A menor centelha de energia respondeu e, se eu não estivesse prestando atenção, não a teria percebido.

Puxei-a, puxei a única fonte de energia ou magia que consegui alcançar.

— Tessie, é melhor você se apressar — insistiu a avó. — Ele está chegando.

— Fiz o melhor que pude — falei, enquanto soltava as linhas ley, o que eu achava que eram linhas, mas que poderiam facilmente ser apenas a energia que mantinha esse lugar funcionando.

— Estou feliz por ter conhecido você, vovó — disse a ela com sinceridade, meus olhos no colecionador de almas furioso que vinha em minha direção.

— Eu também.

Senti os dedos da vovó entre os meus e apertei. Se eu estava prestes a ser esmagada como um inseto, é melhor que fosse com uma pessoa querida ao meu lado. Meus olhos ardiam, mas eu não tinha lágrimas. Se tivesse, meu rosto estaria molhado com elas.

— Mentirosa! — rugiu o coletor de almas. — Mentirosa! Mentirosa! Mentirosa!

Ele veio até mim novamente, todo parecido com uma marionete, quase mecânico, e eu quase soltei uma risada nervosa.

Este é o fim...

Senti uma explosão de energia repentina me atingir, um poder vibratório em meus ossos, e não tinha nada a ver com o coletor de almas.

A vovó ofegou. Olhei para ela, mas ela estava olhando para trás. Segui seu olhar.

Das sombras, surgiu um homem com olhos prateados.
Sorri e acenei para ele com o dedo com a mão livre.
— Por que você demorou tanto, pai?

CAPÍTULO 22

Você poderia ter me chamado de delirante. Ou completamente louca. Talvez eu estivesse. Talvez seja isso o que acontece quando você passa um tempo no meio-termo, mas eu estava tentando me livrar disso. No entanto, meu instinto me dizia que eu estava certa. Esse homem de olhos prateados, o demônio, era o meu querido pai. Bem, se ele não era, eu estava em um problema ainda maior.

Pelo menos ele havia chamado a atenção do coletor de almas, que parou de avançar sobre mim. Seus olhos brilhantes e ofuscantes se fixaram no recém-chegado.

Até mesmo Harriette e os outros mortos aqui saíram das sombras para dar uma olhada melhor. Ou isso, ou eles estavam apenas esperando para ver o que o coletor de almas iria fazer.

O estranho de olhos prateados usava uma bela jaqueta azul-marinho com uma camisa branca bem passada. Seus cabelos grisalhos e sua barba eram cortados rente à pele clara. Ele era alto, com ombros fortes, mas parecia pequeno em comparação com o coletor de almas.

Os dedos da vovó se soltaram da minha outra mão e ela agarrou meu braço, equilibrando-se. Fiquei um pouco irritada com o fato de o coletor de almas não ter lhe oferecido uma bengala. Mas por que ele faria isso?

Nossos olhos se encontraram. Eu esperava ver uma expressão de choque em seu rosto enrugado, mas ela parecia... parecia aliviada e ligeiramente curiosa.

— Você sabia?

Vovó deu de ombros.

— Eu sabia que seu pai não era Sean, o perdedor. Só não tinha certeza de quem ele era. Mas ele — ela fez um gesto com a cabeça. — Ele poderia ser o seu pai. Ou talvez não seja.

Se ele era meu pai, isso significava que meu pai era um demônio...

Não sei. Posso trabalhar com isso.

— Bem, estou ferrada de qualquer maneira se ele não ajudar.

Limpei a garganta, esperei até que o demônio de olhos prateados olhasse para mim e disse:

— Você é meu pai. Você é meu pai, certo?

O demônio de olhos prateados veio até mim e a vovó.

— Tessa? É curioso ver você aqui. O que você fez agora?

Sua voz estava vazia, como se ele não estivesse nem um pouco preocupado com o fato de eu estar presa aqui. Que eu provavelmente estava morta e ele estava conversando com a minha alma.

— Eu? — eu encolhi o rosto. — Você está curioso?

—Você está perdida?

O colecionador de almas entrou em seu caminho, com seus membros desajeitados balançando como um espantalho em uma brisa.

— Este é o meu armário. Pegue o seu.

Armário? Sério?

Vovó e eu olhamos para você. Interessante. Estávamos presos em um maldito armário, em algum lugar intermediário. Isso era muito errado.

O coletor de almas empurrou o estranho para trás, forçando-o com um dedo.

— Você não pode ficar aqui. Saia!

O homem de olhos prateados ajeitou a camisa.

— Estou aqui para buscar minha filha — disse ele, fazendo-me estremecer, e a vovó apertou meu braço com mais força. Então eu estava certa.

Eu podia sentir os olhos de Harriette em mim. Todos os mortos estavam olhando para mim. Eu não os culpava. Meu pai era um demônio. Essa não era uma frase que você ouvia muito, mesmo em nossos círculos paranormais.

Eu já tinha minhas suspeitas, mas agora que ele disse as palavras em voz alta, elas se tornaram verdadeiras.

Meu pai era um demônio. Então... o que isso fez de mim?

— Então é ele, não é? — disse a vovó. — Bem, ele não é feio de se ver. Uma raposa prateada. Parece que você herdou a aparência de seus pais, mas acho que sua magia vem dele. Sua mãe é um fracasso.

Enquanto os dois demônios se encaravam, aproveitei aquele momento para falar com a vovó.

— Vovó. Se eu sair daqui, o que acontecerá com você?

A vovó soltou meu braço e pegou minha mão com a sua.

— Não se preocupe comigo, Tessie. Estou velha. Estou morta. Você precisa pensar em você agora.

— Mas — insisti, — o que acontecerá com sua alma?

Então, ela desviou o olhar de mim.

— Um demônio vai ingeri-la, eu presumo. Ou ele venderá minha alma para quem der o maior lance. E então eles a torturarão. E me torturarão, suponho.

Balancei a cabeça.

— Isso não pode acontecer.

A avó parecia cansada.

— Não há nada que você possa fazer sobre isso. É tarde demais para nós.

— Não se eu puder evitar.

Eu não estava desistindo da vovó ou das outras pobres almas presas nesse armário sobrenatural. Se eu conseguisse descobrir uma maneira de quebrar aquele contrato antes que eles fossem trocados ou vendidos ou o que quer que fosse, estaríamos garantidos.

Primeiro, eu precisava sair daqui. Você precisa sair daqui. Nada de mais.

— Vamos ver o contrato — disse meu querido pai, com a mão estendida e fazendo gestos. — Se o nome dela não estiver nele, e tenho certeza de que não está, ela virá comigo.

Seus olhos brilharam repentinamente, e o chão sob meus pés vibrou com força.

A avó deu uma risadinha, parecendo a Ruth.

— Vai haver uma briga! — disse ela alegremente.

Meu pai - era estranho dizer isso para mim mesma - estalou os dedos e um pergaminho de papel apareceu em suas mãos.

O coletor de almas sibilou e cuspiu algumas palavras em outro idioma que eu supunha ser algum tipo de dialeto demoníaco. Papai parecia ter alguns truques na manga.

Meu pai desenrolou o pergaminho.

— O nome dela não está aqui.

Ele entregou o contrato ao coletor de almas que o pegou de volta e, em um piscar de olhos, o pergaminho desapareceu ou se dissolveu.

O coletor de almas apontou o dedo para mim.

— Sua alma é minha. Ela selou seu destino ao me atacar. Eu tinha todo o direito de pegá-la. Ela pertence a mim.

Ele teve a coragem de fazer cara de pena, como se eu fosse a vilã.

— O que você quer em troca da alma dela?

Meu pai cruzou os braços sobre o peito, com um ar de negócios, como se essa não fosse a primeira vez que ele lidava com um colecionador de almas.

A sobrancelha sem pelos do colecionador de almas se ergueu e desapareceu sob seu chapéu.

— Você quer negociar?

Meu pai levantou o queixo enquanto sua voz se transformava em gelo.

— Eu quero negociar.

O rosto do colecionador de almas se abriu em um sorriso malicioso que me deixou arrepiada. Ele esfregou suas mãos longas e esqueléticas com alegria. Depois de parar por um momento, ele disse:

— Uma parte de sua alma.

— Feito — concordou meu pai sem hesitar um segundo.

Os dois demônios tremeram sobre ela. Uma centelha de luz cintilou em suas mãos, que só poderia ser a partição da alma de meu pai - se é que isso existia. E então ela se apagou quando eles se separaram.

O coletor de almas bateu palmas com alegria e pulou de um pé para o outro. Ele levantou o chapéu e fez uma reverência na cintura.

— Foi um prazer fazer negócios com você, Obi-Wan Kenobi.

Ele se virou, pegou sua pasta no chão, entrou na escuridão e simplesmente... desapareceu.

— Obi-Wan? Você está brincando comigo?

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— O que acabou de acontecer?

— Seu pai acabou de sacrificar uma parte da alma demoníaca dele pela sua vida — respondeu a vovó, embora eu já soubesse a resposta. Ela franziu os lábios.

— Bom sujeito.

Eu o observei chegar. Ele era um estranho para mim. No entanto, ele tinha acabado de fazer algo que minha própria mãe nunca teria feito.

— Espero que você tenha um bom terapeuta — disse a avó.

— Não preciso de um terapeuta — eu disse a ela. — Eu tenho vinho.

Meu pai fez uma pausa quando chegou até nós, seus olhos prateados pousaram na vovó. — Você é a mãe de Amelia. Eleanor Davenport, se não me engano — disse ele, como se estivesse apenas reconhecendo a presença dela.

— Eu sou — respondeu a vovó, olhando para ele. — Acho que nunca nos conhecemos.

Algo passou por suas feições que poderia ser interesse.

— Hmm.

Seu olhar prateado se voltou para mim.

— É hora de ir, Tessa — disse ele ao colocar a mão em meu ombro.

— Espere um pouco. Você está deixando seus amigos demônios pensarem que seu nome verdadeiro é Obi-Wan Kenobi? Sério?

Agora eu sabia que éramos mesmo parentes.

— Você precisa *mesmo* ir embora agora.

— Espere! Tenho muitas perguntas para você, senhor.

— Tenho certeza de que você tem — respondeu ele com um meio sorriso. — Mas agora não é o momento. Quanto mais tempo você permanecer no meio, mais fraca sua alma mortal se tornará, até que ela se separe do seu corpo e nunca mais possa voltar.

— Mas e a vovó? — Perguntei, olhando para ela. — E a alma dela? Você não pode fazer nada?

Ele balançou a cabeça.

— Não posso. O nome dela está no contrato.

— E daí? — Eu gritei, o pânico bateu forte com a ideia da alma da vovó sendo ingerida por algum demônio monstruoso. Mas então, meu pai também era um demônio... isso era uma bagunça.

— Os contratos são quebrados o tempo todo. Você não pode ajudá-la?

Ele me lançou um olhar vazio.

— Não posso.

Meu medo se transformou em frustração.

— Não posso simplesmente deixá-la aqui. Ela é da minha família. Isso não está certo.

O aperto de meu pai em meu ombro ficou mais forte.

— Sinto muito, mas não há nada que eu possa fazer por ela.

— Então vou ficar — falei, tentando me livrar de seu aperto, mas era como se sua mão estivesse colada ali. — Eu mesmo posso encontrar uma saída.

Provavelmente não, mas eu esperava que ele não percebesse meu blefe.

— Tessie, não seja estúpida — argumentou a vovó. Eu nunca tinha visto uma dor tão suave em seu rosto antes.

— Ouça o que ele tem a dizer. É tarde demais para mim.

— Não é.

Olhei fixamente para meu pai. A ideia de deixar a vovó aqui, com sua alma para morrer, era insuportável. Abri a boca para dizer a ele que fizesse algo novamente, mas um flash de luz, uma explosão de calor e uma nuvem de escuridão voaram ao meu redor. Quando dei por mim, comecei a cair.

E então meu mundo se tornou uma luz branca e nada mais.

CAPÍTULO 23

Acordei em um quarto branco iluminado, com paredes brancas, piso branco e sem janelas. Era grande, mas não tanto que eu não pudesse ver as paredes e a estrutura do local. Tinha um ar de hospital ou necrotério. Isso era o Céu?

A última coisa de que me lembro é de meu pai, o demônio, tocando meu ombro. Então, com um flash de luz, agora eu estava aqui. Mas onde estava?

Minha cabeça doía. Minhas pernas, braços e quadril doíam ainda mais. Tudo estava doendo, como se eu tivesse sido separado e colocado de volta no lugar muito rapidamente. Meu pescoço estava rígido e levei um segundo para perceber que estava na horizontal, deitado no chão e olhando para um teto branco.

Teto.

Levantei-me para me sentar e olhei ao redor, percorrendo o cômodo com o olhar até chegar a uma escada. Escada. Meu coração bateu forte em meu peito. Meu coração. Eu estava viva!

Respirei fundo. Depois respirei novamente. O lugar era muito limpo, mas o ar cheirava a agulhas de pinheiro, folhas molhadas e prados floridos, misturados com um aroma subjacente de café. Familiar.

Levantei-me rapidamente, com o pulso acelerado.

— Estou no porão?

Girei no lugar.

— Não há nada aqui.

Definitivamente, este era o porão da Casa Davenport. Eu tinha certeza. Mas ele estava vazio.

Eu esperava ver alguma coisa. Algum equipamento de tortura? Ou uma câmara onde os homens que Beverly chutou para baixo aqui fossem magicamente lobotomizados? Imagine minha decepção total ao encontrar uma sala estéril, com aspecto de hospital, sem maridos traidores fervendo em

caldeirões.

Mesmo assim, aprendi algo. O porão era uma espécie de porta de entrada, um portal para o Mundo Inferior. Eu sorri. A Casa Davenport ainda era cheia de segredos.

Então, meu pai demônio - sim, demônio - havia sacrificado um pedaço de sua alma para me devolver a vida. Eu teria que pensar nisso mais tarde. Era muita coisa para processar. E agora? Agora, eu tinha que cancelar o contrato com o coletor de almas da vovó e das outras almas mortas. Eu não ia deixar a alma dela apodrecer no meio do caminho.

Corri para as escadas, subi-as e abri a porta do porão.

Muitas coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Dolores soltou um grito que ultrapassou o limite máximo da escala quando caiu da cadeira e se espatifou no chão com um baque alto.

Um instante depois, Beverly colocou as mãos nos seios, como se estivessem prestes a decolar para o céu como foguetes.

Iris me deu um pequeno aceno do outro lado da mesa da cozinha, parecendo satisfeita e não muito surpresa ao me ver.

Minha mãe olhou para mim. Bem, ela tentou, mas seus olhos estavam em todos os lugares ao mesmo tempo.

— Ah, você voltou — disse ela, arrotou e começou a rir.

E depois havia a Ruth.

— Ah, você voltou dos mortos como eles? — ela perguntou, com um sorriso enorme no rosto, apontando para três pessoas mortas ressuscitadas sentadas em nossa sala de estar. Reconheci Sam quando ele acenou para mim.

— Estou ficando muito bom em costurar e colar partes do corpo.

O rosto de Ruth estava vermelho e manchado de forma não natural.

— Você precisa de ajuda?

— Não, mas obrigado — eu disse a ela, achando que deveria ser educada. — Eu não estou morta. Quero dizer, eu estava. Mas não estou mais.

Uau. Eu parecia ainda mais maluca do que ela.

Mas uma coisa era certa. Estavam todas bêbadas. Completamente bêbadas, com os olhos vermelhos e inchados. Era óbvio que tinham chorado. Muito. Por causa do meu eu presumivelmente morto.

Ronin veio até mim, o único, além de Iris, que não olhou para mim como se eu fosse um fantasma.

— Cara, estou tão feliz em ver você — disse o meio-vampiro, com um sorriso brotando em seu rosto.

— Estou tão feliz... Eu poderia bater em você.

Eu ri.

— Tente. E você será *realmente* um meio-vampiro quando eu terminar com você.

Iris empurrou sua cadeira para trás, enxugou os olhos e me deu um abraço de lado, sem jeito.

— Eu sabia que você voltaria — disse ela, soltando-se de mim.

— Minha filha voltou — disse minha mãe. — Ela estava morta. E agora ela está de volta. Voltou. Voltou. Voltou. Ela voooltou.

Levantei uma sobrancelha.

— Parece que perdi uma festa e tanto.

Pelo menos dez garrafas de vinho estavam espalhadas pela mesa, todas abertas.

— O que você fez? Você roubou a loja de bebidas?

Vi Dolores tentando se levantar do chão, mas ela não alcançava a borda da mesa com a mão, como se estivesse enxergando duas vezes.

— O que diabos aconteceu com você? — perguntou Ronin, que parecia positivamente sóbrio, embora com uma cerveja na mão.

— Em um minuto, seu corpo estava no chão. E no minuto seguinte - ele fez um gesto com as mãos - puf. Você se foi.

Olhei fixamente para o Ronin.

— O que aconteceu com o coletor de almas quando eu desapareci?

— Ele também desapareceu — respondeu. — Ele não se incomodou com mais almas. Simplesmente pegou sua pasta e desapareceu.

— Ótimo — eu assenti. — Isso é bom.

Isso significava que ainda não havia terminado, e as três pessoas mortas olhando para mim da sala de estar provavam isso. Eles eram os últimos.

— Então, o que aconteceu, Tess? — Ronin perguntou novamente. — Onde você estava?

— Eu estava no meio-termo.

Silêncio.

— Eu estava no meio do caminho com a vovó e as outras almas mortas. No armário do colecionador de almas.

Mais silêncio.

Ok, isso não estava indo tão bem quanto eu esperava.

— O quê, querida? — perguntou Beverly quando finalmente soltou os seios, olhando para mim como se eu tivesse um terceiro olho na testa.

Suspirei.

— O meio-termo.

— No meio?

Beverly tomou um grande gole de seu vinho, com um sorriso malicioso em

seu belo rosto.

— A única coisa intermediária que conheço é quando estou entre os lençóis com um homem em cima de mim.

Ela jogou a cabeça para trás e riu, acompanhada logo em seguida por minha mãe. Oh, meu Deus. Elas estavam se unindo?

— Ela se refere ao meio-termo, sua cachorrinha vadia — advertiu Dolores do chão da cozinha.

Puxa vida.

Ruth balançou a cabeça.

— Não estou entendendo. Meio-termo de quê? E onde está a cachorrinha? — acrescentou ela, olhando por cima do ombro. — Aqui, garota!

Exalei longa e profundamente e apertei a ponte do meu nariz. Esta seria uma noite longa. Olhei para o relógio digital do micro-ondas. 20h53. Então, eu só tinha ficado presa no meio do caminho por algumas horas, tempo suficiente para que minhas tias e minha mãe bebessem até ficarem estuporadas.

Olhei para minhas tias e minha mãe, e nenhuma delas fez contato visual.

— É um lugar. Uma bolsão de outro mundo, outra dimensão. Vovó disse que é um lugar temporário para onde as almas presas vão antes de serem... encaminhadas.

Achei melhor pular a parte da ingestão e da tortura. Pelo menos por enquanto.

— A mamãe estava com você? — perguntou Dolores do chão. Ela estava deitada de costas agora, parecendo ter desistido de tentar se levantar.

— Dê a ela uma mensagem. Você pode?

— Uh... não tenho certeza...

— Diga a ela... diga a ela que eu não a perdoo! Hah!

Dolores deu uma risadinha e bateu em sua coxa para garantir.

Ao mencionar a vovó, meu peito ficou apertado.

— Ela estava lá comigo. Assim como todos os outros mortos. Bem, suas almas. É complicado.

Além disso, eles nunca entenderiam em seu estado de embriaguez.

— Meus seios parecem maiores para você? — disse a voz de Beverly, e quando olhei para ela, ela estava puxando a blusa decotada para baixo, expondo as meninas e a maior parte do sutiã.

— Eles parecem maiores. Tipo maior, maior. Enormes.

Ronin se inclinou para frente.

— Está assim há duas horas. Acho que daqui a cinco minutos a Beverly vai tirar a blusa, acrescentou ele com um sorriso.

Eu o empurrei de brincadeira.

— Isso não é bom.

Como eles poderiam me ajudar se estavam todos como bêbados recém-saídos de uma noitada?

— Tessa?

Beverly soltou o suéter e olhou para mim.

— Como você foi parar no porão?

Boa pergunta. Dei de ombros.

— Não faço ideia. Você teria que perguntar ao meu pai.

Meus olhos caíram sobre minha mãe que, surpresa, surpresa, ainda estava evitando meu olhar.

— Meu pai demônio me resgatou.

Esperei, deixando as palavras ressoarem.

Minha mãe fez um som de "oof" quando escorregou da cadeira e caiu no chão da cozinha, aparentemente desmaiada.

Fiquei olhando para ela.

— Ela deveria ter sido atriz.

— Pai demônio?

Dolores olhou para o teto, um lampejo de confusão cruzando seu rosto, longe e distante por trás do estado de embriaguez em que se encontrava. Ela moveu as mãos à sua frente no ar, como se estivesse tentando pegar borboletas.

— Cachorrinho, cachorrinho, vem aqui — Ruth se ajoelhou sob a mesa, procurando o cachorrinho imaginário.

— Vocês estão completamente sem esperança. Tudo isso é inútil.

Fiquei olhando para minha família bêbada. Não podia censurá-los por isso. Eles estavam tristes. Eles pensaram que eu estava morta. Eu também estaria bêbada se acreditasse que qualquer um delas tivesse chutado o caldeirão.

Ronin e Iris eram os únicos sóbrios naquele momento e os únicos que poderiam me ajudar. Mas eu não tinha certeza do que fazer.

— O que você quer dizer com seu pai demônio? — Ronin me observou, seu rosto cauteloso.

Olhei para a Iris e para o Ronin.

— É uma longa história. E eu vou contar a vocês. Mas, primeiro, precisamos descobrir uma maneira de quebrar o contrato. Não posso deixar a alma de minha avó naquele lugar — eu disse a eles, tentando lutar contra o sentimento avassalador de pavor que brotou em minhas entranhas.

— Não temos muito tempo. Só não sei onde procurar.

Com os últimos três mortos, o coletor de almas ainda não havia terminado seu contrato. Ele voltaria. Hoje à noite, provavelmente, se a maneira como ele havia saído de repente no meio do caminho fosse alguma indicação.

Talvez fosse tarde demais. Talvez não houvesse nada que eu pudesse fazer para salvar a vovó...

Pela primeira vez nesta noite, senti medo de verdade.

— Tessa?

Olhei para cima e vi Sam ao meu lado, com o rosto ligeiramente abatido. Seus estágios de decomposição haviam avançado consideravelmente desde a última vez que o vi.

— Oi, Sam.

Eu não tinha certeza do que mais dizer.

Sam levantou um dedo para mim enquanto falava.

— Você me pediu antes para dizer se eu me lembrava de mais alguma coisa.

Minha pulsação acelerou.

— Sim?

— Bem, eu me lembrei de outra coisa — continuou Sam. — Eu não me lembrava antes. Mas agora eu me lembro.

— E o que a voz disse?

Perguntei, com minha voz alta.

Sam olhou para mim e disse:

— Minha filha Margorie.

CAPÍTULO 24

Minha filha Margorie.

Deixei que essa nova informação entrasse em meu cérebro. Eu havia cometido o erro de pensar que Margorie era adulta. Embora ela ainda pudesse ser, meus instintos de bruxa estavam se voltando para uma pessoa jovem - possivelmente uma criança ou um adolescente.

— Ela é uma criança — eu disse em voz alta.

Olhei para a Iris e o Ronin.

— Se eu estiver certa, é por isso que nunca encontramos o nome dela no censo da cidade. Se ela não paga impostos ou não vota, provavelmente esqueceram de adicioná-la.

Tinha que ser isso.

— Mas como vamos encontrá-la? — perguntou Iris.

— Ela pode ser filha de qualquer pessoa em Hollow Cove. Não temos um sobrenome.

Meu estômago se agitou com a expectativa.

— Ronin. Você consegue invadir as escolas de Hollow Cove - tanto as de ensino fundamental quanto as de ensino médio?

O meio-vampiro arqueou uma sobrancelha, parecendo presunçoso.

— Sou o homem mais gostoso que você já viu?

Seu rosto caiu quando não respondi.

É claro que posso. Onde está o seu computador?

Fui até a mesa da cozinha, onde havia deixado meu notebook pela última vez, e o tirei de debaixo de um prato de biscoitos.

— Aqui.

Ronin pegou meu computador, encontrou um lugar na mesa que não estava coberto de manchas de vinho e começou a trabalhar.

— É isso — disse Iris, com um sorriso iluminando seu rosto.

— Nós a encontraremos.

Algo ainda me incomodava.

— Iris. Para quebrar o contrato de um demônio, posso simplesmente rasgá-lo?

Eu não achava que seria tão fácil, mas tinha que ter certeza. Meu pai havia segurado uma cópia do contrato por alguns segundos no meio do caminho. Ele também não o rasgou. Talvez ele não pudesse. No entanto, eu tinha a sensação de que os pais de Margorie tinham uma cópia.

A bela bruxa negra balançou a cabeça.

— Você não pode. Eu procurei e procurei. Só há duas maneiras de destruir um contrato com um demônio. Você precisa fazer com que o signatário dissolva o contrato. Ou você precisa fazer um acordo melhor para fazer o coletor de almas mudar de ideia.

— Simples assim, não é?

Ia ser muito mais difícil do que eu pensava, mas que escolha eu tinha?

— Como foi lá no meio-termo? — perguntou Iris.

— Foi assustador? Como era a aparência? Era escuro e ameaçador como o Mundo Inferior? Você conseguia fazer coisas que não podia fazer aqui? Como você se sentiu?

Olhei para a Iris. Não fiquei surpresa com suas perguntas. Ela tinha uma mente curiosa, assim como eu.

— Foi...

Uma batida veio da porta dos fundos da cozinha e, antes que qualquer um de nós pudesse responder, ela se abriu.

— Tessa? Você está viva?

Marcus estava de pé no pequeno tapete de juta da entrada, com a mão ainda na maçaneta da porta, enquanto me encarava, chocado em seus grandes olhos cinzentos.

Ah, sim. Ele também pensou que eu estava morta.

Por um momento, só havia ele e eu, olhando um para o outro. Minha família bêbada foi esquecida quando um vento frio entrou na cozinha.

Seu rosto estava tenso de emoção, e isso me fez sentir coisas que me esforcei tanto para afastar. A dor vidrava seus olhos, e seu rosto estava pálido sob os cabelos escuros. As olheiras se destacavam sob seus olhos e faziam o cinza se destacar de uma forma muito sexy.

Deus, aquele homem era lindo...

— Pensei que você estivesse morta — disse ele, com a voz ao mesmo tempo confusa e aliviada, com a confiança abalada. Foi bom vê-lo abalado, foi bom ver

que ele se importava. Mas, dadas as circunstâncias, não pude me divertir com isso.

Senti uma pontada no peito.

— Desculpe desapontar você, mas estou de volta.

— O quê?

Marcus balançou a cabeça, com a frustração estampada em seu rosto.

— Me desapontar?

Sua mandíbula se cerrou, sua expressão se apertou de raiva.

— Por que você fez isso? Por que você se colocou em perigo dessa maneira? Como você pôde ser tão imprudente? Você está louca?

Ele estava praticamente gritando.

— Eu? Louca?

Só um pouco. Eu olhei para Iris antes de me voltar para ele.

— Eu fiz o que tinha que fazer.

— Não — ele rosnou, parecendo um pouco mais macaco do que homem.

— Você não precisava ter feito isso. Você agiu sem pensar novamente. Sem pensar nas consequências.

Ele tinha razão, mas eu estava tentando salvar minha avó.

— O que você está fazendo aqui, Marcus?

Meu coração disparou em meu peito. Não pude evitar. O homem me deixou com os joelhos fracos.

Ele suspirou e olhou em volta da cozinha, parecendo só notar agora minha família bêbada.

— Vim ver como estão suas tias e sua mãe.

Que droga. Por que ele tinha que ser tão gentil?

— Bem, você já as viu — eu disse, apontando para minha mãe no chão, roncando.

— Você pode ir agora.

— Encontrei a garrafa de vinho — disse uma voz atrás de Marcus.

Oh, diabos, não.

Meu humor piorou quando vi uma loira alta chegando ao lado dele. As emoções da primeira vez que vi Marcus e pensei que ele tinha sentimentos por mim se dissiparam.

A surpresa passou pelo rosto de Allison, mas depois escureceu.

— Você está viva? Como é possível que você esteja viva?

A vadia teve a coragem de parecer desapontada, como se estivesse feliz por eu ter morrido.

Iris, por estar mais próxima da porta dos fundos, inclinou-se para frente e arrancou um longo fio de cabelo loiro de uma Allison desavisada antes de

colocá-lo no bolso.

Tive que morder a parte interna de minha bochecha para não rir. Eu adorava aquela bruxa das trevas.

— Vejo que você trouxe a Barbie gorila com você. O que você trouxe? Você não pode sair de casa sem ela? Um pouco demais. Até para você.

Marcus cerrou a mandíbula.

— Tessa...

— Você vai deixá-la falar comigo desse jeito? — protestou Allison, com uma mão no quadril enquanto segurava uma garrafa de vinho branco com a outra.

— Ela não pode falar comigo desse jeito.

Minhas sobrancelhas se ergueram em minha testa.

— Estou fazendo isso agora mesmo. Ah... Martha disse para você saber que ela pode marcar para amanhã cedo uma depilação nas costas.

Ronin bufou por trás do notebook.

— Eu adoro minha vida.

Allison franziu a testa para mim.

— Eu não tenho pelos nas costas.

Dei de ombros.

— Que seja.

Meus olhos se voltaram para Marcus, o homem que eu achava que era tão bonito por dentro quanto por fora. Eu estava tão errada. Eu podia lidar com o desgosto, a traição, a intimidade, embora sentisse falta do sexo gostoso. Mas o fato de ele ter trazido a outra mulher - ou seria eu a outra mulher? - para a casa da minha família, bem, isso era demais.

Estalei meus dedos para os dois.

— Dêem o fora daqui.

Foi uma grosseria e, se minha tia Dolores não estivesse no chão, ainda bêbada, ela teria ficado escandalizada.

Marcus me encarou, com as emoções transparecendo em seu rosto enquanto me fixava com seus olhos cinzentos. Ele parecia... parecia que estava no inferno. Allison estava reclamando de algo em seu ouvido, mas não a ouvi por causa do rugido do meu coração no meu.

— Encontrei! — declarou Ronin.

Eu corri para o lado do Ronin.

— Onde você está? Quem é ela? — Perguntei quando a Iris se juntou a mim.

Ronin bateu com o dedo no mouse pad.

— Aqui. Ela é uma aluna da primeira série. Margorie Lancaster.

Olhei para a pequena imagem de uma menina com franja castanha, tranças e um sorriso que derreteria seu coração. Era ela. Só podia ser.

— Ela é bonita — disse Iris.

O nome Lancaster me parecia familiar, mas não conseguia me lembrar por quê. Nós a havíamos encontrado. Essa era a Margorie de que Sam estava falando. No entanto, eu não conseguia me livrar do pesado sentimento de pavor que se insinuava em meu peito. O fato de o coletor de almas ter feito um acordo com os pais dela não me agradou muito. Ia ser ruim. Eu sabia disso.

Antes que eu pudesse protestar, Marcus se aproximou. É claro que ele teve de ficar ao meu lado. Tão perto que eu podia sentir o cheiro de homem recém-limpo que vinha dele. Que droga. Por que ele tinha que cheirar tão bem?

— Apenas uma família aqui atende pelo nome Lancaster — disse ele, recuando um pouco.

— Encontrei Craig Lancaster uma vez. Não me lembro de ter conhecido sua esposa ou se eles tiveram filhos.

Meu coração batia forte enquanto eu o encarava.

— Você sabe onde eles moram?

Marcus se inclinou para trás, com o olhar fixo no meu.

— Sim.

Esperei que ele me dissesse.

— E aí? Onde eles moram? Não temos muito tempo. O coletor de almas pode aparecer a qualquer momento. Precisamos fazer isso agora.

— Eu levo você — disse ele, finalmente.

— O quê? — protestamos eu e Allison, fazendo Iris rir.

Marcus estreitou os olhos para mim.

— Eu sou o chefe. Preciso saber o que está acontecendo em minha cidade. Você está prestes a fazer algo corajoso e estúpido, provavelmente mais estúpido do que corajoso. Não vou perder você de vista.

Eu estreitei meus olhos.

— Você não é meu dono. Além disso, sou uma Merlin. Tenho os mesmos direitos que você no que diz respeito a esta cidade.

Com as sobrancelhas erguidas, Marcus disse sem rodeios.

— É pegar ou largar.

Cerrando a mandíbula, minha raiva explodiu. Mas percebi que ele não cederia. Ele era tão teimoso quanto eu. Eu poderia tentar a sorte com o Google, agora que sabia o sobrenome deles, mas isso poderia demorar um pouco. Eu não tinha muito tempo.

— Marcus? — disse a voz surpresa de Beverly, como se ela tivesse acabado de notá-lo na cozinha. — Meus seios parecem maiores para você?

Oh, que inferno.

— Não responda — adverti, vendo a expressão de perplexidade em seu rosto

bonito e estúpido.

Bem, eu estava presa. Eu não tinha escolha a não ser aceitar a oferta de Marcus se quisesse encontrar os pais daquela garota.

Voltei-me para meus dois amigos.

— Ronin. Iris. Você pode levar Sam e os outros dois... mortos-vivos para o cemitério?

Ronin parecia horrorizado. — Você quer que eu pegue esses mortos escorrendo, fedidos e em decomposição e os coloque no meu carro limpíssimo?

Iris revirou os olhos.

— Tudo bem. Vamos levar o Volvo.

Ela se inclinou sobre a mesa da cozinha e pegou as chaves de Dolores na pequena cesta de vime.

— Sim, sim. Ótima ideia. Os Volvos são carros realmente seguros. Todo mundo sabe disso — disse Ronin, parecendo aliviado. Embora eu não soubesse o que ele queria dizer com seguro. Ele estava viajando com um par de pessoas mortas.

— Esperem por mim no cemitério.

Meus nervos estavam à flor da pele, sem mencionar todas as emoções que estavam em minha cabeça naquele momento. Afastei todas elas e me concentrei.

— O que faremos se o coletor de almas aparecer? — perguntou o meio-vampiro.

— Eu até que gosto da minha alma, muito obrigado.

— Ele não vai.

Mentira total.

— Ainda não.

Outra mentira.

— Apenas espere por mim e não faça nada até que eu volte. Eu tenho um plano.

Era mais um caso do tipo "trabalhe o plano conforme você avança", mas eles não precisavam saber. O coletor de almas havia dito que trocava almas por vidas. De alguma forma, Margorie se encaixava em tudo isso. Eu só não sabia exatamente como.

Mas, no momento, eu estava tentando me preparar mentalmente para a viagem de carro mais desconfortável do século.

Eba.

CAPÍTULO 25

Eu mencionei o quão desconfortável seria essa viagem de carro? Ainda assim, esqueci de incluir o incômodo monumental, pronta para aproveitar minhas chances e pular pela janela.

Eu me sentei no banco da frente. Como eu consegui fazer isso, você pergunta?

— Vou me sentar na frente ou não vou. A escolha é sua — eu disse a Marcus. Não me mexi até que ele concordasse, enquanto Allison me xingava. Eu não me importava. Eu a tinha ignorado.

Os Lancasters moravam no extremo sudoeste da cidade, de acordo com Marcus. Levaria aproximadamente quinze minutos de carro até lá, o que não era muito tempo, mas quando você está sentada em uma SUV ao lado do cara com quem você achava que teria um futuro, que acabou se revelando um babaca mentiroso, sem mencionar a namorada acasalada atrás - parecia horas.

Se Marcus tivesse me dado o endereço, eu poderia ter pulado uma linha ley e estar na casa dos Lancaster em um piscar de olhos.

Mas eu não tive a mesma sorte.

Ele estava fazendo isso de propósito. Ele sabia que estar em um espaço apertado agora não era algo que eu queria. Mas por quê? Ele sabia que eu não precisava que ele me conduzisse. Será que ele queria se divertir com minha humilhação? Ou estava preocupado que eu pudesse fazer alguma besteira? Eu sempre fazia coisas estúpidas, então isso não deveria ser uma surpresa.

Ele parecia genuinamente magoado com a perspectiva da minha morte, a menos que fosse um grande ator, o que eu não achava que fosse. Ainda assim, eu tinha visto as emoções reais em seu rosto. Então, o que isso significava?

Não vamos nos esquecer da bela loira seminua com quem eu o havia flagrado. Como eu poderia? Ela estava sentada no banco de trás, abrindo um

buraco na minha nuca com seus olhos.

Eu me encolhi por dentro. Isso tinha que parar. Eu tinha que me concentrar. Não ia deixar que um momento de paixão mexesse com minha cabeça. Se houvesse uma chance de fazer com que os Lancasters cancelassem o contrato com o colecionador de almas, eu o faria.

Não importava o que o chefe pensava. Além disso, Marcus e eu não éramos exclusivos. Nunca tínhamos saído em um encontro de verdade. Não éramos nada.

Eu queria ser a pessoa maior aqui. Mas, droga, ele estava dificultando as coisas. Difícil não estender a mão e dar um tapa na cara dele, difícil.

Eu ainda estava muito brava com ele, sem falar na mágoa, do tipo que demora um pouco para cicatrizar. Mesmo assim, eu não gostaria de ser ele agora.

Allison soltou um suspiro alto, e eu pude sentir seus olhos em mim novamente. Tentei não sorrir. Era a única coisa que tornava a viagem divertida - eu na frente, ela atrás.

Dei uma olhada de relance na direção de Marcus. Suas mãos agarravam o volante, a tensão em sua postura era evidente. Os flashes dos faróis da rua lançavam longas sombras em seu rosto, e uma parte de mim queria estender a mão e tocá-lo. A outra parte queria bater minha cabeça contra a janela do carro.

Marcus se remexeu no assento quando parou em um sinal vermelho.

— Onde você foi quando... quando você...

— Morreu?

Respondi por ele.

Marcus me olhou, mas eu virei a cabeça e olhei pela janela da frente para não fazer contato visual com ele.

— Não quero falar sobre isso — eu disse, meu coração batendo um pouco mais rápido. Coração estúpido. Tentei mudar meu rosto para o que eu esperava que fosse uma expressão vazia, mas provavelmente parecia que eu precisava fazer xixi. O que, pensando bem... eu meio que precisava.

Marcus ficou em silêncio, com o corpo ainda tenso enquanto dirigia. Percebi que ele queria continuar falando, mas não tinha certeza se deveria.

— Quero saber o que aconteceu com você — ele insistiu, com as emoções à flor da pele.

— O que aconteceu depois que você... depois que você se foi.

— Por quê?

— O que você quer dizer com por quê? Você sabe por quê.

— Na verdade não.

Ok, isso estava ficando estranho. Sem mencionar que eu realmente precisava fazer xixi.

— Não importa — eu disse, puxando meus olhos para ele e vendo que ele estava me encarando. — O que importa é que você encontre os Lancasters.

— Isso é importante para mim.

Marcus voltou seu olhar para a estrada, com os nós dos dedos segurando o volante.

Eu o encarei.

— Não seja condescendente comigo. Não estou legal. Morri hoje. Acho que mereço um pouco de silêncio.

Além disso, eu não queria ter essa conversa com a Allison como plateia.

Um som de repulsa veio da tal mulher macaco nos fundos.

Girei em meu assento.

— Você tem algo a dizer, princesa?

Ela exibiu um sorriso brilhante, mostrando seus dentes perfeitos, emoldurados por seus lábios perfeitos.

— De fato, eu quero. Que tal você deixar meu namorado em paz, para começar. Mulheres desesperadas não são atraentes. Mas, por outro lado, o desespero fica bem em você. Você sabe, as mulheres simples.

Aqui vamos nós...

— Cale a boca, Allison — rosnou Marcus, embora ele nem tenha tentado negar o que ela havia acabado de dizer.

— Confie em mim — disse eu, e me virei, com a garganta apertada e a raiva em alta.

— Eu não quero estar aqui. Se o seu namorado - ou será companheiro? Meu Deus, estou muito confusa. Você sabe, ele poderia ter me dito onde os Lancasters moram. Então, eu mesma poderia ter saído para encontrá-los.

Poderia ter me poupado dessa maldita viagem de carro com esses dois macacos.

— Diga a ela onde eles moram para que possamos ir *para casa* — disse Allison, enfatizando a palavra "casa" às minhas custas.

— Não.

Marcus olhou para a estrada.

— Não se trata apenas da Tessa. Eu sou o chefe. Se alguém está fazendo acordos com coletores de almas, eu quero saber. Quero saber quem e por que estão fazendo isso. E quero impedir isso.

Eu bufei.

— Parece que você acha que isso vai ser fácil. Bem, deixe-me dizer uma coisa a você, chefe. Não vai ser.

Eu ri.

— Você não tem ideia de com o que está lidando.

— Então, me diga — esbravejou Marcus. — Você é uma Merlin agora, então deve saber tudo o que existe sobre o paranormal. Você acha que um pedaço de papel faz de você melhor do que eu? Não me diga como fazer meu trabalho — disse ele secamente, com uma risada adicional de Allison.

Eu estreitei os olhos, sem ter certeza de qual humano macaco eu odiava mais naquele momento.

— Apenas dirija, chefe.

Senti o fluxo de raiva quente, ponderando se deveria abrir a porta do SUV e me jogar para fora. Não queria ter que ficar sentada nesse jipe nem mais um segundo. Com a minha sorte, provavelmente acabaria quebrando o pescoço. Eu já havia morrido uma vez hoje. Não estava planejando fazer isso duas vezes.

E quando pensei que não aguentaria mais aquele silêncio constrangedor combinado com o perfume de baunilha de Allison que me fazia querer engasgar, Marcus estacionou seu Jeep Grand Cherokee em uma entrada curta.

Não esperei que ele desligasse o motor. Saí pela porta e olhei em volta.

A casa dos Lancaster era um típico chalé artesanal com acabamento amarelo e branco e uma grande varanda frontal sustentada por quatro postes grossos. Uma luz amarela suave vazava das janelas da frente e luzes brancas fractais me diziam que havia uma televisão ligada.

Corri para a porta da frente e bati. Senti uma presença pesada atrás de mim que me disse que Marcus estava lá, seguida por uma pisada mais leve de uma pessoa. Eu não fazia ideia de por que Marcus havia trazido Allison. Talvez só para me irritar.

Quando pensei em me virar para dizer à garota gorila que esperasse no jipe, a porta da frente se abriu.

Um homem estava na soleira da porta. Ele estava na casa dos quarenta e poucos anos, com uma queda de cabelo, e o cabelo que lhe restava era uma mistura de castanho e cinza. Era magro e seu rosto estava encovado, como se não dormisse há meses. Ele estreitou os olhos escuros ao me ver, mas seu rosto relaxou quando viu Marcus.

— Você é o chefe, certo? Está tudo bem? — perguntou o homem, com a voz firme e desconfiada.

— Oi, Craig — disse Marcus. — Podemos entrar? Precisamos falar com você. Seu tom não era desagradável, mas impunha respeito. Exigia que você abrisse a maldita porta e nos deixasse entrar.

Craig ficou parado na porta por um momento e depois se afastou para nos deixar entrar. Marcus entrou primeiro, o que me irritou, e quando me movi para entrar, Allison me cutucou com o quadril e passou por mim.

Eu a amaldiçoei com os olhos e fui atrás dela. Ao passar por Craig, senti a

vibração familiar de uma bruxa, juntamente com os cheiros de terra e pinho de uma bruxa branca. Craig era um bruxo. Eu apostaria que sua esposa também. O fato de serem bruxos explicaria como eles sabiam sobre os coletores de almas.

Allison se virou quando Craig fechou a porta e me deu um sorriso vitorioso.

— Você não vai sorrir muito quando acordar careca amanhã.

Peguei você.

Allison ficou de queixo caído. Ela olhou para Marcus em busca de ajuda, mas ele a estava ignorando. Seu olhar percorreu a pequena entrada da sala de estar.

Imaginando que eu deveria estar fazendo o mesmo, olhei para trás e passei por Marcus, no momento em que uma garotinha vestindo um pijama rosa com tartarugas verdes veio correndo em nossa direção. Quando chegou ao pai, ela se abaixou atrás das pernas dele, com o branco dos olhos à mostra enquanto nos olhava.

Meus olhos se voltaram para a linda garotinha que reconheci na foto que Ronin me mostrara.

— Olá, Margorie.

Ao mencionar o nome de sua filha, Craig ficou tenso e colocou um braço protetor sobre ela.

— Quem é você? — ele falou. — Do que você está falando?

— Sou Tessa Davenport — eu me apresentei. — Você já conhece o Marcus. E você não vai querer conhecer a loira. Confie em mim.

Não consegui me conter.

— Puta — ouvi Allison murmurar, e tentei muito, muito mesmo não sorrir, mas meus lábios me traíram e se curvaram de qualquer maneira. Eu estava tentando ser educada com Craig.

O rosto de Craig empalideceu ao mencionar meu nome - provavelmente meu sobrenome, especificamente. Vi o momento em que ele se deu conta, assim que o pânico tomou conta de sua expressão. Sim. Ele sabia por que eu estava aqui. Sua postura se enrijeceu e seus olhos se voltaram para a sala à sua esquerda.

Segui seu olhar.

A sala tinha um tamanho decente, mas não tão grande para os padrões da Casa Davenport. Meus olhos se depararam com um tanque de oxigênio e uma cama de hospital no lugar onde costumava ser a sala de jantar, se as cadeiras e a mesa empurradas para a parede mais distante servissem de indicação. Eles haviam transformado o local em um quarto de hospital. E a cama, bem, era pequena, perfeita para uma criança pequena...

Ah, droga.

Os Lancasters fizeram um acordo com o coletor de almas para salvar a vida

de sua filha.

Caldeirão me ajude.

CAPÍTULO 26

Eu estava muito animada para recuperar minha licença Merlin. Eu não via a hora de sair por aí e dar uma surra paranormal com meus extraordinários talentos mágicos.

Até este exato momento.

Meus olhos se voltaram para Craig.

— Sua filha está doente — eu disse, sabendo que era verdade.

Olhei para a linda garotinha que eu tinha visto na foto.

— Ela estava doente. Certo? Mas agora não está mais.

— Meu Deus — murmurou Marcus ao se dar conta do que estava acontecendo. Quando ele viu o que eu vi, ele sabia exatamente a situação delicada em que estávamos.

— O quê? Não estou entendendo — comentou Allison.

— Saiam da minha casa! — Craig gritou, fazendo com que sua filha gritasse e começasse a chorar.

Frustrado e assustado, o homem puxou a filha para seus braços e a segurou com proteção.

Olhei para a menina e meu coração quase morreu com o medo que vi em seus olhos. E então todas as peças se encaixaram.

— Você fez um acordo com o coletor de almas, não foi? Você fez um acordo que curaria a doença dela. Você trocou aquelas almas por ela.

Craig olhou para mim, tremendo de raiva. Ele se ajoelhou e cuidadosamente colocou sua filha no chão. Ele a agarrou pelos ombros.

— Margorie, suba para o seu quarto.

— Mas, papai… — ela reclamou. — Eu quero ficar aqui com você.

— Agora — ordenou o pai dela, com um tom duro, mas ainda paternal. Mas percebi o desespero em sua voz - um pânico.

Margorie me olhou com os olhos arregalados antes de sair correndo pela escada e desaparecer em um corredor à esquerda da escada.

Senti uma pontada de energia em minha pele e, quando olhei de volta para Craig, a energia azul dançava em suas mãos, enrolando-se nas pontas dos dedos.

Oh... merda.

Marcus, sendo Marcus, sentiu a ameaça e arrancou o paletó e a camisa, jogando-os no chão. Suas mãos foram para o cinto, prontas para tirar a calça jeans.

Não que eu não quisesse ver isso - porque você sabe que eu queria - mas ele se transformar em seu alter ego King Kong não era a resposta.

Um pai estava sofrendo aqui.

E, é claro, Allison seguiu o exemplo de Marcus. Pisquei os olhos quando ela ficou de pé com seu sutiã rosa duplo D e jeans.

— Ei! — Levantei minhas mãos, balançando a cabeça. — Ninguém quer ver isso.

Quem estou enganando? Todos os homens do mundo queriam ver isso.

Isso foi muito, muito errado.

— Vamos todos nos acalmar. Ok?

Eu disse o mais uniformemente que pude.

— Uma garotinha querida está lá em cima. Não queremos assustá-la mais do que ela já está assustada. Você entendeu?

Olhei para Marcus e Allison. Quando tive certeza de que eles parariam de se despir, voltei-me para Craig.

— Veja. Eu só quero saber o que aconteceu.

O corpo de Craig tremeu.

— Você não pode levá-la. Você não pode tirá-la de mim.

— Eu não vou. Eu prometo.

Eu não tinha nada que prometer nada a esse bruxo. Não até que eu descobrisse o que era isso.

— Você ou sua esposa convocaram o coletor de almas?

Craig me observou por um longo momento.

— Minha esposa morreu de câncer de ovário quando Margorie tinha dois anos, respondeu ele finalmente. — Somos só nós dois. Ela é tudo o que tenho agora... e quando... e quando Margorie ficou doente... quando ela teve leucemia...

Ele não precisou terminar para que eu entendesse o que havia acontecido aqui.

— Então, quando Margorie ficou doente, você convocou o coletor de almas.

Você teria que estar louco de desespero para invocar um demônio desses. Ter

um filho doente faz isso com uma pessoa. Eu provavelmente teria feito o mesmo.

Senti como se uma parte de minha alma tivesse se despedaçado com a dor na voz desse homem. Ele havia passado por um inferno. Senti-me uma completo idiota ao entrar na casa desse pobre homem. Ele já havia sofrido bastante, mas eu ainda tinha um trabalho a fazer.

— Você sabia sobre as almas? — perguntei, pensando que talvez o demônio o tivesse enganado.

— Você sabia que estava negociando as almas de todas aquelas pessoas em troca da vida de sua filha?

— Eles estão mortos — disse Craig, balançando a cabeça para mim. — O que isso importa?

Engoli com força.

— Suas almas não estão. Suas almas estão muito vivas. E elas podem sentir dor.

Esperei para ver se isso faria alguma diferença, mas Craig estava além do raciocínio a essa altura. E eu não o culpava.

— Como você conseguiu fazer esse tipo de negócio? — perguntou Marcus. — Você é uma bruxa. Eu entendo isso. Mas você não trocou sua própria alma. Você trocou as almas de estranhos. Como?

Boa pergunta.

— Não são estranhos.

Craig olhou para nós.

— Minha família. Aqueles que estão enterrados no cemitério de Hollow Cove.

Opa. Espere um pouco.

— A sua família? Mas minha avó fazia parte do acordo de vocês?

— Os Lancasters e os Davenports têm um ancestral em comum — respondeu Craig, como se eu devesse saber disso. — Sinto muito pela alma de sua avó, mas ela teve uma vida longa. Minha filha é apenas uma garotinha. Ela merece viver.

Duplamente triste. Como diabos eu poderia pedir a esse homem que rescindisse o contrato que salvou a vida de sua filha?

Agora era minha vez de ir para o inferno.

Será que a vovó queria que eu fizesse isso? Que diabos eu deveria fazer aqui? Eu não esperava ver uma criança. E não esperava que o acordo com o coletor de almas fosse sobre a vida de uma criança doente.

Que droga. Se fosse eu e tivesse uma criança doente? Você pode apostar que eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para salvá-la. E isso incluía trocar algumas almas.

Mas agora que eu sabia que as almas podiam sentir dor de verdade e sofrer sua verdadeira morte? Agora eu não tinha tanta certeza.

Marcus estava me observando. Eu sabia que ele estava esperando que eu fizesse a pergunta que eu realmente não queria fazer naquele momento.

Limpei minha garganta.

— Você tem o contrato com você?

Eu duvidava que ele fosse me dar o contrato. Não. Esse homem morreria para salvar sua filha. E imaginei que era isso que ele estava prestes a fazer em seguida, se fosse preciso.

A tensão aumentou. Isso estava piorando a cada minuto.

Os olhos de Craig estavam cheios de dor.

— Eu nunca vou me arrepender. Faça o que você quiser comigo. Mas eu nunca vou cancelar. Nunca.

E lá estava. Estava tudo acabado.

A imagem da alma da vovó sendo devorada por algum demônio monstruoso passou pela minha mente. Eu não podia deixar a vovó sofrer, mas se eu forçasse esse homem agora, isso faria de mim o monstro.

— Vamos pegar o maldito contrato e sair daqui — gritou Allison.

Olhei para ela.

— Quanto mais palavras saem dessa sua boca grande, mais eu fico tentada a dar um chute na sua garganta.

Allison colocou as mãos nos quadris e estendeu o peito grande para mim, como se seus seios enormes fossem me assustar.

— Se você tem medo de fazer isso, então eu faço.

Eu me coloquei na frente dela.

— O que você vai fazer? Forçá-lo a quebrar o contrato? Você quer ser responsável pela morte daquela garotinha?

Eu estava gritando na cara dela.

— Você é patético — ela rosnou. — Você não consegue nem fazer seu trabalho. Acho que eu terei que fazer isso.

— Não faça isso — eu avisei.

Allison revirou os olhos para mim.

— O que você vai fazer a respeito? — desafiou ela. Ela se aproximou de Craig.

E então eu perdi o controle.

— Inflitus!

Quando eu quis, uma explosão de energia cinética saltou de minhas mãos estendidas em direção a Allison.

Ele a atingiu no peito. A força a arremessou para o outro lado da sala de

jantar, para trás e para o ar, batendo contra a parede mais distante. Ele a manteve ali, envolta em uma coroa de energia ofuscante. Allison gritou e se debateu, mas eu a mantive ali.

Tive a sensação de déjà vu quando atingi Marcus com minha magia na primeira vez em que o vi.

Bem, se a carapuça servir...

— Tessa, pare.

O tom suave na voz de Marcus desviou minha atenção do rosnado feio de Allison. Ooh... Ela não ficava bonita brava.

— Se eu fizer isso — eu disse a ele, seus belos olhos cinzentos penetrando nos meus,

— Você tem que se certificar de que ela não toque em Craig. Você pode fazer isso?

— Ela não vai. Eu prometo.

Relaxei a tensão do feitiço até que a palavra de poder diminuísse, e Allison caiu no chão em um emaranhado de membros, com uma expressão de desaprovação e assassinato.

Ok, isso pode ter sido um pouco exagerado, mas ela havia pedido.

Allison se levantou, com os seios grandes balançando, o que a distraiu bastante.

— Você está morta.

— E você precisa comprar um sutiã melhor ou suas garotas vão bater nos seus joelhos muito em breve.

Allison veio em minha direção, mas parou com um olhar na direção de Marcus.

Eu sorri para ela.

— Boa menina.

Fui até Craig, que estava observando a conversa com uma mistura de medo e confusão.

— Não vou quebrar meu contrato — confirmou o bruxo.

Suspirei.

— Eu sei. E não vou dizer que o que você fez foi certo ou errado. Apenas... mantenha-a segura e feliz. Ter um pai amoroso era melhor do que dois ausentes.

Craig fez um aceno com a cabeça. Isso foi o suficiente para mim. Agora que eu conhecia todos os fatos, quem era eu para obrigar um pai a abrir mão da vida de sua filha? Não era algo com que eu pudesse conviver.

E também não estava desistindo da alma de minha avó.

Dei meia-volta, fui até a porta da frente e saí para o frio.

— Aonde você está indo? — gritou Marcus atrás de mim.

— Para o cemitério — gritei de volta. Não sei por que me dei ao trabalho de contar a ele. Talvez porque um pouco mais de apoio não faria mal.

Com o que eu planejava fazer, eu precisaria disso.

CAPÍTULO 27

Pulei da linha ley e aterrissei com a bota na neve. Eu queria fazer uma entrada legal quando vi Ronin e Iris esperando por mim.

Então, é claro, escorreguei, fiz uma pirueta de bailarina desajeitada e caí de bunda no chão.

Eu estava cansada e meus músculos queimavam de exaustão. Eu sabia que não era apenas o uso das palavras de poder e das linhas ley que me faziam sentir como se tivesse pulado de bungee jump e a corda tivesse se partido ao meio. Eu tinha morrido hoje. Acho que isso também tirou um pouco de minha energia.

— Tess? Você está bem?

Olhei para cima e vi o Ronin correndo em minha direção com a Iris logo atrás dele.

Respirando com a dor, cambaleei e me levantei assim que eles me alcançaram.

— Já estive melhor, mas vou sobreviver.

— Você está péssima — comentou Ronin, com rolos de névoa branca saindo de sua boca.

— Obrigada.

— A verdade brutal e honesta, é para isso que servem os amigos.

Ele sorriu, parecendo satisfeito consigo mesmo.

Iris me lançou um olhar de expectativa.

— Você não quebrou o contrato. Você quebrou? Posso ver em seu rosto.

— Humm. Sobre isso.

Rapidamente, contei a eles sobre Craig e Margorie e como ela estava doente.

— Eu não consegui.

Esfreguei meus olhos com os dedos.

— Eu não podia fazer um pai quebrar a única coisa que mantém sua filha

viva. Eu não poderia ser responsável pela morte de uma criança.

Mas, ao fazer isso, todas as almas morreriam.

Ronin passou os dedos sobre o couro cabeludo. — O que vamos fazer?

Cerrei a mandíbula, sentindo meu corpo cansado e pesado de pavor.

— Esperamos pelo coletor de almas... e tentamos negociar.

Era um tiro no escuro, mas era tudo o que me restava.

— Fazer acordos com demônios é uma má ideia, Tessa — advertiu Iris, enquanto puxava a parka de inverno mais apertada em torno de si.

— Nunca é o que você acha que concordou. Eles sempre encontram uma maneira de enganar você. Sempre.

— Eu sei.

Lembrei-me de meu pai lidando com o coletor de almas. Se ele conseguiu fazer isso, eu também conseguiria. Embora, naquele exato momento, minha mente estivesse completamente vazia sobre como eu faria isso.

— Você acha que ele vai aparecer? — perguntou Ronin, enfiando as mãos nos bolsos da jaqueta e com a preocupação estampada na testa.

Olhei para Sam e para os outros dois mortos que estavam sentados em algumas lápides, provavelmente as deles.

— Ele vai aparecer. Faltam três almas para ele coletar. Ele estará aqui.

Ele tinha sido tão inflexível com seus malditos ingressos que eu sabia que ele nunca deixaria três boas almas irem para o lixo.

A lua brilhava como uma esfera prateada fantasmagórica no céu, com uma nuvem ocasional deslizando sobre ela como um véu etéreo. Longas sombras se estendiam das lápides, como dedos alongados e fantasmagóricos prontos para puxar você para baixo.

— Falando no diabo — disse Ronin de repente, e eu direcionei meu olhar para a direção em que ele estava olhando.

O coletor de almas entrou no cemitério seriamente. Seu chapéu e terno escuros se destacavam contra a neve branca que cobria o chão, e as lâmpadas da rua lançavam longas e assustadoras sombras sobre ele. Ele estava de volta à sua altura normal, mas seu andar era rígido e ele ainda se movia como um personagem animado.

Ele estava indo na direção de Sam e dos outros.

— Aqui não vai nada — eu disse e corri atrás dele. — Ei! Espere! C.A.!

O coletor de almas se virou. Seus olhos se fixaram em mim e se estreitaram.

— Você.

— Eu — eu disse quando me aproximei dele. — Você está feliz em me ver?

— Eu preferiria arrancar meus olhos a ver você novamente.

— Olhe para nós. — Eu sorri, fazendo um gesto com minhas mãos. —

Temos algo em comum.

O olhar do coletor de almas passou por mim e se voltou para Ronin e Iris.

— Se você acha que você e seus amigos podem me impedir de pegar o que é meu, você só está perdendo seu tempo... e suas vidas.

Ele inclinou a cabeça para o lado e fez um gesto com a pasta.

— A escolha é de vocês. Eu sempre tenho espaço para mais almas.

Eu me virei para encontrar Sam ao lado de uma lápide com ódio e um toque de medo em seus olhos. Seus braços estavam enrolados em torno de si mesmo, como se quisesse evitar tremer, mas não estava funcionando.

Voltei meu olhar para o coletor de almas.

— Eu quero negociar.

Essas foram, de longe, as palavras mais estúpidas que já pronunciei em minha vida. Corajosa? Talvez. Estúpida? Sempre.

Tentei me lembrar de que esse era um problema delirantemente insano de se lidar, considerando todas as coisas. Eu tinha que fazer algo pela vovó.

Meus joelhos tremeram, e eu esperava que o demônio não pudesse ver isso.

— Você me ouviu?

O coletor de almas me olhou por um longo momento.

— Fazer acordos é o que eu faço. Que acordo você está propondo?

Vi Ronin e Iris se juntarem a mim ao meu lado. O som de uma porta de carro batendo chamou minha atenção atrás de mim.

Marcus estava correndo pelo estacionamento e passando por cima das lápides como um atleta experiente. Você acha errado que eu tenha ficado totalmente excitada com esse visual? Meu surto de libido morreu ao ver uma loira alta e pernuda correndo atrás dele. Ah, bem.

Olhei de volta para o demônio.

— Quero fazer um acordo com você.

Engoli e acrescentei:

— Esse acordo incluirá a liberação de todas as almas do contrato que você fez Craig Lancaster assinar em troca da vida da filha dele.

— Hmmm.

O demônio gesticulou com um dedo de esqueleto no ar. Ele fez uma pausa e disse:

— Esse foi um contrato extenso. E você acha que pode igualá-lo? O que você pode me oferecer? Tessa Davenport? Eu não vou liberar essas almas a menos que eu consiga um acordo melhor e mais doce.

Ronin se inclinou e sussurrou.

— Essa é uma boa pergunta. O que você vai fazer?

O colecionador de almas colocou sua pasta sobre a neve diante dele, abriu-a

e se endireitou.

— O que você vai me dar?

Exalei um longo suspiro.

— Bem... uh... deixe-me pensar...

O som de vozes gritando de dor reverberou ao nosso redor.

Olhei em volta e vi Sam e os outros dois mortos se contorcendo na neve, com as costas arqueadas de dor. Gritos agudos soavam enquanto seus membros se debatiam e murchavam.

— Pare com isso! — Eu gritei. — Pare com isso! Você é um filho da puta!

Sam uivou de dor, lutando, enquanto seu corpo morto lutava contra o feitiço demoníaco que logo o transformaria em cinzas.

— Pare! — Eu disse novamente. — Eu disse que negociaria. Eu quero negociar!

O coletor de almas estalou os dedos, e Sam e os outros dois mortos pararam de se debater. Eles se levantaram do chão, olhando para mim com os olhos arregalados.

— Não tenho a noite toda. Tenho muito mais almas para coletar — disse o coletor de almas, e a ansiedade em sua voz fez com que um calafrio percorresse minhas costas.

— O que você está propondo? Vamos lá. Você está enrolando.

Senti uma pontada de náusea quando os olhos brancos do demônio se fixaram nos meus. Esfreguei as palmas das mãos nos braços enquanto um sentimento doentio de pavor me percorria. Olhei para cima e vi o Ronin e a Iris me observando. Seus rostos estavam pálidos e pareciam que estavam prestes a passar mal.

De todas as coisas estúpidas que fiz em minha vida, essa foi a primeira.

— Tessa! O que você está fazendo? Você está louca? — gritou Marcus, subitamente ao meu lado. Meu coração disparou com a emoção em sua voz. Eu não tinha certeza do quanto ele tinha ouvido, mas achei que ele poderia ter ouvido tudo. Um lampejo de cabelo loiro chamou minha atenção e vi Allison encostada em uma das lápides.

— Tenho que concordar com o chefe — comentou Ronin. — Isso é loucura. Até mesmo para você.

Senti uma mão apertar meu braço.

— Essa é uma má ideia, Tessa — disse Iris. — A única coisa que o deterá é se você oferecer sua própria alma.

— Isso não vai acontecer — rosnou Marcus.

Mas isso realmente não dependia dele.

— Talvez não — eu disse a Iris. — Talvez essa não seja a única coisa que eu

possa oferecer.

De repente, mãos fortes me agarraram, e Marcus me segurou. Encontrei seus olhos, surpreso com o lampejo de medo. Ele estava com medo por mim. Qualquer outra pessoa poderia não ter entendido o breve e profundo terror, mas eu sabia o que era. E era real.

— Tessa... não faça isso — disse ele, seus olhos cinzentos se fixando em mim para impedir minhas palavras. — Não faça isso. Eu e Allison... não é o que você está pensando.

Meus lábios se entreabriram de surpresa.

— Você acha que estou fazendo isso por sua causa?

Porque você partiu meu coração? Eu dei uma risada forte.

— Não se iluda.

Eu me afastei do chefe e fiquei de frente para o coletor de almas.

Estava passando mal de medo. Droga. Agora eu realmente tinha conseguido. Os olhos do demônio brilharam com o sucesso, e eu engoli com força. Senti como se ele estivesse vendo através de mim, meu passado, ou talvez meu futuro.

O demônio ergueu uma sobrancelha sem pelos, divertido.

— E o que você vai me oferecer?

Meu coração batia forte, pois o peso do que eu estava prestes a dizer parecia deixar meu peito pesado.

E então eu disse as palavras que mudariam minha vida para sempre.

— Ofereço a você meu serviço. Por um dia — deixei escapar. Será que eu acabei de dizer isso?

Marcus jogou sua jaqueta no chão.

— Tessa! O que você está fazendo?

Nossa, acho que nunca o vi tão bravo. O vapor estava saindo de suas orelhas e do topo de sua cabeça, mas seus olhos estavam me implorando para dizer não.

Respirando rápido, encontrei o olhar do demônio novamente e acrescentei:

— Em troca de todas as almas que você pegou no acordo que fez com Craig Lancaster. Você concorda?

A atenção do coletor de almas se concentrou em mim.

— Um ano de serviço, e eu liberarei todas as almas agora mesmo. Neste exato momento. A de sua avó. De todos vocês. É pegar ou largar.

A adrenalina em meu corpo estava me fazendo tremer.

— Uma semana.

— Um mês. Oferta final.

Meu coração ainda estava batendo forte.

— Feito.

— Excelente!

O coletor de almas bateu palmas com suas mãos ossudas enquanto um caroço de medo se instalava pesadamente em minha barriga. Um sorriso malicioso e ardiloso se espalhou pelo rosto do coletor de almas.

Puxa vida. O que eu tinha feito?

— Puta merda! Puta merda! — ecoou o Ronin enquanto andava de um lado para o outro, esfregando a mandíbula com as mãos.

Quando meus olhos encontraram Iris, lágrimas rolavam pelo seu rosto. Afastei meus olhos antes que eu perdesse o controle. Não é como se eu estivesse morta ou algo assim. Certo?

O coletor de almas abriu sua pasta e retirou um rolo de papel e uma caneta.

— Assine aqui, por favor.

Eu já estava no fundo do poço, então por que parar agora? Peguei a caneta e assinei na parte inferior do papel.

E então a caneta e o papel desapareceram.

Em seguida, o coletor de almas colocou sua pasta na neve ao lado de seus sapatos, murmurou algumas palavras na mesma língua que eu o ouvi falar no meio-termo e se afastou.

Senti uma onda de energia e, de dentro da pasta do coletor de almas, veio uma massa de globos brancos brilhantes. As almas voaram da pasta para o ar, parecendo estrelas cadentes. Elas dispararam para a frente e ao redor, pairando sobre diferentes túmulos que cercavam o cemitério. Com uma última ondulação, as esferas de luz se deslocaram, se alongaram e se transformaram nas sombras das pessoas que eram.

E então, um a um, os mortos retornaram aos seus túmulos, onde pertenciam.

Reconheci Harriette quando ela se abaixou no chão à minha frente e depois desapareceu como névoa no sol da manhã. Vi de relance Sam acenando, com os lábios se movendo no que pensei ser um agradecimento, enquanto ele se acomodava na cova de onde havia saído.

O coletor de almas tirou o chapéu e fez uma reverência na cintura.

— Foi um prazer fazer negócios com você, Tessa Davenport. Virei buscá-la quando for a hora.

— Espere — eu disse, enquanto o demônio fechava a pasta e se levantava. — Quando será isso?

Eu queria vomitar.

O coletor de almas ajeitou seu chapéu.

— Entrarei em contato.

E então ele girou no local e desapareceu.

— Isso é uma grande bagunça — disse Ronin. — Será que isso realmente aconteceu? Por favor, me diga que não.

— Sim — respondeu Iris, seus olhos encontrando os meus. — Você está com cara de quem precisa de uma bebida. Você parece estar precisando de uma bebida.

Balancei a cabeça, com os olhos ardendo.

— Ainda não. Não posso ir embora ainda.

Senti os olhos de Marcus em mim enquanto eu olhava para o cemitério até me concentrar em uma lápide que reconheci.

E então eu a vi.

A mulher idosa se adiantou, com seus longos cabelos brancos balançando ao seu redor na brisa fria. Como se sentisse que eu a estava encarando, ela se virou e nossos olhos se encontraram. Seu rosto enrugado se transformou em um sorriso largo, mostrando seu único dente.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Adeus, vovó — sussurrei, com os lábios trêmulos e a voz embargada pelo vento. Eu sentiria falta daquela velha bruxa mais do que as palavras poderiam dizer.

A avó levantou a mão e acenou uma última vez.

Em um segundo, ela estava lá e, no outro, vovó havia desaparecido.

E então as lágrimas caíram.

CAPÍTULO 28

A neve rangia sob minhas botas. O ar da noite de inverno estava gelado, mas eu mal o sentia por causa da adrenalina que ainda pulsava em minhas veias, fazendo com que eu me sentisse como se tivesse acabado de sair de uma sauna em vez de caminhar no clima frio de dezembro.

Pedi ao Ronin que levasse a Iris para casa no Volvo. Eu queria ficar sozinha com meus pensamentos, e a caminhada para casa era exatamente o que eu precisava para tentar evitar que meu cérebro sofresse um aneurisma.

A verdade é que, a qualquer momento, eu estava prestes a me tornar uma chorosa soluçante, e não queria que eles me vissem chorar. Não agora. Não depois de tudo o que havíamos passado. E assim que fiquei sozinha, realmente sozinha, uma enxurrada de lágrimas escorreu pelo meu rosto quando uma torrente de emoções me atingiu.

Eles vieram até mim com uma vingança, e eu os deixei seguir seu curso. Não me adiantaria nada manter tudo isso dentro de mim. As emoções me invadiram enquanto eu processava tudo o que havia acontecido. Um bom número de soluços grandes, feios e úmidos me invadiu, juntamente com algumas lágrimas de ranho, o que também era outro motivo pelo qual eu não queria ter uma plateia.

Mas quando eles pararam, tudo simplesmente... parou.

Limpando as lágrimas do rosto e assoando o nariz com o mesmo lenço de papel que usei para tampar as narinas, eu escondi minhas emoções.

Eu me arrastava pela neve com meus pensamentos em turbilhão. Eu havia conseguido o que me propusera a fazer, embora com algumas complicações adicionais infelizes. Ainda assim, os mortos haviam retornado aos seus túmulos, com suas almas a salvo. A vovó estava fora daquele meio-termo, sua alma estava segura e de volta ao seu lugar. Mesmo com o acordo que fiz com o coletor de

almas, eu não poderia ter pedido um resultado melhor.

Havia também a questão do meu pai, também conhecido como Obi-Wan Kenobi. Ele só havia aparecido quando comecei a dobrar as linhas ley. Talvez essa fosse sua única forma de se comunicar comigo. Talvez eu tenha acionado algum tipo de alarme mágico quando dobrei as linhas ley. Se ele havia me sentido, a pergunta era: quem mais também havia sentido?

Minha mãe tinha um passado. Eu não podia culpá-la por isso. Todos nós tínhamos um. Mas eu estava curiosa. Ou ela teve um caso com um demônio, ou o conheceu antes do meu pai falso, Sean. Isso explicava minha própria fascinação pela magia negra? Eu ia responder com um grande e velho "sim".

Foi também por isso que eu fui oferecer meus serviços a um demônio colecionador de almas?

Não. Isso foi simplesmente estúpido.

Eu não tinha ideia do que significava oferecer meus serviços ao colecionador de almas. Eu tinha muita pesquisa para fazer. Imaginei que teria algumas semanas, talvez até meses, antes que o colecionador de almas voltasse. Minhas tias e minha mãe ficariam loucas quando eu lhes contasse o que havia feito. Ainda bem que elas provavelmente ainda estavam bêbadas e desmaiadas na cozinha.

O som de botas triturando a neve atrás de mim me tirou de meus pensamentos e eu me virei.

Suspirei.

— Vá para casa, Marcus. Não posso fazer isso agora.

— Você vai fazer isso agora — disse o chefe ao se aproximar de mim.

— Sempre dando ordens.

Dei meia-volta e comecei a andar novamente.

— Não sou sua assistente. Você não pode me dizer o que fazer.

— Tessa. Espere. Dê-me uma chance de explicar.

Continuei andando, quando a neve começou a cair.

— A Allison ainda está com você?

Marcus me observou.

Sim.

Meu coração se despedaçou um pouco e precisei de todas as minhas forças para evitar que minhas emoções transparecessem em meu rosto e em minha voz.

— Então é tudo o que você tem a dizer sobre isso. Volte para sua namorada.

Marcus exalou em voz alta.

— Ela *não* é minha namorada.

— Será que ela sabe disso? — Eu gritei. — Porque eu acho que ela não sabe.

Comecei a andar mais rápido, esperando que o chefe desistisse e me deixasse

em paz, mas não tive tanta sorte.

— Você pode parar de andar, por favor, para que eu possa falar com você? — ele insistiu.

— Estou cansada, Marcus. Não quero fazer isso agora. Tenho coisas mais importantes para fazer no momento.

Como usar um banheiro antes que minha bexiga explodisse.

— Essa foi uma atitude realmente estúpida — disse ele após um momento de silêncio.

Isso me fez parar. Virei-me para ele, com os dentes à mostra.

— Você não pode *me* chamar de estúpida.

O chefe estreitou os olhos.

— Ah, sim, eu sei. O que você fez hoje à noite. Foi uma estupidez. Realmente estúpido.

Limpei os flocos de neve de meus olhos.

— Eu salvei aquelas almas. Não foi? E não precisei matar aquela garotinha. Então, não. Não acho que o que fiz foi estúpido. Ok, talvez só um pouco.

— Você já parou para pensar um minuto no que isso significa? Estar a serviço de um demônio? Um demônio!

Agora ele estava gritando.

Não gostei de seu tom.

— Claro que sim.

Não, eu não sabia. Eu não tinha a menor ideia.

Ele não acreditou. Cruzou os braços sobre o peito.

— Então, vá em frente. Diga-me. O que significa estar a serviço de um demônio?

Ah, droga.

— Isso significa que estarei a serviço dele.

Ei? Foi tudo o que consegui inventar. Me processe.

Os olhos cinzentos de Marcus examinaram meu rosto.

— Isso significa que você será *escrava* dele.

— Escrava?

Ah, droga. Isso não soou bem.

— Ok, eu admito. O que eu fiz foi muito idiota.

Soltei um longo suspiro.

— Mas a bagunça é minha. Vou cuidar disso sozinha. Obrigada por me avisar.

Marcus se aproximou um pouco mais.

— Não, você não vai. Eu vou ajudar você — disse ele, a ternura em sua voz indo direto ao meu âmago. Eu odiava o quanto sua preocupação comigo era real.

Porque eu sabia que era real.

Ele estava ali todo másculo, viril e sexy como o inferno, com os flocos de neve cobrindo a parte superior de seus cabelos escuros. Sua jaqueta estava aberta, expondo todos aqueles músculos rijos e ondulantes nos quais eu estava tão tentada a esfregar meu rosto.

O Caldeirão me ajude. Ele era lindo...

Sentindo-me um pouco mole, perguntei:

— Por que você não me contou sobre a Allison?

Marcus desviou o olhar antes de responder.

— Eu não achei que ela fosse voltar. Nós tínhamos acabado. Ela fez as malas e foi embora. Já tinhamos terminado há muito tempo.

— Mas você não achou que mencionar que vocês estavam acasalados era algo que eu deveria saber?

Eu o observei enquanto ele respirava e soltava o ar.

— Não.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não sei tudo sobre seu passado. E não deveria. Não é da minha conta. Seu passado é apenas isso. Seu passado.

Certo, ele tinha razão.

— Estou mais preocupado com nosso futuro.

Eu dei uma risada falsa.

— Nós não temos um futuro.

— Não diga isso.

— Por que não? É a verdade. Eu vi você com ela, Marcus. Vocês dois... quase nus. Não estou julgando você. Se você quer ficar com ela, fique com ela. Apenas me deixe fora disso.

Marcus estendeu a mão, agarrou-me pela cintura e me puxou para ele.

— O que você viu não foi nada.

— Não — eu disse, percebendo que não estava tentando me livrar de seu aperto. —Eu vi coisas. Muitas coisas. Coisas seminuas.

Seus olhos encontraram os meus.

— Ela ficou aqui porque não tinha outro lugar para ir. Era a casa dela também, e achei que ela poderia ficar por um tempo até se recuperar e encontrar seu próprio lugar. Não aconteceu nada.

Soltei uma gargalhada.

— Você espera que eu acredite nisso? Quando ela tem a aparência que tem? Sem mencionar que ela sempre parece querer comer você.

Ela disse, sério.

Marcus me puxou com mais força.

— Não me importa o que ela quer. Ela não é a pessoa certa para mim — ele ronronou e eu quase pulei em cima dele ali mesmo, na neve.

— Mas e a questão do companheiro?

— É apenas uma tradição antiga — respondeu ele com um encolher de ombros. — Mas ninguém mais se importa com isso.

Isso foi interessante.

— A Allison se importa.

Marcus olhou fixamente para meus lábios.

— Vai fazer alguma diferença se eu disser a você que ela encontrou um lugar e vai se mudar amanhã?

Apertei meus lábios.

— Não.

Sim. Sim. Sim.

Marcus viu algo em meu rosto e sorriu maliciosamente, um sorriso de amante.

— Então, estamos bem? Você acredita em mim agora?

Caldeirão, me ajude, mas eu o fiz.

— E quanto à Allison? Ela não vai se calar.

Não, eu tinha a sensação de que ela iria brigar comigo nesse caso.

Você sentiu uma profunda compreensão e alívio naqueles belos olhos cinzentos.

— Eu posso cuidar da Allison.

Eu ri.

— Você está falando sério? Acho que não. Ela é realmente...

— Você pode calar a boca para que eu possa beijar você?

Marcus se inclinou para frente, com um brilho de desejo nos olhos, e meus músculos se retesaram de ansiedade.

Fechei a boca, com os olhos arregalados, e esperei.

— Quanto tempo tenho que ficar aqui até você me dar aquele beijo? Acho que mereço um beijo. Muitos e muitos e muitos beijos - um pouco de palmadas...

Ele segurou meu rosto com as mãos e cobriu minha boca com as sua.

Uma pontada de desejo foi direto para o meu meio quando ele emitiu um som. Minha respiração ficou acelerada quando ele introduziu sua língua em minha boca. Ele tinha gosto de café e chocolate, e eu não me cansava.

Minhas mãos desceram e passaram por baixo de sua camisa, sua pele estava quente, e eu podia sentir os músculos duros de suas costas enquanto o puxava contra mim. Eu queria mantê-lo ali por mais um momento. Quando minhas mãos tocaram sua pele, um pouco de calor formigou meus dedos.

Um pequeno gemido escapou de mim quando suas mãos ásperas e calejadas

deslizaram por baixo do meu casaco e se movimentaram ao redor das minhas costas. Ondas de calor pulsaram com seu toque e meus joelhos se dobraram.

Beijar Marcus foi uma sensação incrível. Eu o beijei de volta e nunca mais quis parar de beijá-lo. Seus lábios quentes e sua língua quente eram inebriantes. Seus lábios quentes e sua língua quente eram inebriantes.

Um som gutural baixo saiu de sua garganta quando ele segurou minha bunda e me puxou contra ele. Pude sentir a dureza em sua calça pelo quanto ele me desejava.

— Você me deixa louco — ele respirou roucamente entre os beijos, e então sugou meu lábio inferior. — Você não sabe quanto tempo eu esperei para beijá-la assim. Senti falta de você...

— Preciso fazer xixi.

Oh, Deus. Será que eu disse isso em voz alta? Meu rosto ardeu de humilhação. Mas quando uma garota tem que ir, uma garota tem que ir.

Marcus riu e se afastou.

— Você precisa fazer xixi?

Meus olhos se arregalaram. *Mate-me agora.*

— Sim.

Um riso ligeiramente nervoso escapou de mim. Nada como falar sobre urinar para matar o clima, mas se eu não encontrasse um banheiro logo, teria que me agachar aqui mesmo na neve.

— Minha casa. Agora — ordenei, fechando minhas pernas.

— Adoro uma mulher que assume o controle — disse ele, sorrindo. — Incrivelmente sexy.

Um homem que ainda a achava sexy depois de você dizer a ele que precisava fazer xixi era um bom partido.

A próxima coisa que aconteceu foi inesperada.

Marcus se abaixou e me pegou em seus braços, enquanto eu gritava de prazer como uma banshee.

— O que você está fazendo?

Eu gritei, com as pernas chutando, enquanto colocava meus braços em volta do pescoço dele. Uma garota poderia se acostumar com isso.

— Vou levar você para casa — ele rosnou. — E depois vou levar você para a cama.

Você está de parabéns!

Se eu não estivesse em seus braços, teria dado algumas cambalhotas. Porque, convenhamos, a ideia de um Marcus nu em seu quarto teria feito você dar cambalhotas também. Confie em mim.

E então partimos.

As casas ficaram embaçadas enquanto o homem macaco corria comigo em seus braços fortes e musculosos como se eu não pesasse praticamente nada. Não vou mentir e dizer que não me senti *incrível* ao ser carregado daquele jeito. Porque foi.

Eu ri, gritei e fiz um pouco de xixi, assim que a Casa Davenport apareceu. Entramos no caminho para a frente da casa em uma corrida. Senti uma onda de determinação, como se eu pudesse conseguir qualquer coisa. Nada poderia acabar com meu bom humor. Nada. Nem mesmo a Allison e seus seios duplos. Nada.

E então o coletor de almas saiu das sombras.

— Tessa Davenport — disse ele, sua boca se esticando em um sorriso largo e triunfante.

— Estou aqui para pegar você. Esta noite, você está a meu serviço. Esta noite, você pertence a mim.

Bem, que merda.

Não perca o próximo livro da série As Bruxas de Hollow Cove!



MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

AS BRUXAS DE HOLLOW COVE

Bruxa das Sombras

Feitiços da meia-noite

SOMBRA E LUZ

Caçada Sombria

Vínculo Sombrio

Ascensão Sombria

ARQUIVOS SOMBRIOS

Feitiços e Cinzas

Encantos E Demônios

Magia e Chamas

Maldições e Sangue

GUARDIÕES DE ALMA

Marcada

Elemental

Horizonte

Submundo

Seirs

Mortal

Ceifeiros

Selos

REINOS DIVIDIDOS

Donzela de Aço

Rainha das Bruxas

Magia de Sangue

SOBRE A AUTORA

KIM RICHARDSON é uma autora best-seller do USA Today de fantasia urbana, fantasia e livros para jovens adultos. Ela mora no leste do Canadá com o marido, dois cachorros e um gato velhinho. Os livros de Kim estão disponíveis em edições impressas e as traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, acesse:

www.kimrichardsonbookstore.com